A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira: a educação física (1915)

Elizabeth de A. Silvares Pompêo de Camargo

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Elizabeth de Almeida Silvares Pompêo de Camargo e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 28/07/95

Assinatura: Zilda de B. L. Oliveira

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
C14m
V. 1 Ex.
TOMBO BC/25295
PROC. 433/95
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 10/08/95
N.º CPD

CM-00073493-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FE/UNICAMP

C14m

Camargo, Elizabeth de Almeida Silvares Pompêo de
A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira : a educação física (1915) / Elizabeth de Almeida Silvares Pompêo de Camargo. -- Campinas, [SP : s.n.], 1995.

Orientador : Maurício Tragtenberg
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Azevedo, Fernando, 1894-1974. 2. Educação física. 3. Educação - Brasil. 4. Corpo. 5. *Ginástica educativa I. Tragtenberg, 1929- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dissertação apresentada para obtenção do Título de MESTRE em EDUCAÇÃO na Área de Concentração CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do

Prof. Dr. MaurícioTragtenberg.

Comissão Julgadora

Zeila de B. L. De Martino

Mônica Avelar

Enthyfung

À memória de

Ana, minha mãe
Líbero, meu pai.

Ao

Fernão

com uma declaração de amor:
voce é a pessoa mais importante
da minha vida.

À

Ana Carla e
Fernãozinho, com amor.

À Luiz Antonio T. Vasconcelos (Vasco, amigo e cunhado)
Dulce Maria Pompêo de Camargo (Dulcinha, amiga e cunhada)
Maria Lúcia Silvares Vasconcelos (amiga e irmã)

cuja generosidade, desprendimento solidariedade, dando-me apoio pessoal, moral e operacional, criaram as condições necessárias para a concretização desse trabalho.

Aos meus alunos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar devo referir-me a Maurício Tratengberg.

Foi de uma generosidade ímpar, acompanhando e colaborando na definição do próprio tema, assim como do nascimento do próprio projeto de pesquisa. Assistiu de perto as minhas primeiras descobertas sobre Fernando de Azevedo, assim como, desde os primeiros levantamentos bibliográficos em periódicos, até os mais recentes feitos no Arquivo Público Mineiro e no Colégio Estadual Gov. Milton Campos. Deu-me o apoio acadêmico, pessoal e moral, quando tive que enfrentar uma situação de adversidade. Agradeço ao Maurício, pela paciência e compreensão que demonstrou ter comigo na elaboração deste trabalho, que é um dos resultados de uma longa gestação.

Devo reportar-me, também, aos colegas do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação, meu local de trabalho - um jardim na minha vida -, onde venho partilhando, no decorrer de anos, idéias, trabalhos, sonhos, utopias e projetos; agradeço ao apoio acadêmico, a amizade à antiga e a solidariedade que venho recebendo no cotidiano, assim como as condições oferecidas que possibilitaram a conclusão deste trabalho.

Aos demais amigos da Faculdade de Educação e de outras instituições que colaboraram acadêmica e afetivamente para este trabalho ser realizado, o meu agradecimento. Não vou nomeá-los, pois são muitos e poderia correr o risco de cometer injustiças.

Ao Fermino Fernandes Sisto, pela cordialidade com que sempre me tratou.

Aos amigos de trabalho do Centro de Estudos Educação e Sociedade (Cedes) pelos muitos anos de intercâmbio de energias e de sonhos.

Sou grata também a:

Maria Natália de Faria, que colaborou, com muita dedicação no início da pesquisa no levantamento de material no Arquivo "Fernando de Azevedo", do IEB da USP.

Mirza Pericciotta, que colaborou comigo no levantamento de material relativo ao jornal "Correio Paulistano".

Angela Pimenta, que colaborou comigo ajudando-me no levantamento de material no Arquivo Público Mineiro.

Maria Fátima Candida de Souza, a qual não conheço pessoalmente, foi de uma delicadeza, simpatia e eficiência no Colégio Estadual Gov. Dr. Milton Campos, ajudando-me de longe nessa última fase da pesquisa.

Carmelinda Maria de Souza e Eustáquia de Souza, também tiveram muita delicadeza e generosidade para comigo na última fase da pesquisa.

Gildemir Carolino Santos (Gil), deu-me assistência na organização da bibliografia.

Rosângela, Cida, Susete e Tiana, que fizeram uma ginástica, e, em pouco tempo, digitaram um grande volume de texto da versão preliminar do trabalho.

Enid Abreu Dobranszky, Maria Helena Pereira Dias e José Walter Martinez pelo apoio.

Maria, Marina, Nadir, Maria do Carmo e Gisele, pelo gentil atendimento que me dispensaram, e, Kazuko, Ana Maria.

Ainda com relação aos meus familiares, um agradecimento particular.

Aos meus sogros Dulce e Luiz Antonio (Ige) e meu cunhado Marcelo, dos quais recebi carinho e um apoio especial.

Aos meus queridos irmãos e cunhados, além dos já citados, José e Taí; Paulo e Regina; Carlito, Lazinho, meus afetos também especiais, agradeço pelo carinho, energia e apoio moral, durante todo o longo percurso.

À Néia, Sonia e Gilberto, tia e primos especiais, agradeço pelas suas presenças constantes em minha vida, nos momentos alegres e difíceis, sempre acreditando em mim.

Aos meus sobrinhos, por quem tenho muito afeto.

À Lígia, namorada do meu filho, de quem tenho recebido um carinho especial.

À Rosária, pela atenção carinhosa e pelo apoio que me deu e a meus familiares, nestes últimos meses, na manutenção da estrutura doméstica.

Ao Billy, pela energia que me dá todos os dias.

Resumo

O objetivo desta dissertação é o estudo, dentro de delineamentos iniciais e gerais, das proposições feitas por Fernando de Azevedo relativamente à educação brasileira, em seu primeiro trabalho intelectual, produzido em 1915, intitulado A Poesia do Corpo. O autor apresentou este texto em 1916, na forma de tese de concurso para a vaga de professor da cadeira de Ginástica e Educação Física no Ginásio Mineiro.

Esta dissertação compõe-se de duas partes. Na primeira, são estudados alguns elementos relativos ao percurso coberto por Fernando de Azevedo até 1915, destacando alguns aspectos sobre sua origem social, suas infância, adolescência e juventude, a formação que recebeu no seio da família e na vida escolar e outros elementos que ajudam a entender a trajetória de sua vida e a sua inserção social nessa época.

Sem nela postular qualquer espécie de determinismo, objetiva-se verificar a existência de "tendências e conflitos" que possam ter marcado sua futura produção intelectual.

Na segunda parte, são estudadas as proposições intelectuais feitas por Fernando de Azevedo, em A Poesia do Corpo, com relação ao importante papel da educação física na formação educacional global.

SUMÁRIO

Introdução

Parte I: A Trajetória de Fernando de Azevedo.

Capítulo 1 - Os verdes anos: Um intelectual em formação.

O Autor

A Família

Sua infância

Trajetória escolar

Colégio Anchieta

Triunfos escolares

Contratempos

Foi-se o piano, ficou a arte

Do Colégio Anchieta para a Companhia de Jesus

Ida para o Colégio São Luiz

"Arripia" carreira

Capítulo 2 - Em busca de realizações

A experiência do magistério

O Concurso

Parte II: A Poesia do Corpo

Capítulo 3 - A defesa de uma moral austera

Olavo Bilac

Coelho Neto

Euclides da Cunha

Monteiro Lobato

Reconsiderações sobre o rebaixamento moral

O Estoicismo e o Jesuitismo

Crítica a Epicuro

Capítulo 4 - A história da Filosofia da Ginástica

A Educação Física na Universidade

Claparède

Amoros
Ginástica na França
Capítulo 5 - Os exercícios físicos e o seu valor
Ginástica Feminina
A temática da Fadiga
Esporte e Moralização
A criança
Crítica ao Funambulismo
Método Sandow
Método Muller
O Jiu-Jitsu
A Escola Anglo-Americana
O método de Ling
A Educação da Vontade
Belo no Útil, ou Belo como reflexo do Útil
O Organicismo
Capítulo 6 - A métrica perfeita do poeta do corpo
Educação Física e Estado
Ginástica Respiratória
Conclusão
Referências Bibliográficas
Bibliografia
Anexos:
I. Discurso do Dr. Francisco de Paula (Inauguração da "Sala D'Armas e de Gymnastica")
II. Decreto nº 4.363 (Aprova o Regulamento do Gymnasio Mineiro)
III. Atas da Congregação por ocasião do Concurso (1915-1916)

INTRODUÇÃO

A minha dissertação de mestrado tem como finalidade estudar algumas proposições feitas pelo intelectual Fernando de Azevedo com relação à educação brasileira, veiculadas no seu trabalho produzido e publicado com o título: *A Poesia do Corpo*. (AZEVEDO, 1915).

Considero, no entanto, que antes de dar início ao estudos destas propostas, feitas em seu primeiro trabalho intelectual, é importante apresentar considerações sobre sua trajetória até 1915, destacando alguns aspectos de sua vida até então.

Assim, a PARTE I deste trabalho - A TRAJETÓRIA DE FERNANDO DE AZEVEDO, tem como propósito levantar aspectos gerais de seu percurso escolar e profissional.

No Capítulo 1 - OS VERDES ANOS: O INTELECTUAL EM FORMAÇÃO procuro apresentar algumas considerações sobre a sua origem social, infância, adolescência e juventude, bem como, sobre a formação que recebeu no interior da família e da escola, uma vez que os considero relevantes, na medida em que podem me ajudar a entender, a sua inserção social nesse tempo, em que condições ele escreveu esta obra e em que ambiente cultural, político e econômico viveu as suas primeiras experiências de vida.

Ao pensar esse tempo vivido por Fernando de Azevedo, procuro ver se nele estão presentes tendências e conflitos que poderiam se fazer presentes ao longo de sua produção cultural, estando sempre atenta no sentido de evitar as amarras de qualquer tipo de determinismo.

No Capítulo 2 - EM BUSCA DE REALIZAÇÃO procuramos as informações necessárias para compreendermos a sua inserção social, a partir de 1915, quando emerge como intelectual, dando início à sua produção cultural. Esta produção, à qual ele deu início aos 21 anos de idade, é marcada por temáticas específicas e posições sobre a educação e a sociedade brasileira, que faziam parte dos debates que ocorriam naquela época. São elas: a ginástica; os esportes e a educação física a partir de uma concepção racional. Ele deu continuidade a esse estudo nos seus escritos de 1916-1925.

Há, portanto, nesse trabalho, um esforço de análise, no sentido de ligar sua biografia à história complexa da Primeira República, especialmente no que se relaciona à estrutura de poder vigente na época.

Na PARTE II - A POESIA DO CORPO - estudarei as proposições intelectuais veiculadas em sua primeira obra. Nela procurarei dar continuidade ao estudo de sua militância na educação brasileira.

No Capítulo 3 - A DEFESA DE UMA MORAL AUSTERA examinarei como aparece para Fernando de Azevedo e outros intelectuais da época, o tema do rebaixamento do nível moral no país.

O Capítulo 4 - HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA GINÁSTICA trata de apresentar a formação das idéias do autor sobre o desenvolvimento da ginástica educativa, em seus aspectos teóricos e históricos.

No Capítulo 5 - OS EXERCÍCIOS FÍSICOS E O SEU VALOR estudaremos a visão de Fernando de Azevedo sobre a necessidade de integração entre o corpo e o espírito.

Finalmente, o Capítulo 6 - A MÉTRICA PERFEITA DO POETA DO CORPO destina-se a apresentar o diagnóstico e as proposições do autor para o problema da educação física no Brasil.

No conjunto dessas duas partes que formam a estrutura deste trabalho, estão as manifestações iniciais do seu pensamento intelectual, e é nelas que estão veiculadas as suas primeiras proposições em relação à educação e à sociedade brasileira.

É nesse tempo que localizo em Fernando de Azevedo, o engendramento de uma proposta no sentido da construção de um projeto político-pedagógico e cultural no país e, conseqüentemente, uma contribuição pioneira para a constituição do projeto liberal-reformador nacional. (CAPELATO, 1986: 13).

Nesse período, o autor já tinha, também, uma perspectiva metodológica para pensar a educação integralmente. Por isso, acreditamos que ao privilegiar a educação do corpo, pressupondo uma educação higiênica e eugênica, tinha consciência de estar tratando e contribuindo com o seu trabalho teórico, apenas para o estudo de uma das dimensões da educação.

Como vimos, é evidente no seu pensamento, que, ao valorizar esse campo de estudo, ele entendia estar contribuindo no sentido de pensar a dimensão física da educação em novas bases, acreditando estar, com o seu trabalho, dando um alerta e, ao mesmo tempo, participando na definição de novos rumos para a educação geral do país. Começa, então, a lutar pela adoção da ginástica educativa, tornando-se, nesse campo do saber, um dos seus maiores teóricos.

Apesar deste trabalho estar delimitado ao estudo das proposições feitas por Fernando de Azevedo, na obra referida, considero importante indicar uma questão de ordem mais geral, isto é, de que entendo, que no conjunto da produção teórica do autor, os seus escritos sobre educação física, elaborados entre 1915 e 1925 são os mais significativos.

Nesse sentido, e diante do que foi exposto, considero que a compreensão mais ampla do núcleo que marca a produção cultural de Fernando de Azevedo me interessa muito. Os primeiros delineamentos do seu pensamento, são considerados importantes de serem estudados, pois no desenvolvimento da pesquisa mais ampla que estamos realizando sobre esse intelectual, abrangendo o período que vai de 1915 a 1934, poderemos entender se as coerências internas, contidas nas suas formulações iniciais, serão abaladas, e até que ponto prepararão as mudanças que seu pensamento passará a ter a partir de 1926.

Portanto, apesar da minha dissertação ter como objeto especial a obra *A Poesia do Corpo*, publicada em 1915, procurei estudar o pensamento e a ação de Fernando de Azevedo além do que é expresso neste livro, e nos demais publicados posteriormente. Ou melhor, para compreender seu discurso teórico, reuni o material a que pude ter acesso sob a forma de conferências, artigos, depoimentos, entrevistas e manifestos referentes a diferentes conjunturas políticas da educação brasileira.

Nesse sentido, realizei um levantamento da documentação mais importante existente sobre esse intelectual, correspondente ao período de 1915 a 1934. Como já indiquei, não fiquei voltada, apenas, para o conjunto das obras completas, mas levantei todo o material existente no Arquivo do Jornal *O Estado de São Paulo* e no Arquivo *Fernando de Azevedo,* doado em 1970, para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, além do existente em outras instituições.

Ao procurar reunir a documentação existente sobre o intelectual no período de 1915 a 1934, acabei tendo que pesquisar a documentação que se estende até 1974.

É interessante ressaltar que muitos dos trabalhos escritos depois de 1934 acabaram tornando-se relevantes, para esta dissertação, por conterem revisões do autor referentes ao período anterior ao que estou estudando. Dessa forma, organizei toda uma documentação sobre a militância do intelectual relativa ao período que vai de 1915 a 1974.

PARTE I

A TRAJETÓRIA DE FERNANDO DE AZEVEDO

Capítulo 1

OS VERDES ANOS: O INTELECTUAL EM FORMAÇÃO

O AUTOR

Fernando de Azevedo nasceu no final do século passado, em 2 de abril de 1894, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, no Estado de Minas Gerais. Nasceu ele, portanto, cinco anos após a proclamação da República, isto é, no período em que era Presidente da República Floriano Vieira Peixoto[1].

Parte de sua infância vai ocorrer durante a instauração do processo republicano e quando este era ainda criança, acontece o processo de institucionalização da política dos governadores, estrutura de poder que vai marcar toda a Primeira República. Tinha ele apenas oito anos quando terminou o mandato do Presidente da República Campos Sales[2]. Então, já havia terminado a primeira fase de sua educação (escola primária), estando se preparando para, no ano seguinte, iniciar o curso secundário.

Na sua infância, adolescência e juventude, assim como no período de início de sua produção cultural (1915/25), conviveu com o regime instaurado com o advento da República, consolidado enquanto estrutura do poder que caracterizou toda a Primeira República.

A Constituição de 1891 (promulgada pelo governo provisório três anos antes do seu nascimento) é marcada pelo início da ideologia liberal, através

---

1 Floriano Vieira Peixoto foi Presidente da República no período: 23/11/1891 a 15/11/1894.

2 No governo do Presidente da República Manuel Ferraz de Campos Sales 15/11/1898 a 15/11/1902), foi institucionalizada essa estrutura de poder.

de instituições como: federalismo, presidencialismo, sufrágio universal, separação dos poderes, eleições diretas para o Legislativo e o Executivo.

Ao mesmo tempo que conviveu com essas instituições, sob a perspectiva do que poderiam representar de novo para uma democratização do sistema político, ele conviveu também com o funcionamento prático dessas instituições. Através delas se consolidou uma política restritiva e excludente, e um esquema de dominação que procurava atender aos interesses da oligarquia do café.

Assim, pôde assistir de perto ao desenvolvimento do complexo cafeeiro, e de suas vicissitudes, ao exercício da hegemonia exercida pelos oligarcas que detêm o aparelho de Estado e o centro dinâmico da economia do país. Enfim, pôde sentir de perto, no seu processo de socialização, a política dos governadores, que se constitui na base do Estado Oligárquico da Primeira República.

Através dessa política, os Estados passaram a ter domínio sobre os assuntos regionais e apoio na esfera federal. Essa forma de dominação tinha, como objetivo, fortalecer os Estados mais ricos, em especial, a oligarquia cafeeira paulista, apoiada por Minas Gerais, que é nisto seguida pelo Rio Grande do Sul.

Preponderava, portanto, a política imposta por São Paulo e Minas Gerais,em que é hegemônica a aliança do café com leite, alternando-se esses estados no poder até o final dessa fase republicana.

Nesse contexto, "a hegemonia do processo, avocada pelos Estados de grande força econômica e demográfica, Minas e São Paulo era garantida por suas organizações político-partidárias. Apresentavam quase o mesmo quadro: partido único que absorvia a totalidade das forças políticas (P.R.P. em São Paulo e P.R.M. em Minas Gerais)". (SOUZA: 1984, p. 185 e 187).

Pode-se constatar, no estudo desse período, que os padrões vigentes nessa estrutura de poder eram restritivos em termos de participação

política, vedando às oposições o acesso ao poder (cf. CAPELATO e PRADO: 1980, p.25), decorrendo disso, sob o jugo dos coronéis, a consolidação de clientelas políticas (estabilização de cargos partidários), o que fez do adesismo prática corrente.

O fato de Fernando de Azevedo ter nascido em Minas Gerais, Estado então considerado, ao lado de São Paulo, como sendo de primeira grandeza , fez com que pudesse - durante sua infância, adolescência e juventude - ver muito de perto como se exercia a prática política nesse contexto.

Isto fez com que ele estivesse muito próximo dessa realidade e de personalidades que foram importantes na história do país, pertencentes ao Partido Mineiro.

Apesar de ter sido só um pouco antes de 1915 que Fernando de Azevedo começa a se posicionar politicamente frente a essa realidade histórica, poder-se-á neste capítulo analisar alguns aspectos mais gerais do seu processo de socialização, visando entender em que condições ele começa a sua atuação.

Concordando com VILAR (in HOBSBAWN: 1979, p.93 a 124) no sentido de que não existe biografia que seja meramente intelectual, procuraremos, nessa parte do trabalho, identificar, alguns elementos que possam ajudar a compreender a inserção social de Fernando de Azevedo na história complexa e contraditória do período em estudo. Dentre eles: suas raízes sociais, seu ambiente familiar, e as experiências que viveu até a sua juventude - destacando a sua trajetória escolar -,enfim, um amplo conjunto de aspectos referentes ao período de sua vida que antecede o seu aparecimento como intelectual.

Ao se observar como vai ele construindo um *curriculum vitae*, torna-se possível perceber Fernando de Azevedo na história e a história em Fernando de Azevedo. Todavia, os dados levantados nessa parte da pesquisa, voltada para o período anterior a 1915, não devem ser encarados como determinantes de sua inserção social na época em questão, mas como importantes elementos que permitem entendê-la.

A coleta de informações foi feita basicamente em dois livros de Fernando de Azevedo[3], autobiográficos, riquíssimos em detalhes esclarecedores das circunstâncias em que ele emergiu como intelectual e militante da educação brasileira.

KONDER, em ensaio que escreveu recentemente (1983), analisando a ideologia do *Curriculum Vitae* na sociedade capitalista contemporânea, levanta questões que se constituem em importante referencial para a análise histórica do material apresentado pelo autor nas duas obras autobiográficas mencionadas.

A questão que surgiu da leitura desse texto, de que a ideologia do *curriculum vitae*, faz com que a reconstituição do passado geralmente se processe através de uma ótica triunfalista (KONDER: 1983, p.125), alerta no sentido de que se atente ao modo como Fernando de Azevedo realiza sua volta ao passado.

Um outro ponto que consideramos que também surge dessa leitura, é quanto a necessidade de se procurar, na medida do possível, observar, nessa análise crítica do material autobiográfico referente ao período em análise, se, nessa volta ao passado, Fernando de Azevedo revela através de um certo exercício de crítica e de autocrítica, uma imagem real de sua vida enquanto ser humano, mostrando-a não só através de êxitos e vitórias, mas também de malogros, frustrações e derrotas. (KONDER: 1983, p.125)

Tinha Fernando de Azevedo, ao escrever *Figuras de Meu Convívio*, 66 anos e *História de Minha Vida*, 77 anos, sendo, por essa ocasião, um intelectual há muito tempo consagrado no país e com grande reconhecimento internacional.

Nesse exercício de volta ao passado, há um registro de uma profunda produção e atuação em várias áreas do conhecimento na sociedade brasileira, com um *curriculum vitae* que revela ter ele sabido exercer a concepção

---

3 Esses livros são: *Figuras do Meu Convívio* e *História de Minha Vida*.

que defendia, que consistia em ser, ao mesmo tempo, um homem de pensamento e de ação.

O livro *Figuras de Meu Convívio* foi publicado em primeira edição em 1960. Esse não é o seu livro de memórias, mas o mesmo reúne seus escritos no sentido autobiográfico. Compreende: retratos de família, de mestres e de educadores.

O livro é dedicado ao Prof. Antonio Cândido de Melo e Sousa, que teve um convívio muito profundo com Fernando de Azevedo, tendo sido seu aluno e depois seu assistente, durante dezesseis anos, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P. (1942 a 1958).

Além de destacar o seu valor como intelectual, há um aspecto afetivo, que julgamos o mais importante, ao dedicar-lhe esse livro. Reconhece o autor, publicamente, uma profunda amizade, ao lembrar as figuras muito queridas do seu convívio.

Antonio Cândido reconhecia também essa amizade, lembrando-o por ocasião de sua morte como realmente um grande homem, tendo sido o mais perfeito dos amigos.(*O Estado de São Paulo,* 20/09/74).

Homenageia o antigo professor com os seguintes dizeres:

"Mestre da Crítica e da História Literária, cujo convívio, por seu espírito de cultura como pela alta compreensão dos deveres da amizade, tem sido um dos bens da minha vida".

Esse reconhecimento mútuo não se circunscreveu apenas a essa época, mas a uma convivência que significou muito mais, vindo a se estender, por mais de trinta anos, até a morte de Fernando de Azevedo em 18 de setembro de 1974.

A FAMÍLIA

Fernando de Azevedo nasceu em uma família numerosa, comum nesse período, tendo tido sua mãe quinze filhos e educado nove. Terceiro filho de

Francisco Eugênio de Azevedo e Sara Almeida de Azevedo, foi, todavia, educado como primogênito, devido a perda dos dois irmãos que nasceram antes dele.

Sobre a origem de sua mãe escreve ele:

"Era filha de Francisca Lemos, de tradicional família do Sul de Minas, que se desenvolveu sobretudo em São Gonçalo do Sapucaí, - e de Domingos Corrêa de Almeida, imigrante português.

Seu pai, meu avô Domingos, veio para o Brasil, ainda rapazinho. Esteve empregado numa casa de comércio, no Rio de Janeiro, como varredor, depois servindo ao balcão e mais tarde auxiliar de gerente.

Daí, com pequeno capital e a ajuda de seus patrões, interessados na instalação de uma casa de comércio, no Sul de Minas, - espécie de filial do Rio de Janeiro, - partiu para São Gonçalo do Sapucaí, onde se estabeleceu. Conhece Francisca de Lemos, com quem se casa, e que lhe deu três filhos: Laura, César e Sara, que foi minha mãe e a mais querida dos filhos do casal. O amor ao trabalho, a consciência de deveres e responsabilidades, a retidão nos negócios, e a dedicação a mulher e aos filhos não tardaram a fazer do português, meu avô Domingos, uma das figuras mais respeitadas naquela região de cata de ouro e criação de gado". (AZEVEDO: 1971, p.5 e 6)

No aspecto intelectual destaca a figura do avô materno, isto é, o imigrante português, contando que o mesmo valorizava a cultura, tendo interesse por literatura e gostando, também, de escrever poesias. A figura da avó materna é destacada pelo seu aspecto afetivo[4].

Sobre seu pai, o autor reconhece que, ao contrário de sua mãe, procedia de uma família rica, tendo origem, pelo lado materno e paterno, de famílias tradicionais. Era filho do Comendador Francisco Eugênio Procópio

---

4 Isto, talvez esteja ligado à estrutura que possuíam as famílias nesse período e a posição atribuída à mulher, que cumpria duas funções básicas: a de reprodutora da espécie e de primeira educadora dos filhos, vivendo no nível intelectual quase na obscuridade.

Junqueira de Azevedo e de Emerenciana Botelho Junqueira de Azevedo, da família Andrade Botelho, que nasceram e viveram no Rio de Janeiro[5].

Ao se referir aos seus avós paternos, escreve:

"Moravam (...) numa quinta magnífica que confinava com a Quinta da Boa Vista, - quinta em que residia o Imperador Pedro II. Eram vizinhos, ele e o Imperador, com quem freqüentemente conversava, sobre ou através da cerca, quando se viam, ao passearem por suas quintas.

Saudavam-se, e como vizinhos que eram e se tornaram amigos, trocavam algumas palavras e impressões. Além da quinta em que se erguia sua casa senhorial, era um dos fundadores e acionistas da Companhia de Bondes, a tração animal Jardim Botânico. Um poderoso industrial.

Sua propriedade ou sua quinta, nas vizinhanças da Quinta Imperial, era tão grande e extensa, que, quando a cortaram em ruas para loteamentos e vendas de terrenos, as ruas que se abriram, no bairro de São Cristóvão, mediam dois a três quilômetros cada uma delas. A Rua Francisco Eugênio, - nome do meu avô e do meu pai, a Rua José Eugênio, nome do meu tio que se estabeleceu na Rua 25 de março com uma grande casa comercial, e a Rua Emerenciana, nome da minha avó. Ruas todas do bairro de São Cristóvão, que ainda hoje conservam seus nomes primitivos, todos da família de meus avós paternos.

A casa em que residiam, - uma verdadeira mansão, era tão vasta e dotada de tantas salas, dormitórios e dependências, que, desapropriada pelo Governo pôde abrigar todo um instituto de menores. Aí vieram de fato a recolher-se quase trezentos menores abandonados. Em suas salas, em seus antigos quartos para hóspedes (cerca de trinta quartos) e suas oficinas, montadas onde eram cavalariças, estrebarias e alojamento para escravos. Não foi preciso acrescentar muito a seus velhos quartos e instalações, para acomodar, nessa

---

5 Ver essa questão em *Figuras de Meu Convívio* (1973), p. 215 e em *História de Minha Vida* (1971), p. 6 e 7.

velha quinta de meus avós, tudo o que era necessário ao alojamento, ao ensino e trabalho de menores". (AZEVEDO: 1971, p.7)

Fernando de Azevedo comenta nos livros *História de Minha Vida* e *Figuras de Meu Convívio,* ter obtido esses dados sobre a origem do seu avó paterno do historiador Afonso d'Escragnole Taunay[6]. Escreve ele:

"Em suas pesquisas para a reconstituição da origem da família de sua mãe, Teixeira Leite, o grande historiador Afonso Taunay, chegou a conclusão de que ela provinha de velha família pioneira, estabelecida há cerca de 300 anos em Airuoca, nas Minas Gerais. Tronco, esse, de que esgalharam dois ramos, - o da família de sua mãe, e o da de meu pai".(AZEVEDO: 1973, p.215)

Em relação ao gesto de Taunay, assim se expressa:

"Ao informar-me, em sua visita em nossa casa, de todo o trabalho que teve para a reconstituição da árvore genealógica de sua família por parte da mãe, dela já me trazia, para oferecer-me uma cópia, por ter a mesma procedência a família de meu avô paterno. Foi essa tão espontânea e significativa, uma das atenções com que mais me cativou.

Não por me interessar por árvore genealógica ou envaidecer-me com elas. Mas pela fidalguia do gesto de um homem ilustre, mais inclinado a motejos e irreverências do que a essas gentilezas.

Nem por ser meu pai de uma família rica e importante e proceder, como se viu, dos primeiros povoadores de Airuoca, ancestrais pioneiros, eu me orgulharia mais da família do meu pai do que da minha mãe". (AZEVEDO: 1971, p.8)

---

6 Refere-se à Taunay, reconhecendo ser ele um grande historiador, assim como seu amigo pessoal.

Seu pai, segundo expressões suas, moço de família rica no Rio de Janeiro, conheceu sua mãe, Sara, em São Gonçalo do Sapucaí, quando passou por essa cidade por ocasião de uma das caçadas que como moço afortunado realizou no interior de Minas.

Descreve, assim, tal fato:

"Conhecendo tantas jovens casadoiras e convivendo com elas na Capital do país, não resistiu aos encantos da mocinha mineira, Sara, com quem se encontrou. Ela foi, entre tantas, a escolhida. Não só pelos atrativos físicos, como também e sobretudo por se aliarem nela a piedade e o recato, a inteligência e o gosto pelas cousas do espírito. Nunca tive de meu pai um depoimento sobre o que o levou, jovem rico e boêmio, a tomar por mulher não uma jovem que freqüentava salões no Rio de Janeiro, mas uma mocinha retraída, de vida simples e sem ambições". (AZEVEDO: 1971, p.6 e 7)

Suas raízes, são portanto, marcadas pelos traços estamentais de um mundo senhorial e pela tradição das grandes famílias. Elas indicam, também, ser ele filho e neto de um outro regime não apenas político, mas de trabalho[7].

Fernando de Azevedo referindo-se a seu tio-avô materno, o Barão do Rio Verde, diz:

"Era homem que se impunha ao respeito de todos por suas qualidades e iniciativas. Foi ele quem fundou a primeira indústria de Minas e teve a idéia de mandar filhos à Europa, não para estudarem Direito ou Medicina, mas para trabalharem em fábricas e se aperfeiçoarem nas técnicas da indústria de calçados e chapéus." (AZEVEDO: 1971, p.8)

---

7 Expressão usada por MOTA, (1980), p. 83. O estudo feito sobre Fernando de Azevedo, nesse livro, p. 75 a 83, foi muito importante para nós.

Sua preocupação, ao indicar, através da genealogia, suas raízes sociais, tem muito do pensamento elitista das grandes famílias, a quem atribuía um certo pioneirismo. Nesse sentido, talvez, tenha sido o Barão do Rio Verde, no Império, o grande vulto a ser destacado entre os seus familiares.

Não consideramos, de forma alguma, esse aristocratismo em termos de origem social, um fator determinante no estudo sobre Fernando de Azevedo. Considerâmo-lo, porém, um elemento importante, no sentido de compreendermos, no contexto histórico em que tal trabalho se realiza, até que ponto esses fatores que explicam sua origem social atuaram sobre sua trajetória e que peso tiveram nela e na sua concepção de mundo.

SUA INFÂNCIA

Sua infância vai se desenvolver dentro de uma boa situação financeira. Conforme revela em suas memórias, pôde desfrutar, nesse período, de uma vida de abastança ou quase riqueza. (AZEVEDO: 1973, p.215)

Ao escrever sobre ela faz referência, além dos seus pais, ao seu avô paterno, como sendo os responsáveis por lhe satisfazerem todas as vontades na perspectiva material.

Afirma: "Nessa primeira fase, a de sua infância, os pais e, sobretudo, o avô paterno, - homem de fortuna, satisfaziam-lhe todas as vontades e o carregavam de brinquedos os mais diversos que ocupavam toda uma sala, - espécie de território livre para suas expansões individuais". (AZEVEDO: 1973, p.215)

Expressa isso também no livro *História de Minha Vida:*

"Nessa primeira fase de sua vida, mais ou menos regalada, - porque a fortuna ainda não deserdara da casa paterna, tinha tudo o que queria. Na primeira infância, uma sala de brinquedos. De todos os brinquedos que, em geral, eram importados para divertimento das crianças". (AZEVEDO: 1971, p.10)

A sua infância vai se desenvolver numa cidade de menor expressão que São Gonçalo do Sapucaí, isto é, Cambuquira, uma tranqüila estação de águas.

Assim se vê como criança, ao realizar a volta ao passado:

"Era (...) um menino de constituição franzina, retraído e inquieto... Seus pais que ele amava profundamente e a cuja memória prestou sempre um culto de saudade e reverência.

(...) Do casal, o terceiro filho, mas o primeiro que vingou, já num ambiente um pouco triste, com o sofrimento dos pais, desolados pela perda dos dois anteriores. Nele concentrava-se então nos primeiros anos, o amor dos pais que devia repartir-se por igual eucaristicamente, por outros e outros com que se foi, depois, desdobrando a prole numerosa como freqüentemente o era a dos casais daqueles tempos"[8].

O fato de os irmãos que nasceram antes dele terem morrido, fará com que ocupe, na estrutura familiar, a posição que cabe ao filho primogênito. Essa determinação[9] é importante, pois ao longo desse capítulo, procuraremos indicar até que ponto essa posição lhe reservou, em determinados períodos,

---

8 *Figuras de Meu Convívio, Esboço Autobiográfico* (1973), p. 215. Esse aspecto que aparece na citação acima, no qual Fernando de Azevedo faz referência à sua constituição franzina, questão que é lembrada por ele em vários momentos nos seus estudos autobiográficos, é considerado por MICELI (1979), p. 28, como sendo um estigma de Fernando de Azevedo. Quadro I, título: "*Origem Social, Triunfos / Handicaps e Carreira*".

9 MICELI (1979), indica como essa determinação pode ser considerada importante no estudo da trajetória de alguns intelectuais brasileiros.

maiores investimentos na sua formação e maiores responsabilidades com relação à própria estrutura familiar.

A imagem que tinha de si, quando criança, ao escrever seu esboço autobiográfico em *Figuras de Meu Convívio*, é a de uma criança caprichosa, voluntariosa, que gostava de comandar, que dava-se pouco aos outros, que gostava de brincar só, desconfiada, esquiva e reservada.

Uma criança em geral voltada para atividades que podia operar sozinha. Considerava ter tido um temperamento arredio e explosivo e uma sensibilidade e ternuras quase femininas.

No livro *História de Minha Vida*, indica, ainda, ter sido uma criança inquieta e rebelde, de poucos amigos, tipo de menino só, insatisfeito, voluntarioso, possuidor de um sentimento de independência.

Atribui que seu processo de socialização, visando um maior domínio de si mesmo, se deu sob a influência dos seus pais, sobretudo de sua mãe e da professora Ernestina, que foi a sua professora ao lado de sua mãe no ensino das primeiras letras. Destaca, também nesse sentido, a importância que teve nesse processo o contato com seus dois irmãos menores.

Escreve sobre isso em *Figuras de Meu Convívio*:

"A influência maternal, tão poderosa na sua formação, e o convívio com sua irmã, Maria José (Nezita, em seu apelido familiar), que era toda suavidade e doçura, e com seu irmão Mário, bela criança de cabelos castanhos claros, inteligente e sonhadora, - os dois primeiros irmãos nascidos depois dele, - contribuíram para lhe amaciar o temperamento e quebrar-lhe as rebeldias. À medida que crescia a afeição fraternal que despertaram, sentia-se pequeno diante deles, por não ter nem a bondade envolvente da irmã nem a tranqüila robustez do irmão. Sendo de constituição frágil, reservado e muito metido consigo mesmo, mostrava-se no entanto, sempre disposto a reconhecer e apregoar em outros de sua idade ou convivência o que tinham de superior, encontrando, nessa capacidade de amar e admirar, uma íntima satisfação que o compensava

largamente de suas deficiências. Nunca soube, desde menino e pelo rosto de sua mãe, em que não faltavam incompreensões e injustiças, o que seria despeito e inveja, fonte, para tantos, de amarguras incuráveis e dolorosas decepções". (AZEVEDO: 1973, p.216 e 217)

Ainda com relação aos atributos que julgava possuir, já citados anteriormente e considerados quase femininos[10], reconhece nas suas memórias, que foram desenvolvidos principalmente pela importância que sua mãe tinha sobre sua formação. Em *História de Minha Vida*, escreve:

"Foram a tolerância e a compreensão dos seus pais e essa vontade de aprender, que o levaram a ir adquirindo aos poucos o domínio dos seus nervos e de si mesmo. Não concorreu menos para isso sua mestra das primeiras letras, a Professora Ernestina, inteligente, dedicada e sobretudo muito compreensiva". (AZEVEDO: 1971, p.10 e 11)

Essas características de personalidade que ele afirma, em suas memórias, ter adquirido nesse período, sofrerão modificações no seu processo de socialização, em linhas gerais e também, segundo ele, se manterão durante toda sua vida, acrescentando apenas ter ficado mais contido nos seus impulsos instintivos, mais senhor de si mesmo. No entanto, enfatiza também o menino solitário nos estudos e nos seus divertimentos. (AZEVEDO: 1971, p.10)

Um aspecto significativo que percebemos se destacar em suas memórias, ainda em relação à sua infância, é ter-se desinteressado, depois dos sete anos, pelos brinquedos, passando a interessar-se pela vida do campo. Viveu essas experiências simbólicas, basicamente na fazenda do seu tio César Corrêa de Almeida, irmão de sua mãe, proprietário de uma fazenda de criação, chamada

---

10 MICELI (1979), mostra muito bem essa questão dos "*atributos considerados socialmente femininos*", destacando a presença deles em alguns escritores brasileiros, mostrando que em alguns casos foram desenvolvidos devido ao "*absentismo*" do pai.

Santa Rufina, localizada em São Gonçalo do Sapucaí, que representava o contato com o lado materno de sua família. (AZEVEDO: 1973, p.216)

TRAJETÓRIA ESCOLAR

Como vimos, a primeira educação escolar, isto é, a educação elementar ou educação primária, recebeu de sua mãe, em casa, assistida pela professora particular, lembrada com carinho por ele em suas memórias.

Escreve sobre isso em *Figuras de Meu Convívio*:

"Até esse momento estudara com sua mãe que lhe ensinou a ler, a escrever e a amar, mais do que tudo, as cousas do espírito, e com uma professora particular de nome Ernestina, moça de cor, inteligente e disciplinadora com quem praticamente concluíra seus estudos fundamentais para a admissão ao ginásio". (AZEVEDO: 1973, p.217)

Encaminham o filho para São Gonçalo do Sapucaí, onde deveria, durante um ano, fazer no Colégio Francisco Lentz, os estudos preparatórios para o curso ginasial.

Esse colégio funcionava no regime de internato. Durante o ano de 1902, aí estudou, passando toda a semana no mesmo e, dependendo do seu bom comportamento, os fins de semana na casa do seu tio, o médico Francisco Lemos, casado com a irmã de sua mãe Laura de Almeida Lemos.

Sua cidade natal sempre esteve presente na sua trajetória, no período em que viveu em Minas Gerais[11].

---

11 Depois que deixou esse Estado, construindo fundamentalmente em São Paulo sua carreira como professor, jornalista, escritor, sociólogo, tornando-se um nome consagrado na "*intelectualidade brasileira*", diz que nunca foi lembrado, não tendo recebido nenhuma homenagem em vida. As lembranças de São Gonçalo serão bonitas quando Fernando de Azevedo, nas sua memórias, escreve sobre o período em que viveu em Minas Gerais. A imagem dessa cidade ganhará novos contornos e

Alí morou no ano de 1902 e é nessa cidade que residia a maior parte de sua família pelo lado materno. Além de representar mais do que Cambuquira em termos culturais, as idas a São Gonçalo significavam o aprofundamento do relacionamento com o lado materno de sua família, que terá segundo nosso ponto de vista, um peso importantíssimo na formação de Fernando de Azevedo.

COLÉGIO ANCHIETA

Uma vez concluídos os estudos preparatórios, dando continuidade à sua formação escolar, é encaminhado pelos pais para realizar o curso secundário. A partir de 1903, então com 9 anos de idade, chega ao Colégio Anchieta, fundado por padres Jesuítas italianos. Localizado em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, funcionava, também, no regime de internato[12].

A escolha desse colégio se explica, a nosso ver, pelo ambiente familiar católico em que vivia. Esse aspecto, presente na formação de seus pais, pode ser percebido de uma forma acentuada na visão de mundo de sua mãe.

Outro aspecto importante a ser considerado é que, apesar da existência, em alguns Estados, de bons colégios particulares leigos, eram no

---

será lembrada com certa tristeza quando já bem idoso escreveu suas memórias e como filho dessa cidade, constata que devido ao seu atraso cultural não via o seu trabalho como intelectual reconhecido por ela, assim como o de outros intelectuais brasileiros que aí nasceram e que também se destacaram na vida intelectual do país.

12 Na obra produzida, AZEVEDO (1943), p. 77, ao estudar as origens das instituições escolares, vamos encontrar indicações importantes ao analisar as origens dos colégios jesuítas fundados no período imperial, destacando entre eles, o Colégio Anchieta e o São Luis. Ver a respeito da educação jesuítica: ULMANN, Jacques, *"De la Gymnastique aux Sports Modernes. Historie des Doctrines de L'education Physique", p. 149 a 172;* FRANCA, Leonel, *"O Método Pedagógico dos Jesuítas";* LEITE, Serafim, *"História da Companhia de Jesus no Brasil"*, vol. VIII; MATTOS, Luis Alves, *"Primórdios da Educação no Brasil"*; REIS FILHO, Casemiro dos, *"O Transplante da Educação Européia para o Brasil"* (mimeo); VILLALOBOS, João Alberto, *"O Problema dos Valores na Formação e no Funcionamento do Sistema Educacional Brasileiro"*, 1967; LEFORT, Claude, *As Formas de História,* 1978; KOSSOVITCH, Elisa A. (org.) *"A Conquista da América"*, CEDES, no. 30, 1993; CUNHA, Luis Antonio, *A Universidade Temporã,* 1980.

geral, os estudos confessionais os mais difundidos e mais valorizados pela pequena população que podia ter acesso à educação.

No caso do Estado de Minas Gerais, a valorização dos colégios particulares confessionais talvez tenha sido ainda mais forte. Isto porque, a educação em Minas Gerais, durante o Império e início da República, foi marcada pelo crescimento dessas escolas. Como aconteceu em alguns outros Estados, não se observou uma concorrência significativa com experiências renovadoras de colégios secundários leigos. Os pais de Fernando de Azevedo, em razão de seus princípios religiosos, teriam, a nosso ver, opções em Minas Gerais para encaminhá-lo a bons colégios confessionais. Julgamos que sua família, culturalmente bem informada e cultivada, deveria ter clareza sobre a qualidade do ensino nos colégios jesuítas, concordando com a sua orientação e dando preferência aos mesmos. Tais colégios, nesse período, não se situavam em Minas Gerais, mas sim, no Estado que era sede da capital da República, isto é, no centro cultural mais avançado do país[13].

Cremos que o Estado do Rio de Janeiro, sempre esteve no horizonte de seus pais, o que nos faz pensar que a opção para que ele fizesse o curso secundário nessa instituição, estava possivelmente também ligada à perspectiva futura de poder aí realizar o seu curso superior.

Um fato que nos parece muito simples e simbolicamente importante para essa escolha, além dos aspectos já analisados, é que existia uma ligação de sua família com o Estado do Rio de Janeiro. Aí se localizavam as suas raízes sociais pelo ramo paterno. Talvez significasse, a longo prazo, o contato com a outra história de sua família, isto é, com as origens do lado paterno.

Nesse momento da sua trajetória escolar está presente a valorização que seus pais davam a investimentos relativos à educação, dentro do que havia de mais reconhecido nos padrões então vigentes.

---

13 O fato do Colégio Anchieta situar-se no Estado do Rio de Janeiro revela a posição estratégica dos jesuítas italianos, ao se fixarem na região central do país, difundindo a educação e a cultura.

Conta, em suas memórias, como, ao voltar para as férias, após terminar os estudos preparatórios no Colégio Francisco Lentz (1902), soube da decisão de sua família em encaminhá-lo, em 1903, para estudar no Colégio Anchieta.

Afirma em *Figuras do Meu Convívio*:

"Quando voltou para as férias, não tardou a saber, com surpresa, do novo destino que haviam resolvido dar-lhe seus pais, tão preocupados, um e outro, com sua formação e empenhados em lhe oferecer oportunidades da melhor educação possível. Devia entrar, como de fato entrou em fevereiro do ano seguinte, no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, colégio de jesuítas, tão famoso quanto o de São Luís, em Itu, no Estado de São Paulo. Nesse mês, no dia determinado já estava de malas prontas". (AZEVEDO: 1973, p.218).[14]

Escreve, ainda, em *História de Minha Vida*:

"Em uma bela e pitoresca cidade, fundada por suíços, além da Serra dos Órgãos, no Estado do Rio, tinham os jesuítas um grande e então já famoso colégio. Ficava...na encosta ou flanco de um morro, conhecido por Morro Queimado, por ter suas matas devastadas".(AZEVEDO: 1971, p.14)

Era apenas um menino quando foi para o Colégio Anchieta. Isso nos faz pensar como devia ser complexa tal separação que fazia parte do tipo de educação dominante. Separação dos pais, da tranqüila cidade de Cambuquira, do colégio e dos tios e primos de São Gonçalo do Sapucaí. Além do mais, exigia a necessidade de aprender a dominar essa nova realidade, esse novo ambiente.

---

14 Afirma ter ficado surpreso com essa opção e o texto acima indica talvez alívio e contentamento, pois em *Figuras de Meu Convívio* (1973), p. 218, indica que quando fazia alguma insubordinação, os pais geralmente falavam que iriam encaminhá-lo para o colégio dos padres, de Mariana, temido pelos rigores da disciplina, (ver em nota de rodapé).

As crianças de origem social semelhante a de Fernando de Azevedo já deviam ter incorporado tudo isso no seu horizonte pois, o internato, enquanto forma dominante de educação, sempre esteve presente, assim como o papel que devia exercer no sentido de levar a uma sólida formação.

Esta formação passava pelo início de uma vida séria em termos de estudos, do desenvolvimento e aperfeiçoamento de hábitos de classe, a ampliação de seus horizontes em termos de país, enfim, a um processo de socialização que terá efeitos futuros importantes ao nível da ideologia e de práticas que denotam um tipo de educação e de cultura comuns às elites do país.

Escreve sobre a vida no Colégio Anchieta:

"A vida nesse colégio, foi para ele, como nas fases anteriores, uma vida de surpresas e de contrastes. Menino já tido então por exemplar, não só nos estudos como também no comportamento, dir-se-ia transformado no ambiente, vasto e rumoroso, em que formigavam meninos e rapazes de todas as proveniências. Perto de trezentos alunos, se não eram em maior número ainda, repartidos por três divisões pequenos, médios e grandes. No meio de tanta gente que via todos os dias, na missa e nas refeições, mas sem contatos e convivência senão com os menores, - os de sua idade, o menino arredio, ligando-se a poucos companheiros, refugiou-se nos estudos, a que se dedicou sem reservas até entrarem, mais tarde no círculo dos seus interesses, os exercícios físicos e, particularmente a esgrima". (AZEVEDO: 1973, p.218)

Em *História de Minha Vida*, descreve:

"Um enorme edifício retangular com seu pátio interno e capela lateral, podia abrigar mais de quatrocentos alunos. Internato para meninos e rapazes, que ali faziam o curso ginasial, de seis anos a esse tempo. Entravam aos dez ou onze anos para saírem com dezessete ou dezoito, terminando o curso secundário. Eram, então o colégio de Nova Friburgo, no Estado do Rio e o de Itu,

em São Paulo, os dois maiores e mais reputados colégios mantidos no país por jesuítas. Ali se educaram, preparando-se para as classes superiores, os filhos das mais importantes famílias do Centro-Sul, e mesmo do Norte, atraídos por tudo que ofereciam de conforto, bem estar, segurança e pelo rigor do ensino e dos estudos. (...) apesar de tão distante de nossa casa, no Sul de Minas, foi para esse colégio que meus pais me mandaram". (AZEVEDO: 1971, p.14 e 15).

Nesse colégio encontrará condições para desenvolver seu interesse pelos estudos, voltado para uma formação clássica. Será dentro desse plano que, a partir de um certo período, passará a ter contato com uma determinada perspectiva de Educação Física.

TRIUNFOS ESCOLARES

Na sua passagem por esse colégio, vai se destacar em todo o curso secundário, obtendo em todos os anos o primeiro lugar de sua classe.

Escreve, revelando isso:

"O primeiro da classe, a poder de esforço e tenacidade, desde o início ao último ano do curso secundário, que era então de seis anos, saía sempre, com o peito coberto de medalhas, das cerimônias anuais de distribuição de prêmios. Não estudava para conquistá-los, mas pelo prazer que encontrava nos livros e por ter encontrado neles, nas leituras e na medição, o meio de evadir-se do tumulto e da camaradagem fácil em que não era e nem podia ser, por sua natureza, o mais agradável dos companheiros.

Não gostava muito de divertir-se nem procurava antecipar ou prolongar as horas de repouso. Nas do recreio como nas que se destinavam ao sono, foi muitas vezes surpreendido e censurado por estar com livro nas mãos,

num recanto qualquer do pátio, ou, à noite na cama, em que o retirava de sob o travesseiro, a fim de aproveitar os dez ou quinze minutos em que se acendiam, para a inspeção habitual, as luzes do dormitório. Daí, por certo, seus pobres triunfos. Nenhuma dessas gloriolas de estudante nem a crescente consideração dos mestres e colegas chegaram, porém, a reconciliá-lo consigo mesmo ou, por outras palavras, se lhe deixavam tranqüila a consciência de cumprimento de seus deveres, não lhe reduziam senão por momentos a inquietação da vida anterior. Era, no fundo, - e precocemente, um insatisfeito, não de distinções e aplausos que não lhe faltavam naquele pequeno mundo, mas quanto a vitórias sobre si mesmo, sobre seu temperamento ardente e impetuoso, sobre o qual precisava manter uma constante vigilância, e sobre defeitos e fraquezas que lhe custava dominar, e sempre constituíram para ele uma fonte de sofrimentos e desilusões. Sim, que lhe custava refrear e corrigir, sentindo-se humilhado quando percebia estar ainda longe de ser o que mais desejaria, senhor de si mesmo". (AZEVEDO: 1973, p.218 e 219)

Em *História de Minha Vida* escreve:

"Nos estudos ia bem, e tão bem que, em cada ano, nos seis do curso, foi sempre a mim que destinavam, não menção honrosa, mas a primeira medalha em cada uma das matérias do ano. Na distribuição anual dos prêmios, saía eu, e um pouco constrangido, com o peito coberto de medalhas. Todos os anos, até o último do ginásio, uma consagração que, longe de me deixar envaidecido, me impunha novos esforços para não decair do respeito dos mestres e colegas. Estudava nas horas de estudo, e, mesmo à noite, quando recolhíamos para dormir, tirava debaixo do travesseiro livro para ler, nos 15 minutos em que se acendiam as luzes do dormitório para a derradeira fiscalização dos estudantes, - se todos já se haviam deitado, e estavam em paz com Deus ou... ocultamente com livros". (AZEVEDO: 1971, p.15)

Além do amor, e do prazer que, em suas memórias confessa ter pelos estudos, encontrou nessa instituição um espaço maior para desenvolver suas condições intelectuais. Esse colégio lhe será um ambiente propício para dedicar-se, sem tréguas, ao estudo e à meditação. A estrutura do internato, aliada à pouca sociabilidade de Fernando de Azevedo, faz com que ele desfrute muito dela no que diz respeito ao desenvolvimento do espírito.

Em termos de estudo, a passagem por esse colégio terá, a nosso ver, um peso relevante, em se tratando da formação de hábitos voltados para uma vida disciplinada, que vai ser mantida e acentuada, principalmente, quando emerge como intelectual.

Essa estrutura não vai transformá-lo no protótipo do intelectual puro.[15] Pelo contrário, acreditamos que será importante no sentido de também transmitir-lhe uma ética missionária, atuando sob sua formação, no sentido de que o mesmo pudesse vir no futuro, a defender para o intelectual de uma forma geral, e para si próprio, a necessidade de ser um homem de pensamento e ação.

Os triunfos escolares de Fernando de Azevedo no Colégio Anchieta eram algo que, para ele, precisaria ser mantido ano a ano, através do esforço e da tenacidade. Ao lado do prazer que tinha pelos estudos e da luta que realizava para o domínio de si mesmo, a pedagogia jesuítica, nos seus rituais, atuou sobre o jovem estudante no que se refere ao culto da emulação e da competição.

Visando a formação de quadros, a instituição, em seu trabalho pedagógico, através de seus diretores e mestres, depositava esperanças nos alunos que formava e, de uma forma mais acentuada, naqueles que se destacavam mais[16].

---

15 Queremos fazer referência nesse sentido a protótipo de intelectuais, que dedicam-se toda sua vida sem tréguas ao espírito e que encaram com desdém os complicados manejos da política. Apesar de fazermos essa indicação do uso de intelectual puro utilizando-o dentro de um aspecto ao qual essa expressão está sendo criticada, julgamos que essa idéia pode também ser empregada no melhor sentido da palavra.

16 Fernando de Azevedo lembra em suas memórias os nomes dos seus principais competidores do tempo que estudou nesse colégio, mas não eram da mesma classe sua: Miguel Ramalho Novo ("rapaz de valor, tímido e retraído, em que depositavam seus mestres grandes esperanças (...)

Em *Histórias de Minha Vida*, escreve:

"Tudo ali funcionava em perfeita ordem, pelo respeito à disciplina e à autoridade, sempre temperada aliás por esse tato e prudência, em que eram mestres os jesuítas. Essa ordem, de modo geral, não me desagradava, não só porque atendia à minha própria maneira de ver as cousas, como também por oferecer melhores condições para os estudos. Pois eram esses que me importavam. Além das matérias do curso de ginásio, tinha que estudar música e, a partir do terceiro ano esgrima de espada e de florete, com Novelli, mestre italiano. A tudo acudia com o mesmo interesse e o mesmo empenho em ser bem sucedido. Nos cursos, na música e na esgrima. Era flauta o instrumento que aprendia a tocar (numa rica flauta que meu pai me dera de presente)". AZEVEDO: 1971, p.15)

Aprendeu a conviver com a idéia da importância do esforço no sentido da educação da vontade, dos instintos e com um determinado tipo de concepção humanista, de aperfeiçoamento intelectual, moral e espiritual do indivíduo.

Ao mesmo tempo que reconhecia, nesse período, sua natureza vulcânica, via nela qualidades e defeitos, ainda que esses últimos precisassem ser dominados. Aprendeu a valorizar a necessidade do desenvolvimento de uma segunda natureza, que deveria ser adquirida através da educação.

Em termos de currículo, além do plano de estudos das disciplinas, existia, nesse colégio, a preocupação com uma formação relacionada à Educação Física a partir do terceiro ano. Nessa área, ele vai demonstrar interesse

---

formado em engenharia, se dedicou ao magistério no Colégio Pedro II, onde foi professor de Matemática. Nelson Romero, filho do grande Sílvio Romero; Leonel Franca, que se tornou depois uma das figuras mais ilustres e edificantes da Companhia de Jesus. Renato Toledo Lopes, fundador e o primeiro diretor de *O Jornal*, e outros que se destacaram na vida intelectual do país", *Figuras do Meu Convívio* (1973), nota de rodapé, p. 218.

pelo esgrima de espada e florete[17], assim como competição com o futebol. A preocupação com a formação musical[18] também está presente nesse plano de estudos.

CONTRATEMPOS

As próprias características que vê em si mesmo, isto é, rebeldia e independência, tinham seus aspectos positivos e eram relevantes apenas quando utilizadas frente às injustiças. Em outros aspectos, deveriam sofrer uma educação e uma auto-educação.

Apesar de, nesse colégio, ter aprendido muito a respeitar a autoridade e a hierarquia, o respeito a isso não lhe implicava a aceitação de injustiças.

Em suas memórias, destaca a existência de contratempos em nível de disciplina no Colégio Anchieta, e o episódio que mais lembra foi o vivido por ele e o Ministro Padre Manuel Madureira, incidente que quase resultou na sua expulsão do colégio.

Escreve, lembrando o fato em *História de Minha Vida*:

"Mas numa carreira, ainda que de estudantes, nem tudo são sucessos e vitórias, ainda que se trate do mais dedicado dos alunos (...) Outros

---

17 Afirma CÂNDIDO (1984), ter sido Fernando de Azevedo na mocidade um bom esgrimista.

18 Esse interesse musical era desenvolvido também em seu ambiente familiar, e era muito presente em sua mãe, que segundo Fernando de Azevedo tocava muito bem piano. O fato de ter deixado de estudar flauta é explicado por Fernando de Azevedo, ter sido por conselho médico, por ter tido uma pneumonia no colégio.

contratempos, como a série de incompreensões entre o Ministro Padre Manuel Madureira, e o aluno que era eu, estudioso e disciplinado, mas rebelde a injustiças e imposições. O Padre Ministro era um religioso de notável saber e grandes virtudes. Mas voluntarioso e autoritário e que tinha, para se impor, além da energia, a compleição de um homem alto e robusto. Eu, aluno cujo comportamento era tido por exemplar (fazia parte da Congregação Mariana), não sofria com facilidade nada que parecesse violência ou atentasse contra meus brios de rapaz, retraído, quase tímido, mas altivo.

Já havíamos tido vários atritos sem maiores conseqüências, mas que nos punham de pé, atrás, um contra o outro, quando um dia, à hora do almoço, ocorreu um grave incidente, na presença de todos. De todos os alunos do colégio, o Ministro repreendeu-me aos gritos por estar falando na fila, quando entrávamos no refeitório. Protestei. Não estava falando. Era um colega que falava comigo e que eu apenas ouvia. E eu não queria acusá-lo para me defender. O Ministro, certo de que estava com a razão, intimidou-me a pôr-me de joelhos, de castigo, no meio do refeitório. Recusei-me. Estava inocente. Não merecia a punição, e procurava explicar-me, quando o Padre Manuel Madureira, dirigindo-se a mim, no meu lugar, à mesa, tomou-me violentamente pelo braço e atirou-me de joelhos no chão.

Foi a conta. Levantei-me e, pondo-me de pé, gritei que não ficava de joelhos. Que me expulsassem do refeitório e do colégio.

Foi o que fez o Ministro. Expulsou-me do refeitório por grave indisciplina, e determinou a um Irmão (religioso, encarregado de serviços da comunidade) me recolhesse à cela até que, ouvido o Reitor decidisse pelo meu destino: expulsão do colégio. E começaram as intervenções pacificadoras. Veio ver-me o Padre Luiz Yabar, outro jesuíta de grandes virtudes. Mas, sempre com tendência para dominar os alunos mais rebeldes, chamando-os à razão. Era um homem compreensivo e tolerante, que resolvia problemas graves com sua maneira toda especial de tratar a sua linguagem paternal. O Padre Luiz Yabar, durante três dias, procurou convencer-me de que devia pedir perdão ao Padre

Madureira. Recusei-me. Eu é que fora ofendido e maltratado em público. Fui atirado brutalmente ao chão. Que me expulsassem do colégio se me achassem culpado.

Era uma situação difícil para o nosso Reitor que nem podia desautorizar o Padre Ministro nem desejaria optar pela expulsão do aluno. De um aluno até então exemplar, nos estudos e no comportamento. Filho de uma senhora que os jesuítas do colégio bem conheciam e tinham por uma santa, pelas suas extraordinárias e notórias virtudes. O Padre Luiz Yabar visitou-me novamente e disse-me que o Padre Ministro iria à cela para falar comigo. Respondi-lhe que o receberia muito bem como meu superior, mas, se era para lhe pedir perdão, era melhor que não viesse. E ele veio. Levantei-me para recebê-lo, e lhe beijei sem uma palavra, a mão que me estendeu. E, abraçando-me, disse-me que estava terminado o castigo e podia voltar à minha vida normal no colégio.

E voltei, de fato, à minha vida no colégio, com a mesma dedicação aos estudos, exatidão no cumprimento de meus deveres, alegria nos recreios e disposição para os jogos e as partidas de esgrima. E sem ressentimentos e rancores do Padre Ministro de quem, daí por diante, me aproximava como discípulo e amigo e que me acolhia sempre como se nada de grave tivesse ocorrido entre nós". (AZEVEDO: 1971, p.16 e 17)

Esse incidente revela um pouco sobre o sistema de penalidades da disciplina jesuítica no que se refere a sua pedagogia e a importância que atribuíam à hierarquia[19] e a não quebra da autoridade. Demonstra também que, no geral, os alunos e o próprio Fernando de Azevedo incorporavam, através dessa educação, que a concepção do que significa ser bom aluno, não passava somente pelo aproveitamento nas disciplinas em nível do conhecimento, mas devia estar associado a um bom comportamento.

Ainda sobre o Colégio Anchieta, é interessante o texto que escreveu em memória dos educadores (segundo ele grandes educadores Padre Luiz Yabar

---

19 Isso é acentuado em todo o clero.

e Padre Manuel Madureira), tendo sido este publicado pela primeira vez em 1944. Nesse texto é possível observarmos, passado tanto tempo, como ele revia o período em que estudou no Colégio Anchieta, o trabalho dos seus mestres e especialmente desses dois educadores que, foram os dirigentes dessa instituição naquela época.[20]

Nessas lembranças, o destaque dos seus mestres:

"...Dentre tantas (mestres) que guardo, desse tempo de colégio, não são certamente as menores as do contato com os meus mestres, cujas imagens bailam, suspensas na memória, e tão vivas ainda como se eu os estivesse vendo e ouvindo e conquistaram para sempre um lugar no meu coração! Diretores e conselheiros espirituais, como o Aureli e Visconti, eruditos da estatura de um Galanti; mestre com a segurança de um Antonio Ferreira, ou com a sagacidade de um Vicente Prósperi, de olhos vivos e maliciosos, brilhando por trás dos óculos; pregadores de uma eloqüência polida, mas persuasiva, como a do Padre Fialho, ou tocada de unção religiosa, como a do Padre Taddei, homem simples e profundamente bom que eu conheci, quando já havia atingido idade avançada, e a cuja palavra, nos retiros espirituais, emprestava uma força singular a sua fama de apóstolo.

...Do fundo do passado destacam-se, porém, duas figuras, admiráveis em si mesmas e pelo contraste, entre as quais se jogou por várias vezes a minha sorte de estudante, tímido e retraído, mas de uma independência feroz, e que só o tempo permitiu compreender, na diversidade de seus aspectos e em toda a sua grandeza moral.

Em um colégio destinado à adolescentes, uma das grandes dificuldades dos educadores está em regular e pôr a serviço da razão esse instinto de liberdade e independência, que impele freqüentemente os jovens contra todos os que governam ou aspiram governá-los. A força desse instinto

---

20 Esse trabalho tem como título: T*estemunho sem suspeitas*, foi publicado na segunda parte do livro *Figuras de Meu Convívio* (1973), e tem como título: "*Reflexões entre Retratos - Três Paisagens e Quatro Retratos*", p. 61 a 65.

varia extremamente de indivíduo para indivíduo. Uns, mais dóceis e maleáveis; outros, pouco submissos, mais fáceis de levar pelos sentimentos; esses, idealistas e românticos; aqueles, frios e obstinados; outros, ainda, impulsivos ou rebeldes. Todos mais ou menos suscetíveis e ciosos de sua personalidade em formação. Eles tendem a afirmar-se, conforme os casos, retraindo-se, fazendo finca-pé, ou, freqüentemente, reagindo e opondo-se. Alguns educadores, na luta contra a indisciplina, ou com as personalidades mais fortes, tiram-se do embaraço, pela violência ou, como os deuses de Homero, envolvendo-se em nuvens... Outros, mais raros, enfrentam a situação variando os processos segundo as circunstâncias e os indivíduos, e levando até o fim, com pertinácia, a obra difícil e árdua de pôr um freio à impetuosidade do adolescente, moderar-lhe os impulsos, aplacar-lhe as inquietações e abrir o caminho à conquista do domínio de si mesmo. Foi no acesso dessa luta e na continuidade de esforços, empreendidos no interesse de nossa formação moral que eu reconheci e pude apreciar em toda a sua extensão, o valor desses dois notáveis educadores: Luís Yabar e Padre Manuel Madureira, aquele reitor, este, Padre Ministro, durante os quase seis anos que permaneci no colégio". (AZEVEDO: 1973, p.61 e 62).

Fernando de Azevedo, na sua produção cultural inicial, desenvolveu uma formação voltada para o humanismo clássico,[21] que lhe servirá de base para construir a concepção de educação que vai defender nesses trabalhos, assim como nos estudos de Educação Física.[22]

---

21 Quando Fernando de Azevedo volta ao passado no texto indicado acima, escrito em 1944, onde revê o tipo de educação que recebeu no Colégio Anchieta, já há muito tempo tinha superado o humanismo clássico, defendendo outra concepção de humanismo, onde, através da reflexão sistemática sobre educação que vinha construindo, permanecia, embora colocada em novos termos, a concepção da educação também dentro de uma finalidade moral, fundamentada no racionalismo de KANT e nos autores que lhe fizeram compreender a origem social da educação, sua natureza social, seus fins sociais destacando-se principalmente DURKHEIM, sendo importante também serem lembrados: DEWEY, LUNATSCHARSKY e KERCHESTEINER. Para uma compreensão do pensamento de Fernando de Azevedo em termos dos pressupostos que assumiu em filosofia da educação, é importante a leitura da dissertação de mestrado de MOREIRA (1981).

22 ULMANN, ao estudar a temática do corpo, a partir da metade do século XV, e sobretudo no século XVI, analisa o movimento renovador desse tempo, situando a importância dos jesuítas. Corroborando colocações feitas por outro autor indica nas p. 158 e 159, que em 1548, assim se expressava Santo Inácio: "Deus não criou a alma sozinha. Ele é também o autor do corpo." O que

Cremos ter aprendido, no Colégio Anchieta, que a educação deveria levar o indivíduo ao exercício da razão, pelo caminho da ética, tendo como finalidade o aperfeiçoamento moral do indivíduo.

Na sua formação escolar, neste colégio, Fernando de Azevedo foi tributário da moral religiosa, em nível dos seus conteúdos, como também, dos seus dispositivos educacionais.[23] E ainda, dos hábitos intelectuais legados pelos jesuítas, entre os quais se sobressai o culto das idéias gerais[24].

FOI-SE O PIANO, FICOU A ARTE

Seu pai, ao se casar possuía uma situação financeira estável, o que permitiu pudesse ter desfrutado, na sua infância, de uma vida de abastança ou quase riqueza.

Apesar dessa indicação, o que nos chamou a atenção nas suas memórias é não ter citado, em momento nenhum, a profissão do pai e que tipo de trabalho realizava.[25] Outro aspecto, é o de não existir explicação para a saída de seu pai do Rio de Janeiro ao se casar, indo morar em Minas Gerais.

O avô paterno[26] é lembrado apenas no período de sua infância, devido à sua situação financeira, uma vez que pôde lhe satisfazer todas as vontades no terreno material.

---

queremos indicar é que acreditamos que Fernando de Azevedo foi influenciado pelos exercícios espirituais de LOYOLA e pelas suas preocupações em " não formar a juventude para o estudo e a contemplação, mas para a vida.".

23 Sobre o tema dos dispositivos educacionais, ver FOUCAULT (1983 e 1987). Sobre o debate dos dispositivos educacionais da moral religiosa - especialmente a católica, e os dispositivos da educação pública laica, formulado com o pensamento moderno e de forma especial com relação ao estudo da educação moral no discurso sociológico durkheimiano, ver FERNANDES (1990), p. 164 a 185.

24 A consideração acima é feita na dissertação de mestrado de MOREIA (1981), p. 146, nos estudos que faz do humanismo que marca o pensamento de Fernando de Azevedo.

25 Isso nos chamou a atenção, pois não esquece de colocar esses dados com relação aos seus tios.

26 Também não conseguimos saber através de suas memórias o que aconteceu ao avô, quando morreu e nem a extensão de sua família pelo ramo paterno. Apesar dessa falta de dados, a nossa hipótese a

Assim é que, como filho primogênito, será o primeiro a ir para o Colégio Anchieta; em seguida, sua irmã Nezita vai estudar no Colégio da Congregação do Sion,[27] no Rio de Janeiro e, mais tarde, o irmão Mário, também no Colégio Anchieta.

No entanto, quando realizava os últimos anos do curso secundário, a situação financeira de seu pai começava realmente a se agravar a ponto de poder perceber as nuvens no horizonte[28], surgindo a opção, para sua família, de mantê-lo no colégio, como aluno gratuito.

Foi numa dessas férias, quando a crise financeira se tornava evidente para Fernando de Azevedo e sua família, que ele lembra, ter podido constatar em sua casa a falta do piano, instrumento que, segundo ele, sua mãe tocava muito bem, sendo de grande significado para ela e para toda a família.

Escreve sobre isso:

"Em menino embebia-me ao ouvi-la tocar. De volta, porém, do colégio, em uma de minhas férias, dei por falta do piano, de cuja ausência, sem lhe ouvir uma queixa, me dava a explicação o ambiente doméstico que se transformava completamente com a perda de nossos bens.

(...) A pobreza, que elegera nossa casa por morada, lhe arrebatara o instrumento predileto, mas não a arte".[29]

---

partir das memórias de Fernando de Azevedo, é que o ramo paterno não foi tão determinante na sua formação. Sobre a família pelo ramo paterno a não ser na sua infância que lembra da figura do avô, em períodos posteriores, indica pouquíssimos nomes desse lado da família em suas memórias.

27 Depois Maria José (Nezita) vai estudar em colégio fundado em Campanha, no sul de Minas, dessa mesma Congregação. Às filhas eram reservados esses colégios, especificamente dessa Congregação.

28 Escreve sobre suas férias, indicando essa situação: "A maior parte, em casa de meus pais, e parte em São Gonçalo e na fazenda do meu tio Cézar, passava as férias todos os anos. A princípio despreocupadas e alegres, não por não haver alegria em casa de meus pais, já a caminho da pobreza, mas por não tomar bem consciência do que ocorria e nos ameaçava. E, nos últimos anos, férias cada vez mais tristes e desoladoras. Muito sol, céus claros e azuis, acima de nós, e paz, à volta de nós, nas cidades mais ou menos tranquilas e sonolentas. Mas, dentro da alma, todas as inquietações e os sobressaltos de um céu carregado de nuvens", *História de Minha Vida* (1971), p. 21.

29 Acreditamos que isso se verificou não só com relação à escolaridade, mas também em outros níveis. *Figuras de Meu Convívio* (1973), no estudo feito sobre sua mãe com o título: "A Graça do Amor e da Fé", p.21 e 22.

Essa crise atinge Mário de Azevedo no começo do curso secundário, tendo que abandoná-lo no sexto ano pois terá, junto com Fernando, de ajudar no sustento da família. Isso indica que a realidade da pobreza paterna atinge-o mais cedo do que Fernando e Nezita.

Escreve em homenagem ao irmão Mário:

"A infância de Mário de Azevedo transcorreu no mesmo clima espiritual, moral e religioso, de paz e segurança, em que se desenvolveram as de seus dois irmãos mais velhos. A pobreza ainda não nos tinha batido a porta, e o casal dos pais, - de uma santa mãe e de um pai, bom e generoso, estava longe das provações que o destino lhe reservara, e de que deviam compartilhar os filhos. No aconchego da família, a atmosfera que se respirava, mantinha-se relativamente calma, já com algumas nuvens no horizonte, mas sem ventos desfavoráveis.

...Meus pais, enquanto podiam, - e mesmo sem o poderem, fazendo já então, sacrifícios enormes, - procuravam dar aos filhos, meninos ou meninas, a melhor educação possível, segundo os padrões sócio-culturais dominantes naqueles tempos. Os filhos lá iam para o Colégio Anchieta dos Padres Jesuítas, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, e as filhas, para os da Congregação do Sion, na capital do país, e, mais tarde, em Campanha, no sul de Minas, onde se fundou novo colégio mantido pelas religiosas dessa Congregação. Mário foi, como eu, para o Colégio Anchieta, a princípio, na qualidade de aluno como os outros, com as despesas pagas pelos pais e, anos depois, como aluno gratuito, pela generosidade dos Padres Jesuítas que tinham, por minha mãe, verdadeira veneração.

Eu mesmo terminaria meu curso nessa importante escola de ensino secundário, como aluno gratuito. "Para os filhos de Dona Sara (esse, era o

nome de minha mãe), dizia-me o Padre Luís Yabar, Reitor, estariam sempre abertas as portas do Colégio".[30]

Muitos dos valores católicos (ou cristãos), recebidos no ambiente familiar, aliados à formação humanística que recebia dos jesuítas, atuaram sobre a sua maneira de ver essa crise.

Reconhece a capacidade que tiveram seus pais no enfrentamento da mesma, destacando terem sabido demonstrar virtudes como fortaleza moral e dignidade.

Quanto ao orgulho que sentia do pai, afirmava não ser tanto pela sua origem social, mas pela dignidade com que soube enfrentar a pobreza. A explicação que apresenta em suas memórias sobre a decadência da estabilidade financeira do pai é, para nós, muito vaga.

"Meu pai que descendia de uma família rica, não tardou muito a perder toda a sua fortuna. Na pobreza é que ele foi realmente grande, não só pela maneira com que a enfrentou como a suportou, mas também, e sobretudo, pela imensa capacidade de esquecer e perdoar, de que dava provas constantes, não permitindo aos amigos e aos próprios filhos, críticas àqueles que concorreram para levá-lo a ruína". (AZEVEDO: 1971, p.8).

Ainda sobre a forma como sua mãe e seu pai enfrentaram essa realidade, escreve:

"A fortuna ela a conhecera, sem perder a simplicidade e a doçura, e, quando teve de arrostar a pobreza, foi de uma serenidade estóica e de uma dignidade eminente. Passou de um para outro estado, da abastança para a

---

30 *Figuras de Meu Convívio (1973),* texto *"Poesia e Dor"*, escrito em homenagem ao irmão Mário de Azevedo, p.27 e 28.

adversidade, como se nunca houvesse conhecido a segurança e o conforto que trazem os bens materiais. Sob esse aspecto assemelhava-se a meu pai que, afastado por doente, da direção de seus negócios, perdera tudo o que possuía, e, no entanto, ao recobrar a saúde, de tal modo se ajustou às novas condições que nunca se lhe percebeu sombra de mágoa contra aqueles em quem confiava e que contribuiram para o levarem a ruína. Homem de grande inteligência e fina educação, coração boníssimo, extremamente afável e conversador excelente, que se fazia sempre, sem o procurar, o centro das rodas mais escolhidas, a todos nos edificou com a sua imensa capacidade de esquecer e perdoar".[31]

Tentaremos, agora, perceber a posição social, vivida pela família de Fernando de Azevedo até o período dessa crise econômica, indicando uma falência material, que acreditamos deva ter ocorrido aproximadamente em fins de 1908/1909.

A idéia que nos ficou dos Lemos, é de ela ter origem em proprietários da terra, em antigos ramos senhoriais, que se arruinaram. No período do casamento de sua mãe, essa família já vivia, no seu conjunto, um processo adiantado de declínio material.

Por ocasião do casamento de sua mãe, sua família não deixa de estar familiarizada com o universo das elites dominantes, ainda que estivesse no seu conjunto empobrecida.

A ligação da avó materna com o avô Domingos (imigrante português) pode ter atuado por unir tradição com capacidade de trabalho e espírito burguês, garantindo aos filhos do casal uma melhoria no plano material.

Essa situação pode ainda ter se alterado materialmente via casamentos, com sua mãe Sara casando-se com pessoa de tradição e riqueza, sua tia Laura com o médico (profissional liberal) Fernando Lemos, e seu tio Cézar ter conseguido se manter como fazendeiro.

---

31 *Figuras de Meu Convívio* (1973), texto *"A Graça do Amor e da Fé"*, escrito em homenagem à sua mãe, p. 22.

Embora seu pai tenha herdado uma situação econômica estável, julgamos não ser suficiente isso, por não possuirmos elementos que explicam a origem do seu trabalho.A indicação oferecida por MICELI (1979, p. 28), de que o avô paterno de Fernando de Azevedo era um industrial falido, não é apresentada por ele em suas memórias.

O que ele revela, conforme já citamos, é ter sido o avô paterno um industrial muito rico, lembrando-se apenas da falência (denominada por ele de perda dos bens) do seu próprio pai.

A crise econômica vivida pelos seus pais irá colocar em seu horizonte uma nova realidade. Essa crise lhe coloca a impossibilidade de herdar, em nível material, a posição social dos pais. Abre-lhe o horizonte de ter que prover muito mais cedo seu próprio sustento. E a posição que ocupava na estrutura familiar de filho primogênito, se, de um lado lhe assegurou maiores investimentos, exigirá dele, a partir desse momento, maiores responsabilidades, no sentido de apoio aos pais no sustento da família.

A perspectiva que se abre para ele vai significar, no plano material, um intinerário diverso do que tiveram seus parentes no passado. A possibilidade que se coloca é a de se tornar um profissional liberal.

A educação típica de elite que herdara de seus pais, e que pôde continuar a obter na sua trajetória escolar, será muito importante para a busca de alternativas no enfrentamento dessa nova realidade que se colocará para ele a partir de 1909.

Nesse horizonte que vai ser aberto a partir dessa falência material, a escolaridade singular que vinha recebendo e que continuará a obter, terá um papel, que julgamos muito relevante.

Acreditamos que o fato de Fernando de Azevedo ter sido, no Colégio Anchieta, um estudante brilhante, deve ter influenciado para que ele continuasse seus estudos sem pagar. Nesse momento difícil, percebemos a presença do apoio do ramo materno, em especial seu tio Cézar Corrêa de Almeida.

Assim se refere a ele:

"Cézar, meu tio, que veio acudir-nos quando nos bateu a porta a pobreza, e foi o meu maior estímulo, quando pouco mais do que menino, já não sentia ao redor onde e em que pudesse amparar-me". (AZEVEDO: 1971, p.6).

O que quisemos demonstrar é que essa crise econômica lhe abrirá novos caminhos, que se concretizarão na esfera da atividade intelectual, através do trabalho assalariado em cargos do funcionalismo público,fora, portanto, da perspectiva material do universo dos proprietários.

Acreditamos que a consideração que ele faz frente à necessidade da venda do piano de sua mãe, por ocasião da falência material de sua família - foi-se o piano, ficou a arte - é muito expressiva, podendo, a nosso ver, ser utilizada em sentido amplo para explicar a própria condição social que se colocou para Fernando de Azevedo a partir desse período.

A imagem do piano para nós pode simbolizar o patrimônio material perdido em 1908/9...

E a arte?

Pode simbolizar aquilo que ficou e que não pôde ser vendido por ocasião da falência material de sua família, isto é, o saber, o conhecimento, enfim, a cultura que tinha acumulado.

Foi-se o patrimônio material... mas ficaram a cultura e uma educação singular que vinha de suas raízes sociais e de seus pais, enquanto famílias educadas dentro dos padrões dominantes, marcadas pela característica cultivada, pelo gosto refinado, por hábitos de classe, e por uma ética até certo ponto senhorial.

Ficou também uma trajetória escolar por ele realizada até esse período, assim como um relativo capital de relações sociais.

A arte que ficou, será fundamental na definição de sua condição social futura. Tinha em si um valor que não poderia ser vendido tão facilmente e

da mesma forma como fôra vendido o piano... Não poderia ser também perdida da mesma forma como seus pais perderam seu patrimônio material.

Mesmo considerando isso, o importante é observar até que ponto a arte que ficou para Fernando de Azevedo e, que continuará a acumular e aperfeiçoar, terá também, enquanto mercadoria, um valor de troca importante no seu futuro.

Apesar dos contratempos ele permanecerá no Colégio Anchieta, sendo que, antes de terminar os exames do 6° ano, resolve deixar o colégio pertencente à Companhia de Jesus e decide entrar para a própria Companhia, tendo como projeto realizar o nascente sonho loyoleano.

A continuidade de seu percurso escolar, nesse momento, vai se dar dentro dessa opção que era a de realizar a carreira sacerdotal.

Apresenta nas suas memórias, como fatores determinantes para essa escolha, a formação humanista que recebia no seu ambiente familiar, que foi continuada e acentuada de uma forma mais sistemática e elaborada no Colégio Anchieta, assim como o fato de ter tido uma pneumonia antes dos exames finais do sexto ano no Colégio. Embora não faça referência, julgamos importante ser considerada a questão da crise financeira que atravessava sua família.

Escreve lembrando quando fez essa opção:

"Estava no último ano do colégio, para onde voltava das férias. Sentia-se diferente, trabalhando por um grave caso de consciência e sacudido entre duas tendências que se contrapunham, disputando-se a primazia e a vitória final. Quando pensava na missão de sacerdote e da de religioso da Companhia de Jesus, ora se deixava seduzir por tudo o que havia de sacrifício e de abnegação, no sagrado mister, ora, como acontecia muitas vezes, vacilava na decisão, diante da tremenda responsabilidade desses encargos. *Domine, non sum dignus*, dizia de si para si, recuando, embora sentisse em si mesmo qualquer coisa de apostolar, de espírito de dedicação ao bem público até o sacrifício. Dessa crise religiosa que já se anunciava no último mês das férias e atingiu o seu

período agudo no colégio e, particularmente no segundo semestre do ano letivo, resultou por fim sua grave resolução, tomada depois de repetidas provas a que se submeteu de entrar na Companhia de Jesus. Alegrou-se sua mãe, que certamente gostaria de ter um filho sacerdote, com a decisão do seu filho". (AZEVEDO: 1973, p.221).

Escreve, ainda, em *História de Minha Vida:*

"Voltando ao colégio, para terminar meu curso secundário, e antes mesmo de fazer os exames do último ano (o 6° do colégio), irrompeu em mim e já com firmeza a vontade de entrar na Companhia de Jesus. De ser um jesuíta. Grande, a alegria com que minha santa mãe, recebeu a notícia. Parecia-me que era chamado. Mas não me lembrava de que *multi sunti vocati, pauci autem, vero electi.* Muitos são os chamados, poucos, porém, são os eleitos. E, como me sentia chamado, já me julgava um dos eleitos". (AZEVEDO: 1971, p.17 e 18).

Nesse momento em que realiza uma decisão importante, o próprio Fernando de Azevedo, conforme se percebe na citação acima, lembra a importância que sua mãe exerceu sobre seu espírito.

Indicado como um fator que o levou à religião, tal aspecto foi fundamental para a sua opção sacerdotal, uma vez que, em diferentes momentos e situações do convívio familiar valores religiosos lhe eram transmitidos.

Parece-nos que sua mãe, no ambiente familiar, exerceu um papel muito forte na sua educação, tendo tido muita competência na utilização do espaço que, nesse período, era reservado à mulher na educação dos filhos.

Fica claro, em suas palavras, que encarava o sacerdócio como uma missão. Seduzia-se por valores que reconhecia, tais como: o espírito de sacrifício e de abnegação. Outras vezes, como afirma, vacilava para decidir frente à tremenda responsabilidade a que se propusera.

A citação apontada nos faz pensar, em se tratando da referência feita sobre a noção de responsabilidade, em como a formação austera que recebia no seu ambiente familiar, aliada principalmente à disciplina rigorosa dos jesuítas, não só nesse momento, exerceu um peso relevante na sua formação educacional.[32]

Essa idéia de missão transparece carregada de qualquer coisa apostolar, ligada ao espírito de dedicação ao bem público até o sacrifício. Fernando de Azevedo percebia nos jesuítas essas qualidades e procurava desenvolvê-las.[33]

Um outro aspecto importante a ser considerado é que o Colégio Anchieta, enquanto instituição social, além de preparar quadros para diferentes setores da sociedade brasileira, preparava também os quadros da própria Ordem, para dar continuidade ao trabalho jesuítico no país.[34]

DO COLÉGIO ANCHIETA PARA A COMPANHIA DE JESUS

---

32 CÂNDIDO (1984), reconhece esse aspecto, lembrando-o como "um exemplo raro de homem que gosta da responsabilidade e cuja lucidez é aguçada, não embotada, pelas dificuldades, porque elas espicaçam o seu ânimo combativo", p. 1.

33 O que nos interessa ao levantarmos isso é retomarmos mais à frente essa idéia, procurando ver quando Fernando de Azevedo vai começar a escrever sobre educação, se ele via transferir a mesma idéia de missão que reconhecia no jesuíta com um intelectual no campo religioso para o pensamento laico no seu trabalho como intelectual no campo educacional. Fernando de Azevedo cria um conceito de educação, laica, como missão secularizada. Essa perspectiva apostolar estaria também presente no seu trabalho educacional exigindo espírito de dedicação ao bem público até o sacrifício. Enfim, o que nos parece importante é ver se no período que esteve sob os cuidados dos jesuítas, educação que recebeu, logicamente aliada à literatura a que teve acesso até o início de sua produção cultural, em que medida atuará para que possa assumir uma ética até certo ponto também missionária no campo educacional?

34 Muitas das indagações que colocamos no conjunto dessa parte do trabalho surgiram do contato com o trabalho que indicamos de MICELI (1979). A referência que faz no capítulo II, com relação ao escritor Lúcio Cardoso foram importantes no sentido da compreensão do significado desse fascínio pelos padres, assim como para a compreensão da perspectiva que viveu esse escritor e outros da Primeira República, no sentido da desclassificação social, cabendo reproduzir o habitus de classe no espaço da reconstrução literária. No estudo que faz no capítulo III, na análise que faz dos educadores profissionais, é interessante observarmos a trajetória escolar de Anísio Teixeira, que assim como Fernando de Azevedo, foi educado por Jesuítas, tendo vivido também a experiência do sonho loyoleano. Mostra MICELI, que, Anísio Teixeira "foi entregue aos cuidados dos Jesuítas, primeiro no interior e depois no Colégio Antonio Vieira em Salvador onde realizou o curso secundário", p. 168 e 169.

Dando continuidade a sua formação escolar e, agora também religiosa, inicia na Companhia de Jesus um plano de estudos, para o qual deveria começar a fazer o noviciado em Campanha, no sul de Minas.

Escreve em *História de Minha Vida*:

"Antes mesmo de terminar os exames do sexto ano do ginásio, já partia do Colégio Anchieta para Campanha, no sul de Minas, onde deveria envergar a roupeta de religioso. Era ali, naquela tranqüila cidade que a Missão da Companhia de Jesus no Brasil mantinha a Casa do Noviciado e de estudos.

Noviciado era como parece ser ainda hoje, um período de dois anos, de experiência e prova do jovem religioso noviço e de adaptação ao regime de vida, às normas e exigências da Comunidade. Religioso que entrasse, era entregue, aos cuidados de um noviço, já experimentado, que tratava de acomodá-lo aos princípios e aos costumes da Ordem e da vida em comum. Anjo da Guarda era o nome que se dava ao noviço mais antigo, a cujos cuidados se confiava a iniciação do principiante, em sua vida de recolhimento". (AZEVEDO: 1971, p.24).

Conforme conta em suas memórias, seu anjo da guarda será Leonel Franca, que tinha sido também seu colega e competidor dos triunfos escolares no Colégio Anchieta, embora não fosse da mesma classe sua.[35]

Afirma Fernando de Azevedo:

"Foi Leonel Franca que o Padre Superior destacou para acompanhar-me e orientar-me nos hábitos da casa, nas práticas religiosas e nos

---

35 Na sua volta ao passado, ao lembrar os seus principais competidores no Colégio Anchieta, isso revela sinal de excelência e de triunfo, dele próprio, dos colegas lembrados e do próprio Colégio Anchieta, no seu papel na formação de quadros para diferentes setores da vida do país, assim como no recrutamento de alunos para a própria Ordem. Esse exemplo, isto é, no caso de Leonel Franca, evidência como o Colégio recrutava no seu trabalho pedagógico e religioso seus próprios quadros dentre seus alunos, que se projetariam na carreira jesuítica no Brasil.

demais deveres. Leonel Franca, que veio a ser um dos mais ilustres jesuítas que já teve o Brasil, vinha do mesmo Colégio Anchieta, precedendo-me de pouco mais de um ano na Companhia de Jesus. Ele, o meu guia seguro, compreensivo e humano, não tardou a integrar-me na vida da comunidade, de que já era modelo de virtudes. Uma Companhia que, além de me ser útil, me fazia bem". (AZEVEDO: 1971, p.24).

Consideramos que a moral austera que recebeu na sua formação no âmbito familiar, assim como no Colégio Anchieta, vai poder ser aprofundada durante esse período que passa em Campanha, fazendo o noviciado.

Escreve sobre o período em *História de Minha Vida*:

"Tudo o que tinha de fazer nesses dois anos, de preparação para os votos, estava feito. Integrado, como me deixou Leonel Franca, na vida religiosa. O noviciado, no fundo, era além de um estágio na vida da Comunidade, uma preparação severa, para os votos que teria de fazer, como realmente o fiz, dois anos depois. Votos de probreza, castidade e obediência. Votos que fazem e renovam todos os jesuítas, e aos quais se acrescenta, para os padres professor, um especial, o de obediência ao Papa. Votos sagrados que fazem e que se obrigam pelo resto da vida, todos os religiosos da Companhia de Jesus - os que se destinam ao sacerdócio, e os que, não tendo qualidades ou estudos que os capacitem para a vida sacerdotal - ingressam na Companhia para os serviços domésticos". (AZEVEDO: 1971, p.25).

Sobre os votos que fez ao concluir o noviciado, escreve:

"Os votos que fiz, concluído o noviciado, foram todos cumpridos nos três anos a mais da vida religiosa. Como, antes mesmo de fazê-los, no período de noviciado. Dos votos de pobreza, castidade e obediência, o de pobreza foi o mais fácil de cumprir. Não devia ter, na Companhia, nada de meu,

nada de minha propriedade. Nem a batina que trajasse nem os livros ou a mesa de que me servisse, nem o relógio que, quando chefe de serviços, me era confiado. Mas de tudo que precisasse - tinha o uso, por todo o tempo, ou pelo tempo que conviesse à administração, que importava a propriedade? Os votos que mais me custaram cumprir (e com que lutas e sofrimentos!) foram o da obediência -, devido a meu espírito de independência até a rebeldia, e o voto de castidade, que me obrigava a lutar, constantemente e por vezes desesperadamente, contra o meu temperamento inquieto, instável, exuberante, se não sensual. Foi à custa de lutas, cilícios e flagelações, que conseguia dominar os apetites da carne, que ora se tornavam mais vivos e exigentes, ora mais brandos e suportáveis. Mas, o que me parecia difícil alcançar, fui conseguindo, afinal, não só a poder de disciplina para o domínio de mim mesmo, de meus nervos e meus instintos, como também pela aplicação cada vez maior e mais intensa do excesso de energias aos estudos e a toda espécie de trabalhos. Os estudos, em primeiro lugar, aulas, leituras, pesquisas e reflexões, e sobre matérias muito de meu gosto, absorviam-me, com as práticas religiosas, a maior parte do tempo e as energias acumuladas". (AZEVEDO: 1971, p.25).

Podemos observar, nas citações indicadas acima, como foi acentuada, ainda mais, a disciplina na sua vida pessoal, e como aprendeu a utilizá-la com o sentido pedagógico de domínio de si mesmo, dos nervos e dos seus instintos. A dedicação disciplinada (educando o esforço, e a determinação da vontade) aos estudos e outros trabalhos nesse período, era também, além do valor que percebia neles, uma forma de aplicação e controle de suas energias, domesticando-as, evitando que essa caminhasse para outras direções.

Realizado o noviciado, fará, em seguida, três anos de cursos de retoricado. Nesse período fez cursos especiais de letras clássicas (grega e latina), de poética e de retórica.

Destaca principalmente entre seus mestres: o padre superior Padre José Danti (Giuseppe Danti) italiano, o Irmão Proni, Zabala, e Leonel Franca, que foi o seu anjo da guarda.[36]

Quando estava concluindo o retoricado, tendo a Ordem o projeto de encaminhá-lo para estudar quatro anos de Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma, Fernando de Azevedo vai sofrer uma crise de consciência, que fará ruir o seu projeto loyoleano.

Escreve lembrando esse período e indicando essa crise:

"Os primeiros anos correlham-lhe sem grandes inquietações. Dir-se-ia que havia adquirido, com os rigores da disciplina religiosa, uma nova natureza. Mas a ilusão não devia durar muito. Sob a pele do religioso que se esforçava para dominar-se palpitava o mesmo coração ardente e apaixonado. Absorvido pelos estudos a que se aplicava com a maior dedicação, como nos tempos de colégio, era nos exames de consciência e nas horas de meditação que se encontrava realmente consigo mesmo e se reconhecia, nos seus conflitos interiores, o mesmo homem que foi o menino e o adolescente, inquieto, rebelde, revoltado. A sua atração pela filosofia, suas idéias angustiantes e sua inquietação interior, agora exacerbada pela sua maior capacidade de espírito crítico, não tardaram a pôr em perigo aquilo que tinha por vocação. Não seria esse o caminho que devia percorrer. Teria de voltar atrás ou orientar-se em outra direção". (AZEVEDO: 1973, p.221 e 222).

Escreve em *História de Minha Vida*:

---

36 Escreve: "O padre-superior era o Padre José Danti (Giuseppe Danti), italiano, homem de grandes virtudes, de uma disciplina ascética, severo, e de notável cultura. Superior, diretor espiritual e mestre, que dominava o latim, o grego, a retórica, a poética e a filosofia. Os irmãos noviços e retóricos, que encontrei ou chegaram depois de mim -, além de Leonel Franca, a quem já me referi, era para citar alguns deles, o Irmão Proni, italiano, que voltando a Roma, ali faleceu ainda jovem (e era um belo rapaz, forte, robusto), um Zabala, espanhol de nascimento, também forte e saudável com quem me encontrei uns trinta anos depois, no Colégio de São Luiz, já na Avenida Paulista, em São Paulo; e dois outros, de origem alemã, que eram os últimos a rir, quando o religioso que lia para todos no refeitório, vidas de santos, dava com uma anedota ou com qualquer frase que provocasse riso...", *História de Minha Vida* (1971), p. 26.

"Levei ao conhecimento de meu professor e do Padre Superior a crise espiritual e moral que me torturava a consciência e exigia, de minha parte, uma decisão. Devia logo procurar o caminho certo: continuar na Companhia de Jesus e ir para Roma, ou renunciar de uma vez à vida religiosa. Estava novamente numa encruzilhada, e não podia tardar minha opção. O Padre Superior entendeu mandar-me para Itaici, perto de Itu, onde tinham os jesuítas uma residência, para naquele recolhimento, fazer quarenta dias de retiro espiritual: exames de consciência, horas e horas de meditação, penitências e confissões; tudo com o objetivo de proceder a uma sondagem de minha verdadeira inclinação. Presentes eu tinha, a toda hora, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia. Por eles, norteava minhas pesquisas, sem preconceitos e sem prevenções. Porque nem eu mesmo sabia bem claramente o que queria ou estava nos meus propósitos. Conhecer-me a mim mesmo, as minhas tendências, para uma resolução definitiva". (AZEVEDO: 1971, p.27).

IDA PARA O COLÉGIO SÃO LUÍZ

É neste colégio que exercerá pela primeira vez o magistério, tendo como incumbência o ensino de várias disciplinas, e a participação na direção da divisão dos médios.

Em *História de Minha Vida*, escreve retratando esse momento:

"Não tendo bastado para isso o recolhimento e o retiro espiritual em Itaici, determinou meu superior que fosse para o Colégio de São Luíz, em Itu,

como provação durante um ano em que exerceria o magistério na qualidade de um escolástico. Escolático era o religioso que, tendo já feito o curso de Filosofia, na Universidade Gregoriana, em Roma, passava a exercer, durante quatro anos, o magístério nos colégios, para voltar a Roma, onde deveria fazer a Teologia na Universidade Gregoriana e receber depois a consagração sacerdotal.

Foi essa uma excelente experiência, porque me ajudou a tomar minha decisão final, a de renunciar à vida religiosa e, além disso, em contato com grandes mestres, contribuiu para me apurar na prática do magistério. Era destacado para substituir professores, em seus impedimentos, reger essa ou aquela cadeira para o qual faltavam professores no momento. E, como era o mais jovem dos professores do colégio e conseguia manter a disciplina em todas as aulas, não só passei a ser respeitado pelos alunos como também observado por meu superior sobre meus métodos e técnicas de ensino e de ação. Acontece que o religioso - que ainda o era, no meu espírito e no meu conhecimento - falava não só com plena consciência de autoridade, mas também, com unção religiosa". (AZEVEDO: 1971, p.27).

Destaca ainda, ter sido nessa sua experiência com o magistério no Colégio São Luíz, que conhece o poeta José Lannes, na época seu aluno, tendo vindo a ser um dos seus maiores amigos e uma pessoa importante na sua vida futura, principalmente a partir de 1917, quando passará a residir em São Paulo, onde realizará sua carreira intelectual.

Conta Fernando de Azevedo que exerceu, no magistério, uma certa influência sobre os alunos, no sentido de estimulá-los nas suas carreiras, destacando em termos de carreira religiosa, o caso de D. José Gaspar de Affonseca, que veio a ser mais tarde Arcebispo de São Paulo.

"ARRIPIA" CARREIRA

Depois desse ano passado no Colégio de Itu, Fernando de Azevedo pôde concluir não estar atravessando uma crise passageira, mas uma crise mais profunda, denominada por ele, e pelos jesuítas que o acompanhavam, como sendo uma crise de vocação. Faz seu pedido de demissão que é aceito pelo Padre-Geral da Companhia.

Escreve em *Figuras de Meu Convívio*:

"A sua demissão dada, a pedido do religioso, pelo Padre Geral da Companhia de Jesus, em virtude de uma crise de consciência, foi precedida como se viu, de todas as provas necessárias para se verificar se tratava de crise passageira ou de sentimento profundo de erro de vocação. Não sofrera quaisquer pressões nesse ou naquele sentido o jovem que se desligara, por sua própria vontade, daquela ordem religiosa de que guarda a mais grata recordação. Esse espírito elementar de justiça, ao reconher os benefícios recebidos, o acompanharia em toda a sua vida, que nunca hesitou em manifestá-lo com franqueza e coragem ainda em situações difíceis e perigosas. Sensível aos menores gestos de atenção, cavalheirismo ou solidariedade, não sabia esquecê-los...

Foi na residência dos Padres Jesuítas junto à Igreja de São Gonçalo, na Praça João Mendes, que despiu a roupeta de religioso para trocá-las (foram momentos de emoção) pelos trajes civis. Antes de se retirar para casa, - e já na hora da despedida, recebeu do Padre Luiz Yabar, Reitor do Colégio Anchieta e seu grande amigo, uma carta comovente em que, entre outras cousas, lhe dizia, em tom profético: "Sei que será um reformador, mas o que peço a Deus é que nunca venha a sê-lo contra a Igreja". (AZEVEDO: 1973, p.223).

Apesar das divergências ocorridas em alguns momentos, o autor comenta os benefícios que essa Ordem trouxe à sua formação, e de como os

conhecimentos nela recebidos foram importantíssimos para o início de sua carreira como intelectual.

Essa forma de volta ao passado, que revela gratidão, sentimento de justiça, sensibilidade aos gestos de atenção, de cavalheirismo, de solidariedade recebidos, revelam traços da formação do intelectual, de sua ética e de seus valores humanistas.

No curso secundário, no Colégio Anchieta, recebeu uma excelente base em termos de conhecimento de sua própria língua, e de línguas clássicas e estrangeiras. Essa base incluía um conhecimento de grego, latim, francês e italiano. Aí, também, pôde ter contato com um tipo de Educação Física, através da ginástica, do esporte e da esgrima, assim como com a importância da formação musical. Como vimos, a concepção pedagógica e de ensino que recebia dos jesuítas incluía a cultura física, moral e intelectual.

Embora nos pareça claro que esses cursos eram direcionados visando a carreira sacerdotal, acreditamos que, tendo ele preocupações intelectuais, já pudesse ir além dos limites desses cursos, procurando investigar de forma mais ampla diferentes aspectos da cultura greco-romana.

Pôde aprimorar seus conhecimentos no período em que, ainda na Companhia de Jesus exerceu o magistério no Colégio São Luíz. Lecionava, quando necessário,: Latim, Português, Literatura e Matemática.

Reiteramos a impressão de que essa formação recebida, em todo esse período em que esteve sob os cuidados dos jesuítas, será importantíssima para o início de sua carreira como professor, jornalista e escritor.

E, como veremos mais adiante, terá um peso relevante quando emerge como intelectual, escrevendo sobre Educação Física, voltando-se para os estudos da antigüidade clássica, assim como também para suas atividades iniciais como professor de latim e literatura, como jornalista de *O Correio Paulistano* e crítico literário de *O Estado de São Paulo*.

Antecipando alguns pontos, que ainda vamos discutir posteriormente, podemos já trancrever a seguinte colocação:

"Portanto, não é de espantar que haja feito nome, inicialmente como conhecedor e cronista da Antigüidade Greco-Romana, mas o fato é que desde logo extraiu do passado um senso firme do presente, que o fazia estar sempre à busca de posições avançadas. Assim a Antigüidade lhe inspirou o culto pela Educação Física, de que foi um dos primeiros teóricos no Brasil, revelando a força educadora da ginástica e do esporte. Aliás ele próprio foi na mocidade bom cavaleiro e esgrimista.

... Do mesmo modo, o humanismo clássico, dentro de cujo estímulo traduziu muitos diálogos de Platão, abriu o seu espírito para a necessidade de reformar a instrução do seu tempo e do seu país". (CÂNDIDO: 1984, p.1).

Ao deixar a Companhia de Jesus na Igreja de São Gonçalo, em São Paulo, o futuro lhe parecia carregado de incertezas e inquietações.

São suas essas palavras:

"Passava então muito jovem, de um mundo de recolhimento, disciplina, obediência e imposições à própria natureza, para um mundo de liberdade em que passaria a ser senhor de mim mesmo". (AZEVEDO: 1971, p.31).

Era claro para o jovem que acabara de deixar o noviciado que, dentro desse novo mundo, em muitos aspectos de maior liberdade, comparado à estrutura institucional jesuítica que deixara, era preciso conquistar um lugar ao sol.

Além da questão relativa ao fato de ter deixado a Ordem, assunto que deveria conversar com sua família, percebemos ser sua maior preocupação, nesse momento, ter conhecimento da situação financeira de sua família que, uma vez melhor constatada, criará para ele a necessidade de arrumar um emprego. A

continuidade de seus estudos no curso superior vai se ligar à possibilidade de ter que conjugar estudo e trabalho.

Afirma: "Devia aí conversar com eles, ver a situação em que se encontravam que era de pobreza, tomar pé e rumar para o Rio onde cuidava que se abrissem melhores perspectivas para uma vida nova. Minha santa mãe que tanto desejava ter um filho padre ou numa ordem religiosa, e tanto se alegrou quando lhe participei minha decisão de me fazer jesuíta, recebeu-me com a mesma compreensão e alegria com que havia cinco anos, me via partir, sem esperanças de me ver tão cedo. Quando parti, para a Companhia de Jesus, era como se lhe ouvisse essas palavras: *Deo dedit, Deo abstulit, benedictus sit Deos.* E, quando voltei, ela bendizia agradecida a Deus por ter voltado. Não passei em casa senão os dias necessários para matar as saudades de meus pais e irmãos, inteirar-me do que se passava em casa, o que foi um estímulo para sair logo à procura de um emprego, para iniciar nova vida e acudir meus pais". (AZEVEDO: 1971, p.31 e 32).

Era preciso adquirir condições para manter-se economicamente, situação na qual não precisava pensar quando estava na Companhia de Jesus. Além de manter-se a si próprio, a posição de filho primogênito, como vimos, se de um lado lhe deu um pouco mais de investimentos, pelo fato de ter podido desfrutar mais tempo de uma melhor situação financeira, agora se inverte, e exige dele que, além da conquista de sua independência econômica, participe, procurando alternativas para a família, ajudando-a financeiramente e no encaminhamento dos irmãos.

Novamente o Rio de Janeiro vai aparecer no seu horizonte. Estudou, nesse Estado, no período do Colégio Anchieta (1903/1909), por desejo dos pais. Agora, tendo a opção um peso maior de decisão sua, é na capital do país, núcleo cultural mais avançado, que Fernando de Azevedo vê possibilidades de abertura

de melhores perspectivas, no sentido de conseguir um trabalho e realizar um curso superior.

Acreditamos que, mesmo considerando a sua pouca idade, e as limitações que lhe deveriam ter sido impostas pela estrutura jesuítica, já nesse período, foram importantes os ecos do cosmopolitismo que pôde observar e vivenciar na cidade do Rio de Janeiro, no seu processo de formação e socialização.

A leitura do livro de SEVCENKO (1983), nos ajuda a compreender melhor a importância que tinha, a capital da República. Ao escrever sobre a inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*, mostra como isso vai se iniciar no Rio de Janeiro, devido a um conjunto de transformações econômicas, sociais e políticas que atingiram todos os setores da sociedade carioca.

A preocupação fundamental que trouxe para o nosso trabalho o texto deste autor, é relativa à idéia de regeneração, processo que os homens que emergem com a República colocarão em prática na capital do país, significando, o novo, no combate ao que consideravam anacrônico na velha estrutura urbana dessa cidade.

Afirma ele, que esse processo vai se tornar viável com a política dos governadores, sendo iniciado com o prefeito Passos e tendo o seu auge na I Guerra.

Também afirma, que embora iniciada essa política na cidade do Rio de Janeiro, fundamentada na idéia de regeneração, deveria se irradiar por todo o país. Explica que esse processo vai atingir todos os setores da sociedade carioca, levando à mudança de hábitos sociais e pessoais.

Continua mostrando como, nesse contexto, o Rio viverá seu processo de aburguesamento, com o predomínio de relações mercantis, irradiando para todo o país, aspectos extremamente agressivos.[37]

---

37 Explica SEVCENKO (1983), que essa idéia de regeneração colocou para a nova burguesia a necessidade de acompanhar o progresso.

Para termos uma idéia de sua importância cultural, vejamos o que SEVCENKO escreve:

"Desde praticamente o início da campanha abolicionista até o início da década de 1920, quase toda produção literária nacional se faria no Rio de Janeiro, voltada para aquela cidade ou com vistas a ela.

Palco principal de todo esse processo radical de mudança, a Capital centralizou ainda os primeiros acontecimentos desde a desestabilização paulatina do Império até a consolidação definitiva da ordem republicana". (SEVCENKO: 1983, p.93).

Acreditamos ter Fernando de Azevedo recebido os ecos da regeneração carioca já no período em que realizou o curso secundário no Colégio Anchieta. Não só nesse período, como nos outros em que viveu no Rio de Janeiro, antecedendo 1917.

Consideramos que a temática da regeneração do país esteve presente, tanto por parte do poder político dominante, como também na literatura brasileira, em autores que realizaram importantes interpretações sobre o país. Não pretendemos desenvolver essa questão, e sim observar que nos parece ter sido relevante essa temática, em tal período, tendo existido posições diferentes na forma de concebê-la e de encaminhá-la.

O primeiro projeto em que Fernando de Azevedo dará continuidade à sua trajetória escolar no Rio de Janeiro, será o de disputar uma vaga na Escola Naval, Itamarati e Marinha de Guerra.

Esse tipo de projeto, embora voltado para carreiras com direções diferentes, tinha algo em comum: eram opções muito próprias de sua geração,[38]

---

38 Apesar de reconhecermos a existência ainda desses aspectos, com relação à carreira diplomática é interessante a observação que faz SEVCENKO (1983). No estudo da implantação da República ao analisar o processo de regeneração da cidade do Rio de Janeiro, ao explicar o novo espírito que esse processo produziu, agitado e trêfego, ao destacar que as novas gerações formadas nesse contexto sofrerão uma mudança nos seus ideais, destaca fazer parte desses novos ideais, o interesse pela carreira diplomática. Escreve, indicando ser no geral, nesse novo espírito, anseio das novas

possíveis de serem almejadas por estudantes que receberam uma cultura típica de elite dominante, através de uma trajetória escolar singular. Acreditamos também, que para a entrada em tais carreiras, nessa época, tinham um certo peso as raízes sociais, sendo valorizados os candidatos provenientes das grandes famílias tradicionais do país.

Escreve:

"Foi para o Rio de Janeiro que parti, na esperança, cedo desenganada de começar minha carreira de estudos e trabalhos. Já tinha então uma cultura literária e humanística, de que muitos poucos jovens podiam gloriar-se. Conhecia bem minha própria língua, sabia o latim e o grego, já tinha cursos de matemática e lógica, além de falar bem o italiano e o francês. Julgando-me bastante preparado e em condições de disputar uma vaga na Escola Naval ou um lugar para começo de carreira, na diplomacia, fui bater às portas da Escola Naval e do Itamarati, para prestar as provas que se julgassem necessárias à minha admissão a uma dessas carreiras, para as quais me sentia perfeitamente habilitado. Talvez mais do que qualquer outro. Sem vaidade ou presunção". (AZEVEDO: 1971, p.32).

Essas tentativas foram seguidas de profunda decepção. Mas, cremos que essa será uma experiência pessoal importante, que vai permitir ao ex-estudante jesuíta começar a refletir sobre o regime político dominante no país, na Primeira República.

Estando certo de que possuía condições de entrar, reconhecendo o seu talento e a arte que possuía, isto é, um relevante saber e uma significativa cultura, viverá, nessa sua primeira experiência, a demonstração de que isso,

---

gerações:"O automóvel, a elegância, o retrato no jornal, a carreira diplomática, resumem em si quase que todos os anseios das novas gerações", p. 96. Explica ele ocorrer nesse processo de regeneração, no novo espírito produzido, "um curioso processo de passagem da vigência social de valores interiores, valores morais, essenciais, ideais, para os exteriores, materiais, superficiais, mercantis", p. 96.

como valor de troca, não era suficiente para sua entrada nessas instituições, no regime político então dominante.

Pôde perceber que, a arte, aliada a suas raízes sociais, marcadas por um certo tradicionalismo, eram fatores importantes, porém, outros critérios aliados a esses, revelavam-se fundamentais.

Nessa primeira experiência que viveu ao deixar a Companhia de Jesus, vai começar a ter uma idéia de que a moral que surgiu com a República, e mais fortemente no processo de regeneração, não será necessariamente baseada na valorização da competência e no princípio de que os mais aptos deveriam ser os escolhidos.

Então, perceberá que os homens de talento, e ele se julgava um deles, nessa sociedade, seriam suplantados por uma moral que favorecia os aventureiros, oportunistas e arrivistas.

Servirá, acreditamos, para constatar em nível ainda inicial, como eram colocados em prática os princípios liberais que defendia de uma forma ainda não elaborada. Essa experiência de exclusão, como outras que viverá em nível pessoal, poderá levá-lo a perceber com o tempo, como na prática, era ambíguo o novo regime e como o liberalismo da Primeira República era altamente excludente e discricionário.[39] Era preciso acrescentar, aos atributos que possuía, também o do apadrinhamento. O talento somado a esse mecanismo daria um resultado perfeito.

Escreve lembrando em suas memórias, essa tentativa:

"Mas, para entrar no Itamarati (na diplomacia), o que importava, na ocasião e por muito tempo, não eram aptidões e conhecimentos. Mas o patrocínio político: a indicação do partido (o P.R.) ou de um homem no poder, como seria um Presidente da República, Ministro ou Presidente de um Estado da União. Não tinha eu, a meu favor nenhuma dessas preciosas, mas para mim indesejáveis indicações políticas. O regime era, o do filhotismo ou nepotismo, o

---

39 Expressões utilizadas por VIANNA (1978).

mais desabusado, por não haver outro com bastante força para ficar no seu lugar! E, quanto à Escola Naval, à Marinha de Guerra, a situação pareceu-me um pouco ou muito pior.

Para as vagas na Escola Naval, tinham preferência os filhos dos oficiais da Armada. Eram quase uma herança de família, de filhos e sobrinhos. E, como eu me dispunha a subter-me à todas as provas, mas não tinha avós ou pai na Armada Brasileira, só poderia nela entrar se já tivessem sido atendidos os filhos das famílias privilegiadas. Somente o que sobrava era para os outros. Minhas preferências voltaram-se desde o princípio, para a diplomacia e para a Marinha de Guerra, por dois motivos principais: o primeiro deles, a atração pelas viagens a países distantes de outros continentes que tanto desejava conhecer. A atração pelo desconhecido. Em segundo lugar, no caso da Armada, o gosto do comando, o exercício da autoridade, com risco de vida, em batalhas em situações difíceis e perigosas. Eu sentia, desde menino, uma atração irresistível para a luta e o perigo. E, no caso da diplomacia, não só como já declarei o gosto de viagem por mundos diferentes, e distantes, mas a atração que sentia, pelas conversações e pelos debates sobre problemas de alcance e interesse nacional e internacional.

Sentia-me atraído para qualquer dessas conjunturas, no meu país ou fora dele, não importa em que mundo estranho". (AZEVEDO: 1971, p.32 e 33).

Malogradas as tentativas feitas para essas diferentes carreiras, Fernando de Azevedo matricula-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, transferindo-se depois Belo Horizonte. Junto com o curso de Direito, nessa cidade, começará a trabalhar em atividades do magistério e do jornalismo.

Com relação a sua saída do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, escreve:

"Sua mudança do Rio de Janeiro - centro de ebulição e agitações políticas para Belo Horizonte - cidade de vida simples, fiel às tradições, de um meio intelectual displicente e motejador, e sua permanência na capital de Minas,

seu Estado natal, tinham de influir como realmente influíram no seu espírito. Aprendeu melhor nesse convívio, a sorrir com malícia e ironia, - o que já era muito do seu feitio intelectual, - e a moderar seus impulsos, provenientes do seu temperamento". (AZEVEDO: 1973, p.228).

Minas Gerais representava, então, segundo ele, as tendências conservadoras, a conformidade, quase sem restrições, com velhos processos políticos, a resistência a toda tentativa de romper com as tradições.

Capítulo 2

EM BUSCA DE REALIZAÇÕES

A EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO

A sua atividade inicial no magistério vai ocorrer quando substitui Benjamim Flôres no ensino de Latim, matéria que lhe é familiar, e na qual tinha uma formação muito sólida.

Isso deve ter sido em fins de 1913, pois é a partir desse ano que localizamos seus nome constando como professor substituto do Programa de Ensino do Ginásio Mineiro.

Após ter ministrado um ano dessa disciplina no Ginásio do Estado e num Ginásio particular[40], segundo ele, pelo fato de ter sido bem sucedido, foi designado também para substituir em seus impedimentos, outro professor, de uma cadeira que não lhe era familiar - Psicologia - cujo professor efetivo era o Dr. Afrânio de Mello Franco, nesse período, deputado federal por Minas Gerais.

Ao explicar como se deu a sua designação para esses cargos, procura manter a mesma posição que declarou ter tido no período em que concorreu à Diplomacia, Escola Naval e Marinha de Guerra.

Como condição de acesso aos cargos que ocuparia, nega ter-se aproximado de pessoas poderosas para procurar indicações e favoritismo político.

Revela, em suas memórias, que seus amigos é que interferiram junto a Júlio Bueno Brandão[41] e ao seu sucessor Delfim Moreira[42], os dois chefes políticos oligárquicos mais influentes, no Estado de Minas Gerais.

---

40 Não indica o nome do ginásio particular.

41 Júlio Bueno Brandão (Ouro-Fino, MG, 1858, Rio de Janeiro, GB, 1931). Homem do Sul, era parente próximo e cunhado de Silviano Brandão, que já tinha sido presidente do Estado. Foi deputado estadual em duas legislaturas após a Proclamação da República. Senador federal em 1898 e vice-presidente do Estado de Minas Gerais no quatriênio 1906-1910. Assume o Governo em outubro de 1908 devido ao falecimento de João Pinheiro. De 1910 a 1914 governou Minas Gerais

Apesar de permanecer a mesma ética kantiana, do período que tentou disputar uma vaga na Diplomacia e na Escola Naval, é possível percebemos que, através do esquema da acolhida dos amigos, ele aceitava a utilização de mecanismos políticos para a sua nomeação.

Assim, para se chegar a ser nomeado professor substituto do Ginásio Mineiro, era necessária a utilização de mecanismos de interferência, de capital de relações sociais, embora em nível menor que os denunciados anteriomente por ele.

Apesar de o cargo ser de Professor Substituto, a entrada como docente no Ginásio Mineiro indicava muito prestígio. Já a questão financeira, em nível do ingresso no funcionalismo público, representava uma colocação séria. Do nosso ponto de vista, também abria espaço para quem tinha preocupações intelectuais, de auto-realização, não só como docente, mas, também, como homem de letras consagrado. Através dessa carreira, era possível, ainda, abrir oportunidades para ambições de ingresso na política[45].

Além do magistério, dedicou-se, também, em Belo Horizonte ao jornalismo[46], sendo colaborador de jornais e revistas. Seu início deu-se de forma

---

45 Ao realizarmos a leitura do Decreto nº 4363, publicado em Belo Horizonte, pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais em 1915, que aprova o regulamento do Ginásio Mineiro, assinado por Delfim Moreira da Costa Ribeiro, na época Presidente do Estado de Minas Gerais e pelo Secretário do Interior do Estado de Minas Gerais, Américo Ferreira Lopes, a impressão que nos ficou é de estarmos lendo um regimento equivalente a de uma universidade pública de hoje, no que se refere à estrutura que tinham esses ginásios. Chamou-nos a atenção também nessa leitura a preocupação que revelava esse regimento com a questão da qualidade do ensino no país. O regimento evidencia rigor na definição clara de funções. O reitor e o secretário, são nomeados pelo Presidente do Estado, existe um órgão colegiado chamado Congregação. A preocupação com a qualidade do ensino, que, nesse período foi uma questão mais fácil de ser enfrentada, pois, os ginásios do Estado, eram colégios de elite. A questão da qualidade do ensino se coloca hoje, a nosso ver, para os educadores, de forma diferente, consideramos que ela deva ser considerada como uma questão fundamental e um desafio que precisamos procurar enfrentar através de uma proposta democrática de Política Educacional. A leitura desse decreto, permite observarmos, como o ingresso nessa carreira não era nada fácil, havendo muita disputa pelas vagas. Ficou-nos, também, a impressão, que, ao mesmo tempo que o governo do Estado oferecia algumas condições que poderiam abrir perspectivas para o desenvolvimento de uma carreira intelectual, ao mesmo tempo, exercia sobre os intelectuais e a instituição controle e poder.

46 O que queremos mostrar é que embora Fernando de Azevedo não tivesse nesse período iniciado sua produção cultural, já unia em Belo Horizonte, a docência com o jornalismo. Essa sua primeira experiência como professor substituto do Ginásio do Estado, portanto, no funcionalismo público, correspondia à trajetória cumprida por muitos homens de letras já consagrados, que também

mais profissional no jornal fundado por Felipe Silviano Brandão, filho do ex-presidente Silviano Brandão, e também sobrinho do presidente Júlio Bueno Brandão[47]. Nesse jornal foi redator, ocupando-se dos comentários políticos.

Fernando de Azevedo, nessa conjuntura, jovem professor, jornalista e estudante de Direito, está em nível político, recebendo as influências das idéias defendidas pela dissidência oligárquica, através da figura política que tanto atingiu a *intelligentzia* brasileira - Rui Barbosa, que tinha no país uma expressão nacional. Julgamos que essas idéias atuaram sobre o futuro intelectual em emergência. Caminhava próximo aos homens de talento, que fizeram a República e que constatavam que o novo regime não realizava, na prática, os seus sonhos[48].

Embora não fosse filiado a nenhum partido político, comenta em suas memórias, ter-se alinhado em favor da candidatura de Rui e a do vice Alfredo Ellis, lançada pelo Partido Republicado Liberal, defendendo-a pela imprensa, apesar dessa posição contrariar a orientação do proprietário do jornal.

---

trabalhavam nas redações dos jornais. Acreditamos que, o jornalismo aliado à docência, criava as condições para ele vir a emergir, mais tarde, como intelectual. Além dos ganhos com o jornalismo terem ajudado na sobrevivência de Fernando de Azevedo, o jornal atuava no sentido de divulgar suas idéias e de criar uma imagem de intelectual.

46 Fernando de Azevedo não cita, em suas memórias, o nome desse jornal. Silviano Brandão, participou da política em Minas Gerais nos anos da implantação da República. No governo de Afonso Pena, foi seu Secretário do Interior, atuando na organização política do Estado. Depois de C. J. Bias Fortes (Presidente do Estado que se seguiu à Afonso Pena) será Francisco Silviano de Almeida Brandão, que veio a falecer no meio do seu mandato. Depois dele, firmam-se na política regional as posições dos homens do sul.

48 Estamos nos referindo aos intelectuais que representaram a chamada "geração modernista de 1870", conforme indicação de SEVCENKO (1983), lembrando-os como os "mosqueteiros intelectuais", ou "paladinos malogrados", que acreditamos foram muito importantes para a geração de Fernando de Azevedo. Escreve esse autor: "Arrojados num processo de transformação social de grandes proporções, do qual eles próprios eram fruto na maior parte das vezes, os intelectuais voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez, a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas como ele se prometia. A palavra de ordem da 'Geração modernista de 1870' era condenar a sociedade fossilizada do Império e pregar as grandes reformas redentoras: a abolição, a república, a democracia. O engajamento se torna a condição do homem de letra", p. 78 e 79. Lembra, que frente a essa geração modernista de 70, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, eram "homens de uma geração mais velha". Essa candidatura era vista como mais próxima do universo de valores como: razão, conhecimento, cultura, talento, inteligência, competência. BOSI (1974), escreve sobre Rui Barbosa, p. 284 a 289.

Conta-nos, que tal atitude, criou no jornal em que era redator, divergências na apreciação dos fatos, levando-o a separar-se do seu fundador e proprietário, Felipe Silviano Brandão. Reconhece, no entanto, que este fato não tirava a simpatia e a benevolência com que o Presidente do Estado, Júlio Bueno Brandão, o distinguia, o mesmo ocorrendo também por parte do seu sucessor, Delfim Moreira da Costa Ribeiro. (AZEVEDO: 1971,p.34).

Embora muito jovem por ocasião do movimento da Campanha Civilista (1909-1910), tendo ele então, apenas 15 anos, cremos que as idéias desse movimento de dimensão nacional, possivelmente já tivessem repercutido sobre ele.

Julgamos, no entanto, que quando Rui Barbosa é o candidato de oposição ao Marechal Hermes da Fonseca e ao vice, o mineiro Wenceslau Brás, essas idéias ganharão corpo e serão defendidas por Fernando de Azevedo com uma maior maturidade e responsabilidade política, no processo sucessório de 1913. Nele, a aliança Minas Gerais - São Paulo, se posiciona contra a candidatura de Pinheiro Machado à presidência da República , realizando, em nome dos dois Estados, o conhecido Pacto de Ouro Fino.

Vimos, portanto, que Rui Barbosa e o ideário liberal que ele representava, marcaram a nova geração. O fato de ser ele também um estudante de Direito, deve ter sido importante na sua opção de apoio a Rui, devido à respeitabilidade que ele possuía entre os estudantes das Faculdades de Direito, assim como, às idéias que representava.

Também não escaparam a ele, nessas campanhas, os ecos das palavras de Júlio de Mesquita que, junto com Rui, procurava atuar sobre as gerações mais jovens, num trabalho que consideravam ser de formação cívica dos moços, caminhando no sentido da defesa da preservação da pureza republicana[49].

---

49 Júlio de Mesquita na imprensa, em *O Estado*, foi o esteio da Campanha Civilista, no Estado de São Paulo. Nessa conjuntura, Rui, na tribuna, exerceu um papel fundamental e Júlio de Mesquita no Jornal. Devido à posição que ocupava Minas Gerais na política federal nesse período, Rui realizou, em Minas Gerais, conferência e discursos importantes, assim como Júlio de Mesquita escrevia notas

Ë importante destacar, portanto, que no processo sucessório de 1913, o autor revela não estar alinhado à candidatura do oficialismo mineiro, que era então a do Vice-Presidente da República, Wenceslau Brás[50], apoiado pelas oligarquias locais e pelos chefes políticos mineiros, figura de destaque no PRM (Partido Republicano Mineiro).

Seus candidatos desistiram do pleito e, através do Manifesto à Nação, fazem uma análise do Governo Hermes. Fernando de Azevedo, no entanto, continua acolhido pelos chefes políticos mineiros.

A condição de professor substituto representava para ele uma situação instável. Sua aspiração era a de se tornar professor catedrático, pensando disputar, em concurso, as duas cadeiras que lecionava.

No caso de Latim, para cujo concurso reunia excelentes condições, só poderia fazê-lo quando vagasse a cátedra, devido ao precário estado de saúde do professor catedrático Benjamim Flôres, afastado justamente por isso.

No caso da disciplina Psicologia, poderia vir a disputá-la um dia quando o professor catedrático Dr. Afrânio de Mello Franco se aposentasse. Lembramos que, na época, este estava afastado devido ao exercício de mandato como deputado federal.

Esses fatos vão, através de própria história pessoal de Fernando de Azevedo, mostrando-lhe como se herdavam posições dentro do funcionamento desse regime político:

Escreve: "Designado para substituir o Prof. Benjamim Flôres, da cadeira de Latim, no exercício desse cargo continuei enquanto estive em Belo Horizonte. O professor que se afastava por doença, tinha sua licença renovada cada ano, por não lhe permitir voltar de suas atividades o seu precário estado de saúde. Era meu propósito disputar em concurso essa cadeira quando vagasse.

---

e artigos importantes em *O Estado*, sobre a adesão do oficialismo mineiro à campanha de 1909-1910 e na de 1913.

50 Será seu companheiro de chapa Urbano dos Santos. Wenceslau Brás Pereira Gomes será presidente da República no período de 15.11.1914 a 15.11.1918.

Mas as circunstâncias e preocupações com um grave problema (a Educação Física) lançaram-me em outra direção.

... Seguiu-se minha designação, por dois anos sucessivos, para substituir em seus impedimentos, o prof. Afrânio de Melo Franco, que, deputado federal, tinha de passar no Rio o período de sua legislatura, na Câmara dos Deputados. Eu o substituía durante esse período, e, encerrados os trabalhados legislativos, retirava-me, dando-lhe parte do que ensinara, da matéria (Psicologia), durante o ano. Mas, reassumindo o exercício do seu cargo nas férias parlamentares que quase coincidiam com as escolares, tinha Melo Franco a gentileza, de, ao presidir a banca examinadora, deixar-me a mim o encargo de examinar os alunos. Mostrava-se muito satisfeito com minha argüição e com os conhecimentos que revelavam os estudantes. Pensei também em ocupar, um dia, em caráter definitivo, essa cadeira. Mas, políticos influentes, chefes do Partido, tiraram-me da cabeça essa idéia. Pois, no dia em que se demitisse ou se aposentasse Afrânio de Melo Franco, seria provavelmente um irmão ou um filho seu que iria ocupar-lhe o lugar como efetivamente se deu.(AZEVEDO: 1971, p.34 e 35).[51]

A instabilidade de sua situação financeira, assim como a de sua família acentuara sua preocupação em conseguir um cargo efetivo, que trouxesse melhoria financeira e estabilidade.

Assim, na busca dessa estabilidade, consegue ser nomeado por Júlio Bueno Brandão, bibliotecário do Ginásio do Estado.

Comentando este fato, assim escreve:

---

51 O Decreto no. 4363, que aprova o regulamento do Gymnásio Mineiro, com relação ao corpo docente reza: Art. 15 - "O corpo docente do Gymnásio sera constituído pelos professores catedráticos, pelos substitutos, pelos mestres de trabalhos gráficos, música e ginástica. O art. 16 diz que serão nomeados: "a) os catedráticos mediante concurso ou sem ele - nos termos dos arts. 54 e 57 e pelo Presidente do Estado; b) os substitutos e os mestres de trabalhos gráficos, música e ginástica, pelo Secretário do Interior. E ainda, o art. 18 estabelece os direitos dos professores. A partir do art. 20 são estabelecidos os deveres dos catedráticos e substitutos, ver p. 15 a 17.

"Embora muito bem sucedido no magistério dessas duas matérias -, Latim e Psicologia -, do Ginásio do Estado, em Belo Horizonte, achei prudente voltar minha atenção, para um cargo efetivo, ainda que menos importante e não tão bem remunerado. Não hesitou o Governo do Estado em nomear-me bibliotecário do Ginásio, que possuía boa biblioteca, mas mal organizada, sem fichas e catálogos. Assumi o exercício desse cargo, para o qual me nomeou o Presidente Bueno Brandão, sem me desligar do magistério, de que só me afastei quando os professores titulares de uma e outra cadeira voltaram a seus cargos ou tiveram seus sucessores, sem concurso, mas em caráter definitivo. O que me sobrou foi o cargo de bibliotecário." (AZEVEDO: 1971, p.35).

Não conseguimos obter em Minas Gerais dados precisos sobre o período em que Fernando de Azevedo foi nomeado para esse cargo e nem quanto tempo ficou. Sabemos que em 1913, seu nome já consta como professor substituto de Latim do Ginásio do Estado. A nossa hipótese é que talvez tenha assumido esse cargo em 1914, conjugando com ela as demais atividades de professor substituto de Latim e de Psicologia. As atividades de professor substituto, ele declara terem sido desenvolvidas em dois anos, portanto, envolvendo aproximadamente, 1914 e 1915.

Explicaremos mais adiante, que ele deve ter ficado pouco tempo como bibliotecário, pois, em 1915, assumiu o cargo, seu irmão Mário de Azevedo.

Como vimos, Fernando de Azevedo se preocupava com a questão da sua estabilidade, mas estava ciente de que, nesse momento de sua trajetória, embora nomeado para o cargo efetivo de bibliotecário, deveria procurar alcançar essa estabilidade num cargo de maior prestígio, mais a altura dos seus conhecimentos e de maior remuneração que era o de professor efetivo do Ginásio Mineiro.

Essa perspectiva vai se abrir ao conhecer a sala de ginástica do Ginásio. Ao criticá-la, Fernando de Azevedo, começa uma campanha pela inclusão de uma nova concepção da mesma no currículo escolar. A cadeira

aparecia, em 1913, com a denominação de Instrução Física e Militar, incluindo ginástica (sueca, sueca de aparelhos, ginástica militar), instrução militar e tiro ao alvo, além de noções de fortificação passageira.

O programa foi aprovado em 23 de agosto de 1913 e publicado pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Para melhor compreender o processo foi necessário recuperarmos a história da criação dessa sala. Pudemos constatar que a Sala D'Armas e Gymnástica, foi inaugurada em 1913, com a presença de Júlio Bueno Brandão e do então Secretário do Interior, Delfim Moreira, tendo sido convidado como orador o prof. Dr. Francisco de Paula, lente de Literatura do Ginásio Mineiro.

No discurso de inauguração da Sala D'Armas e Gymnástica, o Dr. Francisco de Paula, agradece aos poderes públicos estaduais em nome desta escola, síntese do sentir e do pensar do povo mineiro, destacando também, o papel que Minas Gerais deveria ter na formação das gerações novas[52].

Sintetizando esse discurso, podemos dizer que para o orador, quem deveria dar a palavra de ordem, guiar e tomar as responsabilidades do caminho no século XX, deveria ser a instituição, uma vez que, "a escola é a célula matriz: o ponto de partida de todo o empreendimento que vise a grandeza dos povos"[53]

Percebia o orador, a existência de uma ampla crise pela qual passava o mundo, e também a sociedade brasileira, na qual quem, a seu ver, deveria dar a palavra de ordem, procurando responder a interrogação: Que é a verdade? - desvelando caminhos e novas perspectivas, e combatendo o pessimismo que poderia levar ao surgimento do câncer que poderia desagregar o organismo social - era a escola.

Esta atuaria na renovação do pensamento, nos seus diferentes níveis. Nela deveria vingar a civilização, o lugar onde seriam desvelados os novos caminhos. A valorização da escola seria, portanto, o caminho que o orador indicava aos poderes públicos para o desenvolvimento do Estado de Minas

---

52 Discuro publicado em 1914 pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Arquivo Público Mineiro.

53 Cf. discurso do Dr. Francisco de Paula, p. 1.

Gerais, isto é, para a civilização mineira, que o mesmo considerava ser o expoente da civilização brasileira.

A inauguração da Sala D'Armas e Gymnástica, significava, para o orador, um ato de valorização da escola e a mesma sugeria, segundo ele: força, mocidade, robustez, saúde, vida, beleza e, no horizonte a formação de uma consciência luminosa, forte e sã, sadiamente orientada[54].

Segundo ele, a escola atuaria no desenvolvimento desse ideal, criando homens com sentimentos superiores que pensassem nas necessidades coletivas.[55]

Tal sala, tão aceita pelos poderes públicos de Minas Gerais e, acreditamos, pela orientação geral dominante no Ginásio Mineiro, será criticada, em 1915, por Fernando de Azevedo, que, ao ter contato com ela, iniciou uma campanha por uma nova concepção de Educação Física nesse estabelecimento de ensino.

Escreve ele, em suas memórias, lembrando esse episódio:

"De como enveredei pelas atividades de reformador nos domínimos da educação, é uma história que merece ser contada.

Professor e depois também bibliotecário no Ginásio do Estado, não havia ali setor de ensino e trabalho que não procurasse conhecer. Não por mera

---

54 Expressão utilizada pelo Dr. Francisco de Paula no seu discurso, p. 16. Escreve: "Evacilantes, perplexos, atônitos, insensivelmente, ansiosamente, agoniadamente nos acode a perturbadora interrogação: o que é verdade? Srs. presidente do Estado e Secretário do Interior, beneméritos, representantes da civilização mineira que se deve esforçar para ser o expoente do Brasil: se esta pergunta, tem uma resposta, se o homem e suas construções na história tem um destino, só a escola poderá dá-lo e desvendá-lo, à luz vasculadora de toda sombra de dúvida. E essa promessa de Deus, essa esperança do homem se cumprirá no dia em que se fizer de cada coração, de cada lar uma escola, em que se ensine a retidão do espírito no culto, do bem e da justiça; no dia em que a escola refletir, não, as preocupações individualistas, o orgulho estreito e míope do egoísmo enfezado e daninho, não os empuxos das pequeninas paixões subalternas, mas os estímulos superiores da grandeza, da felicidade, da divinização do homem e suas criações histórias. É um ideal que ainda paira alto; mas ... que nos é atingível, prova-o esta homenagem dos poderes públicos mineiros, a inauguração desta encantadora escola, donde ressumbram, em sugestões de força, de mocidade, de robustez e saúde, de vida e beleza, enfim, as suaves e risonhas claridades de uma consciência luminosa, forte e sã, luminosa, forte e sadiamente orientada" p. 16.

55 Colocação feita pelo Dr. Francisco de Paula no seu discurso, p. 17.

curiosidade, mas pelo interesse de ver como funcionavam esses colégios, que espécie de ensino aí se ministrava, qual o regime de disciplina e o tipo de relações entre mestres e discípulos.

Os que conhecia antes, eram dois colégios, o Anchieta em Nova Friburgo, e o de São Luíz em Itu, um e outro dos jesuítas, e mais tarde, o que a Companhia de Jesus mantinha para lançar as bases da preparação ou formação intelectual dos que ingressavam nessa Ordem. Do confronto dessas escolas com um colégio, como o Ginásio do Estado, não tardei a notar diferenças, e grandes, em todo o sistema de organização e nos processos e nas técnicas de ensino. As matérias que se ensinavam podiam ser as mesmas, mas a maneira de encará-las e de as ensinar variava muito dos colégios mantidos por religiosos, como os jesuítas que eu mais conhecia, e os colégios oficiais ou mantidos pelo Governo, como o Ginásio do Estado, que procurava eu conhecer em toda a sua extensão e profundidade.

Ora, nessas investigações a que precedia em todos os setores, vim a dar um dia, como já contei, com a Sala de Ginástica, que estava quase sempre fechada. Pedi que me abrissem, para uma rápida visita. O contínuo ou servente hesitou. Dei então ordem para abri-la, que o diretor do Ginásio, o velho mestre Tomás da Silva Brandão me havia dado licença e autorização para conhecer qualquer dos departamentos do Ginásio -, secretaria, biblioteca, arquivos e outros, como, no caso, a Sala de Ginástica. Entrei, percorri-a toda. Era uma sala de armas -, de espadas e fuzis. Essa ginástica ou Educação Física estava confiada a um militar, o Tenente Abreu, com quem, depois, vim a travar relações. O que se ministrava aos meninos e adolescentes (alunos de 11 a 17 anos) era uma educação militar ou paramilitar, sem qualquer base preparatória para o manejo de armas. Essas demonstrações não eram freqüentes. Tratava-se mais de um aparato para dias de festas ou solenidades oficiais. Já tinha eu sobre o assunto conhecimentos que me permitiam criticar severamente essa deturpação do que se devia entender por ginástica, educação física e atlética". (AZEVEDO: 1971, p.38).

Fernando de Azevedo reconhece já ter, nesse contexto de 1915, devido ao tipo de Educação Física que recebeu no Colégio Anchieta, e com os estudos que pôde realizar na Cia. de Jesus de Língua e Literatura Grega e História da Grécia Antiga, um bom nível de informação sobre essa área de estudos, fundamentada no ideal grego.

Tinha consciência de que o ressurgimento do interesse pela Educação Física, no século XIX, ocorrera sob a inspiração da Grécia Antiga e que esse ideal vinha se renovando até o século XX, adaptando-se às novas exigências das sociedades modernas. (AZEVEDO: 1971, p.38)

Partindo deste ideal, sentia a necessidade do ensino de uma ginástica racional e da importância do combate ao empirismo. Para ele, um professor desta cadeira, teria que ter uma formação teórica sobre essa área de conhecimento e considerar a formação física, parte de uma educação integral.

Faz, indiretamente uma crítica aos poderes públicos de Minas Gerais, principalmente ao tão respeitado Ginásio Mineiro, pela forma como era encarada a Educação Física nesse estabelecimento, uma vez que não era tratada como uma questão científica, mas como uma questão de quartel.

O que se fazia no Ginásio Mineiro, em 1915, estava portanto, muito longe dos fins nobres em termos da Educação Física reconhecida pelo ideal grego e com o qual ele estava naquele momento muito familiarizado.

Nesse aspecto é que se dava a crítica de Fernando de Azevedo. Não era ele contrário a que houvesse exercícios de preparação militar em um programa de Educação Física. O que ele não aceitava era vê-la reduzida totalmente a exercícios militares, que, no seu entender, deveriam fazer parte de um programa de ginástica científica[56].

---

56 Quando mais tarde, mas ainda em 1915, escreve o trabalho *A Poesia do Corpo*, indica que aceitava "a introdução apenas elementar dos exercícios militares, como parte integrante do programa de Ginástica educativa. Não podíamos de fato eliminar a ginástica militar, nem adotá-la in totum num programa educativo. A parte da ginástica militar que comporta redução num método escolar, é a ginástica de marchas e treinamentos, preparatória para o curso de evoluções, esgrima e tiro, que deve ser dirigido por um instrutor militar. Não pretendemos discutir a questão, mas queremos

Dessa forma, resolve ele iniciar uma campanha por uma nova concepção de Educação Física no Ginásio, apresentando, junto ao governo, um projeto de lei. Nesse projeto, estava prevista, em caráter obrigatório, a criação desta cadeira no Ginásio Mineiro, sendo este submetido à apreciação do Presidente do Estado, Delfim Moreira, que a encaminhou a Câmara Estadual dos Deputados.

Escreve:

"Mas o que se fazia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte, era o que havia de mais contrário, se não hostil (sem a quererem) de uma verdadeira concepção de Educação Física. Foi por isso que me rebelei contra o que se fazia ou se pretendia fazer no Ginásio do Estado, naquela desajeitada e perigosa, por prejudicial à saúde -, sala de armas. Na minha reação, forte mas muito refletida, contra esse estado de cousas, instalado no Ginásio Oficial, protestei junto ao Governo, apresentando-lhe uma proposta de projeto de lei, que deveria -, se o aprovasse, submeter, com a devida exposição de motivos, à Câmara Estadual de Deputados.

Foi o que fez o Presidente Delfim Moreira, que a remeteu à apreciação da Câmara, com a mesma exposição de motivos, com que se justificava a proposta. Era tão bem fundamentada essa exposição e o projeto de lei tão bem elaborado que, apresentado pelo líder na Câmara, teve logo repercussão favorável. Nenhuma oposição, nem mesmo debates. É claro que, tendo partido do Governo a iniciativa e não envolvendo o projeto interesses políticos, devia ser, como foi, mais fácil correr os trâmites legais para sua aprovação. Tinha a impressão, e um pouco amarga, que ninguém, na verdade, estava dando importância a essas questões de Educação Física. Nem o próprio Governo, que, em mensagem, submetera o projeto à apreciação do poder

---

indicar que o fato da disciplina "Instrução Física e Militar", estar de 1913 a 1915, sob a responsabilidade de um militar, revela como ainda o Exército possuía muito controle sobre esses estudos no país." Essa posição defendida por Fernando de Azevedo com relação aos exercícios militares será estudada no conjunto das posições defendidas por esse seu primeiro trabalho no capítulo seguinte.

legislativo; nem a Câmara dos Deputados; nem mesmo a imprensa da Capital do Estado. Senti logo nesse desinteresse ou incômodo silêncio que muito teria que lutar para introduzir, em caráter obrigatório, a Educação Física nas escolas, oficiais e particulares, e de todos os graus.

A Educação Física, como eu a entendia e devia ser. Aspiração de rapaz inquieto e que sonhava com grandes coisas, não para si, mas para o país. Nunca pensei em ser um instrumento ou professor de Educação Física. O que me importava e queria era reagir contra o fato de não se cuidar disso nas escolas e de, quando por acaso disso se lembravam, era para fazer da ginástica um arremedo da Educação Física". (AZEVEDO: 1971, p.39)

Como resultado dessa campanha a cadeira Instrução Física e Militar, criada em 1913, e presente no currículo do Ginásio do Estado até 1915, foi substituída pela cadeira Ginástica e Educação Física.[57] O que acreditamos é que em 1915, quando Fernando de Azevedo a desenvolveu, apresentando a proposta do projeto de lei, uniu dois tipos de interesse: o da defesa da causa relativa à Educação Física e a necessidade de renovação desse ensino no Ginásio Mineiro.

Na luta pela criação dessa cadeira, via, também, a possibilidade de disputá-la em concurso, vindo a se tornar professor efetivo, alcançando a estabilidade financeira que necessitava nessa fase de sua vida. Situação difícil de ocorrer nas cadeiras em que era professor substituto.

Escreve:

---

57 Fernando de Azevedo, indica que foi a partir do seu projeto de lei, que, a nova cadeira foi criada . A falta de informações não nos permitiu observar se realmente em nível do currículo do Ginásio do Estado, a nova cadeira criada passou a ser registrada com a denominação de educação física. No documento localizado no Arquivo Público Mineiro, o decreto 4.363, que aprova o regulamento do "Ginásio Mineiro", assinado em 7 de abril de 1915, pelo Presidente do Estado Delfim Moreira e pelo então Secretário do Interior Américo Ferreira Lopes, a referência que é feita é ainda a uma cadeira de ginástica...

"Mas, criada por sugestão minha e minha iniciativa, uma cadeira cujo objetivo seria de orientar a prática de Educação Física, de organizá-la em seguras bases e diretrizes, pareceu-me que era um dever meu disputá-la em concurso. Pois, pela lei só por concurso devia ser provida a nova cadeira, deturpada, desvirtuada, desde logo, em seus objetivos fundamentais.

Mais uma razão para disputá-la em concurso: nas provas a que tivesse de submeter-me, teóricas ou práticas, teria oportunidade para integrar a nova cadeira em seu esquema original e combater as suas deturpações". (AZEVEDO: 1971, p.39).

Inscreveu-se para o concurso.

O CONCURSO

Vai encarar com muita seriedade o período de preparação para o concurso, dedicando-se à elaboração de sua tese.

Além das informações que já possuía sobre essa área de estudos, importa da Europa o que considerava os mais importantes livros estrangeiros sobre a temática.[58]

Novamente na sua trajetória vai aparecer a cidade do Rio de Janeiro. Será nela que passará quatro meses fazendo cursos teóricos na Faculdade de Medicina, assistindo, com licença dos professores, cursos de Anatomia, Fisiologia, Física Médica e cursos práticos em escolas de natação e de

---

58 A bibliografia que utiliza para sua tese de concurso é predominantemente francesa, seguida de uma literatura inglesa e alemã . Na bibliografia há um único livro em português, que não é sobre a temática da educação física, mas sobre Pedagogia. Quando estivermos analisando, no capítulo seguinte, sua Tese de Concurso, que foi seu primeiro livro, com o título: *A Poesia do Corpo*, indicaremos essa bibliografia e poderemos dar uma idéia melhor da seriedade com que encarou esse concurso, destacando a importância que terá esse livro para essa área de estudos no país.

esgrima. Na Faculdade de Medicina assistirá também a aulas de Clínica Médica, sob a responsabilidade do Prof. Miguel Pereira.[59]

A escolha dessa cidade para fazer cursos e escrever sua Tese de Concurso se explica por tudo que já comentamos anteriormente, ao destacarmos a sua importância cultural na vida do país.

Além dos cursos teóricos que buscava para sua fundamentação na elaboração de sua tese, é importante lembrarmos que nela também poderia ter acesso a trabalhos, onde a questão da Educação Física era abordada. A importância da Faculdade de Medicina, enquanto área de influência com relação ao desenvolvimento desses estudos no país, é lembrada pelo autor Victor Marinho de Oliveira, já no período imperial.[60]

Terminados os cursos no Rio, e impressa sua Tese de Concurso, voltou para Belo Horizonte para disputar a cadeira. Será esse o momento decisivo e o mais importante para Fernando de Azevedo, em nível da sua própria história pessoal, no que diz respeito à compreensão da política dominante em Minas Gerais. Viverá, nesse concurso, o que considerou uma grande injustiça da política de Minas.

Escreve:

"Comparecemos às provas, os dois candidatos, eu e o pugilista, cuja tese ficava abaixo da crítica. Na minha defesa de tese, perante a comissão examinadora, os aplausos às minhas respostas às arguições foram tão entusiasmáticos, que por três vezes o Presidente da Comissão, teve de mandar

---

59 A nossa hipótese é que foi nesse período de elaboração de sua tese, nesses cursos recebidos na Faculdade de Medicina, que se iniciou no contato com as idéias eugenistas. É interessante como nas suas memórias não destaca os nomes dos demais professores desses cursos, mas como ainda lembra com carinho e admiração das aulas de Clínica Médica, ministradas pelo Prof. Miguel Pereira. Refere-se a ele nas suas memórias como sendo um notável médico e professor, que reunia a uma grande cultura e erudição uma rara fluência e clareza, de linguagem e exposição. "Ainda hoje poderia repetir pelo tempo (uma hora) que duravam, algumas de suas aulas magistrais". *História de Minha Vida* (1971), p. 40.

60 Indica esse estudioso da questão da Educação Física, no seu trabalho *O que é Educação Física*, (Coleção Primeiros Passos), que duas áreas de influência foram significativas no Império para divulgação das atividades físicas no país: a médica e a militar, p.53.

evacuar a sala para o prosseguimento das argüições. O mesmo repetiu-se na prova didática, de aula e nas provas práticas. Ao outro candidato só faltavam vaiar. De vez em quando uns assobios eram abafados pelo bater do martelo do presidente na mesa. O julgamento já se podia considerar feito, e o foi, com aprovação dos dois candidatos, e a minha classificação em primeiro lugar.

Mas, como a lei permitia ao Governo, nomear qualquer dos aprovados, foi nomeado pelo presidente Delfim Moreira, o candidato pelo qual se batia a política de Barbacena, a cuja frente estavam o velho Crispin Jacques Bias Fortes e o seu filho, já deputado Bias Fortes. Manda chamar-me ao Palácio da Liberdade o presidente Delfim Moreira que teve a gentileza de assistir a parte de minha defesa de tese, e saíra fortemente impressionado com a minha atitude e as minhas respostas que ele dizia brilhantes, magistrais.

Teve de nomear o outro por injunções da política: - "Como vê, Fernando, nem sempre um Presidente é senhor de sua vontade". E, quando lhe anunciei minha resolução de deixar de vez Belo Horizonte, e ir tentar a vida no Rio ou em São Paulo, respondeu-me: - "Onde quer que esteja, serão reconhecidos seus altos méritos. Eu o acompanharei de perto. Levantei-me agradecido. Delfim Moreira levantou-se também para abraçar-me. Sim, era um homem reto e meu amigo. Foi essa injustiça, não como se vê, do Presidente, mas da política de Minas". (AZEVEDO: 1971, p.40 e 41).

Fernando de Azevedo expressa um enorme sofrimento acadêmico quando escreve sobre o concurso. Tendo muita consciência do seu próprio valor, e tendo lutado pela criação da cadeira de Ginástica e Educação Física do Ginásio Mineiro, esse sofrimento é tão marcante, que nas suas memórias, ao relatar sobre o momento desse concurso, sem citar o nome de seu opositor maior, faz referências a ele, ora como sendo uma pugilista, ora desqualificando-o como conhecido por suas ambições de força muscular e lutas corporais. Descreve-o,

como tendo sido um candidato vulgar que nada entendia do problema que procurava pôr em discussão. (AZEVEDO: 1971, p.39).

Sua dor foi tão grande, que ele procurou não mencionar os nomes dos outros dois candidatos inscritos. Quando ele se refere ao pugilista, está querendo dizer: Antonio Pereira da Silva.

O que é mais instigante e curioso, é o fato de ele ter escrito que foram aprovados no concurso, dois candidatos, e que a sua classificação correspondia ao primeiro lugar. No entanto, as atas da Congregação do Ginásio Mineiro, apontam ter sido Antonio Pereira da Silva o primeiro colocado.

Cremos, que, por considerar o resultado injusto, em termos de sua subjetividade, nunca achou tê-lo perdido. É assim que se manifesta, quando se refere ao concurso: "a cadeira não me foi dada."

Verificadas as atas da Congregação do Ginásio Mineiro, estas indicam que os julgamentos parciais da comissão examinadora, aceitos pela Congregação, foram no sentido de proclamar o candidato Fernando de Azevedo, "inabilitado ex-vi do artigo 178 do regimento interno, por haver obtido na prova prática unanimidade de notas inferiores a três"(3,0). Nessa mesma sessão a Congregação proclamou Antonio Pereira da Silva "aprovado plenamente grau sete seiscentos e vinte décimos milésimos (7,0620)".[61]

Após a realização das provas práticas, os julgamentos parcias expedidos, foram colocados em um envoltório fechado, lacrado e rubricado por todos, menos por Fernando de Azevedo, por este ter se retirado logo depois do final de sua prova.[62]

A comissão examinadora desse concurso, responsável pela parte teórica, foi formada por dois professores do Ginásio Mineiro, escolhidos pela Congregação, a pedido do Reitor Thomaz da Silva Brandão, na sessão de 1o. de abril de 1916, lembrando, para isso, o artigo 49 do regulamento. Foram eleitos: o Dr. Virgínio Bhering (9 votos) e Joaquim Francisco de Paula (5 votos). Ainda,

---

61 Acta da sessão secreta para julgamento e classificação dos candidatos ao concurso da cadeira de Gymnástica e Educação Physica, 11/07/1916, p.212.

62 Acta da Congregação do Gymnásio Mineiro, 19/07/1916, p. 210.

nessa sessão, o Reitor solicitou ao Secretário do Interior a vinda de professores de outra instituições para o exame da parte prática. Foram ele: Guilherme Herculano de Abreu, professor de Ginástica do Internato do Colégio Pedro II e o tenente Luiz Tavares Guerrero, professor da disciplina no Colégio Militar de Barbacena.[63]

O concurso teve repercussão na imprensa e as provas foram assistidas por um grande público. O Presidente do Estado e o Secretário do Interior, por decisão da Congregação, foram convidados para assistir as provas práticas dos candidatos. Estes compareceram, e assistiram parte da prova de Fernando de Azevedo e parte da prova de Antonio Pereira da Silva.[64] O fiscal do Conselho Superior do Ensino Federal junto ao Ginásio Mineiro, José Oswaldo de Araújo, assistiu a argüição do vencedor do concurso, e as provas práticas de todos os candidatos inscritos.[65]

Torna-se evidente que, apesar do acesso que Fernando de Azevedo declara ter tido a Delfim Moreira, indicando ser ele parente de parentes seus, na realidade, o por ocasião do concurso, ele não lhe deu apoio, preferindo atender, devido às injunções da política mineira desse período, aos interesses dos Bias Fortes, família que detinha o controle político de Barbacena.[66]

Apesar de não termos tido acesso, em Minas Gerais, à tese do Sr. Antonio Pereira da Silva, o que não nos permite estabelecer uma comparação direta, é indiscutível o grande valor da Tese de Concurso de Fernando de Azevedo, que abriu a perspectiva de inovação desses estudos no país,

---

63 Idem, p. 199 e 200.

64 Idem, p. 210

65 Acta de 11/07/1916, p. 208 e de 19/07/1916, p. 211.

66 O velho Crispim Jacques Bias Fortes foi um político de muita importância na política de Minas, dentro do P.R.M. Esteve à frente do governo no período de 1891 e foi presidente do Estado no período 1894/1897, depois de Afonso Pena e antes de Francisco Silviano de Almeida Brandão. Foi um dos articuladores das eleições de 1914. Teve destaque nesse processo, sendo ele que escreveu a Rodrigues Alves do P.R.P, propondo nessa conjuntura a "união entre os dois partidos", articulação que resultou no Pacto de Ouro Fino, efetivando em nome dos Estados de Minas e São Paulo com relação ao processo sucessório. Atualmente, ainda podemos observar a presença de elementos dessa família na política do Estado de Minas Gerais.

transformando-o, na continuidade que deu aos seus trabalhos, em um dos primeiros teóricos dessa área no Brasil.

A experiência do concurso evidencia que, apesar da sua competência, de sua arte típica de elite dominante, e do peso de suas relações familiares, tudo isso pouco valia como critério, uma vez que lhe faltava força política.

O fato é que, Fernando de Azevedo recebeu em Minas Gerais um apoio mais direto, embora com limites, do ex-Presidente do Estado na época do concurso, Júlio Bueno Brandão (uma das pessoas a quem ele dedica sua tese). No caso de Delfim Moreira, o apoio foi muito mais restrito.

Apesar dessa diferenciação de atitudes, a conclusão a que podemos chegar é que os dois chefes políticos mais importantes da oligarquia, não bancaram sua nomeação, preferindo atender a interesses da política mineira.[67]

Além do mais, Fernando de Azevedo, depois de voltar para Minas Gerais ao deixar a carreira sacerdotal, e após vivenciar as experiências de exclusão no Rio,[68] chegou, inicialmente, a namorar a carreira política, desistindo logo da idéia, pois lhe foi mostrado, e ele adquiriu consciência disso também, que a carreira política era, por essa ocasião, uma questão de herança.

No que diz respeito ao magistério, foi também adquirindo consciência, da falta de perspectivas que possuía em relação ao Ginásio Mineiro, no que diz respeito a disputa, em concurso, das cadeiras em que era professor substituto, principalmente em relação à de Psicologia.[69]

A abertura do concurso para Ginástica e Educação Física, representou a chance que ele ajudou a criar. Por tudo que já foi indicado, e mediante o fato de se considerar mais competente que o outro candidato, acreditou, que seria o escolhido, assim como nomeado.

---

67 Reconhecemos, no entanto, que quem mais diretamente tinha poder de decisão em nível político nesse concurso, era o Presidente do Estado nesse período, isto é, Delfim Moreira.

68 Estamos fazendo referência as tentativas que fez disputando vagas na Diplomacia, Escola Naval, Marinha de Guerra.

69 Lembramos que quando um professor se aposentava, caso fosse aberto concurso, um de seus filhos, irmãos, sobrinhos viria a ocupar esse cargo.

Já reconhecia ele, nessa ocasião, a importância dos concursos enquanto forma democrática de escolha dos mais aptos, dos mais competentes, para a entrada nos cargos públicos, sendo portanto, um crítico dos mecanismos de herança, muitas vezes presentes neles.

Esse era o único caminho possível para que pessoas como ele, que possuíam talento e competência, tivessem acesso a cargos.

Esse seu posicionamento era válido para uma perspectiva mais geral na sociedade brasileira, pois acreditava que, se os concursos fossem realizados com ética, poderiam representar uma via de combate aos mecanismos de exclusão, fundamentados no apadrinhamento, filhotismo e herança, formas tão vigentes nesse período.[70]

A experiência de exclusão desse concurso, frente às demais que citamos, vividas até 1915, parece ter sido a mais grave e significativa, tendo sido decisiva na sua biografia no que se refere ao rompimento com seu Estado natal, Minas Gerais. Foi esse fato responsável por sua tomada de decisão de radicar-se, inicialmente, no Rio de Janeiro. No entanto, será a partir de sua fixação em São Paulo, que encontrará melhores condições para o seu desenvolvimento intelectual, tendo nessa cidade e nesse Estado, realizado sua carreira.

Cremos também, que, em nível de sua história pessoal, essa experiência interligada às anteriores será importante para fazê-lo refletir, ainda mais, sobre o regime político dominante na Primeira República.

Fica-nos a grande dúvida: Fernando de Azevedo foi incompetente no manejo político, ou sua ética o impediu disso? O concurso foi injusto? O seu resultado teria significado a vitória de uma tipo de Educação Física dominante no período? Isso levou a uma vitória, ou não, da prática sobre a teoria?[71]

Além de suas frustrações com a política dominante em Minas Gerais, muito bem evidenciada na história do concurso, parece-nos que ele conhecia as limitações que tinha a cidade de Belo Horizonte, se comparada com o Rio de

---

70 A aceitação desse posicionamento mais geral, a nosso ver, não implicava que Fernando de Azevedo não aceitasse ser nomeado numa situação sem concurso, através de apoio político.

71 Ver SOUZA, (1994), p.57 e 58.

Janeiro e São Paulo. Daí a decisão de mudar-se para centros culturais onde seu primeiro trabalho poderia vir a alcançar um espaço de repercussão maior.

Ao decidir se fixar inicialmente na capital do país, aliou o fato de nela encontrar melhores condições para dar início à construção de sua carreira intelectual, vislumbrando aí, melhores perspectivas de obter um emprego. Esta cidade aparece como um "centro de ebulição e agitações políticas", enquanto Belo Horizonte, como uma "cidade de vida simples, fiel às tradições, e de um meio intelectual displicente e motejador". (AZEVEDO: 1973, p.228).

Reconhece, no entanto, ter Belo Horizonte influído sobre seu espírito quando deixou a carreira sacerdotal, mostrando que, no contexto em que nela se fixou, pôde sentir de perto os velhos processos políticos, a força das tradições e o conservadorismo. Por outro lado, refere-se ao Rio de Janeiro como uma cidade maravilhosa, e revela aí ter deixado grandes amigos. E ainda, destaca alguns mestres[72] da Faculdade de Direito, lembrando suas qualidades e limitações.

Afirma ele que:

"Sua permanência na capital de Minas, seu Estado natal, tinha de influir, como realmente influiu, em seu espírito. Aprendeu melhor, nesse convívio, a sorrir com malícia e ironia, - o que já era muito de seu feitio intelectual, - e a moderar seus impulsos, provenientes do temperamento.

... Mas a vida tranqüila da província não lhe quebrou o espírito revolucionário que antes se avivou, em face das tendências conservadoras, da conformidade, quase sem restrições, com velhos processos políticos e da

---

72 "Certamente, passou a querer e a admirar vários de seus mestres como, para citar apenas alguns da faculdade de Direito de Minas Gerais, um Edmundo Lins e um Mendes Pimentel, eminentes professores e juristas, mas abominava com todas as forças a mentalidade que neles ainda predominava, no conjunto do magistério e no regime de seus trabalhos, como no das relações entre mestres e discípulos. Nada encontrou neles nesse mundo novo que já alvorecia e de que tinha uma antevisão, tão clara e viva que já não lhe permitia sossego. Começou a ler sociologia de que então ninguém falava, e com que estabeleceu seus primeiros contatos através de obras encomendadas da Europa (e com que sacrifício!). Embrenhou-se nos estudos de política e de economia, como no de ciências e de técnica, em geral, sem abandonar, porém, as letras e, sobretudo as letras clássicas, que se distanciavam cada vez mais de suas preocupações fundamentais, mas para as quais olhava com uma espécie de nostalgia. Foi com elas e por meio delas que seu espírito amadureceu", *Figuras de Meu Convívio* (1973), p. 224.

resistência que aí se levantava a toda tentativa de romper com as tradições. Essa situação, em graus e aspectos variáveis, devia ser, na época, a de todo país, mas foi aí que a viu de perto e pôde perceber as forças conservadoras em toda extensão". (AZEVEDO: 1973, p.228).

Quando decidiu aprontar as malas e voltar para o Rio de Janeiro, recebeu, em Belo Horizonte, no Hotel Avenida, um banquete de homenagem promovido por estudantes, professores e amigos.

Conta que, nesse banquete, na sala de jantar se liam, numa grande faixa estas palavras: "À derrota material e à vitória moral de Fernando de Azevedo". (AZEVEDO: 1971, p.41).

Continuando, afirma que esse tipo de homenagem solidária traduzindo, por essa ocasião, a repercussão que teve sua tese de concurso na imprensa do Rio de Janeiro, o compensaram da injustiça sofrida. Como exemplo, temos o comentário feito a este respeito por Lindolfo de Azevedo, em *O País*: "A cadeira não foi dada, mas o livro ficou".

Apesar das lembranças que guardou dessa cidade, voltadas para o período de sua infância, adolescência e mocidade, pudemos perceber, que desde o começo de sua carreira até o final de sua vida, acumulou também lembranças tristes, principalmente em relação ao fato de São Gonçalo do Sapucaí nunca lhe ter reconhecido em vida, o valor de seu trabalho intelectual, não lhe tendo feito nenhuma homenagem.[73]

A constância com que se reporta aos seus familiares são fundamentais para compreendermos as formulações feitas por Fernando de Azevedo a partir da ocasião do concurso, quando inicia a sua produção cultural. Por isso, procuramos escrever sobre as pessoas de sua família, uma vez que estas exerceram sempre um papel importante em sua vida.

Apesar de ele fazer referência ao seu pai de uma forma construtiva, observamos nos seus trabalhos, ser a figura mais lembrada a de sua mãe. Esta

---

73 Não sabemos se esse reconhecimento ocorreu depois de sua morte.

nos parece ter tido uma presença mais forte, em sua formação, em nível familiar, sendo, portanto fundamental, retomá-la nesse momento.

Ela aparece sempre como alguém que se elevou muito na ordem moral uma vez que reconhece nela inúmeras virtudes. Segundo ele, viveu sua mãe dentro da estrutura antiga da família, no silêncio e no recolhimento, condenada por seus próprios encargos à obscuridade.

Revela que esperou muito tempo, depois da morte dos pais, para que adquirida a objetividade e liberdade de juízo, pudesse escrever um depoimento e, em certa medida, uma confissão sobre eles.[74]

Realça, em sua mãe, a presença da simplicidade e modéstia, tendo em sua vida um ideal a atingir que exigia o desenvolvimento da nobreza da cultura do espírito e da alma. Afirma ter ela exercido, sem o perceber, muita autoridade sobre os filhos.

Ela era, segundo ele, uma criatura voltada para o seu mundo interior, possuidora de alto grau de sensibilidade e inteligência. Menciona, lembrando depoimentos dos avós, que desde menina e moça já se destacava pelo recato, piedade, curiosidade intelectual, aptidão à reflexão, nitidez e altitude de pensamento. Já nessa época, revela Fernando de Azevedo demonstrar ela: vivacidade, rapidez de percepção, segurança nas respostas, justeza de julgamentos, facilidade de expressão verbal, gosto pelas letras e pelas artes.

---

74 Afirma: "Poderá parecer suspeito o testemunho de um filho, ainda que em torno da figura de sua mãe haja flutuado uma auréola de sobrenatural e tenha ela morrido em odor de santidade. Mas, se a vida de uma mãe, na família antiga era, em geral, de silêncio e recolhimento, condenada, por seus próprios encargos, à obscuridade, quem poderia falar sobre ela com mais exatidão do que aqueles que acalentou no seu regaço, a que embalou o sono, que criou e educou, num convívio de longos anos, desde a infância até a adolescência? Certamente, depois que, formados, se dispersaram os filhos, serão menos freqüentes e a mais longos intervalos esses contatos com que se apura e se completa o conhecimento dos pais. Mas, não só as ausências inevitáveis nos permitem, recordando-os, ligar melhor os fatos de que fomos participantes ou testemunhas, e refletir sobre eles com mais lucidez, já fora de suas influências diretas, como também, nos retornos à casa paterna, além de voltarmos amadurecidos, outras muito diversas, são as situações em que vamos encontrá-los, e que nos oferecem matéria para novas reflexões. Apesar disso, deixei passar muito tempo, após a morte de um e de outro, para - adquirida a necessária objetividade e liberdade de juízo, - lançar no papel estas palavras que são um depoimento e, em certa medida, uma confissão. Pois as impressões primeiras eram forte demais para que me fosse possível fugir ao poder de suas sugestões sentimentais. (1973), p. 19.

Aliada a essas virtudes que revelam uma pessoa cultivada, destaca, em sua mãe, a têmpera rija do seu caráter que, segundo ele, contrastava com sua fragilidade física, sendo este o aspecto que mais admirava nela.

Reconhece ter ela desenvolvido uma qualidade admirável, a que mais o impressionava: a enorme capacidade que possuía para enfrentar os sofrimentos, isto é, sua grande fortaleza moral, que ele considera ter sido uma fortaleza histórica.

Evidencia essa fortaleza moral, como resultante de sua concepção de mundo profundamente religiosa, proveniente de sua formação cristã, que procurou colocar em prática nos diferentes ângulos de sua vida pessoal, e também na educação de seus filhos. Reconhece que as virtudes de sua mãe, representaram, para ele e os irmãos, um ideal alto demais para ser alcançado.

Acreditava que ela deve ter tido, junto ao pai, muito peso quanto à decisão de encaminhá-lo a uma formação escolar entregue aos cuidados dos jesuítas. Portanto, soube ela, de forma competente e significativa, atuar também em sua formação intelectual inicial e na sua concepção de mundo, fundamentadas em valores cristãos.

A sensibilidade literária a artística de sua mãe e os valores desenvolvidos nesse tipo de educação, devem ter atuado, também, sobre seu irmão Mário de Azevedo, na escolha da carreira de poeta.

Das pessoas de sua família lembradas nos seus estudos autobiográficos, ele destaca, de forma muito significativa, a figura de seu irmão.[75]

Lembra-se muito do irmão Mário, em vários momentos de sua trajetória, tendo escrito no livro *Figuras de Meu Convívio,* na parte primeira, um estudo sobre ele. (AZEVEDO: 1973, p.27 a 36).

---

75 Julgamos que a figura de Mário de Azevedo aparece, a nosso ver de forma mais forte do que a de sua irmã, nos seus estudos autobiográficos, tendo sido uma pessoa com quem Fernando de Azevedo tinha grandes afinidades e que como ele seguia uma carreira ligada a "inteligência", isto é, intelectual, dedicando-se à poesia. Refere-se nos seus estudos à esse irmão como sendo o maior amigo que possuía, tendo representado sua morte uma dor muito grande para o intelectual.

Revela nesse texto que, assim como ele próprio, esses irmãos mais próximos dele pela idade, desenvolveram sua infância num clima espiritual, moral e religioso, de paz e segurança.

Comenta a beleza dos dois irmãos, embora destaque ter sido Mário a criança mais bela. Consta que esses irmãos possuíam um comportamento exemplar, sendo pessoas pacíficas, não dando cuidado aos pais, ao contrário dele, filho mais velho, marcado por um temperamento impetuoso, rebelde e fazedor de estrepolias.

Afirma ainda que, ao chegarem depois dele, pareciam ter vindo como mensageiros da paz, reconhecendo que o convívio com eles atuou sobre seu temperamento e que os mesmos colaboraram no trabalho de seus pais, a fim de conter os ardores e rebeldias do filho mais velho.

Percebia neles qualquer coisa de angelical, pela perfeição de traços e sobretudo pela doçura, e lhes admirava as feições corretas, a boa índole e a serenidade de espírito.

Mostra que sua admiração por eles continuou na adolescência, quando souberam aumentar ainda mais seus atrativos.

Esses seus irmãos tiveram a mesma trajetória sua em termos de formação escolar. No início, receberam a educação elementar em casa, sob a orientação principal de sua mãe, depois foram encaminhados para a realização do curso secundário em colégios internos. A irmã, para a Congregação de Sion, no Rio de Janeiro, e mais tarde em Campanha, no sul de Minas. O irmão Mário, para o Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.

Sobre o irmão Mário, que é a razão desse seu estudo, revela que, apesar de sua inteligência, não foi aluno brilhante. Mostra que era para a poesia e, de modo geral, para a literatura que convergiam seu interesse, já no período do Colégio Anchieta. (AZEVEDO: 1973, p.28 e 29).

O irmão, embora desfrutasse das mesmas oportunidades que ele, em termos de investimento na sua formação escolar, enfrentou a crise financeira

vivida pela família mais cedo que ele, tendo realizado a maior parte do curso secundário no Colégio Anchieta como aluno gratuito.

Além disso, conforme revela, teve Mário de Azevedo que deixar esse colégio no 6o. ano, voltando para Minas Gerais pois:

"a situação penosa da família o chamava para junto dos seus. Sentia o dever de trabalhar para atender à própria subsistência e acudir, na medida do possível, às prementes necessidades de casa, onde já se instalara a pobreza como em sua morada". (AZEVEDO: 1973, p.29).

Será Fernando de Azevedo, quem arrumará emprego para Mário, em Belo Horizonte, passando-lhe o cargo que era seu, de bibliotecário do Ginásio do Estado. Conseguiu, ao renunciar ao cargo, que o Presidente do Estado, nomeasse para o mesmo, seu irmão Mário.[76]

A este respeito, conta que em Belo Horizonte, Mário de Azevedo, no exercício de sua função de bibliotecário, viveu os dois primeiros anos de residência nessa cidade, com algumas compensações e alegria. Conta, ainda, ter morado com ele, no primeiro ano de residência de seu irmão nesta cidade, numa pensão de estudantes.

Afirma ter sido o irmão, neste período de dois anos, um "funcionário exemplar, atento a seus deveres, amigo fiel e companheiro disputado por todos

---

76 Escreve sobre isso no texto *Poesia e Dor*: "Eu era, por essa época, bibliotecário e professor substituto do Ginásio do Estado, em Belo Horizonte. Urgia colocar meu irmão Mário e, diante das dificuldades que surgiram, para lhe obter pequeno emprego, não hesitei na decisão. Renunciei, contra sua vontade, ao cargo de bibliotecário que me rendia duzentos mil réis por mês, para que fosse ele nomeado em meu lugar, como o foi efetivamente, continuando eu como professor substituto de duas cadeiras, - de latim e de psicologia, naquele Ginásio. (...) Embora me tivesse reservado, para resolver o problema, uma situação precária, instável, de duas substituições que poderia perder de uma hora para outra (e de fato, logo após um concurso, deixava Belo Horizonte para tentar a vida no Rio de Janeiro), pareceu-me essa a melhor solução para o caso de meu querido irmão, à procura de um emprego", (1973), p. 29. E ainda, no período em que Fernando de Azevedo , ficou no Rio de Janeiro (mais ou menos quatro meses) fazendo cursos e escrevendo sua Tese de Concurso, foi o irmão Mário que o ajudou financeiramente, dividindo o salário que recebia como bibliotecário.

que dele se aproximavam, professores, estudantes, contínuos e serventes". (AZEVEDO: 1973, p.29).

Revela que, ao contrário dele próprio, que sempre foi um lobo solitário, vivendo uma vida de poucos amigos, Mário era mais acessível, sendo um conquistador de amigos, tanto no ambiente de trabalho, como também nas rodas boêmias e literárias, das quais participou ativamente em Belo Horizonte. Este se impôs, como um genuíno poeta, de largos recursos, tendo muitos de seus sonetos, canções e poemas publicados em jornais e revistas da capital de Minas.

Da fase de mocidade de Mário, conta ele, que os mineiros que mais impressionavam seu irmão, pela inteligência e cultura eram: Pedro Batista Martins, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade.

Os dois primeiros foram amigos de Mário de Azevedo e, com relação a Drummond, Fernando de Azevedo afirma não ter certeza se o irmão chegou a conhecê-lo pessoalmente. O que ele nos conta é que Mário conhecia as poesias de Drummond, apontando, já em sua mocidade, que este viria a se tornar um dos maiores poetas brasileiros.[77]

Mário e Fernando tinham em comum, conforme afirma o autor em estudo, uma irresistível atração pela inteligência. Além dos aspectos afetivos, acreditamos que o grande elemento que unia os dois irmãos, era o fato de estarem realizando carreiras intelectuais.

Revela, nesse texto, que o irmão atravessou também privações, ao mesmo tempo que pôde desfrutar das alegrias de uma mocidade saudável e do convívio de amigos igualmente dados às coisas do espírito.

A trajetória de Mário de Azevedo depois desses dois anos, caminhará por novos rumos, pelo fato de ter contraído tuberculose. Submeteu-se ele a um tratamento fora de Belo Horizonte, o que lhe permitiu sobreviver mais

---

77 O próprio Fernando de Azevedo indica nesse texto não ter convivido ele próprio com Milton Campos e nem ter conhecido pessoalmente Carlos Drummond de Andrade. Conheceu Pedro Batista Martins, mas que por terem temperamentos semelhantes, arrebatados, desentendeu-se muitas vezes com ele, devido a questões políticas e sociais.

quinze anos, doze dos quais morou na casa de seus pais e, com a morte desses, três anos em um hospital. (AZEVEDO: 1973, p.31).

Essa doença foi contraída no seu ambiente de trabalho, no exercício do cargo de bibliotecário no Ginásio do Estado.

Transparece em Fernando de Azevedo, nesse texto, e em outras passagens que escreveu sobre esse episódio, uma profunda tristeza pelo fato de ao resolver um problema para Mário arrumando-lhe um emprego, levou-o à infelicidade, pois foi no exercício dele que contraiu tal problema de saúde, considerado muito grave nesse contexto histórico em que ocorreu.[78]

Assim, as afinidades já indicadas que ligavam Fernando a Mário serão ainda mais fortalecidas por ocasião desse período de doença, quando mais crescerá sua admiração por ele. O comportamento exemplar do irmão, nessa fase, é um fato a ser considerado ao lado dos demais que já mencionamos, para a explicação da presença tão forte dele nos seus estudos autobiográficos.

Escreve, referindo-se a isso:

"No longo período de tratamento, durante quinze anos, dos quais doze em casa até a morte de nossos pais, e quase três em hospital, foi um modelo de conformidade e fortaleza moral. Nenhuma palavra de queixa, nenhum momento de inquietação. Ele, que necessitava de estímulo e conforto, era quem acudia aos outros para animá-los. Essa fortaleza, edificante e comovedora, deram-lhe a fé e o exemplo dos pais e, particularmente, de nossa santa mãe, que se excedeu a si mesma na serenidade do espírito e na dedicação ao filho enfermo. Tratar-se, tratava-se com os cuidados necessários, constantemente assistido dos pais". (AZEVEDO: 1973, p.31).

Revela ele que, durante esse período de tratamento, procurou seu irmão, na medida do possível, continuar trabalhando. Escreveu críticas e

---

78 Escreve Fernando de Azevedo: "para ali foi com saúde e para um emprego, e de lá tornou à casa paterna sem saúde e sem o cargo que seu estado precário já não lhe permitia exercer", (1973), p. 31.

comentários em *O Cambuquira,* fundado pelo jornalista João Toledo.[79] Mostra que, através de sua atuação nesse jornal, contribuiu para que o mesmo ganhasse nova feição, o que lhe assegurou grande sucesso na cidade e no sul de Minas. Também afirma que ele:

"fundou a biblioteca na cidade, realizou Campanhas de Assistência Social, estimulou e orientou obras de interesse público, à administração municipal prestou sempre colaboração, direta ou indireta, reconhecida de maior alcance e valor pelos prefeitos que se sucederam e o tinham por conselheiro" (AZEVEDO: 1973, p.32).

Nesse período, a poesia continuou como sua primeira preocupação, escrevendo também, segundo Fernando de Azevedo , sonetos, canções e quadras populares sentimentais ou humorísticas.

Fernando era um leitor das poesias do irmão e parece ter sido o maior estimulador de sua carreira. Conseguiu reunir, segundo indica nesse texto, algumas poesias escritas dos 16 aos 20 anos, primeira fase de produção de Mário de Azevedo que foram publicadas, em 1919, no livro *Vigílias*, cujo título foi escolhido pelo próprio autor.[80]

É importante lembrarmos que Fernando de Azevedo em 1919, quando foi publicado o livro de Mário de Azevedo, embora estivesse na fase

---

79 Fernando de Azevedo indica que esse jornalista, de espírito combativo, de rara lucidez e coragem, fundou diversos jornais em cidades do sul de Minas e que o mesmo em sua vida lutou contra a política dos coronéis. Foi nessa região segundo Fernando de Azevedo um dos primeiros a romper com o coronelismo. Indica que esse jornalista acabou morrendo assassinado de tocaia, por capangas em Três Corações, crime que ficou impune. Fernando reconhece também no texto *Poesia e Dor* como esse jornalista foi importante para ele, tendo sido um grande estimulador de sua carreira na adolescência. Acreditava em Fernando de Azevedo e esse indica que João Toledo declarava não querer morrer antes das primeiras vitórias de Fernando de Azevedo nas letras e na vida pública. Pode, nos seus jornais acompanhar o início da carreira de Fernando de Azevedo , onde publicou muitos comentários e resenhas sobre seus trabalhos iniciais.

80 Escreve: "Levei os manuscritos a Amadeu Amaral, pedindo-lhe que os lêsse e, no caso de lhe agradarem, escrevesse algumas palavras de introdução. Ele os devolveu com uma carta - prefácio que abre o livro "Vigílias", Editores Weiszflog, (a mesma editora que publicou os primeiros trabalhos de Fernando de Azevedo), (1973), p. 32 e 33. Fernando de Azeveddo foi o responsável para que os versos do irmão fossem publicados na *Revista do Brasil*, também em 1919.

inicial de sua produção cultural, já era um intelectual reconhecido pelos seus trabalhos publicados, através da crítica de jornais e revistas de vários Estados do país.

Frente a realidade da doença de Mário, que rompeu em grande parte a idéia da realização de uma carreira, percebemos Fernando de Azevedo atuou como o maior estimulador de suas energias, lutando para que o mesmo, na sua convivência com a doença, desse continuidade à sua produção intelectual.

Indica, no texto a ele dedicado, ter seu irmão escrito muito no período em que esteve doente, mas que o mesmo destruiu, antes de sua morte, todos os manuscritos, destruição esta que ocorreu quando estava no hospital, devido ao fato de sofrer nessa instituição uma vigilância menor.[81] Segundo ele, esses manuscritos indicavam outra fase do poeta, já em uma perspectiva moderna.

Afirma ainda, ter sido Mário, amigo do intelectual Nelson Werneck Sodré. Conta que, ao escrever o texto mencionado, como uma homenagem ao irmão, enviou cópia a esse intelectual em janeiro de 1967, pois pretendia, antes que este saísse em livro, publicá-lo em revista do Rio.

Em *Figuras de Meu Convívio*, transcreve o depoimento que lhe enviou Nelson Werneck Sodré:

"Li, com grande emoção, o estudo que você escreveu sobre o nosso inesquecível Mário, lembrando-me enquanto lia, dele e de muita coisa que dele me ficou na memória, os gestos de estímulo que me proporcionou, e a aguda

---

81 Escreve Fernando de Azevedo: "Mas o sofrimento físico e moral, talvez um momento de total desilusão, de um lado, e, de outro, a ansiedade, nunca satisfeita na busca de uma poesia cada vez mais pura, mais alta e mais densa, levaram-no, quando percebeu avizinhar-se a morte, a destruir todos os seus manuscritos. Ao procurá-los no hospital soube com imensa tristeza acrescentada à de sua morte, que ele, semanas antes, os havia reduzido a cinzas. Foi uma pena, - grande pena, - que tivesse destruído tudo o que lançara em centenas de páginas e de que tivera eu conhecimento por leitura, feitas por mim ou por ele próprio, de originais verdadeiramente notáveis (...) Mário já estava morrendo havia anos e, quando lhe soou a última hora, quis morrer de todo, destruindo na sua imensa solidão, seus mais caros manuscritos, - o que podia e devia ficar de si mesmo, do seu espírito criador, de seu nobre e alto espírito. E, sem dar palavra a ninguém, nem a seus irmãos mais queridos, para não os sobressaltar e afligí-los. Mas, na verdade, continuou a viver, entre nós, tão vivo, - o irmão, o homem, o poeta, - como se não tivesse morrido", (1973), p. 34.

apreciação dos valores literários, que era um de seus traços melhores e lhe definia a qualidade excepcional. Mário não foi apenas um criatura humana de traços singulares, digna da maior estima e da mais alta consideração, - que sempre mereceu e teve, - mas um escritor que conhecia seu mister ele era devotado. Infelizmente não deixou a obra que podia fazer e lhe teria fixado o nome e o lugar. Só os que o conheceram, sabem quanto valia, e isso é uma pena. O seu trabalho permitirá que as novas gerações saibam que ele existiu e que teve importância; é um serviço à verdade e à cultura portanto. (De uma carta, de 25 de janeiro de 1967, datada do Rio)". (AZEVEDO: 1973, p.36).

No que se refere ao trabalho intelectual de Mário de Azevedo, é preciso deixar claro não termos tido a pretensão de discuti-lo e apreciá-lo. O nosso objetivo consistiu apenas em indicar, a partir dos elementos que apresentamos, ter sido ele uma das pessoas mais significativas na vida de Fernando de Azevedo, conforme pudemos inferir através da análise de seus estudos autobiográficos.

PARTE II

A POESIA DO CORPO

CAPÍTULO 3

A DEFESA DE UMA MORAL AUSTERA

Ao publicar "A Poesia do Corpo" como tese de concurso ao Ginásio Mineiro, Fernando de Azevedo dedicou-o ao então ex-presidente do Estado de Minas Gerais Júlio Bueno Brandão e aos deputados federais Jayme Gomes e Bressane de Azevedo, afirmando fazê-lo "pelas relações de profunda amizade e laços de parentesco que os ligavam"[82].

Dedicou também ao presidente em exercício do Estado de Minas Gerais, Delfim Moreira; dedicou ainda "à Conspícua Congregação do Ginásio Mineiro, como tributo de homenagem e respeito" [83].

Não sabemos se esse tipo de dedicatória dirigida a pessoas pertencentes ao poder político do período era usual nas teses de Concurso do Ginásio Mineiro.

O que queremos destacar, é que a dedicatória de sua tese de concurso ao ex-presidente do Estado de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão e ao presidente em exercício Delfim Moreira, que, conforme indicamos no capítulo anterior, deram a Fernando de Azevedo um certo apoio político, pode ser vista, por um lado, como uma forma de reconhecimento e de amizade, e de outro, como

---

82 AZEVEDO (1915), p. 1.

83 AZEVEDO (1915), p. 2.

um pedido de continuidade desse apoio durante o concurso; com relação aos deputados federais entendemos da mesma forma.

Apesar do que indicamos no capítulo anterior, com relação às posições que Fernando de Azevedo defendia nos seus estudos autobiográficos, no sentido de não procurar achegar-se aos detentores do poder político do período em Minas Gerais, nessa dedicatória é possível observar como o "purismo" é deixado de lado. Mesmo que sua intenção mais clara fosse expressar amizade e o reconhecimento pelo apoio já recebido, o fato revela que ele conseguia ter acesso, dentro de determinados limites, aos poderosos do Partido Republicano Mineiro.

A tese de concurso "A Poesia do Corpo", apresentada sob a forma de livro, divide-se em três partes: a primeira, vem a ser um estudo da questão da educação física, a segunda apresenta as escolas e métodos mais significativos de educação física e a terceira é um estudo sobre a importância do problema da educação física no Brasil, com o levantamento de propostas.

No início do prefácio do trabalho, Fernando de Azevedo, ao referir-se à educação, à tarefa educativa, o faz utilizando a terminologia "missão educativa". Considera, com muita ênfase, ser esta missão educativa uma tarefa admirável e nobre e portanto, complexa, reconhecendo também que bem realizá-la sempre foi uma tarefa difícil. Alerta, entretanto, definindo-a como "mais difícil do que nunca" no contexto de 1915 afirmando que "Os Pestalozzi e os Girard contemporâneos lutam por certo com maiores dificuldades peculiares à quadra que atravessam" [84].

---

84 AZEVEDO (1915), prefácio, p. 11; Jean-Henri Pestalozzi (1746-1827), educador suíço, foi um reformador, no seu tempo, da educação em sentido amplo e da educação física. Seus trabalhos produzidos no início do século XIX (1801 e 1807), fizeram de Pestalozzi um marco da pedagogia dessa época. Suas idéias tiveram repercussão em toda a Europa, em especial na formulação dos princípios para a defesa de uma educação nacional. Fernando de Azevedo, ao lembrá-lo no prefácio aqui mencionado, parece querer indicá-lo como uma referência dos trabalhos que apontavam para a renovação da educação e particularmente da educação física; ao mesmo tempo que faz essa referência, Azevedo alerta os educadores para que eles não confundam os tempos, querendo expressar com isso, a necessidade de que o estudo da educação fosse feito com as devidas considerações do tempo histórico, espaço e estrutura. Com relação a Girard, julgamos que o autor referia-se a Jean Baptiste Girard, também conhecido por P. Gregoire Gérard, pedagogo suíço de Fribourg (1765-1850), amigo de Pestalozzi.

Embora não explicite no texto, acreditamos que Fernando de Azevedo ao destacar ser a missão educativa, em 1915, uma tarefa mais difícil do que nunca, está reconhecendo e indicando que, pensar e realizar essa tarefa, naquela conjuntura, reservava maiores dificuldades, devido às "peculiaridades da quadra", isto é, à realidade da Primeira Guerra Mundial.

A partir disto, podemos entender estar o jovem Fernando de Azevedo, ao viver sua experiência como professor substituto de Latim e Psicologia no Ginásio Mineiro, que abriu-lhe um campo de estudos também ao nível do pedagógico, demonstrando o seu reconhecimento com relação ao trabalho de renovação feito pelos educadores dos séculos XVIII e XIX, que implicou a difusão de procedimentos científicos importantes para o campo educacional entre os quais se insere a questão da educação física.

Entretanto, ao mesmo tempo que reconhecia o trabalho desses educadores dos séculos XVIII e XIX, percebemos que ele, ao escrever seu primeiro trabalho intelectual, contextualiza sua fala, estando preocupado com os "Pestalozzi" e os "Girard" contemporâneos. Estes deveriam pensar e realizar a "missão educativa", tendo em vista as peculiaridades do século XX, enfrentando também as "dificuldades da quadra que atravessávamos", nas décadas iniciais do século XX.

Além da questão crucial da Primeira Guerra Mundial, Fernando de Azevedo procura em sentido mais amplo indicar que, apesar de incorporar os avanços importantes da pedagogia dos séculos XVIII e XIX e das contribuições feitas com relação à questão da educação física, a pedagogia do século XX se transformou, estendendo-se essas transformações que sofreu aos diferentes domínios do campo educacional.

Parece-nos querer ele dizer que os educadores do século XX não poderiam "confundir os tempos". Refere-se, então, já no prefácio, àquilo que vai afirmar no desenvolvimento desse seu trabalho: "Confundimos as idéias, porque confundimos os tempos". Para ele as preocupações que absorviam o espírito dos

educadores no século XX não podiam ser as mesmas que empolgaram os educadores dos séculos XVIII e XIX.

Ele já tinha, em 1915, um significativo conhecimento da literatura que vinha sendo produzida, nos movimentos pedagógicos do início do século XX, por educadores de outros países. Reunia, então, informações de como as circuntâncias que marcaram os tres primeiros lustros do século, estavam provocando nos educadores estrangeiros e também brasileiros que pensavam a questão educacional, a necessidade de uma revisão da função social da escola, de suas técnicas e de sua ação social; a Primeira Guerra Mundial influíra em muitos países, repercutindo na teoria educacional e levando à produção de novos estudos no campo educacional, assim como uma "nova fé" na escola.

Consideramos que, ao fazer referência às peculiaridades difíceis do século XX e principalmente de 1915, que tornava a "missão educativa", além de "admirável, nobre, complexa" e "mais difícil do que nunca", Fernando de Azevedo estava destacando, em termos amplos, tanto o quadro internacional como o nacional. Sua preocupação mais direta, ao indicar essas peculiaridades, era, no entanto, interpretar a nossa realidade endógena, isto é, a tarefa da missão educativa na sociedade brasileira em 1915, procurando destacar o papel da educação física nesse processo.

Escreve, indicando, já no prefácio, como via a conjuntura de 1915:

"Não deixamos de reconhecê-lo. O nível moral baixou, desfibrou-se o organismo, à medida que as idéias também desceram. E, a bem dizer, parece que nem idéias há numa grande parte dos espíritos, há sensações e um sentimentalismo doentio, quando não campeia a moral epicuréia - a moral do prazer, e já os sentimentos e as emoções ameaçam o posto às idéias, esterilizam o espírito, chegam a poluir o pensamento, e quase exclusivamente dirigem o homem, reduzido pela escola positivo-criminalista a um organismo galvânico, diversamente carregado pelo meio social e pela força do atavismo"[85].

---

85 AZEVEDO (1915), p. 11.

Embora, em linhas gerais, na citação que apresentamos, Fernando de Azevedo estivesse também se referindo às peculiaridades que o mundo estava atravessando, julgamos que seu interesse fundamental era o de indicar a sua maneira de ver o que estava acontecendo com relação à sociedade brasileira, na qual reconhecia a ausência de um "ideal" condutor.

Constatava que as "idéias desceram" e, por conseqüência, "baixou o nível moral". Devido a isso, o "organismo" (empregado no sentido de sociedade, através da analogia organicista) encontrava-se "desfibrado"[86].

Existia ainda, nessa conjuntura, na sociedade brasileira, uma concepção de homem fundamentada na "escola positivo-criminalista". O autor reconhecia a importância que a "escola positivo-criminalista" tinha em 1915, nas análises sobre a sociedade brasileira. Ao mesmo tempo em que ele reconhecia sua influência, preocupava-se com as explicações dessa escola, criticando a concepção de homem na qual, ela se fundamentava, que o reduzia "a um organismo galvânico, diversamente carregado pelo meio social e pela força do atavismo"[87].

Essa sua preocupação, que para nós revela uma crítica à forma pela qual essa escola "reduzia" o homem, parece-nos importante, não só pelo fato de ter sido feita em 1915, mas também por ter vindo de um estudante de Direito, pois acreditamos que a as posições formuladas por essa escola deveriam, naquela conjuntura, encontrar grande receptividade nos cursos de Direito do país.

Julgamos que o acesso de Fernando de Azevedo ao estudo dessa escola foi possível em parte pelas suas atividades como professor de Psicologia, mas, especificamente esta fundamentação teórica deve ter sido assimilada pelo autor enquanto aluno da Faculdade de Direito, onde, com quase toda a certeza,

---

86 Ver a esse respeito: SPENCER (1887 e 1901), SCHUTZENBERGER (1850), WORMS (1896), FERNANDES (1967). Com relação ao estudo do organicismo no Brasil, investigando os "elementos intelectuais decisivos para a formação do Estado Brasileiro", ver ROMANO (1979; 1982; 1985, p. 113-124).

87 "A Poesia do Corpo", p. 11.

no Direito Penal deve ter estudado a importância da "Escola Positiva", fundada pelo médico- psiquiatra Cesare Lombroso[88].

Considerava ele, conforme indicamos anteriormente, que dominava no país, em 1915, uma "moral do prazer". Devido ao predomínio dessa moral, acreditando que as ações dos indivíduos eram "aquilatadas e olhadas" na medida que, em si, produziam ou originavam prazer. Preocupava-o o predomínio de uma moral que, levava, em geral, as pessoas a não desenvolverem ações que exigissem "trabalho e sacrifício"[89].

Diagnosticava essas peculiaridades da conjuntura de 1915 considerando que os educadores dessa época deveriam reconhecê-las e atuar sobre elas, transformando-as.

Quanto à educação corporal, entendia que tais peculiaridades levavam como decorrência natural a um "menoscabo" pela educação física no país".

Reconhecendo essa realidade, indicava sobre a "vida nacional" o seguinte "círculo vicioso": "desprezamos a cultura do corpo, porque somos fracos; somos fracos porque desprezamos a cultura do corpo"[90].

Fracos e desfibrados encontravam-se, no seu entender, o organismo social e os organismos individuais. Embora tivesse certeza de que, para a transformação dessa aporia, medidas amplas deveriam ser tomadas, via como contribuição sua para a saída desse quadro e do "círculo vicioso" por ele indicado, o qual mantinha-nos fracos, um processo de "cultura do corpo".

Embora o texto não mencione explicitamente a expressão "crise", julgamos que Fernando de Azevedo via o Brasil, na conjuntura de 1915, como

---

88 Para uma compreensão do significado da "Escola Positiva", lembrada por Fernando de Azevedo, consideramos importante ao nível do Direito Penal o livro de Basileu Garcia, entitulado: "Instituições do Direito Penal", vol. I, Tomo I. Utilizamos a quarta edição desse livro (revista e atualizada) Max Limonad Editor, São Paulo.

89 Escreve, a esse respeito, concordando com um escritor cujo nome não revela: "Anhela-se hoje o prazer, diz um escritor, quando mais alimentam-se ternos afetos e sentimentos agradáveis, e as próprias ações que exigem trabalho e sacrifício não se olham nem se aquilatam, senão pelo prazer que em si tem ou que originam"; v. AZEVEDO (1915), p. 11.

90 AZEVEDO (1915), p. 12.

que atravessando uma situação cultural e sócio-educativa compatível com as noções que esse vocábulo resume.

Antes de analisarmos a postura de Fernando de Azevedo, com relação ao rebaixamento "do nível moral"[91], nos seus aspectos teóricos mais amplos, verificando, ao longo do texto de "A Poesia do Corpo", se ele procura fazer, de uma forma mais sistemática, uma crítica à moral que considerava ser dominante no país na época, consideramos importante, lembrar, inicialmente, que esse tipo de formulação, na direção do "rebaixamento do nível moral", tem raízes na sua trajetória anterior a 1915, em elementos que indicamos no capítulo antecedente.

Destacamos ali - e é importante lembrá-lo de uma forma sintética - que Fernando de Azevedo foi socializado na família, assim como nos colégios por que passou, sob os cuidados dos jesuítas, sob a égide de uma "formação moral austera", fundamentada na valorização de "ações que exigem trabalho e sacrifício". Com essa formação aprendeu a valorizar o "domínio de si mesmo", através do "esforço" e da "tenacidade", e a respeitar a disciplina e a hierarquia, desde que compreendidas nos seus objetivos.

Aprendeu, também, dentro dessa "moral austera", a "valorizar o esforço" no sentido da "educação da vontade" e dos "instintos", visando alcançar o aperfeiçoamento intelectual, moral e espiritual, na busca, diríamos nós, de uma "segunda natureza", que veio a ser adquirida através da educação familiar, continuada pela "disciplina rigorosa dos jesuítas".

Aprendeu, ainda, em sua trajetória escolar, a valorizar a razão na educação. Esta deveria levar o indivíduo ao exercício da razão, pelo caminho da ética.

As formulações no sentido do "rebaixamento do nível moral", explícitas na "Poesia do Corpo" estiveram presentes na literatura do período e foram muito comum nas crônicas publicadas na imprensa da época.

---

91 AZEVEDO (1915), prefácio.

Acreditamos, que alguns intelectuais integrantes da "geração pré-modernista de 1870", estão presentes já no seu primeiro trabalho intelectual e que tiveram importante papel na sua formação intelectual[92].

Não só no contexto da Primeira Guerra, mas já no início da República, muitos intelectuais da "geração modernista de 1870", que lutaram pela República, na medida em que acreditavam que esta levaria à "democratização do regime", fizeram a crítica do mesmo, abordando a questão do "rebaixamento do nível moral".

Alguns desses intelectuais mencionados construíram, através do seu "nacionalismo intelectual", interpretações importantes para esse período sobre o Brasil, em que analisam porque acreditaram na República e como se tornaram, conforme expressão lembrada por Nicolau Sevcenko, "paladinos malogrados", que se decepcionaram com o novo regime, sentindo-se, enquanto "homens de talento", sem espaço no mesmo[93].

Entre os desiludidos, Sevcenko destaca Euclides da Cunha, cuja influência sobre Fernando de Azevedo consideramos muito importante, no início de sua produção cultural. Em "A Poesia do Corpo", Euclides da Cunha aparece como um autor importante a quem Fernando de Azevedo recorre por diversas vezes para pensar e interpretar o Brasil.

O que pretendemos destacar, em linhas gerais, é que Fernando de Azevedo recebeu influência desses "paladinos malogrados" dentre os quais procuraremos indicar, numa perspectiva ainda muito inicial, aqueles que conseguimos identificar como importantes para sua formação.

Sua trajetória até 1915 mostra que ao iniciar a explicitação de suas posições políticas apoiou a candidatura Rui Barbosa, conforme indicamos no capítulo anterior.

Indica Sevcenko, no mesmo trabalho a que já fizemos referência, alguns intelectuais desta geração modernista de 1870 que passaram a rever a

---

92 SEVCENKO (1983), Cap. II, parte 1.

93 Idem, parte II, p. 86-93.

história do seu país e a construir "interpretações sobre o Brasil", procurando exercer a concepção de intelectual que defendiam, que consistia em ser, ao mesmo tempo, "homens de pensamento e de ação"[94].

A crítica relacionada com o "rebaixamento do nível moral", feita por Fernando de Azevedo no prefácio da "A Poesia do Corpo", foi uma constante em intelectuais como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Neto e Monteiro Lobato, que protestavam através dos jornais, contra a "falta de espírito público dos governantes". Denunciavam eles o "favoritismo político" nos empregos e acesso à cargos, a falta de "ideais éticos", "as cavações", o "arrivismo", a falta de "solidariedade social" e de "conduta moral", assim como a perda da "noção de sacrifício", enfim, o individualismo exagerado que passou a existir no "novo regime".

Esses autores, segundo Sevcenko, apontavam em sua crítica a vigência de "velhos costumes políticos", através do "coronelismo", que levava ao nu exercício da "representatividade" que deveria ser própria de um regime democrático, e o fato de que o Estado estava "reduzido ao servilismo político". Daí decorre a "impressão que os críticos da cultura transmitem pela imprensa, a respeito do período, era de se estar atravessando uma profunda crise intelectual e moral, marcada pela mais atroz decadência cultural. Em tom acrimonioso e pessimista, falava-se de 'vazio de idéias' e 'fim de uma tradição'[95].

Esse tipo de crítica que reconhecia a "queda do nível moral" já existente antes de 1915 vai se acentuar no contexto da Primeira Guerra, que favorecia o surgimento de manifestações nacionalistas.

Temos que compreender, portanto, as posições de Fernando de Azevedo, no prefácio e ao longo do livro "A poesia do Corpo", enquanto inseridas numa conjuntura mais ampla. Estamos procurando entendê-las no contexto das propostas nacionalistas que ocorreram nesse período.

---

94 Em colóquio com seus alunos, especialmente Antonio Cândido, referia-se Fernando de Azevedo a Bergson como o autor de sua divisa predileta: agir como homem de pensamento e pensar como homem de ação.

95 SEVCENKO (1983), p. 95.

Parece-nos que foi essa conjuntura, onde se destacava a concepção de que somente o país mais forte sobreviveria, que influenciou o pensamento de Fernando de Azevedo nesse seu primeiro trabalho foi, em grande parte, resultado da Primeira Guerra; em "A Poesia do Corpo", já no prefácio, ele aponta que uma das estratégias para que o Brasil pudesse se tornar uma nação forte, seria através do desenvolvimento da educação física no país.

Ele trabalhará com o conceito de nacionalidade e defenderá a idéia de "regeneração social do país", tendo como estratégia a educação física. Pautava-se ele pela idéia da defesa da "regeneração social" ao nível nacional vendo na escola um espaço relevante para a obra de regeneração da sociedade, sendo que no campo educacional a Educação Física exercia desempenhava um papel muito importante

Em 1915, quando escreveu "A Poesia do Corpo", era muito comum a idéia de que o povo brasileiro vivia uma situação de "nacionalidade depauperada".

Silvia Levi Moreira, mostra que, em geral, nesse período, o jornal "O Estado de São Paulo" publicava artigos propugnando o combate à "letargia" e ao "marasmo" e defendendo a "ação como a estratégia para a salvação do regime". Entre os assuntos mais discutidos nesses artigos se destacavam: educação e escotismo, o voto secreto e obrigatório e o serviço militar obrigatório.

A escolarização, conforme reconhece, essa autora, foi "entre os meios escolhidos" para o "reerguimento nacional", o instrumento tido como "o mais adequado para acelerar o processo histórico", o "recurso" considerado privilegiado para "remediar os males que afetavam o regime republicano"[96].

Em 1915, ao pensamento de que o povo brasileiro vivia uma situação de "nacionalidade depauperada", agregava-se a noção de que o "organismo estava desfibrado".

---

96 Veja-se as considerações que fazem nesse sentido MOREIRA (1982), p. 181; NAGLE (1974) e PAIVA (1983).

Esse tipo de discurso, relacionado com o "rebaixamento do nível moral", está presente em interpretações feitas sobre o Brasil, que julgamos foram importantes para Fernando de Azevedo quando escreveu "A poesia do Corpo" que localizamos principalmente em Olavo Bilac, Coelho Neto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, apesar de eventuais divergências teóricas que apresentem relativamente ao tema.

A eu modo, todos esses autores também criticaram a "moral do prazer", que julgavam dominante na época, e viram a necessidade de serem encontradas alternativas para o país, que consideravam estar atravessando uma séria crise. E, ainda, à sua maneira, criticaram a "moleza", a "indolência", a "ociosidade" e caminharam mais na direção de uma "moral austera".

OLAVO BILAC

Sem pretendermos fazer um estudo aprofundado, mas apenas levantar neste trabalho algumas hipóteses com relação a Olavo Bilac, acreditamos que esse poeta - o paladino da campanha nacionalista - teve grande influência na formação de Fernando de Azevedo.

A emergência das propostas nacionalistas, certamente atuou sobre as posições assumidas por Fernando de Azevedo por ocasião da elaboração do texto de "A Poesia do Corpo".

A idéia do "rebaixamento do nível moral" pode ser observada no texto da conferência de Bilac, feita aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo em 9 de outubro de 1915, sob o título "Em Marcha"[97] e acreditamos que a mesma ecoou sobre o jovem Fernando, então estudante de Direito.

Bilac reconhecia, já no início de sua conferência, a gravidade na situação moral do país.

Preocupava-o o espetáculo apresentado pelas "classes cultas", em cujo seio grassava o egoísmo, cada qual por si, buscando o gozo, a

97 BILAC (1924), p. 116-122.

prosperidade, o brilho, o rápido enriquecimento "seja como for, através de todas as traições, por cima de todos os escrúpulos", enquanto os políticos profissionais, após se locupletarem, se contentavam com a passiva e ridícula vaidade do mando fictício, assim como o que acontecia ao nível das "camadas populares", que, a seu ver, eram "mantidas na mais bruta ignorância", mostrando, "só inércia, apatia, superstição, absoluta privação da consciência". Preocupava-se ele com a realidade dos sertões, onde, na sua visão, os "homens não eram brasileiros" e "nem verdadeiros homens". Preocupava-o estar o país "povoado de analfabetos", assim como a realidade da "instrução primária" e da "instrução profissional". Escreve Bilac a respeito disso:

"Esse é o espetáculo que nos deparam as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na maior bruta ignorância, mostram só inércia, apatia, superstição, absoluta privação da consciência. Nos rudes sertões, os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens: são viventes sem alma criadora e livre, como as feras, como os insetos, como as árvores. A maior extensão do território está povoada de analfabetos; a instrução primária, entregue ao poder dos governos locais, é, muitas vezes, apenas, uma das rodas da engrenagem eleitoral de campanário, um dos instrumentos de maroteira política. Quanto à instrução profissional, - essa, na maior parte dos Estados da União, é um mito, uma fábula, uma ficção. Lembrai-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela imprevidência e pela incapacidade dos legisladores, dando aos escravizados apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a habilitação material e moral para ao exercício da dignidade cívica..."[98]

O que mais preocupava Bilac, que via o tema da educação da juventude como prioritário para a regeneração do país, era a questão da necessidade da "definitiva constituição da nacionalidade", e ele deplorava, então, o fato de não se estar fazendo nada para isso.

---

98 Idem p. 118-119.

Reconhecia em 1908, a existência de um "rebate ansioso e febril" na imprensa e na tribuna, o qual significou um "toque de alarma a todas as energias adormecidas". Referia-se à lei do sorteio militar, que, para ele, "apontou a esperança e estreluziu uma promessa de salvação". Essa lei, para Bilac, não significava a providência completa do serviço militar obrigatório, mas representava um ensaio salutar, isto é, o primeiro passo, "para a convalescença e para a cura". O serviço militar generalizado era o "remédio" para o "definhamento" que se observava no país, o "triunfo completo da democracia" pois "nivelava as classes", significava a escola da ordem, da disciplina, da coesão, o laboratório da dignidade e do patriotismo.

Através de uma série de medidas, a caserna, segundo Bilac, deveria atuar sobre os "rebotalhos da sociedade", regenerando-os em todos os níveis. Era assim que ele se referia à população mais pobre, concentrada nas cidades[99].

---

99 Essa expressão demonstra a forma autoritária pela qual esse intelectual e, junto dele, muitos outros desse período viam o pobre. A forma como a pobreza é encarada por Bilac pode ser observada quando ele faz referência às "classes cultas" e aos "homens do sertão", que ele chama de "humildes". Esses aparecem, como os não "civilizados", vivendo na "absoluta privação da consciência", reconhecendo que os "homens dos sertões", "não são brasileiros", "nem ao menos são verdadeiros homens", "são viventes sem alma criadora e livre, como as feras, como os insetos, as árvores". Esse tipo de formação e de perspectiva política é que explica, em parte, como mais tarde, em 1924, intelectuais como Monteiro Lobato, Fernando de Azevedo, Plínio Barreto, Renato Jardim, Mário Pinto Serva, Paulo Nogueira Filho, encaminham ao então Presidente Dr. Arthur Bernardes, em 9 de agosto de 1924, carta assinada por mais de 19 pessoas, defendendo o "voto secreto", mas o "voto secreto de censo alto". Esse texto é esclarecedor sobre o elitismo que marcou a avaliação que esses intelectuais faziam de si mesmos. Conforme o entender do grupo eles representavam "a elite da nação, a sua parte rica, a parte culta, a parte cérebro, a parte nobre por excelência". Ao defenderem o "vota secreto de censo alto", destacam que: "Um vício mortal mantém cada vez mais vivo o divórcio entre o governo e a elite do país, vício tão grave, que não for corrigido a tempo, arrastará o país a completa ruína. Esse vício é o nosso regime eleitoral de censo baixo. A experiência dos povos demonstra que o sistema representativo só dá benéficos resultados quando o regime é de censo alto. Porque o censo alto é o controle da política pela elite da nação, é o respeito à lei feudal de todos os organismos, é a parte cérebro desempenhando suas funções de cérebro e a parte-músculo (massa bruta, população, gente rural sem cultura nem capacidade de discernimentos) subordinada naturalmente ao cérebro. As várias eleições a que quase assisti assombraram-me". Esta carta, contida em CARONE (1973), p. 128-133, revela que as auto-avaliações dos intelectuais mencionados caminham na direção da "fantasmagoria orgânica", detectada por Roberto Romano, e também na direção do projeto dos liberais por ele analisados, que indicamos anteriormente, o qual procura estabelecer "um campo laico "superior" à massa, criando uma linha de produção das elites dirigentes; é interessante no sentido da indicação de como esses intelectuais atribuíram a si um "poder demiúrgico". Nela o Povo aparece através da utilização de metáforas organicistas como sendo: "Músculo", "Massa-Bruta", "Boçal", "Incapaz de Dever

Eis como Bilac se expressa sobre isso:

"Que se tem feito, que se está fazendo, para a definitiva constituição da nacionalidade? Nada. Os imigrantes europeus mantém aqui a sua língua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deitam raízes, fixam-se na terra, viçam, prosperam. E a nossa língua fenece, o nosso passado apaga-se.

Há sete anos, houve um rebate ansioso e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias adormecidas. E uma lei apontou à nossa esperança o entreluzir de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providência completa do serviço militar obrigatório, ao menos um ensaio salutar, o primeiro passo para a convalescença e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era esse o único providencial remédio para o nosso definhamento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo de militarismo político. O melhor meio para combater a possível supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis: a estatocracia é impossível, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a Escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária, obrigatória; é a educação cívica obrigatória, A Regeneração Muscular e física obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta do "Abc" e do banho, - animais brutos, que de homens tem apenas a aparência e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admirável, em que os

---

Cívico", "Sem Capacidade Natural do Voto, Sem Cultura, Inteligência, Discernimento, Multidão Ignara. As "elites" e dentro dela os "intelectuais", representavam a "Parte Cérebro", a "Parte Nobre". O Povo, enquanto "Músculo", "Massa-Bruta", deveria estar subordinado ao Cérebro (os intelectuais e demais "homens de bem", de "censo alto", que deveriam enquanto "elite da nação", controlar a política pois representavam as partes "Conscientes da Nação". O povo enquanto "Músculo", "Massa-Bruta" era inconsciente, inculto, sem discernimento e imbecil; para uma compreensão das categorias utilizadas nessa carta por esses intelectuais, ver: LOCKE (1971 e 1966); as obras já indicadas de Roberto Romano e também FRANCO (1978 e 1980), CAPELATO (1980, 1986 e 1988).

homens se depuram e apuram: dela sairiam conscientes, dignos brasileiros, esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a massa amorfa e triste de nossa multidão ... Mas nada se fez... O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da Guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, - no dia em que subiu ao supremo poder foi o primeiro a esquecer a sua criação, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quatriênio de lutas estéreis e de politicagem sem moral, - o problema terrível permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um país sem nacionalidade, uma pátria em que não se conhece o patriotismo."[100] (grifos nossos).

No final da conferência, Bilac faz um apêlo para que os estudantes assumam esse ideal de constituição de nossa nacionalidade, unindo-se os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo a todos os moços e estudantes do Brasil, de tal forma que "num exército admirável" fossem "os escoteiros de nossa fé".

Um outro texto de Bilac, que coloca essa idéia do "rebaixamento do nível moral" e que tem como título "O Cancro", constitui um discurso que fez aos estudantes da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 14 de outubro de 1915[101], no qual volta a falar sobre a profunda crise que afeta o país. Utiliza-se,

---

100 BILAC (1924), p. 119 à 121.

101 BILAC (1924), p. 123 à 127. Na utilização dessa "fantasmagoria orgânica" que conforme indicamos anteriormente, através de Roberto Romano, tem como "núcleo a consideração do problema social brasileiro como doença", reconhecemos ser Olavo Bilac privilegiado na elaboração de "metáforas médicas", pois conforme dados biográficos foi estudante de Medicina. Como indica Alfredo Bosi, no estudo que faz de Bilac no livro "História Concisa da Literatura Brasileira", Editora Cultrix, São Paulo, 2a. edição, 1974, ele "começou Medicina no Rio de Janeiro e Direito em São Paulo, mas não terminou nenhum curso" (p. 254) dedicando-se ao jornalismo e a literatura, principalmente à poesia. Declara Bilac nesse texto a que estamos fazendo referência, ter escrito seus primeiros versos quando era estudante da Faculdade de Medicina. Reconhece, ainda, que sua poesia nasceu da "ânsia de saber e da revelação da dor e da piedade" (p. 124). Acreditamos que, embora, em geral, utilizasse "metáforas médicas" em seus textos, nesse a que estamos fazendo referência isso aparece de uma forma ainda mais acentuada o que deve ter ocorrido por ter sido escrito para uma conferência para estudantes de Medicina. É interessante como a utilização do câncer como metáfora é intensa em épocas de crise. Tal imagem usada em 1915 por Bilac, assim como por outros intelectuais do período, é utilizada ainda em 1995 nos discursos políticos, para indicar graves problemas sociais, assim como a idéia de que estamos atravessando uma profunda crise. Determinadas doenças consideradas mais "perigosas", tem sido utilizada em determinados contextos históricos dentro da "fantasmagoria orgânica" para indicar o nível de intensidade das

na sua interpretação, de forma muito acentuada, da "fantasmagoria orgânica", especialmente através da metáfora do câncer.

Escreve Bilac:

"Falo-vos como poeta, e como velho e impenitente estudante. Como poetas, e como futuros médicos, meus jovens irmãos, amai o Brasil, e daí assistência à pátria enferma!

Conheceis, ou conhecereis, entre os casos clínicos, que vistes ou vereis, uma das mais terríveis desgraças do organismo humano, a mais cruel, talvez, de todas as misérias físicas. Um leve endurecimento, a princípio, e uma ligeira corrosão na pele ou na mucosa; em seguida, o alargamento e a penetração do núcleo destruidor; e o tumor lançando raízes envenenadoras, polvo hediondo, dilatando e aferrando os seus tentáculos vorazes, mordendo e triturando os tegumentos, roendo e comendo os tecidos, e a marcha fatal e implacável da ruína, desfazendo as carnes em sanie; e o mal sem cura infiltrando-se em todo o corpo; e o vírus letal intoxicando todo o sangue, mirrando e extinguindo a força; e, enfim, a caquexia, o marasmo, a agonia, e a morte. É o cancro"[102].

Continua Bilac, apontando que o câncer estava presente também no organismo social, no corpo brasileiro:

"Ora, este flagelo do organismo físico existe também no organismo social. As sociedades, como os indivíduos, são as vezes devastadas por essa mesma doença, de sintomas idênticos, de marcha igualmente assustadora, de conseqüências igualmente funestas. É a mesma voracidade, o mesmo enraizamento, a mesma infecção, a mesma discracia, o mesmo depauperamento, a mesma destruição. Este carcinoma da estrutura moral é a indiferença; e os seus tentáculos ferozes insinuando-se, verrumando, terebrando, infeccionando, ressumando uma baba viscosa e mortífera, desagregando e devorando a presa, - são a fraqueza da alma, o desânimo, o egoísmo, a autolatria, o amor exagerado

---

"crises" sociais brasileiras, através de um discurso "preventivo", "profilático" e "regenerador". Atualmente, a AIDS é muito lembrada.

102 BILAC (1924) p. 124-125.

do luxo e do dinheiro, a falta de patriotismo, e o aniquilamento do caráter próprio pelo desdém dos interesses sagrados da comunhão.

Alguns sintomas deste morbo ignóbil já se manifestam em várias zonas do grande corpo brasileiro."[103](grifos nossos).

Destacava ele, ainda, no texto, que, embora até então não tivesse sido descoberto um remédio para o carcinoma físico, ele reconhecia existir remédio para o carcinoma moral e social, que ele julgava ser a doença do período. O antídoto para combater esse mal deveria ser "profilático, regenerador e curativo". Para a mudança desse quadro, deveriam ser desenvolvidas: a crença individual, o entusiasmo pessoal, a coragem cívica. Esta última parecia a Bilac, a "salvaguarda da coletividade, a manutenção e a grandeza da Pátria".

Era preciso debelar a diatese que ameaçava a nacionalidade brasileira. Conclamava os estudantes da Faculdade de Medicina para que, contribuíssem ao nível da ciência médica para que surgisse um salvador que conseguisse combater e prevenir a diatese cancerosa. Conclamava-os no entanto, para o mais grave, isto é, para debelarem, também como salvadores, naquele momento, a diatese que ameaçava a nacionalidade brasileira, para que, além de médicos para os corpos, viessem a ser médicos, também para as almas, isto é, para a "grande alma do Brasil".

Também destaca a fealdade das doenças que acometiam o país na época - a desnacionalização da gente brasileira, a tibieza dos governos, a perda de entusiasmo e a falta de coragem e de fé - no discurso que fez no banquete oferecido pelo Exército, no edifício do Clube Militar, no Rio de Janeiro, em 6 de novembro de 1915. Tal discurso foi publicado com o título: "Ao exército nacional" [104].

Para Bilac, as classes cultas portadoras de instrução, pensamento e consciência, é que deveriam atuar no sentido de contornar a crise existente. As

---

103 BILAC (1924) p. 127-128. A idéia de estar a sociedade "depauperada", conforme indica Bilac nesse texto, julgamos vai na mesma direção que Fernando de Azevedo percebia no prefácio de "A Poesia do Corpo", utilizando a expressão "desfibrada".

104 BILAC (1924), p. 129.

transformações do quadro por ele percebido deveriam ser feitas dentro do regime republicano. E era preciso que, através da união das classes cultas se encontrasse uma terapêutica para a doença nacional, cujos remédios entendia ele serem o tempo, a tenacidade e o devotamento.

A questão da educação do corpo, entendida como moralização do corpo já aparecia em Bilac, através do serviço militar obrigatório, levantando os vários aspectos que ele percebia de filtragem, de aprimoramento, a questão referente à regeneração física e muscular, daqueles que denominava de rebotalhos da sociedade.

A relação entre educação do corpo e processo de trabalho, parece-nos estar sendo discutida no período. Isso não quer dizer, que, esta colocação fosse no sentido da defesa somente da escola como "locus" da produção da educação física, enquanto disciplina de ensino.

Acreditamos que, no contexto da regeneração colocou-se, mesmo que tenha sido de forma difusa, a questão do corpo, assim como as questões da beleza e da fealdade. Enfim, de corpos que deveriam ser civilizados e que eram fonte de preocupação na temática mais geral da constituição da nacionalidade.

Bilac defendia uma nova política para o país que, tal como deparamos em Fernando de Azevedo, deveria ser "filha da moral e da razão"[105].

---

105 Conforme indicaremos posteriormente, isso não escapou à Fernando de Azevedo. Quando reconheceu em 1915 a questão do "rebaixamento do nível moral", a exemplo de Bilac, destacava também os vícios, as fealdades. Esse termo parece-nos ter sido muito utilizado na literatura desse período.

COELHO NETO

Como já indicamos anteriormente, acreditamos existir também a presença de Coelho Neto nesse início da produção cultural de Fernando de Azevedo, tendo sido ele um intelectual importante para aquela geração.

No caso de Coelho Neto julgamos[106] ter isso ocorrido, sendo além do fundador da "Liga de Defesa Estética" um "incentivador dos esportes", e isso podemos observar pelas campanhas que nesse sentido realizou.

Nataniel Dantas[107] escreve sobre Coelho Neto:

"A divisa mens sana in corpore sano foi por ele seguida à risca. Num tempo em que não se praticavam esportes, a vida ao ar livre, em que banho de mar só a conselho médico e, assim mesmo, acolitado por banhistas profissionais do Boqueirão, o escritor fazia pelos jornais e em conferência a apologia dos esportes, da vida ao ar livre, comum entre os gregos. Foi um dos fundadores do Fluminense e deu ao clube das Laranjeiras dois craques, os filhos Mano e Preguinho. O primeiro morreria em conseqüência de um acidente numa partida de futebol e seria a razão de um livro comovente, Mano. Preguinho passou à história do atletismo como um dos mais perfeitos, nunca superado pelos pelés da vida".

Propõe ainda, esse autor:

"...se os reservistas têm em Olavo Bilac o patrono pela campanha em favor do serviço militar obrigatório, por que Coelho Neto não pode e nem deve ser dos nossos desportos? Que se convoquem os advogados, os

---

106 Conforme afirmamos anteriormente não pretendemos realizar um estudo aprofundado sobre as influências literárias recebidas por Fernando de Azevedo por ocasião de sua emergência como intelectual. Nessa parte a exemplo de Bilac, estaremos apenas indicando em que sentido consideramos Coelho Neto como uma presença importante no início da produção cultural de Fernando de Azevedo.

107 DANTAS (1984), p. 28. Lembra, Dantas, também nesse artigo, que entre as campanhas culturais do escritor pelos jornais destacava-se a que resultou no Conservatório Dramático (para formação de atores - lembra que entre os alunos mais conhecidos de Bilac, destacava-se Procópio Ferreira). indica que Coelho Neto participou da idéia da criação do Teatro Municipal e da Academia Brasileira de Letras.

advogados-do-diabo e se faça um levantamento de sua ação, de suas campanhas, pois agiu sozinho, sem patrocínio, num tempo em que não havia MEC e nem Olímpiadas, e a educação andava entregue às responsabilidades do Ministério da Justiça! Uma medalha, uma prova, uma coroa de louros, uma taça, um estádio Coelho Neto, que o próprio Fluminense esqueceu de lhe dar o nome. Por que não?"[108].

Julgamos, como mostra Nicolau Sevcenko no livro a que estamos fazendo referência, ter sido Coelho Neto um intelectual importante no contexto da "Regeneração", isto é, do processo que se iniciou na cidade do Rio de Janeiro.

Esse autor lembra ao estudar o processo de regeneração, "o pioneirismo de Luiz Edmundo, à frente da sua Liga Contra o Feio, já em 1908, e Coelho Neto liderando a Liga de Defesa Estética, em 1915"[109].

Consideramos, que a literatura produzida no contexto da "regeneração" por muitos autores devia estar colocando, embora de forma muito difusa, a questão da educação física enquanto caminho para a "regeneração física e social".

Em período posterior, ao coberto por essa pesquisa, Coelho Neto se corresponderia com Fernando de Azevedo, lutando para encaminhá-lo à Academia Brasileira de Letras[110].

Atesta, a esse respeito, Fernando de Azevedo em suas memórias:

---

108 DANTAS (1984), p. 29.

109 SEVCENKO (1983), p. 37. Esse autor destaca ter se tornado Coelho Neto (1864-1934), "passados pouco mais de dez anos" após a Proclamação da República, uma das "personalidades mais eminentes", o que nos faz reconhecer que sua "desilusão" com o novo regime tenha durado pouco. Com a "fissura" ocorrida no grupo intelectual, Coelho Neto deixou de representar a tendência que assumiria a "tradição engajada da "geração de 70", situando-se como pertencentes à tendência que assimilou a nova sociedade, à camada dos vencedores, "o filão letrado que se solda aos grupos arrivistas da sociedade e da política, desfrutando a partir de então de enorme sucesso e prestígio pessoal, elevados a posições de proeminência no regime e de guias incondicionais do público urbano" (p. 103). Faria parte então da nova camada dos "plenamente assimilados à nova sociedade, os favorecidos com as pequenas e grandes sinecuras, os habitos das conferências elegantes e dos salões burgueses, de produção copiosa e bem remunerada. Autores da moda porque assumem o estilo impessoal e anódino da 'Belle époque' (p. 103-104).

110 Fundada no Rio de Janeiro em 1897. SEVCENKO (1983), p. 94, indica ser no contexto da Regeneração, mais especificamente em 1905, que a Academia Brasileira passou a ser realmente considerada uma "grande instituição das Letras", passando inclusive a ter sede própria.

"Quem teve a primeira lembrança de me levar para a Academia Brasileira, foi Coelho Neto, com quem já me correspondia e que veio a São Paulo, em 1923, para conversar comigo sobre o assunto. Entendia ele, que devia reunir em volume os estudos que vinha publicando no Correio Paulistano, sobre a antigüidade latina, para me ir dispondo a apresentar-me candidato a uma das vagas que aparecessem na Academia Brasileira. Foi ele quem sugeriu o título para esse livro de ensaios: No Tempo de Petrônio. Aceitei a sugestão e Coelho Neto ficou de procurar, no Rio, o editor e mandou-me a minuta da escritura. Mas acontece que a Editora Livraria Castilho, que se propunha a publicar o livro, requereu falência. Pedi então a Coelho Neto não recorresse a outra editora para não se dar o que acontecera com a Livraria Castilho ... Procurei então a Livraria da Globo, dos Irmãos Marrano, à Rua Líbero Badaró, que se propôs a lançar, como lançou, a primeira edição de "No Tempo de Petrônio", dedicada a Coelho Neto"[111].

Continua Fernando de Azevedo:

"O que desejava Coelho Neto, quando me sugeriu reunir esses ensaios e publicá-los, era facilitar o lançamento de minha candidatura à Academia Brasileira. Tinha eu, então, apenas um livro editado pelos Irmãos Weissflog Incorp., Da Educação Física - O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser, que alcançava grande sucesso de livraria e fôra largamente comentado em jornais e revistas. Se a esse volume, com ilustrações de Thorwald Rasmussen, se acrescentassem uma conferência sobre atlética e um ensaio sobre A evolução dos esportes no Brasil, publicado em O Estado de São Paulo, na edição comemorativa da Independência do Brasil, era a isso que se reduzia toda minha obra publicada em livro e opúsculos. É certo que, a essa altura (1922), já começava a escrever os rodapés de crítica literária no O Estado de São Paulo, para onde me transferira do Correio Paulistano, em que iniciara em São Paulo minha carreira jornalística. Mas a publicação em volume, de meus estudos sobre a antigüidade romana a que Coelho Neto dava uma tenção

111 AZEVEDO (1971), p. 201.

especial, só podia reforçar as bases de sustentação de minha candidatura à Academia Brasileira. Daí o interesse do eminente escritor por esse novo livro, para o qual me sugerira o próprio título e procurou editor, no Rio de Janeiro.

Foi, porém, mais longe Coelho Neto no empenho, com que tanto me cativou, de levar-me à Academia. Como, por várias vezes lhe havia declarado abrindo-me com ele, que não gostaria de disputar uma cadeira, por entender que honrarias se concedem e não se disputam, - propôs ele importante modificação nos estatutos acadêmicos. A saber: verificada uma vaga, em vez de abrirem logo inscrições para apresentação de candidatos, ter-se-ia de proceder a eleição, de um nome indicado por dez acadêmicos. Se o nome apontado pelos dez conseguisse os votos necessários para atingir a maioria absoluta, seria considerado eleito e o Presidente da Academia se encarregaria de participar sua eleição ao escritor ou poeta escolhido sem se ter apresentado candidato. Somente no caso de não se conseguir a maioria o nome apontado para a Cadeira, é que se abririam as inscrições para apresentação de candidatos. Essa proposição, recusada in limite, na ocasião, foi lembrada, restabelecida e aprovada para a eleição do Presidente Vargas e, pouco tempo depois, rejeitada, voltando-se, por essa forma, ao antigo e exclusivo sistema para o provimento de vagas na Academia Brasileira"[112](grifos nossos).

Apesar de explicitar em suas memórias que ao nível pessoal não se interessava pela disputa de honrarias[113]esse fato indica como, já muito cedo

---

112 Azevedo, Fernando, HISTÓRIA DE MINHA VIDA, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1971, p. 201-202.

113 Ao escrever sobre essa conjuntura e suas lutas pela entrada na Academia Brasileira de Letras, o que vai se consumar, apenas em 1961, o próprio título que dá a esse capítulo: "A Consagração DE UMA VIDA LITERÁRIA" (Parte Sétima, Cap. IV) indica como sua volta ao passado ele via isso como realmente uma "consagração". Acreditamos, que já em 1923 entendesse assim sua entrada para a Academia e que lutou por essa "honraria", embora procure, em suas memórias destacar que sua ética o impedia de disputá-la, de lutar por ela. Escreve nesse sentido nesse capítulo: "Nunca disputei honrarias e distinções nem mesmo cheguei, em qualquer momento, a acariciar, em silêncio, a idéia de recebê-las. Rondaram-me muitas vezes sem conseguirem despertar-me qualquer interesse por elas. Não havia nessa atitude sombra de descaso ou orgulho. Tendo tido educação religiosa, em um lar em que nunca teve morada nem esteve de passagem a vida de, já me bastava isso para não me sentir atraído por qualquer espécie de honraria. Mas, além de minha formação em casa, no convívio de uma santa mãe, e de um pai sem ambições e de hábitos simples ainda quando lhe sorria a fortuna, minha educação em um colégio de jesuítas, no Colégio Anchieta, em Nova

(1923), Fernando de Azevedo recebia o apoio de um intelectual dos mais "eminentes" do país e como já "namorava" um lugar na Academia, colocando-se como um "homem de letras", e procurando alcançar um espaço muito valorizado culturalmente nesse período.

EUCLIDES DA CUNHA

Consideramos, que de todos os autores indicados, foi Euclides da Cunha o que mais influíra em Fernando de Azevedo no início de situa produção cultural, pois a obra euclidiana foi de grande influência não só para Fernando de Azevedo mas, como acreditamos, para toda sua geração.

Apesar de pertencerem a gerações diferentes, sendo Euclides da Cunha, vinte e oito anos mais velho que Fernando de Azevedo, esse autor aparece de forma muito nítida no início da produção cultural de Fernando de Azevedo e já de forma significativa no seu primeiro trabalho[114].

Friburgo (Estado do Rio de Janeiro), reforçou-me esses sentimentos de fazer o bem, pelo bem, de trabalhar e lutar, sem outra compensação que a vitória de nossos princípios, propósitos e ideais. Se já bastava a atmosfera espiritual e moral em que vivia, em casa e no colégio, para não me alimentar o gosto de tudo o que pudesse satisfazer a vaidade, uma outra fase de minha vida, da adolescência à mocidade, os cinco anos de vida religiosa na Companhia de Jesus, iriam por um remate, se não a todas as cousas terrenas, ao menos a duas delas, os bens materiais e o interesse por compensações e retribuições. Foi daí, dessa seqüência ininterrupta de formações orientadas nas mesmas bases e sob a mesma direção espiritual, que adquiri, sem o procurar, esse desprendimento ou esse desinteresse por quais quer compensações materiais ou honoríficas de meus trabalhos e de minhas lutas. Na vida religiosa me firmei no que aprendera ou pressentira que tudo é vaidade. Vanitas Vanitatum et omnia vanitas. Vaidade das vaidades e tudo vaidade. Não tinham muito sentido para mim honrarias e distinções. E não sã por isso, por esse desencanto em face de compensações de qualquer ordem, de não importar com origem ou natureza. Mas também porque, empenhado tantas vezes em campanhas e lutas ásperas, não tinha disposição nem tempo para cuidar de qualquer cousa que não fosse ou não concorresse para vitória de meus propósitos e ideais. Essa vitória, perseguida por todas as formas, as mais dignas e adequadas, era o que importava, não por vaidade, mas pela consciência do dever cumprido e de realização de uma obra de interesse comum, na época ou em futuro próximo ou remoto, de que pressentíamos as necessidades e aspirações" (p. 200-201).

114 Euclides da Cunha (1866-1909). No desenvolvimento de nossa análise sobre o primeiro livro de Fernando de Azevedo, isto é, "A Poesia do Corpo", procuraremos indicar como a obra de Euclides da Cunha foi importante nas interpretações que esse intelectual fez do seu país em 1915.

É possível, e mesmo necessário, lembrar o "patrimônio cultural" desse período em que Fernando de Azevedo viveu. Nele, Euclides da Cunha detinha uma influência segura ...[115].

Sobre ele Fernando escreveu o texto intitulado "O Homem Euclides da Cunha", publicado no seu livro "Na Batalha do Humanismo", Edições Melhoramentos, 1952, págs. 171 à 195. O texto em questão foi escrito para uma conferência, proferida em 30 de agosto de 1951, no salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Ao iniciá-lo, indicando ter sido feita essa conferência no mês dedicado "às solenes comemorações da vida e obra do "escritor singular", lembra Fernando de Azevedo a figura de um grande amigo, intelectual muito respeitado por ele. Refere-se a Francisco Venâncio Filho afirmando ter sido Euclides da Cunha um de seus maiores cultos[116].

Até o período em que escreveu o texto de sua conferência, considerava ser o estudo do intelectual amigo o melhor trabalho escrito sobre Euclides da Cunha e reconhecia, concordando com ele, ter sido Euclides da Cunha o "mais brasileiro de todos os escritores"[117].

---

115 Uma reflexão sobre o pensamento de Euclides da Cunha poderá ser feita através da leitura do livro de Nicolau Sevcenko, Literatura como Missão - Tensões sociais e criação cultural na Primeira República, Editora Brasiliense, São Paulo, 1983. Veja-se Cap. II do livro desse autor, título: "Euclides da Cunha e Lima Barreto: Sintonias e Antinomias" e o Cap. IV, título: "Euclides da Cunha e o Círculo dos Sábios". Nesse último capítulo o autor faz um estudo do pensamento desse intelectual, estudando a questão da linguagem, a sua obra e os fundamentos sociais que marcam seu pensamento. Veja-se também: livro coordenado por Roberto Schwarz, Os Pobres na Literatura Brasileira, Editora Brasiliense, 1983, o trabalho de Walnice Nogueira Galvão, título: "Uma ausência/Euclides da Cunha", págs. 51 a 53. E ainda de Walnice Nogueira Galvão, a primeira Edição Crítica de "Os Sertões", Brasiliense, 1985; de Dante Moreira Leite, "O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia", São Paulo, Pioneira, 1976, o capítulo II, título: "Grandeza e Miséria dos Sertões", págs. 201 à 214. De Alfredo Bosi, "História Concisa da Literatura Brasileira", Editora Cultrix, São Paulo, 1974, capítulo VII, título: "Pré-Modernismo e Modernismo.

116 Referia-se ao interesse que esse intelectual possuía em pesquisar o trabalho de Euclides da Cunha. Francisco Venâncio Filho escreveu o texto: "Euclides da Cunha", Rio, Academia Brasileira de Letras, 1931. Lembra Fernando de Azevedo ter sido sobre Euclides da Cunha as últimas conferências feitas por Francisco Venâncio Filho falecido em 12 de agosto de 1946, "na derradeira peregrinação religiosa, a caminho de São José do Rio Pardo - a Meca do euclidianismo, como lhe chamava" (p. 172).

117 Afirmava Fernando de Azevedo: "Nenhum outro se empenhou tão a fundo e com tanto calor e paixão na penosa tarefa de redescobrir e revelar Euclides e sua vida, - pois que sua obra cruzara o

Fernando de Azevedo situa o seu próprio texto, de 1952, como tendo sido o atendimento de um último pedido do amigo feito em São Paulo em 9 de agosto de 1946 pouco tempo antes de morrer, reiterando-lhe que fizesse uma conferência durante a comemoração da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo. Esta conferência, proferida na Universidade de São Paulo, foi de certa forma uma homenagem de Fernando de Azevedo ao amigo Venâncio Filho.

Admirava em Euclides da Cunha a sua "poderosa linguagem"[118] e valorizava no escritor o humanismo, destacando que ele defendia "o princípio do humanismo clássico", isto é, do "homem em primeiro lugar"[119].

---

espaço com a rapidez e as fulgurações de um relâmpago, - e mostrar, com a força de um exemplo impressionante, o papel dos grandes homens que são a um tempo inspiradores e modelos de existência ideal. Nenhum outro, entre tantos ilustres e devotados euclidianos, se dedicou com mais zelo e pertinácia a pesquisas de toda ordem sobre o homem e o escritor, o militar e o engenheiro, e coligiu e acumulou, com mais tocante solicitude, para abri-la a todos os que o procurassem, a documentação indispensável à plena inteligência e reconstituição da vida de Euclides. "Em Venâncio Filho (eis, entre numerosos testemunhos, o de Silvio Rabelo) encontrei o mais minucioso e o mais exato informador sobre a figura por tantos de seus contemporâneos descaracterizada, como é a do militar, do explorador, do correspondente de guerra, do jornalista e do escritor que foi Euclides. Era com generosa hospitalidade que Venâncio Filho me recebia na sua residência. Até quase madrugada não se cansava de falar, de revolver gavetas e armários à cata do documento ou da notação desconhecida, recompondo com sua palavra animada, a fisionomia psicológica e moral de Euclides, retificando erros de interpretação, corrigindo enganos biográficos, precisando episódios, lembrando anedotas nem sempre bem contadas pelos que se ocuparam da vida daquele que considerava o mais genial dos escritores brasileiros" (p. 171). O autor faz referência ao texto de Silvio Rabelo, título: "O Bom Francisco Venâncio Filho", O Jornal, Ano XXIX, Rio de Janeiro, 16 de março de 1947. Silvio Rabelo escreveu o trabalho, "Euclides da Cunha", Rio, Casa do Estudante do Brasil, 1947.

118 Em AZEVEDO (1952), reconhece o autor, que a "linguagem serve ao homem não somente para exprimir alguma coisa como para se exprimir a si mesmo; se é um dos instrumentos espirituais que transformam o mundo desordenado das sensações em um mundo de objetos e de idéias" (p. 173) sendo entendida por Fernando de Azevedo como significando "a libertação do homem", admirava em Euclides da Cunha, "a poderosa linguagem que ele se forjou, para adaptá-las às necessidades de seu espírito e temperamento, à expressão de suas visões torturadas e de suas terríveis angústias" (p. 173). Destacava Fernando de Azevedo que tanto numa obra como "Os Sertões", assim como em qualquer outra obra, assim como nos seus ensaios ou mesmo "numa carta escrita às carreiras", Euclides da Cunha é "sempre o mesmo escritor a um tempo maleável e robusto, de espírito prodigiosamente lúcido, se sensibilidade excessiva se não mórbida, e imaginação vulcânica, sempre em atividade e pronta para as grandes erupções e descargas emocionais. Nessas belíssimas páginas, e em tantas outras, ricas de substância, de um vigor, de um poder de evocação, de uma faculdade épica e de uma ciência e segurança notáveis, e em que sã se apanha o essencial, sem detalhes ociosos, sem imagens parasitas e sem essas repetições em que se acusam tão freqüentemente as fadigas dos escritores, surge sempre, em corpo inteiro, com seu estilo cintilante, pitoresco e atormentado, o mesmo homem que se move nas alturas, em luta com a própria natureza e a realidade exterior, numa atmosfera saturada de eletricidade" (p. 174). Destaca, ainda, que: "O que mais fortemente lhe repercutiu na obra, não foram, por certo, as idéias, atitudes e tendências das elites burguesas, de seu tempo, em cujos quadros abriu uma brecha, com o ímpeto de uma

Através da questão do humanismo verificava a presença de um ideal em Euclides que o fazia agir unicamente partir de idéias superiores". Este ponto de partida lhe concedia vantagem para enfrentar as contingências de vida.

O que nos chamou a atenção nesse texto e que nos levou a estudá-lo foi termos percebido que os valores destacados por Fernando de Azevedo na obra euclidiana são justamente aqueles que ele acreditava ter recebido em sua própria educação, valores estes que ele considerava necessário desenvolver no processo educativo.

Euclides da Cunha constituiu para o educador o exemplo de "homem com idéias superiores" e, ao escrever sobre ele, o procura ele também se colocar no caminho desse ideal a ser seguido.

Ao escrever sobre esse intelectual", em 1951, seu pensamento é ainda marcado pela fisiologia, tão presente em "A Poesia do Corpo" e em trabalhos posteriores. Isso pode ser observado quando ao descrever o

---

explosão, mas a força nativa de seu povo, da gente do interior, e da grandeza desnorteante de seu país, contraditório e desordenado" (p. 174).

119 Escreve: "Engenheiro e militar, explorador e cartógrafo, foi nas letras, em contato com a poesia e o drama, o ensaio e a história, que ele encontrou recursos para ultrapassar a profissão e tornar viva a ciência que acumulou, trabalhando com o vasto material que fornecia, como um instrumento de análise e criação; foi nesse convívio com a literatura universal que se lhe desenvolveu o sentido poético e se lhe aguçou esse espírito de finura que, para o humanismo, vale mais que o da geografia; foi, retemperando-se nessa fonte e colocando-se a essa luz sempre nova que "descobriu, como diria Marrou, as paixões do homem e seu coração profundo e adquiriu assim uma certa experiência psicológica, um sentido afinado dos valores morais, do real e do possível, do homem e da vida" op. cit. (p. 175). E ainda: "Em nosso século de inquietação, em que, ao princípio do humanismo clássico, isto é, do "homem em primeiro lugar" já ameaçava suceder a aspiração de "a máquina antes de tudo"; nessa dispersão constante em que se dissipa o melhor de nós mesmos e o nosso tempo se retalha como sob os dentes de uma máquina de picar, teve Euclides o cuidado paciente de cultivar o seu campo, de juntar seus feixes de trigo e de recolher ao celeiro sua farta colheita. Com sua simpatia humana e sua capacidade de admirar, fez saltar da rocha de uma vida agreste e dura essa provisão de entusiasmo que lhe permitiu, entre ásperas dificuldades, erigir um monumento cuja maior beleza consiste em refletir a unidade de sua vida profunda, na diversidade extrema das contingências. Conservou-se sempre ele mesmo através de lutas e provações em que soube manter a elevação de sentimentos, o refrescamento do ideal que os abalos emotivos produzem em nós e, como tinha provisões seguras de inteligência, energia e conhecimento pôde responder quase sempre com vantagem ao choque das emoções. Indiferente ao ruído e aos sucessos mundanos, sem intriga e sem ambições, ligado unicamente a idéias superiores, não sã enfrentou o temporal que tantas vezes lhe rugiu às portas da casa, e acabou por reduzi-la a ruínas, como sabia arrostar a bonança que, para os navios, como para um homem do seu temperamento, é às vezes mais perigosa do que a tempestade. Mas Euclides sabia que o homem luta com suas qualidades, quando as tem, mas sobretudo com os seus defeitos; e, tendo-as tantas e em tão alto grau, os defeitos não participavam menos de suas lutas, vitórias e derrotas", op. cit. (p. 175-176).

caráter de Euclides da Cunha indica ter ele no geral forjado seus caracteres, no sentido, até certo ponto de um equilíbrio perfeito entre os dois centros nervosos que existiam em cada um de nós: "o cérebro, com sua faculdade de associar idéias, de comparar, julgar e concluir, e o simpático neuro-glandular, com suas impulsões, seus instintos e suas taras"[120].

Na concepção de educação e, mais especialmente, de educação física que defendia em 1915, julgava ser preciso atingir esse equilíbrio para a formação dos caracteres e, apesar de reconhecer que, em muitas ocasiões, o equilíbrio entre sensibilidade e inteligência se rompia em Euclides da Cunha, ocorrendo a supremacia da sensibilidade extrema sobre a razão, no geral, acreditava que o escritor soubera forjar sua personalidade em tal direção.

No texto de "A Poesia do Corpo" e em toda a produção cultural inicial de Fernando de Azevedo, os termos "forjar" e "vigilância" são encontrados reiteradas vezes. Ao falar sobre Euclides o educador reconhece que este soube exercer vigilância sobre si mesmo: Fernando reconhecia tal atributo também em si próprio e indica isto nos estudos autobiográficos ao ressaltar suas qualidades e defeitos.

Ao escrever sobre os traços da personalidade de Euclides da Cunha, chamou-nos a atenção como, no geral, as qualidades e virtudes observadas no escritor eram as que ele reconhecia em si mesmo e que eram ressaltadas em sua educação familiar e no ensino "aristocratizante" dos jesuítas.

Algumas dessas qualidades eram: timidez, ternura, humildade, altivez, modéstia, reserva[121].

As virtudes destacadas eram: a probidade impecável, o perfeito cavalheirismo, a nobre retidão, a superioridade da energia sobre a fraqueza[122]. Também a altivez, o sentimento do dever e de honra e a honestidade.

---

120 AZEVEDO (1952), p. 176. Apoia-se na colocação acima em Ch. Fiessinger que segundo reconhece estudou a formação dos caracteres, "retomando a linha dos grandes moralistas do século XVIII".

121 Escreve: "Associam-se, alternam-se ou se chocam a timidez e a impetuosidade, a ternura e a veemência, a humildade e a altivez, e, aos cuidados, incertezas e dúvidas sobre o próprio valor sucedem-se desabafos de confiança em si e nos outros, como a depressão ao entusiasmo, as esperanças, aos desfalecimentos" (p. 176-177).

Reconhecia que Euclides, apesar de sua estatura baixa e constituição franzina, possuía a energia viril, presente no aprumo da atitude, no olhar e na expressão e, com relação ao temperamento, considerava ser instável e impulsivo, cheio de impaciências e de rebeldias[123], e mais ainda que, ele possuía uma nervosidade excessiva e extrema suscetibilidade ligados ao temperamento constitucional, que se agravavam pelo seu estado de saúde e constantes fadigas e atribulações; destacava ainda na personalidade de Euclides da Cunha, o que chamava de assombrosa energia moral, que muito admirava, assim também como a vida severa e ascética.

Concordava com a afirmação de Euclides no sentido de que "venceu por si só, sem reclames, sem patronos, sem a rua do Ouvidor e sem rodas"[124] e o identificava como sendo: tímido, arisco, respeitoso, revoltado diante da "mediocridade triunfante", amante da solidão, sincero, leal, tendo horror ao frívolo, ao banal, ao ridículo, à hipocrisia, à lisonja.

Se tirarmos a nervosidade excessiva e a extrema suscetibilidade combatidas por Fernando de Azevedo em sua concepção de educação e de educação física, pois levavam a um desequilíbrio; todas as demais "virtudes" que ele indicava em Euclides da Cunha, conforme seus estudos autobiográficos,

---

122 Escreve: "Mas esse homem estranho que, na sua modéstia, se inquieta e se aflige, diante da competição da mediocridade afoita que se acotovela na disputa de cargos, preferências e honrarias; que nunca perdeu, segundo ele mesmo o confessa, a reserva e a timidez (...) Como todos os homens de bem e todas as grandes almas, Euclides defende-se menos com os seus defeitos do que com os seus méritos e virtudes, tomada essa palavra virtude sobretudo no sentido etimológico e o mais verdadeiro que tem em latim o vocábulo virtus, e, italiano, virtú, especialmente na época da Renascença. Proveniente de vir, homem, como, entre nós, virilidade, o poder efeito e eficaz de um homem, é o total de que ele vale na luta. Salústio não apresenta nenhum de seus personagens sem lhe avaliar a força pela superioridade do que ele tem de energia sobre o que tem de fraqueza, e aprecia ao justo a virtus de Catilina que é um homem cheio de defeitos, vários dos quais contam na balança de sua virtus e de seu valor individual. Em Euclides, porém, a virtude não sã exprime a varonilidade, a virtus latina ou a virtú do italiano do Renascimento, mas a virtude, no sentido mais largo, a probidade impecável, o perfeito cavalheirismo e a nobre retidão" (p. 177).

123 Escreve: "Como todo grande homem, tem alguma coisa de desmesurado e excessivo, e em nada se parece, com o gênio ocidental que, considerado nas suas mais nobres criações, comporta sempre não sei que de medido, de temperado e de equilibrado. Gênio da raça, a um tempo místico e real, Euclides, como ele mesmo se reconheceu, "foi um ser enigmático, verdadeiramente incompreensível entre os seus contemporâneos" (p. 179), em AZEVEDO (1952), p. 180.

124 Fernando de Azevedo indica estar essa colocação, in Euclides da Cunha a seus Amigos, pág. 62, 55, 213, 84 e 85.

foram cultivadas através da educação que recebeu, eram valorizados por ele, ao nível pessoal, assim como ao nível mais amplo do próprio processo educativo.

Lembra, Fernando, o fato de Euclides da Cunha ter percebido, que no contexto da Regeneração carioca, o ambiente da cidade como corrupto e corruptor, destacando a presença dos desfibrados e medíocres, assim como estar a sociedade brasileira nessa conjuntura atravessando um grande desalentador"[125].

Ao escrever "A Poesia do Corpo", Fernando se utilizou da crítica feita na conjuntura da Regeneração carioca por Euclides da Cunha. A própria expressão "desfibrado", como dissemos anteriormente, é utilizada por Fernando no prefácio de "A Poesia do Corpo".

Com relação ao pessimismo percebido em Euclides da Cunha, reconhecia ele nesse texto não ser "daqueles que costumam desenvolver-se nos períodos de decadência ou nas grandes crises sociais, em que se geram ou florescem as doutrinas pessimistas"[126].

Explica ele que o pessimismo de Euclides da Cunha, que acreditamos atuou sobre a sua formação, "estava antes ligado a essa insatisfação de necessidades, dos desejos, de aspirações e de ideal que

---

125 Afirma AZEVEDO (1952): "Tudo o que se lhe deparava aos olhos o espetáculo desolador da cidade, com seu ambiente corrupto e corruptor, com a trama vil de suas intrigas e a brutalidade das competições sem freios, com sua récua de desfibrados e medíocres e a legião inumerável de espertos e malandros felizes acotovelando-se por toda parte, sacudia-lhe e irritava-lhe os nervos e o fazia descambar a todo o momento para esse pessimismo que ele mesmo qualificava de desalentado, de abominável ou de incurável, e se exprimia em confidências amargas e desabafos desesperados" (p. 181-182). Indica: "O Rio de Janeiro, quando apenas começava a despojar-se de sua vestidura colonial para se transformar, com Pereira Passos, numa metrópole moderna, como a viu Euclides?" A vida entre nós mudou, escreve a Domício da Gama. Há um delírio de automóveis (isto em 1907), de carros, de corsos, de recepções, de conferências, que me perturba e me atrapalha, no meu ursismo incurável. Dá vontade da gente representar a ridícula comédia de Catão, saindo por essas ruas, de sapatos rotos, camisa em fiapos e cabelos despenteados. Que saudade da antiga simplicidade brasileira!"... (p. 187). Mostra tambem que: "De volta de sua expedição ao Purus, em que pensaria Euclides? A minha maior aspiração (escreve da cidade maravilhosa a Alberto Rangel) seria deixar de uma vez esse meio deplorável, com suas avenidas, seus automóveis, os seus smarts e as suas fantasmagorias de civilização pesteada". Não se conforma com a vida da cidade em que parece sofrer de um desajustamento irremediável. A Rangel confessa-se desolado "com a pasmaceira trágica que há nesse país que esperneia, galvanizado, na Praia Vermelha e morre de fome nos sertões" (p. 192).

126 Azevedo, Fernando, Na Batalha do Humanismo, texto "O Homem Euclides da Cunha", Edições Melhoramentos, 1952, p. 182.

implicam o próprio progresso e a crença no progresso, de um lado, e, de outro, as oposições e dificuldades que se levantavam, por toda parte, aos seus ideais e impulsos de renovação"[127].

Euclides da Cunha, em cartas enviadas a amigos nos anos de 1905, 1906 e 1907, considerava a mocidade despreocupada e frívola, formada por jovens desfibrados e imbecis, reinando entre eles e o povo em geral um clima de desinteresse pelos problemas fundamentais do país.

As denúncias de Euclides da Cunha formuladas no contexto da Regeneração carioca vão estar presentes, em 1915, no texto de "A Poesia do Corpo", no qual Fernando de Azevedo fez uso do mesmo tipo de raciocínio para pensar a sociedade brasileira.

Ainda com relação às qualidades, o educador via Euclides da Cunha como sendo um homem de fibra e valorizava nele, também, o aspecto afetivo, reconhecendo ter o mesmo desenvolvido "o culto da amizade", na sua concepção antiga, "temperada ao gosto helênico". Fernando de Azevedo afirma ter cultivado em si próprio o que percebia em Euclides, isto é, a concepção de amizade à antiga, e desse modo se referia a seus grandes amigos, como se pode observar na dedicatória do seu livro "Figuras de meu Convívio" ao grande amigo Antonio Cândido. A amizade foi um valor importante em sua formação e que aparece em muitos trabalhos seus[128].

Valorizava, também, em Euclides o "estoicismo na luta", a "delicadez de escrúpulos" e o "despreendimento pessoal". Indica Fernando que, no seu trabalho, o escritor soube desenvolver uma "disciplina ascética", "submetendo-a tanto quanto lhe era possível, às exigências do espírito positivo".

Destaca ele, ainda, o amor de Euclides da Cunha pela ciência, o seu esforço científico, pelo seu valor social e pela sua utilidade, sem dogmatismos e exclusivismos, sem deixar de amar as letras e as artes, com

---

127 AZEVEDO (1952), p. 182.

128 Em AZEVEDO (1924), p. 97 a 106, o autor publicou um texto que tem como título: "A amizade antiga".

permanente inquietação do espírito e curiosidade universal por todos os problemas humanos.

Reconhecia, ao escrever esse texto, em 1951, ser a história dos grandes homens, como Euclides da Cunha, importante para a educação da juventude[129].

MONTEIRO LOBATO

Como já destacamos em outra parte desse capítulo, percebemos ter sido também Monteiro Lobato (1882-1948) um autor importante para Fernando de Azevedo no início de sua produção cultural.

Ambos foram contemporâneos, sendo Fernando de Azevedo apenas doze anos mais jovem que Lobato e começaram a escrever mais ou menos na mesma época tendo sido, inclusive, amigos.

A importância da literatura de Lobato não se manifestou apenas no primeiro livro de Fernando de Azevedo, marcando acentuadamente toda a sua produção cultural[130].

Sintetizando, podemos dizer o Lobato que foi importante para a formação de Fernando de Azevedo, no período em que se circunscreve essa dissertação, foi o do "Jeca Tatu", o da "pedagogia da boa higiene", o do "filão nacionalista" enfim, também aquele que se preparava para a elaboração do "Jeca Tatuzinho"[131].

---

129 Escreve: "Neste tempo tão cheio de obscuridades e incertezas, de tortuosidades e misérias, se quisermos, de fato, assentar na educação da mocidade as noções e virtudes morais, e elevar ao primeiro plano o cuidado da dignidade e da honra, não temos nada de melhor do que seguir a mais intensa de todas as luzes, - aquela que brilha de todas as partes na vida dos grandes homens aos quais se reuniu esse "pioneiro da nacionalidade triunfante", esse gênio da raça, na sua existência, desigual e revolta, como a nossa própria natureza, feita de doces planuras e de relevos absurdos, de forças hostis e dispersivas mas também de poderosas forças de atração" (p. 195).

130 Estaremos indicando isso ao longo das análises de cada trabalho escrito por Fernando de Azevedo no período em que se circunscreve essa dissertação.

131 Veja-se o trabalho de Marisa Lajolo, título: "Jeca Tatu em três tempos", publicado no livro organizado por Roberto Schwarz, título: Os pobres na Literatura Brasileira, Editora Brasiliense, 1983, págs. 101 a 105. Nesse texto a autora estuda as posições ideológicas de Monteiro Lobato, de 1914 a 1947. Mostra como o "Jeca Tatu" aparece na produção de lobato em 1914, com o artigo "Velha Praga" que alcançou grande repercussão por ter sido citado e comentado por Rui Barbosa,

RECONSIDERAÇÕES SOBRE O REBAIXAMENTO MORAL.

Retomando a nossa reflexão, procurando interpretar ainda mais as colocações que faz Fernando sobre como via a sociedade brasileira em 1915, conforme destaca no prefácio de "A Poesia do Corpo", parece-nos que ele identificava a existência de certa crise de energia na sociedade brasileira, que ele acreditava estar atingindo a vida intelectual, ao nível do sentimento e da vida volitiva.

Localizamos um texto seu escrito em 1921, que ajuda-nos a explicitar muitas de suas inquietações de 1915, onde podem ser observadas principalmente suas posições mencionadas na colocação que transcrevemos anteriormente do prefácio de "A Poesia do Corpo", quando ele faz a crítica do rebaixamento do nível moral no país. Trata-se de um discurso de paraninfo, proferido em 18 de novembro de 1921, na solenidade de formatura dos bacharelandos do Ginásio Anglo-Brasileiro, de São Paulo, publicada com o título: *"A Cultura da Energia"* no livro "*A Educação e seus Problemas"*, tomo II, Obras Completas, vol. VIII.

Este texto, supomos, esclarece a questão já presente em 1915, implicando o seu reconhecimento - dentro do quadro mais amplo da "crise" que atravessava a sociedade brasileira - da existência simultânea de uma "crise de energia".

Julgamos que essa temática, vai se tornar ainda mais explícita nos trabalhos que se seguem ao seu estudo "A Poesia do Corpo". O texto em questão

---

quando candidato civil à presidência da República. Rui Barbosa escreveu "a peça oratória", título: "A questão social e política no Brasil", feita em 20 de março de 1919 no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Trecho dessa "peça oratória" foi publicada no livro Urupês de Monteiro Lobato. Em seguida analisa como dez anos depois, aparece o "Jeca-Tatuzinho" (que circulou no Almanaque de Produtos Farmacêuticos Fontora) e em 1947 o "Zé Brasil". Veja-se no livro de Dante Moreira Leite, O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia, cap. II, título: "Grandeza e Miséria dos Sertões", particularmente as páginas 211 à 214, São Paulo, Pioneira, 1976. Veja-se ainda LEITE (1976), CANDIDO (1965), BOSI (1974), SEVCENKO (1983) e BRASIL (1957).

permite compreender como, em 1915, Fernando defendia uma "moral mais austera", ao criticar a dominante que qualificava de epicuréia. A importância da disciplina, numa moral austera, que acreditamos ele defendia, talvez tivesse para o pensador, dentro do seu valor educacional, um sentido mais amplo, encarada como importante na formação da nacionalidade e do "caráter nacional do povo brasileiro", considerado ainda em formação.

No texto de 1921, podemos clarificar o que ele defendia em 1915, quando via como cabendo à educação e aos educadores, através da valorização da disciplina, exercer sobre os discípulos ascendência moral, para atingir o desenvolvimento de "caracteres", "assim como formar espíritos" e "assegurar a ordem e o trabalho"[132].

Nesta linha de pensamento, era necessário desenvolver a vida, a atividade, as forças próprias de cada indivíduo ao nível físico, intelectual e moral assim como ao nível da sociedade, isto é, do coletivo, que exprimiria o nível de civilização de um país[133]. Denunciava, ainda, as "facilidades da vida moderna", já indicando o "aniquilamento da vida mental e moral do país". A

---

132 Em 1921 ele definia a disciplina a partir de Pécaut. Escreve: "A disciplina verdadeira, na fórmula exata de Pécaut, é um conjunto de meios destinados não sã a assegurar a ordem e o trabalho, mas a formar caracteres, como a instrução tem por fim formar espíritos. Não se formam nem uns nem outros como se talham pedras. Caracteres e espíritos são vivos" in: AZEVEDO (1958).

133 Em 1921, no texto "A Cultura da Energia", essa questão relativa ao nível de civilização de um país e o papel que acreditava ter nesse processo a educação (questão presente também em 1915) é colocada de uma forma mais explícita, recorrendo à Nietzche. Escreve, nesse sentido em 1921: "Se o nível de civilização de um país é determinado, como se exprimiu Nietzche, "não sã pelo grau de independência de um indivíduo em face dos outros, mas também pelo desenvolvimento intrínseco destes indivíduos", o espírito de iniciativa, cooperação e disciplina, pelo qual se aquilatará o grau de civilização de um país, é o resultado de uma concentração de forças espirituais na formação de um conjunto harmonioso de convicções, na medida do sentimento invariável dentro da variedade atormentada das circunstâncias e na firmeza em pautar por esses princípios todos os atos da vida. O que dá ao homem uma fisionomia moral própria, inconfundível, o que lhe imprime à personalidade um cunho viril, é, por certo o espírito de observação, que o faz conhecer a si mesmo e a realidade; é o equilíbrio do sentimento eqüidistante do otimismo ingênuo, que o faria despregar todas as velas à esperança, e do pessimismo que lhe cortaria as asas a todos os impulsos; é, enfim, a energia da vontade preordenada a traduzir nos atos, que mais esforço solicitarem, os princípios, que a inteligência abraçou" in AZEVEDO (1958); indica ser a citação de Nietzsche da obra "Die fröhliche Wissenschaft", v. 178.

educação deveria, no combate à apatia moral, desenvolver hábitos de luta, promovendo a "educação da resistência"[134].

Era, também, muito importante a questão da "educação da vontade"[135], isto é, a produção da "energia da vontade", levando à educação do esforço que, dentro de uma moral mais austera, exigia o enfrentamento de ações que em si não dão prazer, e que exigem "trabalho e sacrifício", pois o grande mal (ou a grande doença) que ele via no país em 1915, era o da decadência da energia.

Entendia ele que, no lugar da "moral do prazer", era preciso desenvolver outros valores que pudessem levar à superação dessa crise mais geral, que ao nível intelectual, os indivíduos passassem a pensar por si mesmos e, ao nível dos sentimentos, pudessem ter confiança nas próprias forças, através da "energia da vontade", combatendo a indolência, à moleza, educando a vontade e, nesse processo, o próprio esforço.

Para o educador a unidade da personalidade passava pelo equilíbrio da energia nesses três aspectos: cultivo da energia ao nível intelectual, do sentimento e da vontade.

Faz uma crítica inicial em "A Poesia do Corpo", à "cultura livresca" e ao "ensino fundamentado na memorização"[136], parecendo-me que esse tipo de formulação já caminhava no sentido de crítica à "cultura do bacharel".

---

134 No texto de 1921 explicitava isso da seguinte forma: "Mas esta mesma simpatia, que vos impeliu a escolher-me para vosso paraninfo, me enraíza a confiança de poder, com minha palavra, despertar em vãs a consciência das necessidades de uma reação contra as facilidades modernas, que são, sobretudo, facilidades dadas ao aniquilamento da vida mental e moral, à idiofobia, ou, em outros termos, à preguiça do espírito. O sucesso da palavra está mais no ouvido de quem a ouve, do que na boca de quem a profere ... Demais o objetivo primacial que deve ter presente um educador, quando da cátedra ou da tribuna se dirige à mocidade, sempre em perigo de se deixar enlear e tolher na teia da apatia moral, que tende à abolição de tudo o que constitui a personalidade humana, é incutir hábitos de luta, promover a educação da resistência, e criar costumes, que são necessários a uma democracia livre, o sentimento da responsabilidade pessoal e o self-government da consciência" (in A Cultura da Energia, p. 14, livro de Fernando de Azevedo, A Educação e seus Problemas, Edições Melhoramentos, 4a. edição, Tomo II, 1958.

135 A educação da vontade ocupa a parte mais importante dos "Exercícios Espirituais" de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

136 Essa questão é bem desenvolvida no texto de 1921, A Cultura da Energia. Ao escrever sobre essa questão nessa conjuntura apoia-se em Montaigne, Kant e Max Leclerc, indicando-os como sendo os melhores mestres da pedagogia. Ao citar Montaigne utiliza o livro de F. Guerix, Histoire de

Defendia Fernando uma concepção de educação que levasse ao equilíbrio entre corpo e espírito. Na crítica que faz à "cultura puramente livresca", talvez já estivesse percebendo, em 1915, o que veio a considerar ser um traço da "Cultura Brasileira", em 1943, isto é, "literária e de superfície", levando apenas à valorização da abstração, da contemplação.

Caberia à educação, nessa nova moral que ele indica, "forjar espíritos vigorosos e de boa têmpera", assim como, "forjar corpos vigorosos" que teriam também um papel, na formação de tais espíritos.

Nessa nova moral, estão fortemente presentes as idéias de sacrifício e de que na vida os caminhos são "ásperos e resvaladios" assim também como a de "dever", que implica na primeira, e, ainda, a de "sofrimento" no sentido de que é o sofrimento que "tempera a alma para a resistência".

Defendia ser importante, através da educação, o desenvolvimento de capacidades para enfrentar e suprimir obstáculos considerando resultar o prazer da obtenção da vitória sobre os mesmos.

Considerando a "moral do prazer", definida como "epicuréia", dominante, como sendo egoísta, contrária ao altruísmo, defendia Fernando ainda, a educação do esforço, da energia e da perseverança no sentido do enfrentamento à dor e do trabalho, pois entendia a vida como luta[137] e que "quem não faz senão eximir-se a dor acaba desertando do combate".

Como já reconhecemos, Fernando no prefácio de "A Poesia do Corpo", caminha na direção da defesa de uma moral mais austera para o país.

---

l'instruction et de l'Education", ao citar Kant utiliza o trabalho de Paul Duproix, Kant et Fichte et le problème de l'éducation, Genève, Geog., Paris, Alcan, in 8o., ao citar Max Leclerc indica seu trabalho: Les Professeure et la société en Angleterre, Colin & Cie., Éditeur. Lembra também Descartes através do trabalho de Alexis Bertrand, título: Descartes et l'Education", Révue Pédagogique, Sept. et Oct., 1897.

137 No texto "A Poesia do Corpo", em 1915, assim como em "A Cultura da Energia" em 1921, Fernando de Azevedo assumiu dentro dessas temáticas mais gerais, outras duas temáticas: a questão da "ociosidade" e o da "fraqueza". No texto de 1921, o interessante é que não usa como fez em 1915, a expressão "moral do prazer", mas "hedonismo".

O ESTOICISMO E O JESUITISMO

Acreditamos que pela educação que recebeu na família e nos colégios pelos quais passou era tributário na sua formação das lições da sabedoria estóica.

Embora reconheçamos isso e possamos perceber que muitos elementos estóicos estão presentes na "moral austera" que defendia, consideramos não ser possível colocar sua suposições como absolutamente estóicas.[138]

---

138 Como indica François Châtelet na introdução do livro "A Filosofia de Platão a São Tomás de Aquino", 1o. vol., Coletânea "História da Filosofia", Publicações Dom Quixote, Lisboa: "No horizonte definido por Platão e Aristóteles, constituem-se correntes de pensamento, o estoicismo, o epicurismo, o cepticismo, que vão semear o pensamento latino e fornecer, pela riqueza das suas observações e das suas argumentações, o fundo comum no qual a filosofia a vir colherá abundantemente"(p. 16). Nesse mesmo livro, faz parte um estudo escrito por Pierre Aubenque com o título: "As Filosofias Helenísticas: Estoicismo, Epicurismo, Cepticismo", Cap. IV, págs. 129 a 161. Pierre Aubenque assim explica o contexto do aparecimento dessas três grandes correntes helenísticas: "A morte de Alexandre (323 a.C.), ponto de partida do que os historiadores chama a época helenística, não marca apenas um corte na história da Grécia. Seguida de perto pela morte, em 322, do último filósofo clássico da Grécia, Aristóteles, ela coincide com uma rotura igualmente nítida na história da filosofia, rotura que as mutações históricas ligadas à conquista das cidades gregas pela Macedônia contribuíram para provocar. Não é por acaso que o mais amplo e mais completo do diálogos de Platão se intitulava a República e era no âmbito de uma reflexão sobre o Estado que expunha a sua teoria filosófica. A perda da independência das cidades gregas teve como primeiro efeito, na ordem espiritual, dissociar a unidade do homem e do cidadão, do filósofo e do político, da interioridade e da exterioridade, da teoria e da prática, em suma, esta "bela totalidade consigo próprio", que caracteriza, segundo Hegel, a idade clássica da Grécia, esse tempo em que o homem se sentia na cidade como em sua casa. No momento em que o quadro tradicional da cidade grega se apaga diante de um Império cujas decisões escapam à crítica, assim como à deliberação dos seus sujeitos, o filósofo encontra-se confinado quer na pura teoria quer na predicação simplesmente moral, mal a política, a mais alta forma de práxis para os gregos, deixa de depender deles para provir de um senhor estrangeiro. É o momento em que a liberdade do homem livre, que até então se confundia com o exercício de direitos cívicos, se transmuta, à falta de melhor, em liberdade interior; em que os ideais gregos de autarquia e de autonomia, que procuravam até então satisfazer-se na cidade, se encontram confiados apenas aos recursos espirituais; em que a especulação sobre a natureza tende a não ser mais do que auxiliar de uma moral preocupada, antes do mais, com procurar para cada um a salvação interior. Mas é igualmente o momento em que a própria dissolução dos antigos quadros políticos, ao mesmo tempo que as misturas de populações consecutivas à conquista de Alexandre, farão nascer solidariedades novas: este tempo verá o nascimento do cosmopolitismo. Menos preocupados como ser do que em consolar ou tranqüilizar os homens, as filosofias da época helenística não atingirão o vigor teórico do platonismo e do aristotelismo. Com a preocupação de dar uma resposta imediata aos problemas de adaptação postos

Acreditamos, que com relação ao estoicismo é importante analisá-lo no texto de Fernando de Azevedo sob a ótica da moral como um fim.

Outro ponto também importante para ele, nessa teoria do conhecimento, era a posição que defendia com relação à sensação e ao controle da paixões.

A defesa da "retidão da vontade como o único bem" e como "o único mal o vício", a importância da "razão" e da "vontade" no domínio das paixões, a idéia de que "a verdadeira servidão reside no "império das paixões" e a "virtude" como "fundamento da felicidade" nos estóicos e o prazer como "fundamento da felicidade" em Epicuro, nos levam a entender que ao utilizar a expressão "moral epicuréia" no prefácio de "A Poesia do Corpo", conforme indicamos anteriormente Fernando a entendia como sendo igual à "moral do prazer".

O que nos cabe lembrar mais uma vez é que ao fazer, no prefácio, a indicação de uma crítica à moral dominante em 1915, que ele chama de epicuréia, acreditamos que ele deixa transparecer a necessidade da defesa de uma "moral austera" para o país nesse contexto.

Queremos indicar que ele começou, nesse primeiro trabalho, a fazer a crítica do epicurismo, mas que ela continuará a aparecer de forma significativa em textos produzidos pelo autor até 1925.

Consideramos que, na crítica que faz à moral dominante no país, que ele chama de epicuréia, embora seja resultado, em grande parte, do

---

ao indivíduo pelas transformações sociais, elas terão um caráter e uma função "ideológicos" mais marcados do que as filosofias da idade clássica. Por outro lado, elas saberão atingir o nível de universalidade suficiente para representar, em face das privações da vida, diversas atitudes possíveis de consciência, que aparecerão rapidamente como outras tantas categorias intemporais ou estereótipos culturais propostos ao homem do Ocidente. Basta nomear as três grandes correntes helenísticas: estoicismo, epicurismo, cepticismo, para nos apercebermos de que se trata de três "artes de viver" que, para além das circunstâncias históricas do seu aparecimento, ficarão em todos os tempos abertos à nossa imitação. é na época helenística que aparece o conceito popular de filosofia, que designa uma certa arte, seguramente fácil, mas na realidade, acessível a todos, de viver feliz ao mesmo em circunstâncias adversas. É a tal conceito que se refere ainda hoje a expressão: "Encarar os acontecimentos com filosofia". Apesar de tudo, as três correntes helenísticas não deixam de ser muito diferentes umas das outras. Poder-se-ia opor o dogmatismo das duas primeiras - estoicismo e epicurismo - ao cepticismo que constitui a terceira. É necessário acrescentar que, se as duas primeiras se desenvolveram em duas escolas organizadas, a terceira é antes um estado de espírito comum a vários pensadores ou escolas de origem diversa" (p. 129-130).

jesuitismo que marcou sua formação, advém, por outro lado, também de concepções laicas educacionais, das quais o educador é tributário.

Queremos também lembrar que, quando Fernando de Azevedo começou a assumir explicitamente uma concepção durkheineriana de educação, a crítica à moral epicuréia também vai permanecer no seu pensamento.[139]

Conforme escrevemos no capítulo anterior e também no presente capítulo, Fernando recebeu na família uma "moral austera" que foi acentuada com a "disciplina rigorosa dos jesuítas".

Reconhecemos que esta moral austera, que marcou sua formação, possuía elementos estóicos, mas não a estamos considerando como sendo uma moral absolutamente estóica.

Estamos nos referindo a ela como sendo uma moral austera.

É compreensível que pela formação moral austera recebida, viesse ele, em 1915, a defender ações que exigiam trabalho e sacrifício.

Como já lembramos anteriormente o educador aprendeu na família e na sua formação escolar, sob os cuidados dos jesuítas, através de um ensino rigoroso o valor da disciplina.

Nas atividades que desenvolveu, nos colégios jesuítas, desde o esporte até outros tipos de atividades, aprendeu a valorizar, conforme indicamos anteriormente, o esforço, isto é, ações que fossem resultantes do esforço, desenvolvendo a tenacidade.

As atividades arriscadas e difíceis eram consideradas estimulantes nesse tipo de educação.

Aprendeu a valorizar ainda a "educação da vontade" para o desenvolvimento da "boa têmpera" o espírito de sacrifício e de austeridade, a importância do esforço e do trabalho, assim como a importância de se ter um "ideal"[140].

---

139 Ver DURKEIM, *Educação e Sociologia*. p. 54.

140 É interessante como esses valores que destacamos são indicados por Fidel Castro como tendo marcado sua formação devido à educação escolar que recebeu em colégios jesuítas de origem espanhola. Veja-se isso no livro: *Fidel e a Religião - Conversas com Frei Betto*, 3a. edição, Brasiliense, 1985.

A formação sacerdotal que recebeu dos jesuítas acentuou ainda mais essa "moral austera".

Pôde ele desenvolver, ainda mais, as regras de Santo Ignácio, o sentido do domínio das paixões, isto é, das técnicas para domesticá-las. Essa sua formação moral religiosa se mesclou com valores da moral laica da qual ele é tributário e se refletiu em sua obra.

CRÍTICA A EPICURO

O jovem professor substituto que deixou o "sonho loyoleano", ao pensar a moral dominante, em 1915, em "A Poesia do corpo", a vê como "epicureia".

Quando deixou a Companhia ao começar a leitura da sociedade brasileira, enquanto professor substituto do Ginásio Mineiro, tendo vivido as experiências de exclusão que indicamos anteriormente, ao utilizar a expressão "epicuréia" ele queria indicar a sua forma de ver a moral dominante nesse tempo.

O significado dessa colocação precisa ser buscado também nas injunções históricas do período.

Isso pode ser percebido quando Fernando de Azevedo ao escrever nos seus estudos autobiográficos sobre a sua trajetória no período 1915-18, assim se expressa:

"Sob as aparências de uma ordem social que se tinha por estável, e de uma vida fácil de prazeres e futilidades, decorrentes dessa ordem como um dos seus privilégios, mal se dissimulava um outro mundo, vegetando na miséria e devastado pelas doenças sem cura e pelo sofrimento sem esperança.

A visão, ainda, que através das névoas desse mundo atribulado o perturbou.

De inquieto e rebelde que sempre foi, se transformou num revoltado"[141].

---

141 AZEVEDO (1973), págs. 223-224.

A expressão "moral epicuréia", também tinha no nosso entendimento, esse sentido amplo de crítica à aqueles que acreditavam viver o país uma ordem estável, levando segundo Fernando de Azevedo uma "vida fácil", de "prazeres e futilidade", evitando a "austeridade", que resultaria de "ações que exigiam trabalho e sacrifício"[142].

Aprendera na família e principalmente com os jesuítas, a importância do "sentimento do dever até o sacrifício", assim como a importância de assumir responsabilidades.

O sentimento religioso cuja influência recebera principalmente de sua mãe juntamente com a "sensibilidade moral" que aprendeu a desenvolver com os jesuítas, o levaram a reconhecer que se deparava em 1915, com uma sociedade "sem ideal".

Preocupava-o o mundo com que se defrontava, a seu ver, de "exceções, privilégios e injustiças sociais".

Escreve, nesse sentido, nos seus estudos autobiográficos sobre a conjuntura em que deixou a carreira sacerdotal:

"O mundo com que se deparou, de exceções, privilégios e injustiças sociais - de uma minoria de abastados e ricos perdulários, flutuando num oceano de miseráveis, passou ele a abominá-lo com todas as suas forças"[143].

Nessa crítica à "moral epicuréia" podemos perceber que ela é feita também no sentido de um combate ao oportunismo, à ambição, ao espírito "agitado e trêfego" de uma sociedade cujas "elites dominantes" no seu entender viviam num mundo de "futilidades e prazeres".

Critica no prefácio de "A Poesia do Corpo", em 1915 nessa "moral epicuréia", um aspecto que ele qualificava como sendo de "sentimentalismo doentio".

Indicamos anteriormente como já em 1915 e de forma muito mais explícita no texto "A Cultura da Energia", escrito em 1921, ao qual também

---

142 Nesse ponto, talvez estivesse recebendo a influência de uma vertente que tem origem na literatura desse período, de crítica ao "bon-vivant".

143 AZEVEDO (1973), p. 227.

fizemos referência, como ele nesses trabalhos faz uma crítica à "cultura puramente livresca", "literária e de superfície", questionando a importância que ela dava à memorização, à abstração, à contemplação, à verbalização.

No combate à esse "sentimentalismo doentio", acreditamos, ele também indicava a necessidade de uma "moral austera" também com relação à vida intelectual.

No nosso entender, Fernando de Azevedo via o ato de estudar como trabalho. Nesse sentido, exigia esforço, disciplina, tenacidade, sacrifício, devendo desenvolver a intuição, o gosto de análise, a observação.

O que nos parece, no entanto, fundamental nessa crítica feita, em 1915, no prefácio de "A Poesia do Corpo", ao "sentimentalismo doentio", é que ele já começa a perceber no "caráter" do povo brasileiro que ele considerava estar em formação, o predomínio do sentimentalismo.

Nessa ocasiao, preocupava-o esse aspecto, isto é, domínio das "sensações" e de um "sentimentalismo doentio", à medida em que isso, no seu entender, "amolecia a vontade".

Acreditamos que, então, ele já percebia na chamada Cultura Brasileira esse traço[144], isto é, o sentimentalismo doentio.

Quando Fernando de Azevedo escreveu, em 1943, a *"Cultura Brasileira"*, já com posições teóricas bastante diferentes daquelas que possuía no início de sua produção cultural, destacou entre os traços percebidos no caráter nacional, estudando a psicologia do povo brasileiro, esse aspecto do sentimentalismo.

Consideramos, que a concepção de *"Cultura Brasileira"*, que ele desenvolve em 1943, vinha sendo formada e difundida durante o início de sua produção cultural, assim como no início de sua militância na educação.

Nesse livro, Fernando de Azevedo ao fazer a descrição sobre o caráter do povo brasileiro destaca como um dos mais fortes traços, o predomínio do afetivo, do irracional e do místico[145].

---

144 Linguagem utilizada pelo próprio autor ao escrever a *"Cultura Brasileira"* em 1943.

A transformação do país, no sentido da alteração do seu estado de fraqueza e de desfibramento, exigia o desenvolvimento da cultura do corpo.

---

145 Afirma: "Entre os traços dominantes, um dos mais fortes, e considerado às vezes, como a própria chave do caráter brasileiro, é o predomínio, na sua estrutura, do afetivo, do irracional e do místico que se infiltra por todo ser espiritual, amolecendo-lhe ou exasperando-lhe a vontade, conforme os casos, e dando-lhe à inteligência um aspecto essencialmente emocional e carregado de imaginação" (p. 195, Tomo I, 3a. edição). Indica em "A Cultura Brasileira" que: "Mas, no brasileiro, a sensibilidade, a imaginação e a religiosidade têm uma tal intensidade e força que raramente a cultura consegue dissimulá-las, não concorrendo senão para levantar o afetivo e o místico, de suas formas primitivas e grosseiras, para formas mais altas e delicadas" (p. 196, tomo I, 3a. edição, 1958). Escreve também que: "A inteligência e a sensibilidade têm entre si um jogo alternado que é a nossa própria vida mental e moral; e é preciso que a sensibilidade não a excite demasiadamente, para que se desenvolva em toda a sua plenitude e inteligência, capaz, também ela, de influir sobre a sensibilidade, constrangendo-a ou favorecendo-a. Tanto por influência das três raças que entraram na composição do nosso povo, como pela ação do meio físico e do clima, e ainda pelas próprias condições de nossa formação social, parece fortemente marcado o predomínio da sensibilidade sobre a inteligência, no brasileiro. Daí, desses defeitos de predominância afetiva, certos aspectos de nossa vida intelectual, pela qual a sensibilidade faz passar, agitando-lhe a superfície, uma corrente constante de vibração. Poder-se-ia talvez traçar o retrato mais sistemático e mais explicativo do caráter brasileiro, se lhe procurássemos a chave, não na inteligência, mas sim, na sensibilidade, que exerce grande influência também sobre a nossa vontade, imprimindo-lhe um ritmo irregular e descompassado, de depressões e arremessos, da indolência até a impetuosidade. Tudo o que a nossa vontade tem de explosivo, essa aptidão de guardar, sob as aparências da moleza, da lassidão e da indiferença, reservas de energias que se desencadeiam, sob o imperativo de uma necessidade ou ao choque de uma emoção, não denunciam uma preponderância acentuada da sensibilidade sobre a inteligência, ou para empregarmos termos técnicos da fisiologia, do simpático neuroglandular, com todas as suas impulsões, os seus instintos e as suas taras, sobre o cérebro, com a sua capacidade de comparar, de julgar, de concluir. A ação do brasileiro, de um modo geral, não tem, de fato, nada de premeditado, nem de refletido: ela é feita de impulsões, às vezes violentas, mas passageiras e sem continuidade. Os povos, porém, como os indivíduos, não lutam apenas com suas qualidades, mas também com os seus defeitos que eles empregam para se defenderem, e que depois de nos terem servido, se tornam preciosos e habituais, até nos formarem o caráter individual ou coletivo. É uma ilusão ver, nos ares de indiferença, e de despreocupação do brasileiro, um princípio de fraqueza, quando a indolência nele, representa antes uma "economia" de forças, uma "reação de defesa" contra o clima e as condições físicas e sociais do meio. É certo que a dúvida, quando se postou, e enquanto se mantém diante dele, o obriga a recuar e a conservar-se inativo até a preguiça, indiferente até a abstração. Nem sempre, porém, a melhor reação de defesa é um ataque. Pode ser, e será muitas vezes a expectativa, a capacidade de esperar, a vigilância sobre o momento de entrar em ação. Esse dom de resposta aos estímulos exteriores, essa aptidão para reagir, essa capacidade de grandes esforços, ainda que descontínuos, são tão fortemente acentuados no brasileiro que, a um abalo emocional, se mobilizam logo todas as suas forças e, desencadeadas, elas surpreendem sempre, até o espanto, pela violência do poder combativo, dissimulando e economizado sob a inação descuidada em que parecia deleitar-se" (p. 204, 205, Tomo I, 3a. edição, 1958). Reconhece em "A Cultura Brasileira", que: "De uma sensibilidade aguda, de rara vivacidade intelectual e de uma imaginação rica em ficções que o predispõem mais às letras e às artes do que às ciências, não é o brasileiro menos interessante quanto à inteligência, quase primitiva, pela facilidade de "apanhar no ar" e pela sua intuição, alimentada na sensibilidade, e pelos seus instintos de direção" (p. 214, tomo I, 3a. edição, 1958).

CAPÍTULO 4

A HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA GINÁSTICA

O uso da expressão "cultura do corpo", ou seja, "educação do corpo", nos faz pensar, como, ao nível teórico, já em 1915, Fernando de Azevedo possuía, em termos pedagógicos, uma visão ampla da questão, pensando a educação do corpo de uma forma articulada com a educação moral e intelectual.

Consideramos que essa perspectiva não tem origem somente nos ideários predominantes no século XX, mas, também, em autores como Platão, Locke, Rousseau, Kant, H. Spencer.

Procuraremos, ao longo da análise de "A Poesia do Corpo", refletir sobre a dimensão real que tem, na sua escrita, a expressão "cultura do corpo", defendida por ele como devendo possuir um "locus" específico de produção, isto é, através da "ginástica científica", no programa escolar.

Tal era o caminho que o autor propunha, numa conjuntura onde reconhecia ser necessário combater uma educação "estagnada no sentimento" e "gravitando em torno do cérebro", a qual considerava, enquanto "Canone da pedagogia", "incompleta, precária, ineficaz".

Defendia ele, pois, em 1915, a inserção da ginástica científica no programa escolar que, conforme indica, deveria, no seu conteúdo, quebrar as cadeias do empirismo, assim como as "teses apriorísticas.

Defendia, também, a necessidade de se alargar os âmbitos da ginástica científica no programa escolar, percebendo a importância de uma atuação sobre a formação dos professores "remetendo-os a regiões mais altas" para que pudessem vir a adquirir uma "visão panorâmica de todos os notáveis períodos da evolução educativa da sociedade e do indivíduo"[146].

---

146 AZEVEDO (1915), p. 12.

Tal postura parece-nos ter sido renovadora para os estudos de educação física no país, na conjuntura em que foi apresentada.

Ela indica que a "ginástica científica" ainda não tinha sido bem compreendida na sociedade brasileira em 1915, isto é, o seu papel e o seu significado enquanto objeto de estudos.

A reflexão de Fernando caminha em direção à crítica à falta de teoria, assim como à "rotinização" do ensino e da concepção de "ginástica científica" no país.

Em lugar da ginástica empírica, que ele julgava ser a dominante em 1915, ele defendia a ginástica racional. Já no prefácio ele anuncia a posição que procurará desenvolver ao longo do trabalho "A Poesia do Corpo":

"A educação física pela ginástica racional, não serve apenas, como antes erradamente cogitavam, para favorecer o desenvolvimento harmônico do corpo; desempenha funções de não menor relevo na formação da vontade e do caráter e no exercício das forças volitivas"[147].

Tratava-se de levar o "homem brasileiro" não somente ao "desenvolvimento harmônico do corpo, mas, também de atuar sobre a "formação de sua vontade", do seu "caráter", assim como de levá-lo ao "exercício de suas forças volitivas".

Para explicar como entendia a educação física ao nível teórico, enquanto área de estudos e enquanto um tipo de educação, o educador utiliza a metáfora da árvore. As raízes estariam na fisio-anatomia que seria seu solo e a seiva, ela, deveria haurir do domínio inteiro da pedagogia moderna. Os ramos vivificadores dessa árvore deveriam atingir todos os programas educativos e abranger, sob sua copa, que no seu entender de Fernando seria exuberante, a vida escolar e doméstica.

Para Fernando de Azevedo não existia antagonismo entre a educação física e a moral, pois acreditava que a educação física "vagava na

147 op. cit., p. 12.

esteira da moral", que ambas não eram "antípodas", mas "solidárias", pois é "idêntico e uno o problema a que poderiam solucionar".

Ambas deveriam, na sua opinião ou visão, receber igual respeito, devido "às benéficas influências que mutuam".

Essa colocação indica como, ao nível teórico, Fernando entendia a educação física (questão que desenvolve e que analisaremos ao longo do trabalho "A Poesia do Corpo") como um caminho importante para o combate da realidade que percebia no país em 1915, que, conforme explicamos anteriormente, era de "desfibramento físico, moral e intelectual".

A transformação do quadro existente, segundo o educador, passava pela relação "educação física e moral".

Apesar de sua inexperiência no ensino dessa disciplina, ele não aceitava objeções nesse sentido, reconhecendo e por ter estudado a questão, apresentava uma proposta que considerava renovadora para o seu estudo no país, a qual acreditava poderia gerar frutos a longo prazo.

A partir desse ponto de vista, enuncia, no prefácio, uma crítica ao que se tinha acumulado como resultado de nossa experiência no sistema educativo do país, assim como com relação ao ensino de ginástica.

Destacamos, no segundo capítulo, como Fernando se preparou seriamente para o Concurso onde defendeu o trabalho "A Poesia do Corpo", o que resultou numa das mais importantes obras produzidas sobre essa área no período, assim como em importantes escritos sobre o que ele denominava "pedagogia moderna".

O valor que ele, já no prefácio, afirma perceber no texto é a ausência, no mesmo, de cunho partidário e a forma desapaixonada com que foi escrito.

Defende ele, ainda, no prefácio, ser necessário ao regime universitário, para o bem de todos, estender a mão à cultura racional do corpo.

Julgamos que tal preocupação ultrapassava o sentido prático, vislumbrando, com relação à Universidade, a possibilidade da mesma fazer avançar o ensino de educação física ao nível teórico.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE

Fernando propunha, também, a existência de estudos sobre a educação física ao nível universitário.

A Universidade, dedicando-se a esta área, atuaria na formação de professores e poderia estar articulada, assim agindo, aos demais níveis de ensino.

Embora ele indique, nos seus estudos autobiográficos, que, no período em que escreveu "A Poesia do Corpo", vivia uma fase de transição entre o "mundo antigo", marcado pelas fontes de sua formação inicial, isto é, pelo humanismo literário de predominância latina, e o "mundo novo", que teria de ceder ao humanismo baseado no espírito crítico e experimental, no prefácio de seu livro posiciona-se como um defensor da "pedagogia moderna".

Tendo já uma pequena experiência, como professor substituto de "Literatura" e de "Psicologia", aliada ao fato de ter de pesquisar para escrever sua tese de concurso, através de leituras de educação física e do que chamava de "pedagogia moderna", percebemos, já nesse trabalho, a importância no seu pensamento da "psicologia experimental".

Nesse sentido é que entendemos sua afirmação: "Todas as parvoices, todas as interpretações cerebrinas da pedagogia antiga, não valem hoje uma só observação da psicologia experimental"[148].

O título de sua tese de concurso "A Poesia do Corpo", Fernando de Azevedo afirma, no prefácio, "ser a expressão sintética da concepção moderna

148 op. cit., p. 14.

de ginástica, que, no seu elevado intuito pedagógico, é de fato e não pode deixar de ser a poesia do corpo"[149] a qual é "Ciência e arte a um tempo - baseando-se todos na biologia, nos princípios anatômico-fisiológicos para alcançar a saúde corpórea, que é a condição fundamental do espírito, e tem de realizar um fim duplamente estético: 'o belo na forma e no movimento'"[150].

A idéia que Fernando de Azevedo utiliza acima, isto é, a realização do "belo na forma e no movimento", e que apresenta com o fim duplamente estético da ginástica moderna, ele afirma ter retirado de Lion.

E, em termos de literatura refere-se também no prefácio, à poesia de Edgar Allan Poe, lembrando que, para o escritor a poesia era a "criação rítmica do belo".

Julgamos que ele faz referência, no caso, ao ensaio de Edgar Allan Poe: "A Filosofia da Composição". A invocação à estética de Poe parece querer significar que: no corpo trabalhado pela racionalidade ("criação rítmica do belo", produz o belo e o bom", ideal helênico de educação).

Portanto, conforme explicamos anteriormente, a ginástica educativa para ele, conforme a concepção que apresenta no prefácio de seu trabalho, seria ciência e arte, e tanto enquanto ciência quanto como arte exigiria racionalidade.

O corpo trabalhado pela racionalidade produziria a saúde e a beleza.

Partindo do caráter helênico da ginástica, considerava que: "a ginástica no seu caráter grego deve tender por um método racional e graduado à realização estética do belo no corpo, à criação da beleza plástica, que não é senão o produto do perfeito equilíbrio dos órgãos do corpo humano e do desenvolvimento simétrico e normal das partes que o integram"[151].

A primeira parte do trabalho "A Poesia do Corpo", conforme indicamos anteriormente, tem como título: "O Estado da questão. Fatos e interrogações".

---

149 op. cit., p. 14.
150 op. cit., p. 14.
151 op. cit., p. 14.

Nessa parte, o educador procura, inicialmente, analisar a questão da natureza da ginástica educativa e indica ser a questão da educação física pela ginástica, um magno problema, na conjuntura em que escrevia.

Reconhece estar a questão "desafiando a atenção dos pedagogistas", por ser uma questão polêmica e que, no seu entender, poderia ser "aclarada" se os mesmos pedagogistas procurassem "com justeza definir o que se deve entender por ginástica educativa".

Afirma ele que uma análise imparcial dos diversos sistemas preconizados, faria avançar o debate sobre o que é a ginástica educativa, que, a seu ver, como já indicamos, parte importante da educação geral[152].

Segundo Fernando de Azevedo, as disparidades de opiniões que reconhecia existir sobre a questão, se assentavam "menos sobre sua dificuldade intrínseca do que sobre o partidarismo emotivo dos que o enfrentam e a divergência de pontos de vista porque pode ser ele encarado"[153].

Fernando de Azevedo assume na sua tese de concurso o objetivo de pensar esta questão.

Sem ser a nossa dissertação um estudo de educação física, e estando certos de que o nosso objeto é o estudo dessa temática no pensamento de Fernando de Azevedo, procuraremos indicar como ele entendia a natureza da ginástica escolar ou educativa, como pensou os seus fundamentos, em que ciências se apoiou para pensar os seus domínios.

Ao iniciar a sua reflexão sobre a natureza da ginástica educativa, lembra da subdivisão existente no apogeu da civilização helênica, recorrendo conforme indica ao testemunho de Platão.

Esclarece Fernando que tal classificação se constituía mais mum valor histórico, pois considerava, ao escrever em 1915, não perceber nela "nenhum alcance sob o prisma didático", sendo meramente uma classificação arbitrária, não obediente a um critério científico.

---

152 op. cit., p. 17.

153 op. cit., p. 17.

Indica ele a seguinte subdivisão:

"1) a orquéstrica, que tira seu nome da dança, como a 'pyrricha' ou 'europliana-dança' com armas que os gregos mais cultivavam;

2) e a 'paléstrica', assim denominada da palavra grega que significa luta"[154].

Em sua tese de concurso, ao pensar sobre o objetivo da cultura física, apresenta a seguinte classificação:

"1) a ginástica militar, que consiste nos exercícios de ordem, alinhamentos, saltos com armas, marchas aceleradas ou de resistência, etc, e, enfim em todo este conjunto de exercícios adequados à educação física militar.

É fácil de ver que esta primeira categoria pressupõe um sistema educativo preparatório.

2) a acrobática ou atlética, também chamada alta ginástica, que consiste no adestramento de artistas, por meio de exercícios de coragem, resistência e equilíbrio, em aparelhos e outras evoluções, antes prejudiciais do que salutares a qualquer organismo.

3) a ginástica fisiológica, estribada nas leis da anatomia e fisiologia, e que tem por fim o tratamento das deformidades físicas através de exercícios metódica e racionalmente combinadas, ou favorecimento da evolução integral e harmônica do corpo humano. Esta ginástica fisiológica comporta ainda uma classificação. De fato, por meio de movimentos sistematicamente coordenados e individualizados, propõe-se ela:

a) fazer voltar à sua harmonia natural um organismo enfraquecido, que padeça tal ou qual doença crônica ou uma deformidade, como os estropeados; o que se constitui na ginástica médica propriamente dita, terapêutica e ortopédica;

b) e desenvolver o organismo são, a robustez e o vigor físico, favorecendo em particular o aparelho locomotor, conservando-lhe as condições

---

154 op. cit., p. 17-18.

sanitárias e opondo-se diretamente à manifestação de qualquer estado mórbido; e teremos a ginástica profilática ou higiênica"[155].

Fernando de Azevedo situa a ginástica educativa ou escolar como parte importante da educação geral, pertencendo ao nível da classificação de ginástica aceita por ele, como inserida na ginástica fisiológica.

Dentro dos seus fins e processos como parte da ginástica fisiológica, a ginástica educativa pertence à subcategoria: "profilática e higiênica".

Procurando definir o objeto da "ginástica escolar" afirmava ele estar criticando definições "ambiciosas e imprecisas", que pela sua amplitude fugiam às regras de uma boa definição lógica[156].

Criticava também as definições que buscando a precisão, a seu ver, não conseguiam "delimitar bem o definido" e caminhavam numa perspectiva de redução da ginástica como tendo por alvo "dar ao corpo, por exercícios adequados, força e destreza".

Considerava ele, ao criticar essas concepções que encaravam a ginástica como tendo que desenvolver força e destreza, que:

"...consideradas assim com caráter exclusivo, podem ser escopo da ginástica empírica e acrobática, que não da escolar racionalmente aplicada. Esta, jungida, como acabamos de dizer, por muitos títulos aos domínios da anatomia, fisiologia, mecânica física do organismo e pedagogia experimental, tem um intuito mais elevado e em parte reconhecido pelos helenos, quando dedicavam as palestras a Apollo, deus da medicina, e emprestava a revezes o título de médico aos seus próprios professores, capitulando a ginástica não só como parte integrante da educação geral, como também da medicina, que confundiam com a higiene ou profilaxia.

Naquelas palavras - força e destreza não se acham incluídos os fins cardeais da ginástica escolar, que são de um lado facilitar o jogo dos órgãos

155 "A Poesia do Corpo", pp. 18-19.

156 Nessa perspectiva lembra no seu texto de Amoros.

necessários à conservação da vida, favorecer a evolução integral do organismo, avigorar racionalmente os músculos, tonificar as vísceras, fortificar a constituição, e de outro lado temperar o caráter, apurar as qualidades morais, inculcar os sentimentos da disciplina, e impedir no organismo, por estes efeitos fisio-psicológicos, o desdobramento das diateses nas diversas entidades mórbidas, que por via de regra as acompanham[157](grifos nossos).

Nessa colocação, Fernando de Azevedo deixa explícito em que domínios se fundamenta a ginástica escolar, entendida por ele como sendo racional.

Ao destacar os fins cardeais da ginástica escolar, demonstra ele os limites de definições que a reduzem ao desenvolvimento da força e da destreza, apresentando, sem perder a precisão, uma perspectiva mais ampla, que inclui necessariamente a questão da formação do caráter, da educação moral (desenvolvimento das faculdades morais) e da disciplina; enfim, o organismo entendido por ele no seu chamado "desenvolvimento integral", onde o físico, o moral e o intelectual são interdependentes.

Após rejeitar as perspectivas das concepções indicadas, apresenta o autor a definição que aceitava de "ginástica escolar":

"uma arte que consiste no exercício sistemático e harmônico de todos os órgãos do corpo, executado de acordo com certas regras e escudado nas leis anatômicas e fisiológicas e que tem por fim desenvolver de um lado certas faculdades morais e de outro favorecer a energia vital e a sua redistribuição proporcional em todos os sistemas e por todos os recessos do organismo"[158].

Defendia ele que "a ginástica escolar" deveria, do ponto de vista "fisio-anatômico", desenvolver:

"a) a saúde e o vigor;

b) a agilidade e a destreza;

---

157 AZEVEDO (1915), pp. 19-20.

158 op. cit., pp. 20-21. Quando o autor escreveu esse trabalho ele utilizava de S. Démeny o texto L'Education de l'Éffort, Paris, 1914.

c) a beleza corporal, e, sob o ponto de vista psicológico, a coragem, a iniciativa, a vontade perseverante, ou, em uma palavra, certas aptidões morais, o equilíbrio funcional dos órgãos, que é o expoente máximo da saúde do corpo e, por fim, 'a beleza na forma e no movimento'. Deve ela, pois, na concepção moderna, tender, não ao engrossamento do músculo, mas ao desenvolvimento racional de todos os órgãos e de todas as funções, para chegar, por um treinamento, isto é, por uma progressão lenta, gradativa e metódica, a favorecer o desenvolvimento do sistema nervoso e a coordenação de suas manifestações, e a facilitar assim todos os atos da vida, pondo uma 'alma sã num corpo igualmente sadio e vigoroso'"[159].

Após delinear o que julgava ser a "natureza e o fim da ginástica escolar", procura Fernando destacar, no seu trabalho, a importância da ginástica vista agora "em seu duplo e importantíssimo aspecto".

Reconhecia ser esse "duplo aspecto" anteriormente indicado que possibilitou a sub-classificação desta por Claparède[160], em ginástica educativa e ginástica higiênica.

Neste ponto, podemos observar a importância de Claparède, naquele contexto, em seu pensamento; reconhecia Fernando, que a subdivisão apresentada de Claparède possuía "grande alcance sob o ponto de vista prático do ensino".

Considerava ele, então, que, com relação à ginástica racional não se dava, no país, atenção para os progressos que estavam sendo realizados pela "pedagogia experimental" e pelos "higienistas abalizados". Afirmava ele, ainda, que "a importância e o alcance da ginástica educativa, não foi ainda bem compreendida entre nós"[161].

---

159 AZEVEDO (1915), pp. 21-22.

160 Indica a sub-classificação de Claparède: "1) Ginástica educativa propriamente dita, quando se quer desenvolver a atenção, a prontidão no movimento, a coragem, a energia, e neste caso desempenha papel essencialmente educativo; 2) é ginástica higiênica, quando se propõe sobretudo, a beneficiar o corpo, corrigir atitudes defeituosas, descongestionar o cérebro, ativar a circulação e obter a amplitude do peito. É seu lado fisiológico ou propriamente higiênico" (p. 22).

161 AZEVEDO (1915), p. 23.

Criticava o que denominava de "antigos moldes de educação física dinamizados no treinamento militar", que, conforme indicamos no segundo capítulo desta dissertação, assustavam-no, a exemplo do que pode perceber, ao conhecer a sala de armas e de ginástica no Ginásio Mineiro. Acreditamos, que ele considerava ser essa perspectiva a dominante na época.

Criticava a ginástica realizada através do "exercício das coletividades em prejuízo do ensino individual"[162].

Recorrendo à importância da pedagogia, que para ele era entendida como "uma psicologia em ação", Fernando indicava ter a mesma ensinado que "a verdadeira educação deve ser sólida, isto é, fundada sobre base segura, forte, de maneira que produza harmonicamente em todas as faculdades vigor e ação, e justamente racional"[163].

Ao criticar a "ginástica antiga" referindo-se àquela dominante no país em 1915, a seu ver "eivada de preconceitos", chegando a ser um entrave inclusive à remodelação da educação física no país, parece querer indicar que ela nada tinha a ver com as lições da "ginástica antiga", dos gregos. A esta "ginástica antiga", ele rendia tributo.

Lembrando os gregos, destaca Fernando:

"Não assim pensavam os gregos que, planejando uma organização ético-militar capaz de enfeixar em suas mãos o poderio do mundo, encaravam a ginástica educativa como a primeira parte, sendo as belas letras e a música a segunda no programa de educação geral, ensinando-a quer nas palestras, quer nos ginásios e ephebias, - noviciados obrigatórios, em que a disciplina era estritamente regulada pelo código efébico, fixado pelo Estado"[164].

Neste ponto, percebemos que Fernando de Azevedo ao destacar a importância que os gregos atribuíam à "ginástica educativa" e ao poder, lembra,

---

162 op. cit., p. 23. Com relação ao aspecto acima indicado, defendia que os exercícios precisariam ser: "fundidos e substituídos por outros, em que a aplicação se individue, quanto possível, variando, outrossim, conforme idade, o sexo, as condições de robustez de cada um".

163 op. cit. 23. A defesa da questão teórica de como postulava a base do ensino, indica também que, através do processo educativo deveriam ser formados homens com as qualidades citadas.

164 op. cit., p. 23.

como as concepções de educação e de educação física por ele defendidas foram importantes no sentido de poderem "enfeixar em suas mãos o poderio do mundo".

E, ao destacar o mundo antigo, tem por objeto o "mundo novo" e mais especificamente a sociedade brasileira, a partir da realidade em que ela se encontrava no contexto de 1915.

Nesse ponto em que Fernando indica ser tributário dos gregos, sua preocupação está voltada para o Brasil, para as transformações que se fariam necessárias no sentido dele se tornar um país forte, indicando aqui a importância da existências de um "locus" de produção, isto é, a educação física.

Entendia ele, então, que "a ginástica, mais do que base fundamental da educação física de ambos os sexos, é mais do que uma parte do programa de educação completa, à qual devemos os modelos plásticos da estatuária helênica"[165].

Com relação à fisiologia, faz referência de forma geral aos "fisiologistas antigos", lembrando especialmente um deles Adelon Béclard. Estes consideravam no geral a ginástica escolar como "importantíssimo ramo da higiene, que trata dos efeitos dos diversos exercícios sobre a economia animal"[166]. As preferências do educador, entretanto, tendiam para as teorias modernas de fisiologia.

Dentre tais teorias afirmava ele preferir, as teorias modernas de Lefèbure que, segundo Fernando de Azevedo, reconhecia na ginástica educativa de desenvolvimento um dos mais poderosos modificadores do corpo humano"[167] e a conceitua "como uma ciência biológica exata, tendo incontestável direito a um lugar ao lado da higiene da medicina em nossa preparação acadêmica"[168].

Conforme consideramos anteriormente ao escrever parte de "A Poesia do Corpo" em que se refere à natureza da ginástica escolar,

---

165 op. cit., p. 23-24.
166 op. cit., p. 24.
167 op. cit., p. 24.
168 op. cit., p. 24.

apresentando o assunto de uma forma objetiva e tendo como perspectiva a realização de uma tese de concurso, seu texto tem uma finalidade concreta, isto é, a de pensar os "fins da ginástica escolar" na sociedade brasileira, enquanto caminho para o país sair da crise em que se encontrava.

A natureza da ginástica escolar que ele explica nessa parte, ligada ao conjunto das posições que defende ao longo do seu trabalho "A Poesia do Corpo", como um todo, traduz uma concepção de corpo que será importantíssima no seu pensamento, no sentido de propostas para a formação da "nacionalidade brasileira" no contexto de 1915.

Em termos teóricos, ao explicar, na época, em que domínios acreditava ele estar fundamentada a "ginástica escolar", apesar da importância que atribui ao que denomina "mundo antigo", seu pensamento parece-nos estar no geral voltado para conhecimentos produzidos entre o século XVIII e o início do século XX.

Indica Fernando que um dos domínios em que se fundamentava a ginástica escolar, era na Biologia, ciência que surge no século XIX[169].

Além da importância mais ampla do surgimento da Biologia como ciência, e que julgamos soube ele captar, acreditamos, que, ao destacá-la enquanto um dos domínios no qual se fundamentava a ginástica escolar, o educador revelava compreender a relevância que tal ciência possuía nos fundamentos para o ensino no período, em sentido mais geral, como também, mais especificamente para a ginástica escolar.

Deveria ele, como um homem do seu tempo, estar familiarizado, com a forma pela qual essa ciência repercutiu desde que surgiu sobre os fundamentos do ensino, principalmente no movimento da escola nova.

Consideramos que Fernando de Azevedo, embora não tivesse em 1915 uma visão mais elaborada sobre o movimento da escola nova, muitas de suas posições, indicadas ao longo de "A Poesia do Corpo", revelam que possuía alguma familiaridade com o movimento em questão e que o autor procurava, já a

---

169 Sobre o surgimento da Biologia como ciência ver: FOUCAULT (1981), caps. VII, VIII, IX e X.

partir desse trabalho, encontrar e se fundamentar em idéias de uma pedagogia contemporânea.

Não vamos fazer uma análise sobre a questão da relevância dos conhecimentos biológicos para o ensino no século XIX e no início do século XX e nem sobre a posição fundamental que teve a Biologia no movimento da escola nova; o que queremos destacar, em grandes linhas é que a Biologia se tornou uma ciência importante no estudo das chamadas, na época, necessidades da infância, permitindo a pesquisa do organismo humano, nas condições do seu crescimento, maturação, desenvolvimento, hereditariedade e em inúmeros outros aspectos.

Atuou, como indica Lourenço Filho, estudando o "movimento da escola nova" para que o educador pudesse pensar o organismo humano não em bases empíricas, mas especulativas e também técnicas, a partir de modelo evolutivo de explicação[170].

No caso da Psicologia colocada como um dos domínios em que se fundamentava a ginástica educativa, também ela se constitui como ciência no século XIX.

Fernando de Azevedo, em 1915, reconhecia de um lado a importância da Psicologia como ciência entendida em sentido mais amplo, pois, tendo sido professor substituto dessa disciplina no Ginásio Mineiro, era familiarizado com o papel desempenhado pela Psicologia e pela Biologia na educação no contexto da época.

As explicações que indicamos com relação à Biologia e à importância que passou a ter, desde o século XIX e início do século XX, nos estudos educacionais e no movimento da escola nova são válidas também para a Psicologia.

Na busca de uma visão unitária da criança no movimento da escola nova, foi muito importante ao lado da Biologia, "uma nova fundamentação dos estudos de Psicologia", como indica Lourenço Filho.

---

170 LOURENÇO FILHO (1978), cap. II.

Estuda-se, através da Psicologia, o comportamento infantil, ele é descrito inclusive com a utilização da Estatística, no sentido da "caracterização das fases evolutivas da infância"[171].

A questão que Fernando de Azevedo coloca na primeira parte de seu livro, ao estudar a natureza da ginástica escolar, no sentido de que a educação física, em 1915, não levava em conta os progressos da pedagogia experimental, é um indício de como ele devia estar se familiarizando com os progressos que nessa perspectiva se faziam no pensamento educacional, através do movimento da escola nova, que levou à "renovação da educação em vários países".

Ele reconhece a "pedagogia experimental", como um dos domínios em que a "ginástica escolar" ou em sentido mais amplo a "educação física deveria se fundamentar em 1915[172].

CLAPARÈDE

Por este caminho podemos perceber ao nível da Psicologia e da "pedagogia experimental" que Fernando de Azevedo conhecia Eduardo Claparède.

No estudo do "movimento da escola nova" ao estudar o trabalho educacional de "renovação" que ocorreu na Suíça, Lourenço Filho, em seu livro anteriormente indicado, no capítulo II, com o título: "As Bases Técnicas e sua Elaboração: Contribuição da Biologia", no subtítulo: "A Pedologia, Estudo da Criança", lembra em Claparède a questão da "pedotécnica".

Escreve referindo-se a este autor:

"De par com as investigações, disciplinaram-se as aplicações, para as quais se pretendeu a denominação geral de pedotécnica. Assim lhe explicava o conteúdo, em obra que publicou em 1905, Eduardo Claparède (1873-1940): "A

---

171 LOURENÇO FILHO (1978), cap. II

172 LOURENÇO FILHO (1978), cap. I, p. 27 a 34. O autor situa a "pedagogia experimental" também chamada de "pedagogia científica" como emergindo no século XIX.

pedotécnica divide-se em tantos ramos quantos sejam os fins a que se aplique o conhecimento da criança. Na verdade, esses fins são múltiplos. Deseja-se conhecer a criança para curá-la se estiver doente", essa seção médica é a pediatria. Deseja-se dela conhecer para julgá-la, se responsável por um delito e para a regenerar; e aí temos a pedotécnica judiciária. Ou desejamos conhecê-la para a educar, e aí temos a pedagogia experimental. A pedagogia experimental é o conhecimento ou a investigação das circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento da criança e dos meios de educar em vista de um fim determinado. Compreende, em conseqüência, a psicopedagogia e a higiene escolar; e, se se tratar da educação de crianças não normais, a pedagogia médica ou ortofrenia"[173].

Indica, ainda, Lourenço Filho que:

"A evolução desses e de outros ramos de aplicação levou a pesquisa a setores especializados - fisiologia da criança, patologia infantil, psicologia da infância, criminalidade infantil, história social da criança; e, em movimento inverso, a conjugar tais estudos em disciplinas mais amplas, umas de visão geral como a antropologia, e outras, dedicadas ao desenvolvimento humano sob seus grandes aspectos, como ocorre na biologia e na psicologia. De um e de outro modo, o estudo unitário da criança havia cumprido sua missão no sentido de propor a investigação objetiva do educando. Além disso, havia comunicado a grandes ramos do saber, como a biologia e a psicologia, princípios de explicação evolutiva, de enorme importância na organização dos seus métodos de investigação"[174].

Ainda, Lourenço Filho, no cap. IV, entitulado "A Psicologia e seus constructos atuais", do livro a que estamos fazendo referência, ao analisar "os estudos experimentais de aprendizagem" na reconstrução histórica que faz desde o século XIX até o século XX, reconhece que a "experimentação só veio a tornar-

---

173 Filho, M.B. Lourenço, Introdução ao Estudo da Escola Nova, Edições Melhoramentos, 13a. edição, 1978, p. 39. Essa citação de Claparède é do livro desse autor Psycologie de l'Enfant et Pedagogie Experimental.

174 op. cit.,p. 39.

se sistemática no período de 1910 a 1920" e destaca nesse movimento, ao lado de outros pesquisadores, a importância da figura de Claparède. Indica que ele fez parte de um grupo de professores universitários que participou do movimento de "renovação da educação" na Suíça, sendo um pesquisador dedicado aos "problemas da psicologia infantil"[175].

Fernando de Azevedo ao escrever "A Poesia do Corpo" conhecia o trabalho de Claparède produzido em 1905, "Phychologie et l'Enfant e Pedagogie Experimentale", utilizando conforme indica na bibliografia a edição de 1909, assim como o trabalho desse autor: "Plan et Classification des Méthodes Psychologiques" in Arch. de Psychology, 1908[176].

---

175 Escreve: "Eduardo Claparède (1873-1940) doutorou-se em Medicina em 1897, na Suissa, havendo realizado estudos também na Alemanha e França. Em 1906 criou no laboratório de psicologia da Universidade de Genebra, um Seminário de psicologia médica, para atender às solicitações de numerosos professores interessados nas novas idéias. Esse seria o núcleo de mais importante organização, que estabeleceu depois, em 1911, o Instituto de Ciências da Educação, da mesma Universidade, mais conhecido como Instituto J.J. Rousseau. A direção desse órgão foi entregue a Pierre Bovet, que então ensinava pedagogia na Universidade de Neufchatel. Logo outras notáveis figuras se associaram ao empreendimento, que passou a atrair em cursos de formação e aperfeiçoamento de educadores de vários países" (p. 170). Indica Lourenço Filho que duas obras sintetizam o pensamento de Claparède: Psychologie de l'Enfant et Pédagogie Expérimentale (1905) e L'Education Fouctionelle (1931), ambas traduzidas em português. Juan Comas, no seu livro "Manual de Antropologia Física", Fondo de Cultura, Economica, México - Buenos Aires, 1957, 1a. edição, no cap. IV, que tem como título: "Crescimiento", na parte inicial que tem como subtítulo: "Antecedentes - Crescimiento y desarrolo. Etapas del crescimiento", ao apresentar dados históricos sobre a questão do "conocimiento del nino", a partir dos precursores da "ciência paidológica" e de como a questão do crescimento sempre foi uma preocupação faz indicações dos trabalhos mais significativos sobre essa questão desde os precursores até o século XX. Destaca em seus estudos, no início do século XX, ao lado de outros "psicólogos da infância" (Ovidio, Decoby, Goddard, Lipmann, Meumann, Simon, W. Stanley Hall, Stern, Toulouse, Suly, T. Ziehen, etc.), a importância de Claparède.).

176 Em 1930, último ano de realização da Reforma que levou o nome de Fernando de Azevedo, feita no Distrito Federal, ocorre a vinda de Educardo Claparède ao Brasil, para dar um pequeno curso, a convite da Associação Brasileira de Educação. A matéria de "O Jornal", título: "Um eminente pedagogo suisso hóspede no Rio", destaca ter sido essa sua viagem a primeira que tinha realizado para a América do Sul. Essa matéria destaca seu trabalho "La psychologie de l'enfant et pedagogie experimentale", indicando estar nesse período essa obra na "undécima edição na língua original, além de tantas outras traduzidas para os idiomas dos povos cultos". Reconhece a importância de suas pesquisas no domínio neuro-biológico. Destaca a importância do seu laboratório de psicologia da Universidade de Genebra, assim como dos seus discípulos. Lembra também o seu trabalho no Instituto de Ciências da Educação ou Instituto Jean Jacques Rousseau por ele fundado. Destaca ao seu lado nesse Instituto outros educadores de renome como Piaget, Bonet, Léon Walther e Mme. Antipoff, indicando essa matéria que esses dois últimos tinham sido contratados pela Universidade de Minas Gerais. Ressalta sua atividade científica dirigindo os "Archives de Psychologie", que nessa matéria é colocada como "a melhor revista da especialidade em língua neo-latina". Nessa matéria Claparède lembra de antigos discípulos seus residentes no Brasil: Radescky, polonês

Ainda com relação aos domínios em que Fernando de Azevedo fundamentava-se para pensar a "natureza da ginástica escolar", utilizava-se da Anatomia e da Fisiologia, ciências anteriores ao surgimento da Biologia, da Psicologia e da Pedagogia experimental.

Acreditamos que ele estava familiarizado com os progressos que tais campos do conhecimento, também, alcançaram nos séculos XIX e início do XX, assim como, com a importância que estavam tendo para a educação como um todo, e para a educação física mais especificamente.

Outro campo importantíssimo no entender de Fernando de Azevedo, em que se fundamentava a ginástica escolar, era o da Higiene.

Isso já pode ser percebido no início do trabalho "A Poesia do Corpo", quando situa a ginástica escolar, conforme destacamos anteriormente, como fazendo parte da subcategoria "ginástica profilática ou higiênica".

Ao situar essa subcategoria e nela inserir a "ginástica escolar", podemos ver como, em 1915, Fernando de Azevedo considerava que para "desenvolve o organismo são, a robustez e o vigor físico", "favorecendo o aparelho locomotor", era importante "conservar-lhe as condições sanitárias", opondo-se às "manifestações de qualquer estado mórbido".

Não vamos analisar o significado da questão sanitária e do papel da profilaxia e da higiene; procuraremos noutra parte do trabalho localizar a questão

---

naturalizado, Mme. Antipoff, Francisco Seis. O "Jornal do Brasil" apresenta uma matéria interessante com o título: "As grandes figuras da ciência". Essa matéria lembra a influência de Claparède na "pedagogia científica moderna" e destaca a importância do seu trabalho: "La psychologie de l'enfant et pedagogie experimentale". Destaca ter Claparède se doutorado muito cedo em Medicina, especializando-se em Neurologia com o professor Dejerine, indo depois trabalhar no laboratório do famoso Wilheim Wundt. Indica que em 1912 fundou o Instituto Jean Jacques Rousseau, que nesse período em que esteve no Brasil estava sob a direção de Pierre Bovet. Declara Claparède nessa matéria ter fundado em 1901, com Fiourmay, os "Archives de Psychologie", em cuja direção encontrava-se ainda em 1930. O "Diário de Notícias" publicou também uma matéria com o título: "O sentimento de inferioridade na criança" - a primeira conferência do professor Eduardo Claparède na Associação Brasileira de Educação. Essa matéria é uma síntese aparentemente bem feita das coleções feitas por Claparède nessa conferência. A matéia de "O Jornal", de 03/10/1930, título: "A Grande Obra Educacional que se realiza em Minas", é uma entrevista com Lourenço Filho que foi para Minas Gerais ver de perto o que estava sendo feito naquele Estado em termos de reforma de ensino, assim como para assistir às conferências do professor Claparède.

da "ginástica profilática e higiênica", buscando compreender, a partir de vários autores, também a questão do campo da "Higiene" como formação discursiva[177], numa perspectiva histórica e o significado que possuía no quadro mais geral e no pensamento de Fernando de Azevedo em 1915.

Ao analisar em "A Poesia do Corpo" a questão da "ginástica através do tempo", localiza, Fernando, inicialmente a sua origem no Egito[178]. Em seguida destaca os chineses, afirmando parecer-lhe "terem sido os primeiros a reconhecer todo o valor fisiológico e sanitário dos exercícios físicos"[179]. Lembra, também, o papel da Índia, indicando que possuía "preceitos médicos e postulados higiênicos sobre o movimento"[180].

Destaca, depois, a "civilização grega", observando que foi com ela que a ginástica se elevou "à altura de uma instituição nacional".

Reconhece ele não ter a ginástica perdido seu caráter fisiológico com os gregos, mas indica ter tido esse aspecto maior relevo no Extremo Oriente.

---

177 Sobre a questão do campo da Higiêne como formulação discursiva, ver AROUCA (1975), COSTA (1976), FOUCAULT (1981,1982,1983,1984 e 1985), ULMANN (1982), MELO (1976).

178 Escreve: "A Ginástica tão desenvolvida entre os gregos, deve sua origem ao Egito, como pode atestá-lo a pintura antiga existente em Beny-Has ou na Heptanomide, em que os exercícios de luta reproduzidos com a rudeza característica de todas as produções da arte egípcia não deixam pairar dúvidas sobre o gênero de combate que o quadro representa" (p. 24). Veja-se as considerações que faz sobre a educação física no Egito, Victor Marinha de Oliveira, no livro "O que é Educação Física", Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983.

179 "A Poesia do Corpo", p. 24. Indica também que: "Desde 2698 o Congfou, (a arte do homem, ou a arte da ginástica médica chinesa) louvava os exercícios, já apregoados por In-Kang-Chi e pelo fundador da dinastia dos Chang, transmitindo-nos as práticas dos bonzos, moldadas segundo as conseqüências da teoria de Confucius sobre a unidade do ser humano" (p. 24-25). Com relação à ginástica entre os chineses, ver como OLIVEIRA (1983), p. 17-18, destaca também o seu pioneirismo no sentido de "racionalizar o movimento humano", reconhecendo também o "seu forte conteúdo médico e terapêutico", assim como "religioso", visando com o Kong-Fou, "além de curar enfermidades do corpo, serviu para torná-lo um "leal servidor da alma".

180 Escreve: "Na Índia, lêem-se nos Vedas preceitos médicos sobre o movimento, as fricções, massagens e a maneira de respirar; e as leis de Manon consagram a prática destes postulados higiênicos, que nos evoca o schampooing, rigorosamente exigidos pelo budismo" (p. 25). Victor Marinho de Oliveira, no seu livro, "O que é Educação Física", Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983, destaca entre as práticas hindus, a ioga "como a sua manifestação suprema" (p. 18). Indica que: "A parte desse sistema que trata do corpo físico chama-se hatha-yoga e é fundamentalmente uma ginástica de posições com a utilização de uma respiração adequada. A yoga não é apenas um conjunto de exercícios ginásticos, mas uma doutrina que busca não só a purificação do corpo como também, através da meditação, facilitar a identificação do homem com a sua essência divina" (p. 18). Destaca que ela integra "o físico, o intelectual e o emocional".

Considera Fernando, no entanto, que a "civilização grega" deu à ginástica um caráter mais amplo, parecendo-me. Reconhecer nela fins nobres, isto é, educativos e pedagógicos[181].

Reconhece ele que foi o povo grego o que mais se compenetrou da máxima "mens sana in corpore sano", destacando que, com essa máxima, queriam expressar "a unidade da perfeição do ser humano, a união da beleza física e da beleza moral"[182]. Considerava, ainda, ser a ginástica grega, "paciente e raciocinada"[183].

É possível percebermos que Fernando de Azevedo admirava a cultura grega, com destaque para o modelo ateniense, e, ao fazer referências a aspectos que considerava importantes naquela civilização ressaltava como, dentro de sua unidade os gregos souberam valorizar a cultura física, elevando a ginástica à categoria de instituição nacional.

Já em 1915, Fernando de Azevedo podia ser considerado como possuidor de uma erudição significativa, com domínio de vários idiomas, inclusive o grego, e já deveria, nesse período de sua formação, ter uma leitura dos oradores, escritores e personalidades políticas da antigüidade[184].

Chamou-nos a atenção o fato dele fazer, sinteticamente, indicando outros aspectos da civilização grega, alusões às figuras de Demóstenes, Péricles e Píndaro[185].

---

181 Afirma: "Com as tradições, os gregos criando em torno uma civilização, que por toda a parte preconizava a beleza da forma, elevaram a ginástica à altura de uma instituição nacional e tiveram a educação física no mais alto valor, podendo afirmar-se que a estética era o perno de todas as aspirações e o centro por onde convergiam todas as formas educativas. Na Hellade, não perde o caráter fisiológico, posto mais em relevo no Extremo Oriente, mas já tem um cunho político, atlético e militar muito mais acentuado" (p. 25).

182 AZEVEDO (1915), p. 26.

183 op. cit., p. 26.

184 Esse interesse deve ter sido despertado no curso secundário sob os cuidados dos jesuítas.

185 Afirma: "A mesma Grécia artística e voluptuosa, que rendilhava os ornatos arquitetônicos, povoava a Acrópole de estátuas, distribuía telas e hipnotizava o mar Jonio sob as asas da oratória máscula, de Demosthenes ou da sobriedade harmônica de Péricles, era a que, cingida de louros, se agitava em ondas enquadrada no cenário apoteótico de Olympia ou de Delphos, cujas colinas repercutiam as epinicias de Píndaro, igualando os atletas aos heróis que a defendiam no campo de batalha" (p. 26). Sem pretendermos ter a pretensão de discutir a figura de Demóstenes, lembrado por Fernando de Azevedo em 1915, pudemos verificar indicações no trabalho de "Werner Jaeger, Paideia - A formação do Homem Grego", tradução de Arthur M. Parreira, Editorial Aster, que a figura desse

O fato de mencionar tais figuras históricas, indica a admiração de Fernando de Azevedo por elas, assim como revela sua formação clássica e o seu conhecimento da democracia ateniense.

Parece querer indicar, ao lembrá-las, como, através de uma concepção de educação que envolvia equilíbrio (harmonia) entre educação do corpo e do espírito, foi possível à democracia ateniense, forjar grandes heróis, na construção de sua civilização. Procura com isso mostrar como essa concepção de educação repercutiu em todos os níveis da cultura grega[186].

Considerava Fernando que a educação física entre os gregos tinha "por fito prevenir as moléstias e criar a beleza plástica, e por a alma d'um sábio no corpo de um atleta"[187].

Lembra ao escrever sobre a educação física entre os gregos ter sido Platão um "atleta notável"[188].

---

orador ressurgiu no Renascimento (mostra inclusive que os "democratas do século XVIII sentiam predileção por Demóstenes e explica também tr ocorrido a tradução de suas obras no "tempo de opressão napoleônica", pelo filólogo e humanista Friedrich Jacob, para fortalecer o espírito de independência nacional". Indica também ter sido publicada uma biografia de Demóstenes (por Clemenceau) após a I Guerra Mundial. Mostra também ter sido escrito um livro de combate à figura de Demóstenes escrito por um filólogo alemão, com o título: Imagens de uma antiga República de Advogados. Veja-se isso in Paideia, título: "Demóstenes e Transformação da Cidade-Estado, pp. 1295-1296). Maiores observações sobre a figura de Demóstenes, veja-se in Paideia, título acima indicado, pp. 1295-1331. Sobre Péricles ceja-se Paideia, título: "Tucídiades como pensador político", pp. 430 à 436. Sobre Píndaro veja-se Paideia, título: "A Educação do Princípe", sub-título: "Isócrates e Píndaro: modelo", p. 1046. Chamou-nos a atenção ainda sobre a figura de Demóstenes a referência que faz Fidel Castro no livro "Conversas com Frei Beto", Editora Brasiliense, 3a. edição, 1985, indicando que quando era rapaz através da influência de um guarda-livros de sua casa esse o introduziu na leitura de discursos de Demóstenes, Cícero e outros oradores e escritores da antiguidade" (ver pp. 336 à 338).

186 Acreditamos que nesse ponto é possível perceber como o passado (A Antiguidade) atua como fonte para ajudar Fernando de Azevedo a pensar o presente, isto é, a conjuntura da época.

187 "A Poesia do Corpo", p. 28. Veja-se sobre a educação física entre os gregos o livro de Manuel Sérgio, título: "A prática e a educação física", Editorial Compendium, Lisboa, Coleção Física e Desporto, 2a. Edição Revista e Aumentada, 1982, cap. título: "Da História da Filosofia à História do Desporto", assim como o capítulo que tem como título: "Desporto e Humanismo Contemporâneo". Veja-se o livro de Victor Marinho de Oliveira, O que é Educação Física, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983, pp. 22 a 26. Veja-se também as informações presentes no livro Paidéia, A formação do Homem Grego, de Werner Jaeger, Tradução de Arthur M. Parreira, Editorial Aster. Veja-se o livro de Jacques Ulmann, LA GYMNASTIQUE AUX SPORTS MODERNES - Histoire des Doctrines de l'Éducation Physique, Librairie Philosophique J. Vrin, 1982.

188 Escreve: "Um dos patriarcas do pensamento grego, e por certo, um dos mais fecundos filósofos que a humanidade tem produzido, Platão, foi um atleta notável, e arrebatou por duas vezes a palma da vitória nos Jogos Olímpicos" (p. 26). Sobre a concepção de educação de Platão e nela qual o papel

Embora não se refira especialmente à posição que a ginástica e mais amplamente a educação física ocupava no pensamento de Platão, julgamos que ele conhecia essas posições.

Como demonstramos anteriormente, Fernando de Azevedo adquiriu na sua formação escolar uma sólida formação humanística e literária, na qual a Antigüidade Greco-Romana exercia papel fundamental e, citando Antonio Cândido, o educador fez nome "inicialmente como conhecedor e cronista da Antigüidade Greco-Romana"[189].

Antonio Cândido lembra que "a Antigüidade lhe inspirou o culto pela educação física"[190], e, que "o humanismo clássico, dentro de cujo estímulo traduziu muitos diálogos de Platão, abriu o seu espírito para a necessidade de reformar a instrução do seu tempo e do seu país"[191].

Nessa análise da ginástica através do tempo é muito nítida a sua posição de defesa do pensamento grego, com destaque para o modelo anteniense.

Ao fazer referência ao que denomina "degeneração" da ginástica na Grécia, explica o fato como tendo sido resultante do declínio dos costumes e da especialização, que "rompeu o equilíbrio da educação geral"[192].

Explica ter sido nesse período que os romanos a conheceram e critica a "ginástica entre os romanos", indicando o seu aspecto militar e meramente utilitário, não vendo nela fins nobres e educativos, como percebia entre os gregos.

A máxima "mens sana in corpore sano", que procurou desenvolver em "A Poesia do Corpo", é assumida do pensamento grego.

---

que o filósofo atribuía aos exercícios físicos em particular a ginástica, veja-se o livro de Maurice Dommanget, "Los Grandes Socialistas y la Educación de Platón a Lenin", cap. I, título: "Platon", Editorial Fragua, Madrid, 1972, pp. 8 à 33.

189 CÂNDIDO (1984), p. 1.

190 op. cit., p. 1.

191 op. cit., p. 1.

192 Escreve: "No declínio dos costumes, a ginástica como quase todas as instituições, degenerou na Grécia, com a especialização que rompeu o equilíbrio na educação geral, separando-se a cultura do corpo e do espírito, e com a substituição dos movimentos ritmados pelos exercícios da força pura e brutal (500 a.C.) transformando-se os ginásios em simples escolas de atletas" (p. 27).

Entre os romanos com relação à defesa dessa máxima, destaca a figura do poeta Juvenal[193].

Fernando parece-me querer mostrar que os romanos não renovaram a ginástica. Questiona os objetivos atribuídos aos exercícios entre os romanos, querendo mostrar que, com eles, os exercícios perderam os seus objetivos pedagógicos. Além do aspecto militar que ele critica, a ginástica em Roma, "desviou-se do seu intuito pedagógico", sendo um conjunto de práticas que ele via como não tendo nada de nobre, pelo contrário, era vista como representando a sua forma mais degradada; o que Fernando entendia é que a educação física entre os gregos e romanos encaradas sob pontos de vistas diversos.

Ao fazer referência, em "A ginástica através do tempo", à Idade Média, Fernando de Azevedo enuncia:

"Na Idade Média com a queda da civilização greco-italiota, o espiritualismo exagerado, que se corporificou nas suas catedrais góticas, nas suas ogivas e nas suas flechas atiradas para o espaço encerrava no claustro o ensino esotérico de seu sacerdócio, ao mesmo tempo que profligava a cultura física, vendo no corpo o maior inimigo do homem e o maior antagonista do espírito. Os povos abastardaram-se sob estes preconceitos e os exercícios ginásticos foram substituídos pelo manejo das armas e da esgrima e pelas justas, torneios e outros exercícios adaptados às tendências cavalheirescas daquela época. Com a cavalaria, porém desapareceram estes próprios exercícios, e a educação física foi relegada à desuetude e ao desprezo"[194].

Nesse mesmo ponto da análise destaca ter a educação física, a partir do século XVI recebido "um impulso, devido ao culto que lhe votaram os humanistas"[195].

---

193 Sobre a educação física entre os romanos ver: ULMANN (1982), FOUCAULT (1985).

194 "A Poesia do Corpo", p. 28. Veja-se sobre essa questão da "ginástica" e mais amplamente da "educação física" na Idade Média, ULMANN (1982), Livro Segundo.

195 Sobre a produção cultural relativa à educação do corpo, veja-se ULMANN (1982).

É possível perceber que Fernando de Azevedo trabalhava com a idéia de que na Idade Média ocorreu a ruína da cultura física, estando o eixo dessa explicaçao centrada no argumento de que a mesma viu no o corpo o maior inimigo do homem e o maior antagonista do espírito. Parece-nos que ele, ao querer indicar que a Idade Média não desenvolveu a ginástica educativa, ele reduz ao cristianismo "in totum", assim como a história desse período a um total ascetismo.

Considero que sua tese é de que o espiritualismo exagerado, nesse período, deve ser responsabilizado pela condenação do corpo. Mesmo tendo por intenção mostrar que a educação e a escola, nesse período, não valorizaram a educação do corpo, ao colocar da forma como fez, o tema do ascetismo, ele não teria caído num ponto de vista absoluto, tendo por isso, generalizado com algum excesso; ao procurar demonstrar que a Idade Média não valorizou o corpo, não estaria o autor, afirmando, de forma absoluta, que todo o cristianismo teria desprezado o corpo ? [196]

Chamou-nos a atenção, nessa parte do texto, o fato de Fernando de Azevedo referir-se ao período que vai do século XVI ao XVIII lembrando a sua importância para a pedagogia e a educação física, sem contudo citar autores como Rabelais, Erasmo, Locke, Rousseau e Kant.

Conforme indicamos, através de citação anterior, Fernando de Azevedo destaca que a "educação do corpo" teve, no século XVI, "um impulso efêmero", reconhecendo ser somente no final do século XVIII que "desenha-se no horizonte os primeiros sinais de sua renascença", lembrando ser nesse século que a ginástica passou a ter o "lugar que lhe competia num plano racional de educação física".

Percebemos que Fernando de Azevedo somente procurou destacar, de forma mais pormenorizada, figuras importantes na ginástica e na educação física a partir do século XIX.

---

196 Colocações e expressões de ULMANN (1982), p. 85-86.

Considerava ele a respeito da educação física, que: "Seu ensino regular não data, porém, senão do século XIX"[197].

Sobre John Locke (1632-1704), consideramos importante destacar ter esse pensador, que viveu no século XVII e começo do século XVIII, dirigido sua atividade para a medicina, a política e a educação. Ao escrever sobre educação, pensou a questão da educação física.

Isso pode ser observado no seu livro *"Qualques pensées sur l'éducation"*. Sem pretendermos fazer uma análise sobre as posições de Locke com relação à educação física, queremos destacar, apenas, que ele soube também valorizar, ao tratar a questão, a máxima "mens sana in corpore sano", sendo sua educação do corpo, voltada para a busca da saúde.

Podemos destacar do seu texto, no "Préambule" (pp. 27-28) a valorização de tal máxima lembrando o poeta Juvenal[198], ao afirmar que:

1. "Um espírito são num corpo são, tal é a breve mas completa definição da felicidade neste mundo. O homem que possui estas duas vantagens não tem grande coisa a desejar. Aquele ao qual faltam uma ou outra não poderia quase aproveitar não importa qual outro bem. A felicidade ou a infelicidade do homem é em grande parte sua obra. Aquele cujo espírito não sabe se dirigir com sabedoria não seguirá jamais o caminho direito; e aquele cujo corpo é fraco e arruinado será incapaz de caminhar nele. Há, confesso, pessoas cujo corpo e espírito são naturalmente tão vigorosos, tão bem constituídos, que não têm grande necessidade de auxílio de outrem. Desde o berço, unicamente pela força do seu gênio natural, elas são levadas a tudo que é excelente; somente pelo privilégio de sua afortunada organização, eles estão em condições de fazer maravilhas. Mas os exemplos desse gênero são raros, e creio poder dizer que noventa por cento dos homens que conhecemos são o que são, bons ou maus, úteis ou nocivos, por efeito de sua educação.

---

197 "A Poesia do Corpo", p. 29.

198 Indica: "Juvenal, Sat. X, 356: Orandum est ut sit mens sana in corpore sano" (nota de rodapé, p. 27).

É a educação que faz a diferença entre os homens. Mesmo impressões ligeiras, quase insensíveis, quando elas são recebidas desde a mais tenra infância, têm conseqüências importantes e duradouras. Estas primeiras impressões são como as fontes de certos riachos: é suficiente à mão do homem um pequeno esforço para transformar suas dóceis águas em diferentes canais que se dirigem em sentidos opostos; de modo que, segundo a direção que lhes foi imprimida em sua fonte, esses riachos seguem diferentes cursos, e terminam por dar em regiões bastante distanciadas umas das outras.

2. Imagino que o espírito das crianças poderia ser dirigido para um lado ou para o outro tão facilmente como a própria água. Mas, embora o espírito seja a parte principal da natureza humana e a educação deva sobretudo levar ao interior do homem, é preciso contudo não esquecer de tomar cuidado com a nossa casa de argila (clay cottage). É portanto por aí que vou começar, tratando da saúde do corpo; seja porque estas considerações são aquelas que vós deveis esperar do gênero de estudos aos quais passo agora a me aplicar, seja porque terminaria rapidamente com esse assunto que, se não me engano, se reduz a poucas coisas"[199].

Na Secção I (3.30), que tem como título: "A Educação Física", e subtítulo "Da Saúde", Locke aponta:

"3. Que a saúde é necessária a nossos negócios e à nossa felicidade, e que para desempenhar qualquer papel no mundo não podemos prescindir de um temperamento vigoroso, que resiste ao trabalho e à fadiga, é um ponto evidente, cuja prova é ociosa.

4. Falando aqui da saúde, meu objetivo não é dizer como um médico deve cuidar de uma criança débil ou doente; quero somente indicar o que, sem recorrer à medicina, os pais têm a fazer para conservar e desenvolver em seus filhos uma constituição sadia ou ao menos isenta de doença. E talvez tudo o que tenho a dizer se resumisse nesta curta máxima: as pessoas do mundo devem cuidar de seus filhos como os caseiros e os camponeses ricos fazem com

---

199 v. LOCKE (1966), pp. 27-28.

os seus. Mas como as mães acharão sem dúvida esta regra muito dura e os pais muito breve, vou explicar meu pensamento com mais detalhes, após ter colocado em princípio, como uma verdade geralmente certa, recomendada à atenção das mulheres, que, na maior parte das crianças, a saúde é comprometida ou ao menos enfraquecida pelos mimos e o excesso de carinho"[200].

Locke desenvolve o que entende por educação do corpo, ou seja, por educação física, nas páginas 32 a 62 desse seu livro. Embora estuda também de forma específica a questão da educação física (lembrada também por ele como um "pequeno número de regras fáceis de observar"), acreditamos que o entendimento dessa questão precisa ser buscado através de como ela se insere no conjunto de sua concepção de educação.

Nesse sentido, a leitura integral desse livro é relevante, para que seja possível compreender na concepção de educação de Locke, como a educação física articula-se com a educação moral e a intelectual.

Com relação a Rousseau (1712-1778), veja-se as posições que desenvolve sobre a educação do corpo, no seu trabalho *"Emílio ou da Educação"*[201].

Destacaremos algumas de suas colocações, apresentadas no livro segundo, mostrando a importância da ginástica:

"A natureza tem, para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, meios que nunca devemos contrair. Cumpre não obrigar uma criança a ficar parada quando quer andar, nem a andar quando quer ficar parada. Quando a verdade da criança não é viciada por nossa culpa, ela não quer nada inutilmente. É preciso que pule, que corra, que grite quando tem vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição que busca fortalecer-se..." (p. 69).

"Quereis cultivar a inteligência de vosso aluno, então cultivai as forças que ela deve governar; tornai-o robusto e são para torná-lo bem

---

200 Locke, John, Quelques pensées sur l'éducation, traduction de G. Compayré, Introduction de G. Compayré, Introduction et Notes de J. Chateau, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1966, Section I (3-30), L'Éducation Physique, De La Santé, p. 29.

201 ROUSSEAU (1979).

comportado e razoável; que trabalhe, que aja, que corra e grite, que esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e em breve ele o será pela razão" (p. 111).

"É um erro lamentável imaginar que o exercício do corpo prejudique as operações do espírito: como se essas duas ações não devessem andar de acordo, e que uma não devesse sempre dirigir a outra" (p. 112).

Escreve, ainda, Rousseau, indicando a importância da ginástica na p. 112, em trecho que selecionamos entre muitos outros:

"Todos os que refletiram acerca da maneira de viver dos antigos atribuem aos exercícios de ginástica o vigor do corpo e de alma que os distingue mais sensivelmente dos modernos. O modo pelo qual Montaigne corrobora esse sentimento mostra que estava fortemente compenetrado disso; volta ao assunto sem cessar e de mil maneiras. Falando da educação de uma criança, diz que, para fortalecer-lhe a alma, cumpre enrijecer-lhe os músculos; acostumando-a ao trabalho, habituam-no à dor: é preciso afazê-la à dureza dos exercícios, para adestrá-la às asperezas das luxações, das cólicas e de todos os males. O avisado Locke, o bom Rollin, o sábio Fleury, o pedante Crouzas, tão diferentes entre si em tudo o mais, concordam todos nesse único ponto; exercitar muito o corpo das crianças. É o mais judicioso de seus preceitos; é o que é e será sempre mais negligenciado. Já falei suficientemente de sua importância, e como a respeito não é possível dar melhores razões nem regras mais sensatas que as que se encontram no livro de Locke, contentar-me-ei com recomendá-lo, depois de tomar a liberdade de acrescentar algumas observações às suas".(p.112)

Com relação a Kant (1724-1804), é importante o seu trabalho *"Réflexions sur L'Éducation"*, onde se encontram as suas posições sobre a educação.

Sem pretendermos analisá-las, em profundidade, queremos apenas indicar que neste texto é possível localizar algumas de suas colocações sobre a "educação do corpo".

A "educação física" é pensada na sua especificidade e na sua inserção no conjunto de uma concepção de educação que articula a educação física, à educação moral e à intelectual.

Como explica A. Philonenko, na introdução, *"Reflexões sobre a Educação"*, o material desse trabalho são notas que "provinham das aulas de pedagogia que Kant deve ter dado, várias vezes, na Universidade de Königsberg. Kant teria dado ao todo quatro cursos de pedagogia: o primeiro, durante todo o semestre do inverno 1776-1777; o segundo, durante o semestre do verão de 1780; o terceiro no semestre de inverno 1783-1784; enfim, o quarto, o semestre do inverno 1786-1787. As *"Reflexões sobre a Educação"* contém a matéria destes cursos"[202].

Consideramos muito importante nesse livro a introdução de A. Philonenko explicando o pensamento de Kant.

É nas páginas 43 a 52 da Introdução que Philonenko trata mais especificamente da "educação do corpo", mas considerações sobre a questão poderão ser encontradas ao longo do Capítulo III, intulado: "O desenvolvimento da educação", nos tópicos I a V.

Nesse capítulo, na realidade Philonenko explica, nas notas que faz, a educação do corpo (educação física), a educação intelectual e a educação moral, mostrando suas especificidades e suas relações.

Destacamos de Philonenko, na análise que faz do pensamento de Kant com relação à educação do corpo o seguinte:

"Nas 'Reflexões sobre a Educação', Kant efetua uma série de distinções na educação. Essas distinções não se ajustam sempre de maneira fácil e, como o acentua Duproix, Kant que certamente não se contradiz, não é sempre suficientemente claro. De uma maneira geral, Kant distingue três períodos na educação.

O primeiro período da educação é a educação do corpo, que Kant ainda chama de educação física - segundo uma terminologia que poderá parecer

---

202 KANT (1966, p. 6), p. 9.

por vezes contestável - e nos parece que ela se decompõe em duas fases. A primeira fase é a educação do corpo propriamente dita, aquela que 'não consiste senão em cuidados, dados seja pelos pais, seja pelas amas-de-leite, seja pelas babás'. É bem exatamente a primeira educação que 'deve unicamente ser negativa'. Vê-se aparecer em seguida uma segunda fase, que é a educação física ativa; o corpo não é somente sustentado, é exercido. Trata-se de desenvolver 'a prática do movimento voluntário', assim como 'a prática dos órgãos dos sentidos'. É neste caso que a educação do corpo se aproxima, em certa medida, do que chamamos de ginástica"[203].

No texto de *Kant "Réflexions sur L'Éducation"*, as suas colocações mais específicas sobre a educação física, encontram-se na parte que tem como título: "De L'Éducation Physique" (A. L'Éducation du Corps), da pág. 91 à 108.

A análise do estudo que Fernando de Azevedo realizou sobre a ginástica através do tempo, assentou-se nos estudos dos teóricos do século XVIII e principalmente, do século XIX; foi aí que fundamentou-se para escrever "A Poesia do Corpo", período no qual a ginástica, conforme indica em seu texto, passou a ter um ensino regular.

Ele parece estar familiarizado com as tendências e com o desenvolvimento da ginástica no séc.XIX, pois analisou os países - Alemanha, Suécia, França, Suíça - onde ela tinha grande importância, tendo sido "erigida como uma instituição nacional". Em tais países, destacou aqueles que considerava serem os seus principais teóricos[204].

Na Alemanha, o autor realça a figura de Gutsmuths, escrevendo:

"Na Alemanha Gutsmulths (1759-1839), o criador do ensino da ginástica nesse país, foi o primeiro que, desenvolvendo o Instituto criado por Basedow, traçou um programa de ginástica racional, e que a erigiu numa

---

203 PHILONENKO, in KANT (1966), p. 43-44.

204 Referindo-se à: GUTSMUTS (1759-1839), SPIESSE (1810-1858), PESTALOZZI (1746-1827) e LING-PER-HENRIK (1776-1839).

disciplina especial, tendo suas regras, seus princípios científicos e seus método pedagógicos"[205].

Ainda com relação à Alemanha referindo-se ao séc.XIX, destaca Spiesse e Jahn, e, na Suíça, Pestalozzi:

"A Spiesse, porém, que adotou o sistema de Gutsmuths e Jahn à vida escolar, amigo dos jogos e pouco partidário dos aparelhos, é que cabe a glória de ter realizado o que Pestalozzi aventava na "Educação do Corpo", uma ginástica escolar, cujo plano divulgado pelas edições de suas obras em 1840 em Bale, foi a base da ginástica de grande parte dos países"[206].

Com relação à Suécia, lembrou a importância do trabalho do poeta e educador, P.M.Ling:

"A Suécia pode gloriar-se de ter dado P.M.Ling, poeta e educador, que inspirando-se diretamente em Nactigall da Dinamarca e nos chineses inventou o método genial, cujos frutos ótimos recolheu logo de princípio no Instituto Nacional de Stockholmo"[207].

E, ainda, com relação à França destacou:

"Enquanto nos países escandinavos se produziu este movimento, na França, Amoros, diretor do Ginásio Normal de Grenelle, Clias, Roger-Collard e outros terçavam armas por esta mesma causa, que, no norte Ling e Nactigall tão ardentemente advogavam"[208].

Mas é na segunda parte do trabalho em foco, que o autor situa alguns dos elementos que estamos reunindo para compreender melhor como ele se posicionava, em 1915, na sua análise do desenvolvimento da ginástica no séc.XIX.

Segundo ele: "a ginástica escolar, no seu feitio moderno data dos princípios do século XIX. É, como já tivemos ocasião de dizer, o século de sua

---

205 "A Poesia do Corpo" , p.29: AMOROS (1769-1848) e CLIAS (1782-1854).
206 "A Poesia do Corpo" , p.29.
207 "A Poesia do Corpo" , p.29-30
208 "A Poesia do Corpo" , p.30

renascença"[209] e ainda: "em 1814, já Amoros, Baredow, Ling e Nactigall haviam traçado os lineamentos da ginástica sob este novo ponto de vista"[210].

AMOROS

Ao mencionar a "escola amorosiana" da França, posicionava-se, com relação a Amoros, da seguinte forma:

"Assim a ginástica de Amoros, que de 1820 a 1837 no magnífico Ginásio Nacional de Grenelle, pregou como verdadeiro apóstolo a necessidade da educação física para o exército, somos acordes em reconhecer-lhe um elevado alcance social e o admirável valor educativo que seus admiradores apregoam.

Entretanto, nunca poderíamos friamente admiti-lo como um método de ginástica escolar, mas como um sistema completo de educação física, somente exeqüível em estabelecimentos instalados para este fim e valorizados no molde do mencionado Ginásio Nacional de Grenelle ou do Instituto Militar que fundara em Madri, antes de sua vinda à França em 1814, onde se naturalizou.

Conquanto desconhecida e desprezada pelos educadores atuais, a obra deste notável educador e psicólogo, que é considerado o fundador da ginástica em França, é, sem contradita a mais bela e a mais completa que jamais tenha sido tentada naquele país, em prol da renovação física e viril daquela raça, a que ele consagrou o melhor dos seus esforços, e por quem, como diz seu epitaphio, não pode fazer mais por causa dos obstáculos que lhe criaram"[211].

Já em 1915 Fernando de Azevedo conhecia o trabalho de Amoros, *"Manuel d'Education physique"*, constando esse trabalho de sua bibliografia[212].

---

209 "A Poesia do Corpo" , p.79
210 "A Poesia do Corpo" , p..79
211 "A Poesia do Corpo" , p..81
212 AMOROS (1817).

Em outra parte de seu texto expõe o "método amorosiano", ressaltando como importante o fato de ter sido "a ginástica de Amoros, que indicou o processo de utilizar o exercício físico como meio moralizador"[213].

Ao levantar esse aspecto, Fernando valorizou a importância do teórico francês, questionando, entretanto, a validade se seu método para a ginástica educativa, conforme indicamos no início, concluindo que:

"Ademais, este método, com seus frizantes caracteres, é mais um sistema de educação física militar, do que um método de ginástica escolar; sistema, que "sendo admiravelmente adatado ao seu destino (educação militar), na frase de Georges Demeny, é por demais atlético, e devia modificar-se para convir à infância e às mulheres"[214]. Ressalta que "desde o século XVIII trabalham os educadores pela realização de um método completo de educação física", destaca que no combate ao "patológico das escolas provenientes do regime sedentário", Pestalozzi, Guthmuths, Amoros e Ling, teriam "invocado a necessidade de submeter a mocidade a exercícios físicos cotidianos", e defendido como "remédio" ou como "terapêutica" a "ginástica racionalmente praticada"[215].

Contudo, apoia-se principalmente em Ling, em cujo método identifica a supremacia, afirmando:

"Dentre todas as escolas, que se propõem alcançar o alvo a que deve tender toda educação física escolar, nenhum por certo sobreleva ao método de Ling na observação das leis fisiológicas, na científica urdidura de todo o sistema e em frutos imediatos.

É o conhecido método da ginástica sueca. Inventado pelo talento do educador e poeta de Ljunga, que para isso perlustrou as tradições chinesas, indianas e gregas, e se inspirou diretamente nelas e nas teorias de Nactigall, este admirável plano de ginástica, que alguns alemães opuseram logo a princípio a de Gutsmuths e de Jahn, que alcunhavam de empírica, teve logo seus

---

213 "A Poesia do Corpo" , p.84.
214 "A Poesia do Corpo" , p. 84.
215 "A Poesia do Corpo", p.101.

resultados copiosos na primeira tentativa de Ling com a fundação em 1814 do Instituto Nacional de Stockolmo"[216].

Fernando de Azevedo cita o trabalho de Ling impresso em 1834, que tem como título: *"Gymnastikens allinama Grunder"* (*Princípios Gerais de Ginástica*)[217].

Na segunda parte do livro "A Poesia do Corpo", à qual estávamos fazendo referência, ele posiciona-se como seguidor, na questão da ginástica educativa, do método "Gênero Ling", exposto por Lefébure[218], acreditamos, possibilitou o contato de Fernando de Azevedo com trabalho do educador sueco[219].

Na terceira parte do trabalho "A Poesia do Corpo", que tem intitulada "A educação física em nossas escolas", lembra novamente Fernando de Azevedo a renascença da educação física no século XIX, destacando ter ela ocorrido devido "à energia e ao trabalho de homens como Basedow, Jahn, Nactigall, Ling e tantos outros que lhe seguiram o exemplo".

Ressalta ainda, Fernando, que a partir do séc. XIX foi intenso o desenvolvimento da ginástica, e, que no séc. XX, o "caráter da ginástica é mais do que nunca acentuadamente educativo", acentuando a obrigatoriedade do ensino de exercícios físicos nos programas de ensino na França, Alemanha e Japão[220].

---

216 "A POESIA DO CORPO", p.106.

217 Escreve na pág.106 de "A POESIA DO CORPO" ser esse livro de Ling composto de seus partes: "1) leis do organismo humano; 2) Princípios de ginástica pedagógica; 3) Idem de militar; 4) Idem de médica; 5) Idem de estética; e 6) finalmente prática de ginástica, expõe Ling seu plano admirável de ginástica, mediante a qual a cultura estética sonhava a regeneração do povo escandinavo"

218 LEFÉBURE (1914). Afirma Fernando: "O método, porém, de ginástica educativa, que nos propomos seguir, gênero Ling, é o que vem exposto por Lefébure e rigorosamente moldados sobre os princípios científicos e racionais estabelecidos pelo genial sueco e, corrobados por uma experimentação cuidadosa e diuturna". (Pág.107-108).

219 LEFÉBURE (1914).

220 "A Poesia do Corpo", p.138; escreve: "No nosso século o caráter da ginástica, é mais do que acentuadamente educativo. E a introdução desta disciplina como obrigatória nos programas de ensino é quase geral. Assim os exercícios físicos são obrigatórios em França desde o dec. de 15 de fevereiro de 1869, confirmado pelo ato de 8 de agosto de 1890; na Alemanha, desde 1844 e entre os japoneses desde 1890. Este espírito desportivo, aliás é um dos prodromos da vitória que está reservada às grandes tentativas em pró da educação física. E pode-se mesmo afirmar que com este

Apesar de reconhecermos, que, especialmente na parte do trabalho aqui analisada, Fernando de Azevedo procurou destacar o aspecto regenerador da ginástica nas diferentes civilizações a que faz referência, essa idéia sempre foi central no seu pensamento, na época.

Embora tenha tido contato com essa idéia do papel regenerador da ginástica, já em fontes da Antiguidade, com especial destaque para o pensamento grego, ele iria encontrar nos teóricos indicados do séc. XVIII e XIX[221], esse filão de que a "ginástica poderia atuar no sentido de levar à regeneração de um povo, de um país".

No contato com esses autores foi que Fernando aprendeu a valorizar a ginástica, tendo como objetivo levá-la a colaborar numa "obra de regeneração nacional"[222].

O que interessa destacar nesse ponto é que, sendo seu primeiro trabalho sobre a temática da educação física e que, ademais, visava a sua participação num concurso à cátedra no "Ginásio Mineiro" o que surpreende é o

---

apecto científico, a ginástica é na prática uma das maiores aspirações, como na teoria, um dos problemas mais estudados na idade contemporânea. (p.30). Fernando de Azevedo a publicar o texto "A Poesia Do Corpo", em sua 2a. edição - 1920 -, na parte intitulada em 1915 "A Ginástica através do tempo" e que passou a ser "Origem e Evolução da educação física", com relação ao movimento por ele denominado de o "mais recente da educação física", destaca autores não indicados na edição anterior em 1915 como: Fechner, Warner, Mosso. Entre os que denominava os "pioneiros da orientação nova" lembra com destaque de Tissié e Coubertin. A educação física "modernamente" no entender de Fernando de Azevedo, conforme explicita nessa parte do texto em 1920, fundamentava-se nos elementos fornecidos pela fisiologia e pela psicologia. E, em 1920, dentro da mesma orientação por ele defendida em 1915, afirma ser a educação física a "ciência da saúde", fazendo parte da "pedagogia higiênica uma ciência biológica exata". Ressalta ter essa orientação nova que era a sua desde 1915, sido marcada pela "idéia psicológica da educação física". Chamou-nos ainda a atenção na edição de 1920 as referências a Rabelais, Montaigne, Locke e Rousseau (ver essas colocações in Da Educação Física - o que ela é - o que tem sido - o que deveria ser, pág.18-19). Sobre os autores citados que representavam essa "orientação nova", indica em sua bibliografia de 1920 os seguintes trabalhos: - MOSSO, A. - L'éducation physique de la jeunesse, Félix Alcan, Paris; - MOSSO, A. - Les exercices physiques et le développement intellectuel, Paris, 1904; - COUBERTIN, P. De - Éducation en Angleterre (Collèges et Universités), Hachette, Paris, 1888; - COUBERTIN, P. De - Essais de psychologie sportive. Lausanne et Paris, Payot, 1913; - TISSIÉ, PH. - Précis de gymnastique rationelle de développement, de plain-pied et à mains libres. Pau. 2a. éd.; - TISSIÉ, PH. - L'éducation physique au point de vue historique, scientifique, technique, critique, pratique et esthétique, Paris, 2a. éd.; - TISSIÉ, PH. - La Fatigue et l'Entrainement physique, Paris, 3a. éd.

221 C.f. indicamos anteriormente oriundos principalemte da Alemanha, França, Suécia e Suiça.

222 Contudo, a proposta que Fernando de Azevedo vai defender na obra examinada, para a regeneração do país, tem um conteúdo próprio e características peculiares que explicaremos posteriormente.

pouco tempo em que se preparou de forma tão séria; importou livros europeus, procurou familiarizar-se com os movimentos, principalmente nos países citados, que defendiam, um ideal de excelência corporal, e um processo de racionalização do corpo.

No contexto dessa literatura mais ampla, a partir dos teóricos que institucionalizaram a ginástica no séc. XVIII e XIX, é que podemos entender como Fernando assumiu, em "A Poesia do Corpo", a tendência "médico, higiênica, pedagógica e eugenica", que foi consolidada, principalmente, com a contribuição de médicos e pedagogos.

A orientação seguida pelo autor em seus estudos parece perdurar em trabalhos atuais aos quais tivemos acesso relacionados com ginástica e a educação física.

Embora possamos entender as dificuldades do autor em 1915 e também, conforme já indicamos, a seriedade com que escreveu essa parte do seu texto, o que queremos dizer é que seu discurso não indica as relações reais em que a ginástica se originou e evoluiu nas sociedades a que faz referência, isto é, não há uma explicação histórica que leve em conta as relações sociais concretas.

Nessa análise percebemos em Fernando de Azevedo aquilo que indica Defrance quando faz referência, inclusive em sentido recente, aos estudos das práticas relativas ao corpo na sociedade francesa, considerando que "Suas variações de uma sociedade a outra, ou de uma época, à seguinte, chamam mais atenção até o presente do que sua diferenciação numa mesma formação social num dado momento" [223].

---

223 DEFRANCE (1976), in *Actes de la Recherche en sciencie sociales* revista dirigida por P. Bordieu, p. 21 a 46. Escreve: "A percepção de traços corporais distintos, a identificação de diversos estados sensíveis, os cuidados e os tratamentos aplicados a diferentes órgãos para conformá-los a um ideal de excelência física, o regime de atividade ao qual o corpo é submetido enquanto instrumento de múltiplos usos, todas essas práticas relativas ao corpo podem se realizar segundo modalidades diversas. Suas variações, de uma sociedade a outra, ou de uma época à seguinte, chamaram mais a atenção até o presente do que sua diferenciação numa mesma formação social num dado momento. Dispõe-se, por exemplo, de indicações sobre certas posturas corporais realizadas em muitas dezenas de sociedades de todas as partes do globo; mas as observações coletadas não são simplesmente justapostas para formar conjuntos de variantes possíveis e o

A análise de Fernando de Azevedo no texto aqui examinado, sugere, que, ao escrever "A Poesia do Corpo", o autor conhecia os principais "paladinos da ginástica" nas sociedades a que faz referência, principalmente com relação aos séculos XVIII e XIX; permite-nos pensar ainda, conforme os teóricos que indica, isto é, os reformadores que cita, qual era a ginástica, assim como a educação física então considerada legítima.

A literatura a que o autor recorre em sua análise, a nosso ver, está longe de ter como preocupação a indicação de obras consideradas "menores". Destaca, Fernando, aqueles teóricos que em seus países deram à ginástica e à educação física um estatuto ofical, uma organização estável e que dentro das especificidades das sociedades indicadas e do contexto histórico dos séculos XVIII e, principalmente, XIX, representavam a ginástia e a educação física apoiadas pelas elites nos mesmos países.

Assim, assume a partir do contato com os trabalhos de muitos desses reformadores uma argumentação técnica, que traduz concepções sociais e políticas, encontrando nesse contexto uma justificativa higiênica para a educação física. Tal argumentação técnica consolidar-se-ia, também, com o recurso à literatura produzida por médicos e relacionada com a matéria.

Jacques Defrance, ao indicar o interesse renovado que terá a ginástica a partir da segunda metade do séc. XVIII, estudando a questão dos "paladinos da ginástica" na sociedade francesa, no período indicado, afirma terem sido "sobretudo os médicos, que servem às classes dominantes que consignaram, concentraram e racionalizaram as regras práticas que guiam a prática destas classes para formular-lhes as regras higiênicas escritas"[224].

Destaca, ainda, Defrance com relação à sociedade francesa da época que "o princípio de uma educação fisica que complete o desenvolvimento do indivíduo e garanta um equilíbrio entre corpo e espírito foi postulado na

---

discurso não indica jamais que relações reais existem entre elas, que função exerce cada uma delas. É que, dispersas no espaço, ou separadas no tempo, as variantes não opõem seus traços distintivos senão no quadro formal do raciocínio da antropologia, jamais nas relações sociais concretas onde suas funções poderiam ser depreendidas".

224 DEFRANCE (1976), p. 24.

filosofia 'esclarecida' do fim do Antigo Regime e nos projetos da Revolução que se inicia.

Mas, através dos discursos políticos e das iniciativas diversas e passageiras que apareciam no período de lutas interiores e exteriores, se efetua uma transformação da modalidade da prática a ser estabelecida; esta nova forma não abole a antiga e não encontra as condições sociais e materiais propícias a uma institucionalização antes de 1818"[225].

Explica, ainda, Defrance ter sido a ginástica personalizada a dominante antes da Revolução Francesa, destinando-se a um pequeno número de pessoas de origem social elevada e defendida através de argumentos pedagógicos e medicinais. Considera que esse tipo de ginástica possuía uma característica mais individualizada, guardando aspectos espontâneos, não tendo senão uma aparência de utilidade[226].

A "ginástica estandartizada" que se desenvolveu após a Revolução Francesa, segundo Defrance foi responsável pelo enquadramento de grandes grupos de origem social baixa ou heterogênea e era defendida conforme indica esse autor por "considerações disciplinares ou militares"[227].

---

225 DEFRANCE (1976), p.28-29. A análise de Defrance se localiza mais no período pós-revolucionário, no 2o e 3o quartéis do século XIX.

226 Escreve nesse sentido Jacques Defrance, na obra citada, p. 29: "As experiências de ginástica que precedem à Revolução se fazem a serviço de uma facção particular da classe dominante. Na prática que eles lhe destinan, os promotores não atribuem jamais um papel exclusivo à forma ginástica do exercício, e conservam as formas "tradicionais" praticadas pela facção adversária (equitação, esgrima, dança, porte). O conjunto das diversas formas pode ser arranjado à conveniência de cada aluno, e visa a um desenvolvimento individualizado, um equilíbrio, um meio ou uma atividade que guarda aspectos espontâneos e gratuitos (ela não tem senão "uma aparência de utilidade", como diz Mme de Genlis". Era esse tipo de concepção que a facção reformadora de classe dominante havia colocado para si antes de 1789".

227 Ainda na obra citada, p. 29, escreve Defrance: "O exercicio não é mais dosado segundo a conveniência de cada um: vêem-se aparecer "ensinamentos" nos quais numerosos praticantes fazem juntos os mesmos exercícios físicos. Aparentado ao exercício militar propriamente dito, que se executa em batalhão, em uníssono, este exercício ginástico situa a excelência na reprodução fiel de um modelo ideal incansavelmente proposto pelos "manuais". Ao longo de todo o século XX, um manual de ginástica se apresenta como um catálogo de exercícios, muito frequentemente ilustrados, que o aluno deve reproduzir com a maior exatidão possível: as indicações sobre o modo de realização são bastante minuciosas. O que é notável é que o manual não estimula jamais as variações pessoais em torno de um tema da qual ele não circunscreveria cada variante: ele parece composto a fim de conter, no duplo sentido de "incluir" e de "limitar", toda atividade futura dos que o empregarão".

GINÁSTICA NA FRANÇA

Mostra Defrance que,no caso francês, a ginástica personalizada como cultura geral do corpo se desenvolverá pouco, deixando, por exemplo, no mundo escolar, lugar a substitutos mais prestigiados aos olhos deste mundo: esgrima, jogos, depois esportes ingleses[228].

Explica Defrance que a ginástica estandartizada "como disciplina coletiva se tornará a forma dominante de ginástica, graças à ação de todo um grupo de ginastas que parecem ser recrutados, a a partir de 1818-1820[229].

Nesse contexto histórico indicado por Defrance - (1818-1820) de emergência dos chamados paladinos da ginástica, dentro do quadro francês, muitos foram recrutados dentre militares desmobilizados. Vieram propor e desenvolver uma ginástica estandartizada e do tipo militar. Fazendo parte dessa realidade que o autor situa a figura do Coronel Amoros[230].

---

228 DEFRANCE (1976), p. 29.

229 DEFRANCE, op. cit. Indica o autor terem sido esses ginastas que surgem no contexto de 1818-1820, recrutados "essencialmente dentre os militares desmobilizados que procuravam uma reconversão ao civil (os semi-soldados da Restauração, ex-soldados ou ex-médicos militares). Esses trânsfugas dos diversos exércitos da época da Revolução e do Império levam consigo uma experiência física totalmente nova: - hábito longamente conquistado da vida ao ar livre, sob todos os climas, por todos os tempos; - hábitos das longas marchas, das campanhas militares que se acumulam; - hábito de uma disciplina menos violenta do que sob o Antigo Regime, mas mais respeitada, mais bem inscrita nos esquemas da prática. Dotados de um tal hábito, eles são os mais bem situados para se apropriar e reinterpretar as técnicas ginásticas colocadas em causa na Alemanha e an Suiça, e eles contribuem para impor uma prática duradouramente marcada pela disciplina de tipo militar".

230 Destaca Defrance, ainda na obra citada, com relação à Amoros: "O primeiro grande ginásio público instalado em Paris, que domina o mundo da ginástica, é o do Coronel Amoros, financiado por diveros ministérios, a partir de 1818. Seu diretor pertence a um meio social de todo excepcional entre o corpo de ginastas que se constitui então: nobre espanhol, preceptor dos filhos do Rei da espanha, militar que aderiu ao ocupante napeleônico em cuja administração ele exerce altas funções (de polícia, entre outras), refugiado na França, Amoros desenvolve uma notável atividade de propaganda em volta de sua empresa (publicação de brochuras, organização de reuniões públicas, solenes tentativas múltiplas junto a dignitários do regime...), embora de 1818 a 1848, ele dê a impressão de ter um quase-monopólio do mercado da ginástica na França. Entre uma lista de obras que fizemos para esse período, 33% são de Amoros, 7% de seus colaboradores e 26% contêm os testemunhos de sua ação, de maneira que dois terços da produção se referem a ele, de um modo ou de outro. Sua ação é celebrada por sua orientação pedagógica e sua universalidade. Ela se dirige tanto ao público das instituições de caridade (através de aulas gratuitas) quanto aos membros da classe dominante ou aos capacitados, e propõe para todos, um exercício regulado num

Mostra, ainda, Defrance ter surgido, também no período pós-revolucionário, por parte de médicos e educadores, uma ação reservada com relação à essa educação estandartizada e de tipo militar.

Indica ele que, educadores e médicos dirigem-se aos membros de uma classe dominante que abandonou os exercícios de ginástica, tentando reconvertê-los a praticá-la:

"no movimento de reação político-pedagógico pós-revolucionária, os que recomendam esta forma de exercício têm uma posição 'relativamente avançada', pois a literatura pedagógica ignora, a maior parte do tempo, toda educaçào física pelo exercício"[231].

Dessa forma, consideramos ter sido muito importante para Fernando de Azevedo, de uma forma geral, e também quanto a questão da educação física, o conhecimento da bibliográfia francesa a respeito, na época em que escreveu "A Poesia do Corpo".

Já foi aqui destacado o conhecimento do autor sobre o trabalho de Amoros e do papel deste, como um dos paladinos da ginástica na França; ressaltamos também as críticas de Fernando a Amoros.

---

quadro bastante moralizante. O professor dirige e explica, o aluno executa tudo aprendendo as conseqüências físicas e morais de seu exercício: ele é convidado a acompanhar seus movimentos de cantos que celebram as virtudes, a ordem, o Rei, a Carta. A uniformização das práticas de diferentes categorias sociais num mesmo lugar, por um procedimento idêntico, constitui o interesse principal dessa instituição aos olhos da literatura sobre ginástica e fornece a matéria-prima de um discurso sobre o consenso social e sua simbólica corporal, e sobre o uso legítimo da técnica ginástica que visa à produção desse consenso. Para recuperar a diversidade das formas de práticas que se instituem e a lógica das tomadas de posição escritas que daí decorrem, é preciso primeiramente romper com a experiência monolítica que um promotor, tal como Amoros, consegue se impor. É suficiente trazer o estudo da literatura sobre ginástica até as obras "menores" desse gênero "menor", para estar em condições de afirmar que ele não é o único, nem o primeiro, a fazer ginástica, e que se ele é o primeiro a lhe conquistar um estatuto oficial, uma organização estável e de grande amplitude, sua empresa não constitui por isso o modelo das outras. A colocação em evidência das experiências de Genlis e de Verdier, que supõe já uma opinião favorável em facções particulares da classe dominante, depois as atitudes dos interlocutores de Amoros, como o diretor de instituição de educação que acolhe uma primeira versão de seu ginásio, ou como o Comitê das Fortificações de Paris que se interessa por seu método para formar bombeiros e militares, autoriza a considerar a abertura do Ginásio Normal Militar de Amoros não como um ato fundador mas como a concretização de um processo de constituição de uma nova pedagogia para novos destinatários, processo encetado desde o fim do Antigo Regime"(p. 31 a 34).

231 DEFRANCE (1976), p. 35.

Tais críticas, a nosso ver, não vão na direção explícitamente política. Louvava em "A Poesia e o Corpo" o elevado alcance social da ginástica de Amoros, assim como a utilização da ginástica como meio moralizador e regenerador da raça. O que ele criticou em Amoros e na "escola amorosiana", foi o fato desta escola considerar o método amorosiano impróprio para a ginástica educativa, por ser um sistema de educação física militar.

Ocorre que Fernando de Azevedo também manteve contato com a literatura do período pós-revolucionário, através de Defrance, como já foi aqui mencionado. Tal literatura caminhava mais para a higiene e para a ginástica personalizada, tendo sido produzida por médicos e educadores.

Assim, Defrance destaca que "a distância que esses autores guardam com relação aos paladinos da ginástica encerra uma sustentação bastante frágil à sua pedagogia ginástica, daí as conversões forçadas de ginastas à demanda militar e, correlativamente uma tensão constante dos paladinos da ginástica face às instâncias pedagógicas ou medicinais capazes de legitimar sua ação.

Tais autores desprezam os paladinos da ginástica e à sua maneira de organizar o exercício: esses homens 'estrangeiros com conhecimentos os mais vulgares de organização', 'a ginástica... não tem tido senão resultados falaciosos', afirma um médico bem conceituado como especialista mundano de doenças de mulheres, para reproduzir as normas do bom tom e da discrição.

Do mesmo modo os pedagogos do ensino secundário e do superior permanecem distantes, agora que os paladinos da ginástica multiplicam suas tentativas de reconhecer sua competência em higiene e em educação: muitos recusam limitar-se a um público militar e praticam a ginástica escolar e ortopédica, mas eles devem então, como os pedagogos que eles imitam, adaptar-se à demanda da classe dominante e, em particular, satisfazer sua exigência de discrição, por exemplo, retocando 'uma ginástica de salão' que pode ser executada a sós, de modo privado.

A posição dos paladinos da ginástica não é submissa senão à atração (em direção ao alto) da pedagogia dominante; ela é também e sobretudo, solicitada pela pedagogia que a classe dominante desenvolve, em certas condições, com destino às classes dominadas e todas as categorias submetidas a um regime de dependência, 'alienadas', ou prisioneiras.

Os números encorajamentos dados a esta pedagogia pelos membros das classes dominantes entre 1815 e 1870 encontram sua ação detérminada na estrutura racional particular sobre ao qual ela repousa.

Com efeito, a relação que se estabelece entre professor e praticante de ginástica não resulta quase que jamais da formulação de uma demanda da parte deste último (antes de 1870-1880); as personalidades que apadrinham os ginásios vieram a sustentar e prover a criação de um mercado artificial onde a obrigação da prática é de uso corrente"[232]

Ao analisar a história social do corpo dentro do período em que delimitou seu estudo, Defrance destaca:

"A sensibilização para certas diferenças marcadas no corpo e a sistematizaçào de técnicas diferenciadas e racionalizadas de cultura do corpo (regras higiênicas, métodos de exercício...) conhecem dois tempos marcantes, (...) correspondendo cada uma a uma configuração social particular, a primeira produzindo as condições sociais de autonomização da educação propriamente corporal (os termos 'educação corporal' e 'educação física', datam de 1760 e 1762); a segunda, produzindo as condições sociais das transformações da ginástica em direção à sua forma atual"[233].

Já no século XVIII, conforme Defrance indica, uma das formas marcantes de discurso que fazia parte do público legítimo da pedagogia, definia as modalidades da relação pedagógica em função dos deveres morais dos pais e das crianças, para estabelecer a vida social sob a norma da lei moral[234].

---

232 DEFRANCE, (1976), p. 35.

233 DEFRANCE, (1976), p.38. Na revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Jacques Defrance apresenta uma bibliografia relacionada com a "História da Ginástica", voltada para a sociedade francesa e para o período compreendido pelo seu trabalho.

234 DEFRANCE, (1976), p. 39.

Tal discurso era reproduzido por padres e moralistas e se dirigia a uma "ética higiênica e ascética"[235].

Uma segunda forma de discurso, com relação ao período, "definia a educação a partir das convenções sociais as mais úteis, as mais frequentemente praticadas, visando preparar a infância à excelência mundana", a serviço de resultados práticos imediatos: ela é a expressão direta dos usos da classe dominante, vontades formuladas pelos nobres e por seus porta-vozes"[236].

Mostra o material que as duas formas de discurso recomendam a moderação, por razões diferentes, para as atividades físicas de costume da nobreza.

E ainda aponta que, dentre as correntes difundidas, "as estratégias de crítica técnica mostram sua eficácia mais em pedagogia, do que em outros domínios", e que "com relação à criança as críticas técnicas são formuladas por médicos com ensinamentos aos pais, todos interessados em ampliar o exercício de sua autoridade em pedagogia".

Indica, também, que, que por volta de 1740, esse discurso se limita a pontos particulares, por exemplo: uso de vestimenta, "receitas práticas de educação corporal das crianças, prevenção e correção das deformidades do corpo"[237]

Lembra, nesse sentido,os trabalhos de J.B.Winslow[238] e N.Andry (de Boilregard)[239] destacando que a influência dos seus trabalhos não ultrapassou o mundo médico.

Defrance afirma que a difusão desse saber para o exterior do mundo médico se fez com autores que conjugaram "à sua competência técnica,

---

235 Indica como representante desse discurso: Anonyme (Hequet). *De L'Obligation aux femmes de nourrir leurs enfants*, Trévoux, imp. SAS. 1708.

236 DEFRANCE (1976), p. 39. Indica os seguintes autores: -F. Paradis de Moncrif, brillant personnage des milieux mondains et de la cour. *Essai sur la necessité et les moyens de plaire,* Paris, Prault, 1738. -C.F.O. Rosalte, Chevalier de Brucourt. *Essai sur l'education de la noblesse,*, Paris, Pissot, 1747.

237 DEFRANCE (1976), p. 39.

238 *Sur le mauvais effet de l'usage des corps à baleine,* (Corset)

239 *L'Orthopedie, ou l'art de prévenir et de corriger dans les enfants les difformités du corps.* Paris. Vve Alix, 1741.

uma outra forma de autoridade" (ex: título de nobreza, glória literária ou reputação mundana[240].

Com relação às experiências pedagógicas no Ancien Régime destaca, através da produção cultural, tratar-se de expor as práticas pedagógicas de Verdier e Genlis e os ensaios comparados puderam ser feitos nas escolas militares e nos colégios[241].

Sobre os discursos produzidos no período revolucionário (1789-1815) sobre educação lembra a figura de C. Hippeau[242].

Na Alemanha destaca a figura de Basedow e na Suiça, Pestalozzi, com quem a "educação física se codificou". lembra o manual ("catálogo de exercícios") produzido pelo alemão Gutzmuths em 1793.

Nessa bibliografia é possível percebermos pela indicação do autor, a influência de Gutzmuths na França. Tal influência se deveu a um professor que ensinou em saint-Cyr: J.F. Simon[243].

Originalmente em versão inglesa, o tratado de Gutzmuths foi adaptado para uma tradução particular[244].

---

240 Destaca os autores: - "Tronchin, burguês de Genève e médico ilustre; -G.L.Leclerc, comte, de Buffon, membro da Academia de Ciências. "Histoire naturelle de l'homme ... De l'enfance in *Histoire naturelle générale et particulère avec la description de cabinet du roi,* tome 2, Paris, imp.Royale, 1749; - S.A. Tissot. Médico da burguesia de Génève. *Avis au peuple sur la santé, ou traité des maladies les plus fréquentes,* Paris, Didot le Jeune, 1761; - J. J. Rousseau. *Émile, ou de l'education,*. La haye, J. Néaulme, 1762" (p.40). Outros autores (médicos) indicados: "N.Brouzet. Médico da Academia de Ciências. *Essai sur l'education médicinale des enfants et sur leurs maladies*, Paris, Vve. Cavelier et fils, 1754; - J.L.C. Desessartz, médico do duque de Orléans. *Traité de l'education corporelle des enfants en bas âge, ou reflexions pratiques sur les moyens de procurer une meilleure constitution aux citoyens,*. Paris. J.T. Héaissant. 1760; - J.Ballexserd, médico genovês. *Dissertation sur l'education physique des enfants depuis leur naissance jusqu'á l'âge de puberté*. Paris. Vallat la Chapelle, 1762.

241 Veja-se essas indicações assim como os trabalhos que são indicados no material que estamos fazendo referência, p. 41-42.

242 C. Hippeau. L'instruction publique en France pendant la Révolution. Paris, Dedier, 1881.

243 J.F. Simon. SUR L'ORGANIZATION DES PREMIERS DEGRÉS DE L'INSTRUCTION PUBLIQUE. Paris, Levrault, 1801, an IX.

244 A. Amar-Durivier et L.F. Jauffret, enseignants. LA GYMNASTIQUE DE LA JEUNESSE, OU TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DES JEUX D'EXERCICES CONSIDÉRÉS SOUS LE RAPPORT DE LEUR UTILITÉ PHYSIQUE ET MORALE. Paris, A.G. Debray, an XI (1803).
- "Gymnastique pour la jeunesse... de Salzmann"traduit par Prevost, in Bibliothèque Britannique, série Littérature, 1804, t. 26, pp. 459-489: T 27, pp. 172-213, 302-322, 454, 462. Genève, imp. de la bibliothèque britannique.

No entanto, é possível inferir que a influência de métodos estrangeiros no Brasil foi quase nula no período, dominando os exercícios militares.

Com relação ao séc. XIX (até 1870) destaca a figura de Amoros.

Antes da indicação dos trabalhos de Amoros aparecem ainda: V.F. Bally - médico da Academia de Medicina [245], e C.J.B. Amyot, advogado - membro da Sociedade de Instrução Elementar - biógrafo de Amoros[246].

Indica ter o Ministério da Instrução Pública, a Sociedade de Medicina de Paris, feito inquérito sobre a questão e ter occorido uma diversificação dos estudos de ginástica a partir de 1868-1870[247].

Com relação ao séc. XIX, ao enumerar os textos produzidos por professores de ginástica há indicações de que na primeira geração de professores a figura central foi de Amoros[248].

A Sociedade de Instrução Elementar que se interessou pelas novas formas de educação, onde figura o método do suiço Pestalozzi, acolheu não somente Amoros que dirigiu um instituto pestaloziano em Madrid, mas também ginastas provenientes da Suiça: como Clias, ex-militar ("excluido por Amoros"), Weilenmann e Junod (colaboradores de Clias).

Reconhecemos ter sido relevante para Fernando de Azevedo a produção cultural do período (1789-1815), onde se incluem trabalhos dos chamados "paladinos de ginástica".

Destes, conforme indicamos, teve contato com o trabalho de Amoros, o trabalho do suiço Clias (Callisthénie, 111e. édt., 1843)[249] que utilizou em "A Poesia do Corpo".

---

245 V.F. Bally, médecin de l'Académie de Médecine de la société pour l'instruction élémentaire. ÉDUCATION PHYSIQUE... COUP D'OEIL SUR L'HISTOIRE DE LA GYMNASTIQUE. Journal d'éducation, 11, soût, 1817, pp. 248-263.

246 C.J.B. Amyot, avocat, membre de la Société pour l'instruction élémentaire, biographe de Amoros. DE LA GYMNASTIQUE DANS LES COLLÈGES ROYAUX. Paris, Malestre et Cie, 1845.

247 Veja-se sobre isso o material indicado, p. 43.

248 F. Amoros. MÉMOIRE POUR LE GYMNASE NORMAL MILITAIRE ET CIVIL, FONDÉ ET DIRIGÉ À PARIS PAR M. LE COLONEL AMOROS. Paris, imp., F. Renouard, 1821.
F. Amoros. NOUVEAU MANUEL D'ÉDUCATION PHYSIQUE, GYMNASTIQUE ET MORALE. Paris, Roret, 1839, 2 tomes et l'atlas.

Em 1840 surge uma segunda geração de ginastas e entre eles destaca-se o trabalho de dois antigos inspetores do Ginásio de Amoros[250].

Um deles: Laisné, foi citado por Fernando de Azevedo ao escrever "A Poésia do Corpo"[251].

Cita ainda a fundação em 1816 por Triat, de um "grande ginásio central" e lembra as figuras de Dally e J. Massé[252] e a fundação de uma Escola Militar de Ginástica em Joinville em 1852, confiada ao Conde d'Argy[253].

Há também indicações de trabalhos produzidos no período assinados por diretores de ginázios particulares[254] e referências a propostas de "ginásticas mais particulares" [255].

---

249 A bibliografia destaca: - P. H. Clias. GYMNASTIQUE ÉLÉMENTAIRE, OU COURS ANALYTIQUES ET GRADUÉS D'EXERCICES PROPRES À DÉVELOPPER ET À FORTIFIER L'ORGANIZATION HUMAINE, Paris, Colas, 1819; - C.Junos. CONSIDÉRATIONS SUR LA GYMNASTIQUE, Paris, L'auteur, 1825; - Weilenmann, MÉTHODE GYMNASTIQUE PROFESSÉE DANS LES ÉCOLES PRIMAIRES COMMUNALES De Paris.

250 - J. Pinette, directeur d'un gymnase (ancien 11e arrondissement, limite des quartiers populaires). PRÉCIS DE LA GYMNASTIQUE MODERNE ET APPLICATION DE CET ART AUX DÉVIATIONS DE LA TAILLE, AU DÉVELOPPEMENT DES FORÇES... Paris, Gaultier-Laguionie, 1842; - N.A. Laisné, professeur dans plusieurs établissements scolaires et médicaux. GYMNASTIQUE PRATIQUE, CONTENANT LA DESCRIPTION DES EXERCICES, DE LA CONSTRUCTION ET LE PRIX DES MACHINES, ET DES CHANTS SPÉCIAUX INÉDITS, PARIS, J. DUMAINE, 1850.

251 Apesar da indicação do primeiro nome de Laisné estar no livro de Fernando de Azevedo grafada de forma diferente, da apresentada na bibliografia a que estamos fazendo referêencia, julgamos tratar-se do mesmo autor, pois uma das obras indicadas em "A Poesia do Corpo" é a mesma da apresentada no estudo por nós pesquisado. Em 1915, em "A Poesia do Corpo", Fernando de Azevedo com relação a Laisné indica assim na bibliografia desse seu trabalho: - Laisné, M. - Traité élémentaire de gymnastique classique, 1872 e Gymnastique pratique, 1850.

252 J. Massé, médecin. "Leçon de gymnastique Triat", in "LA SANTÉ UNIVERSELLE, mensuel, Paris, 10.11.1853 et 1854, plusieurs números.

253 C.H.L. D'Argy, TABLEAU GÉNÉRAL DES EXERCICES GYMNASTIQUES... (extrait de l'Instruction pour l'enseignement de la gymnastique dans l'armée, du 24 avril 1846), Paris, lib. militaire J. Dumaine, 1852.

254 C. GIRREBEUCK, professeur chez Amoros, directeur de gymnase dans le 2e arr., CONSIDÉRATIONS SUR LA GYMNASTIQUE HYGIÉNIQUE..., Paris, l'auteur, 1854.
- J.L. PICHERY, fils de jardinier, fabricant de matériel gymnastique, cours privés ou en salle (beaux quartiers), méthode adoptée par des médecins, puis des écoles. ÉDUCATION DU CORPS. MANUEL DE GYMNASTIQUE HYGIÉNIQUE ET MÉDICALE DU GYMNASE DE CHAMBRE PICHERY. Paris, J.B. Baillière et fils, 1857; - C. DEFRANÇOIS, fils de peintre, fabricant de matériel et professeur au lycée de Reims après passage dans l'armée (caporal) - GYMNASTIQUE HIGIÉNIQUE. APPAREIL DE SALON (brevet SGDG), Reims, P. Dubois, 1862); - B.DURIE, directeur de gymnase (?) et professeur à domicile des beaux quartiers. LE SAUVEUR DES ENFANTS, OU L'ART DE GUÉRIR LES DÉVIATIONS DE L'ÉPINE DORSALE MIS À LA PORTÉE DE TOUT LE MONDE, Paris, Charlet, 1867; - E. PAZ,

Quanto aos médicos, afirma que os mesmos legitimam lentamente a prática da ginástica e permanecem em considerações de ordem geral como a importância da ginástica para a ortopedia.

Dentre eles cita a produção de C. Londe, L. J. Bégin e S. H. V. Bouvier, todos pertencentes à Academia de Medicina.

Ao escrever "A Poesia do Corpo", Fernando de Azevedo utilizou o trabalho de Bouvier (escrito com Bernard, Ph), título: "Rapport sur l'Enseignement et la Gymnastique". 1856-64.

Outros médicos citados pareceram-nos fortemente inclinados para encarar a ginástique como higiene[256]. Outra linha de destaque são os trabalhos produzidos sobre o ponto de vista militar[257].

Ao analisarmos esta bibliografia, consideramos relevante o fato da indicação de que os textos políticos que defendiam a propagação de uma educação física visando assegurar a "regeneração da população" foram numerosos. Destacamos que tal orientação aparecia em obras socialistas e reformistas.

Percebemos dentro do período por ela delimitada e tendo em mente a sociedade francesa da época, para Defrance aparece a ginástica como temática na Sociedade de Instrução Elementar, na Sociedade de Medicina de Paris, na Academia de Medicina, no Ministério da Instrução Pública.

Julgamos que o filão dessa literatura principalmente produzida a partir dos considerados grandes "paladinos da ginástica", especialmente a que mais contribuiu para a obra de Fernando de Azevedo foi produzida por médicos e educadores numa tendência higiênica.

---

bachelier, journaliste, fonde un journal de gymnastique et un grand gymnase en 1865 dans le 2e arrondissement(ancien). LA GYMNASTIQUE OBLIGATOIRE, Paris, Hachette, 1868.

255 P. LUTTERBACK, NOUVEAUX PRINCIPES POUR MARCHER BIEN D'APLOMB, AVEC AGRÉABLE IMPRESSION. MARCHE CADENCÉE. MARCHE SUR LE JANET. CEINTURES RESPIRATOIRES OU DEMI-CORSETS. Paris, quai Malanquais, 1859; - J.F. BERNARD, artiste lyrique. GYMNASTIQUE PULMONAIRE, OU L'ART DE RESPIRER POUR CHANTER, PARLER ET VIVRE, Grenoble, imp. F. Allier père et fils, 1868.

256 Veja-se nesse trabalho anteriormente indicado, p. 45.

257 Veja-se nesse trabalho anteriormente indicado, p. 45-46.

Chamou-nos atenção nessa bibliografia a grande afluência de médicos que pertenciam à Academia de Medicina. Estes no geral pelas publicações indicadas, tratavam a ginástica numa perspectiva higiênica, terapêutica e ortopédica.

Dada a importância que a França exerceu sobre a formação intelectual de Fernando de Azevedo no período em que escreveu "A poesia do Corpo", julgamos que o contato com autores franceses foi importante para que assumisse a posição que tem como base a questão da "regeneração".

Como já afirmamos anteriormente, tal orientação "regeneradora", ele adquiriu principalmente no contato com autores do séc. XVIII, XIX, e início do séc. XX, os chamados "paladinos da ginástica", na França, Alemanha, Suíça, Suécia, Noruega.

Essa literatura mais ampla em torno da questão da ginástica e da educação física, eram as formas consideradas legítimas nesses países. Fernando de Azevedo compreendeu um pouco do processo que lhes deu "autoridade" e "legitimidade". Tal lição de certa forma foi muito útil na difusão da temática no Brasil.

A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira: a educação física (1915)

Elizabeth de A. Silvares Pompêo de Camargo

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

C m . 000 73495 -2
UNIDADE BC
N.º CHAMADA: UNICAMP
C14m
V. Ex.
TOMBO BC/ 25246
PROC. 433/95
C [ ] D [x]
PREÇO R$ 11,00
DATA 10/08/95
Nº CPD

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FE/UNICAMP

C14m

Camargo, Elizabeth de Almeida Silvares Pompêo de
A militância de Fernando de Azevedo na educação brasileira : a educação física (1915) / Elizabeth de Almeida Silvares Pompêo de Camargo. -- Campinas, [SP : s.n.], 1995.

Orientador : Maurício Tragtenberg
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Azevedo, Fernando, 1894-1974. 2. Educação física. 3. Educação - Brasil. 4. Corpo. 5. *Ginástica educativa I. Tragtenberg, 1929- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Capítulo 5

OS EXERCÍCIOS FÍSICOS E SEU VALOR

Fernando de Azevedo ao estudar a questão dos "exercícios físicos, seu valor e como se classificam" fundamentando-se em Tissié, teórico importante para o início de sua produção cultural, afirma concordar com a colocação do autor de que "a vida é uma oxidação"[258].

Mostra aí, a nosso ver, a importância do oxigênio como "força motriz" (energia) do corpo, uma visão biológica, em suas determinações físico-químicas da vida e do corpo.

"E as oxidações realizadas no seio do organismo produzem calor que se perde nas irradiações ou se transforma em trabalho. Para neste caso aproveitá-lo várias alavancas, que em parte constituem o esqueleto, movem-se sobre a ação de certos músculos, deslocando-se no espaço sob formas diversas segundo as impressões nervosas que as estimulam.

Os músculos são os fixadores do oxigênio"[259].

No parágrafo acima, percebemos a indicação da importância do fato de o calor "se transformar em energia e também em trabalho o que nos conduz à idéia da necessidade do organizamo ser "educado", "cultivado", através do trabalho realizado nele próprio.

---

258 Em 1915 através de Tissié, Fernando de Azevedo já assumia a idéia que explicitará em 1916 ao fazer referência a esse autor, indicando que para o mesmo "a educação física era higiene e a higiene era medicina". Destaca Fernando de Azevedo em declarações que faz em 1916, que Tissié tinha um "zelo doutrinário tão grande" que exigia que o professor de educação física fosse ao mesmo tempo um pedagogo e um médico" (afirmação feita em uma entrevista por Fernando de Azevedo que indicaremos posteriormente). Embora Fernando de Azevedo tivesse em 1915 contato com o trabalho de Tissié, o autor não aparece em sua bibliografia final no trabalho "A poesia e o Corpo".

259 "A Poesia do Corpo", p. 31.

Na mesma citação Fernando de Azevedo mostra ainda a "questão do papel dos músculos" no organismo confirmando sua relevância "enquanto fixadores do oxigênio".

Nesta parte do texto de "A Poesia e o Corpo" desenvolve-se uma das idéias básicas que Fernando de Azevedo defende: considera não ser possível a existência, em educação, de "antagonismos entre músculo e cérebro", lembra a necessidade de se educar através dos exercícios "os músculos e o cérebro".

Reafirma então o que já enunciara no prefácio: "a educação não pode estagnar no sentimento ou gravitar apenas em torno do cérebro"[260].

Dentro de tal idéia básica o autor quer indicar a importância da "educação dos músculos" através do trabalho a ser desenvolvido no organismo com um preparo físico racional.

Nesse caso, o corpo "trabalhado" racionalmente pelos exercícios recebe uma ação metodotizada e abrangente incluindo todos os órgãos e músculos.

O educador acreditava, também na ação dos exercícios sobre o "desenvolvimento e nutrição do cérebro".

Parece-nos ainda, que, o interesse de Fernando de Azevedo é que "as oxidações se transformassem em trabalho", para tanto, isto é, para que o organismo fosse educado através do trabalho a ser feito sobre ele, propunha um "locus" específico de produção: a educação física e fundamentalmente a ginástica.

Nesse sentido a "ginástica escolar", então encarada como meio, processo de se "trabalhar o corpo", enquanto "educação do corpo", deveria desenvolver, dentro de um ensinamento regular, todo o organismo, daí a importância fisiológica dos exercícios, a seu ver, uma questão "reconhecida pelos antigos e pela ciência moderna".

---

260 Veja-se "A Poesia do Corpo", p.12.

Considerava ser essa uma questão esquecida no Brasil, porque a questão vinha sendo "relegada" e dentro de tal explicação é que devia também pensar a realidade do Brasil.

Escreve: "A razão, porém, deste duplo fato é simples. As nações persa, grega e romana, diz um autor, tinham escolhido para fim de sua atividade a guerra e a conquista, e a indústria destas últimas, na frase de Montesquieu, era de pilhagem. Ora em tais condições, a guerra tornava-se a primeira das profissões e a ginástica sobretudo entre os romanos, a mais importante das aprendizagens. E agora não vivendo nenhuma nação de saque, e sendo, ao contrário a paz o estado normal dos estados, quer-se que os exercícios do corpo fiquem lesados no que os dos espírito ganharam"[261].

Fernando de Azevedo escreve esta consideração sobre a "paz" como "estado normal dos Estados", justamente em 1915, na conjuntura da 1a. Guerra, na qual o Brasil vai entrar em 1917.

Na citação Fernando de Azevedo, não leva em consideração as relações sociais concretas e nem as novas formas de dominação elaboradas no processo histórico e presentes no séc. XX, muito mais sólidas como explicação da realidade, do que explicações relacionadas com as atividades de "saque" e "pilhagem".

Defendia-se em 1915, a idéia de que vivíamos numa "civilização mais complexa"[262]. Embora essa percepção se tornasse melhor explicitada nos seus trabalhos posteriores, frente tal constatação, afirmava a necessidade do desenvolvimento, no país, de estudos de educação física, particularmente da ginástica educativa.

---

261 "A Poesia do Corpo", p.31.

262 Veja-se: a colocação dessa idéia no prefácio da 2a. edição de "A Poesia do Corpo" (revista e ampliada), que foi publicada em 1920 com o novo título: Da Educação Física - o que ela é - o que tem sido - o que deveria ser, Weiszflog Irmãos, São Paulo e Rio, p. 7.

Conforme indicamos, no caso brasileiro, constatava estar ocorrendo em 1915, ao nível da educação escolar, um "antagonismo entre cérebro e músculo".

Se o cérebro estava no seu entender tendo proeminência nessa "civilização mais complexa", na realização do fim individual e coletivo", era preciso romper esse antagonismo, através de uma educação que cultivasse o "corpo e o espírito".

Essa situação a seu ver, desiquilibrava a "máquina humana", desorganizava a sua estrutura.

Afirmava reconhecer nos exercícios não o seu fim utilitário, mas o higiênico, preocupando-se em indicar a importância dos "mesmos para a saúde" e mais especificamente em trabalhar na direção de desenvolver através deles uma posição demonstrativa de como poderiam atuar na difusão da idéia de um "sentido da saúde"[263].

Defendia os exercícios, como "valor higiênico" e "valor moral".

Na difusão da idéia do não antagonismo entre "músculo e cérebro", considerava que os exercícios, uma vez desenvolvidos de forma racional, atuariam não só na saúde do organismo físico, mas também beneficiariam o cérebro, exercendo também em efeito moral, atingindo, além do aspecto higiênico e plástico, a "educação da vontade", do "caráter", do "hábito do esforço inteligente"[264].

---

263 Escreve: "Sobre aumentar o volume e a energia dos músculos, o que se pode registrar pelo dynamômetro, ativa o exercício a respiração, como se pode ver no espirômetro e por exames sucessivos do perímetro toráxico; aumenta a freqüência da energia das palpitações do coração, que também é um músculo, e cujo desenvolvimento normal e sem excessos pode contribuir para a saúde geral. As artérias, cuja elasticidade afere a idade da vida, tornam-se mais elásticas, e a transpiração e o bom funcionamento da pele se regularizam e aumentam. Os benefícios que daí advêm para nutrição, favorecida pelas despesas que os exercícios ocasionam e pelo aumento de apetite, provocado pela necessidade de reparação, são fatos de observação trivial. A maior resistência aos agentes físicos é uma outra das reconhecidas vantagens do exercício" (pp. 32-33).

264 Afirmava Fernando de Azevedo: "Sob o ponto de vista psicológico, participando o cérebro da atividade geral, é intuitivo que o moral como veremos, se influencia beneficamente por exercícios judiciosamente executados, desenvolvendo a vontade, o hábito de esforço inteligente e o sangue frio"(p. 33).

Parece-nos que acreditava, em 1915, na existência de uma correlação, no sentido de que a "debilidade corporal era acompanhada quase sempre de uma vontade fraca, incapaz".

Via a força e a saúde física como condição indispensável da razão, isto é, da "atividade refletida", assim como da "resistência moral" interligando "energia física e moral".

E, nesse trabalho de racionalização do corpo, indicava como o "exercício racional" dos músculos atuaria sobre o organismo.

"Assim, pois, o exercício racional, quando põe em jogo um grupo suficiente de músculos, exerce uma influência considerável sobre todas as funções da economia; acréscimo da ventilação pulmonar da capacidade toráxica; elevação da taxa de oxigênio consumido e de ácido carbônico exalado, super atividade de exalação periférica e de trocas materiais intestinais. As experiências de Pettenkofer[265] e Voit[266] confirmadas pelos resultados dos estudos recentes de Ch. Richet [267] e Rondau[268], têm aliás demonstrado à sociedade que a ventilação pulmonar cresce com o trabalho e proporcionalmente à sua intensidade". É um princípio geralmente consagrado pela medicina moderna[269].

Para o educador "as mutações das tendências sociais" que observava em 1915, levavam à modificação do fim a que devia obedecer a

---

265 Marx de Pettenkofer (1818-1901), químico e higienista alemão. Foi nomeado em 1847 professor de química da Faculdade de Medicina de Munick. Com relação à Medicina fez pesquisas sobre a biles, urina, diversas questões de higiene, sobre respiração, alimentação, etc. De utilidade para a indústria escreveu ensaios sobre o refinamento de ouro, fusão de platina, etc. Foi membro da Academia de Ciências de Bavière em 1846, tendo presidido essa instituição em 1883. Escreveu vários trabalhos, artigos em jornais, publicou diversas obras sobre Etiologia do Tifu, e Profilaxia da Cólera, etc. (dados obtidos no Delta Larousse, Volume cinquième, p. 517).

266 Voit:

267 Ch. Richet: (Charles Robert), 1850-1935, Médico e fisiologista francês. Foi professor de fisiologia. Autor de trabalhos dentro e fora da especialidade. No domínio da fisiologia deve-se a Richet trabalhos classícos sobre o calor animal e a anafilaxia; no da psicologia, pesquisas sobre a hipnose e fenômenos metafísicos. Vários outros campos de estudo foram também cultivados por esse cientista. Foi membro da Academia de Medicina após 1898, do Instituto - Academia de Ciências após 1914 e em 1913 recebeu o prêmio Nobel de Medicina (dados obtidos no Dicionário Enciclopédico Brasileiro - Ilustrado) e no Delta Larousse, Tomo Cinquième, p. 1086. Neste último há uma relação das obras de Richet.

268 Rondau:

269 "A Poesia do Corpo", p.

prática da ginástica, considerava então que tal atividade não tinha por idéia motriz "formar soldados e constituir atletas", mas sim "desenvolver no mais alto grau a resistência e o vigor físico, excitar o gosto pelo esforço, e enfim, disciplinar os nervos e os músculos para colocá-los sob a dominação absoluta da vontade e por a serviço de um caráter viril e de um cérebro culto um corpo resistente e bem constituido.

E que é isto senão uma necessidade menos dos tempos antigos, do que de nosso século, em que a intensidade da luta pela vida na variedade dos seus mil tropeços à iniciativa, as tendências ao enciclopedismo e a generalização do regime sedentário, ameaçam fazer desaparecer, por um processo de seleção natural, todas essas organizações enfermiças e por demais acessíveis à fadiga e às intempéries, de que se compõe, em grande parte, a mocidade contemporânea?[270]

O corpo é aqui entendido nessa parte do seu trabalho, como uma organização".

Podemos perceber ainda a crítica que faz, nessa parte do seu trabalho, as tendências ao enciclopedismo e à vida sedentária.

O fim da ginástica moderna por ele destacado era uma necessidade a ser concretizada no séc. XX, principalmente pelo seu reconhecimento de condições que indicavam uma "civilização mais complexa".

No seu entender, a 'mocidade brasileira" da época estava se perdendo devido ao desiquilíbrio que ele percebia na educação (antagonismo entre músculo e cérebro), vivendo numa "sentimentalidade doentia", tornando-se imperativo regular sua atividade através da educação física.

A ginástica educativa atuaria fortalecendo a juventude frente ao processo de "seleção natural" o qual acreditava ocorrer de forma muito forte no Brasil em 1915, tal processo poderia levar ao desaparecimento da grande maioria da população do país que, a seu ver, era enquadrada entre "organizações enfermiças".

---

270 "A Poesia do Corpo", p. 33-34

Nesta parte do seu livro, o modelo social-darwinista, da "sobrevivência dos mais aptos na luta pela ida"foi por ele assumido de forma evidente[271].

Fernando de Azevedo em sua colocação sobre o fim da ginástica, a nosso ver, revela uma atitude de "alarme e defesa".

Considerava urgente para a conjuntura de 1915 tal postulação, tendo em vista a 1a. Guerra, porém, ao nível do discurso, indicava não privilegiá-la como sendo o maior problema que vivíamos então[272].

Reconhecia que o maior problema naquele momento não era "a luta pelas armas, mas a incruenta luta inter-individual, a luta dos espíritos e das competências, sem tréguas nem quartel e que é hoje a forma por excelência de ação[273].

A questão indica como a frase "struggle for life" o preocupava e que o fato de assumí-la é em grande parte explicado devido ao contexto da 1a. Guerra.

Destacava dentro desse quadro a idéia de que "o cérebro precisa mais do músculo do que o próprio braço incumbido de um grande esforço"[274].

Buscando apoio em Hipocrates[275], afirmava concordar com sua definição de que "a vida é a força sempre em esforço".

---

271 Veja-se sobre o modelo "social darwinista", o livro que já indicamos anteriormente de Georges Luckács, "El asalto a la razón - Traducción de Wenceslao Roces, Instrumentos & Grijalbo, cap. VII, título: "El darwinismo social, el racismo y el fascismo", págs. 538 a 617. Veja-se também dentro de uma perspectiva mais geral o livro de Timasheff Nicholas S., Teoria Sociológica, cap. V, título: Darwinismo Social, tradução de António Bulhões, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 4a. edição, págs. 83 a 98. Veja-se explicações de João Cruz Costa no seu livro "Contribuição à História das Idéias no Brasil", principalmente as indicações que faz no capítulo com o título: "As Idéias no século XX", Editora Civilização Brasileira, 2a. edição, 1967, págs. 315 a 419. Veja-se colocações de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado em "O Bravo Matutino - Imprensa e Ideologia: o Jornal O Estado de São Paulo, Editora Alfa-ômega, São Paulo, 1980, 160-161. Veja-se colocações de Nicolau Sevcenko, Literatura como Missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República, Editora Brasiliense, 1983, p. 81.

272 Posição que consideramos ser marcante ao longo de todo o trabalho "A Poesia do Corpo".

273 "A Poesia do Corpo", p.34.

274 "A Poesia do Corpo", p. 34.

275 Hipocrates: Médico da Grécia antiga. Nasceu na ilha de Cos, provavelmente no ano 460 a.C., vindo a falecer em Larissa, na Tessália, no ano 870. Em literatura foi um dos representantes da própria jônia. Das 72 obras a ele atribuídas as principais e tidas como autênticas são: Da Antiga

Lembrava ser assim que consideravam os "fisiologistas mais modernos" apoiando-se, nesse sentido, em Bichat afirmava concordar com o autor de que a vida é a "organização em ação"[276] e lembrando E. Wirchow, indicava que esse autor reconhecia que "a vida é o movimento[277].

Apoiando-se nas definições dos teóricos indicados, Fernando de Azevedo defendia a importância da ginástica, enquanto proposta para o combate a uma mocidade por ele como "inerte fisicamente".

Esta era a sua proposta, isto é, a sua estratégia para enfrentar os perigos da "seleção natural": a educação física através da "ginástica" levaria ao "movimento" e ao equilíbrio fisiológico.

Escreve, indicando a realidade que considerava estar vivendo a "mocidade brasileira":

"Ora, abstendo-se a mocidade destes exercícios ginásticos, e vivendo estagnada na inação física, a sua vida será tanto mais reduzida, quanto pior o valor funcional dos seus órgãos a que um esforço suplementar um pouco violento ou a necessidade de desenvolver uma dose de trabalho superior à dose habitual, bastariam para romper ou quanto menos interessar gravemente o equilíbrio fisiológico[278].

Medicina; Dos Ares; Das Águas e dos Lugares; Da Dieta nas Moléstias Agudas; Das Epidemias e Aforismos. Passou à posteridade como o pai da Medicina (dados obtidos no Dicioário Enciclopédico Brasileiro - Ilustrado - p. 840). Maria Sylvia Carvalho Franco, na pesquisa que vem desenvolvendo e que indicamos anteriormente nesse trabalho, nas "Considerações de Bacon sobre a Medicina", faz colocações muito importantes sobre o "corpus hipocraticuy".

276 Bichat, Marie François Xavier: (1771-1802) Anatomista e fisiologista francês. Foi fundador da anatomia geral e da histologia. Colaborou para o progresso da embriologia e da orgagenia. Escreveu: Traité des Membranes; Anatomie Générale, Recherches physiologiques sur la vie et la mort. (dados obtidos no Dicionário Enciclopédico Brasileiro - Ilustrado, p. 239). Michel Foucoult situa Bichat ao estudar o séc. XVIII na perspectiva do contexto dos temas vitalistas. (Veja-se o livro "As palavras e as Coisas - uma arqueologia das ciências humanas, trad. de Salma Tannus Muchail, Martins-Fontes, 1981, cap. V, p. 140).

277 Ë. Wirchow:

278 "A Poesia do Corpo", p. 34-35. Na 2a. edição de "A Poesia do Corpo", (revista e ampliada), na parte do texto que estamos analisando, Fernando de Azevedo acrescentou aos teóricos que foram indicados os seguintes autores: E. Boncquilion, Montaigne, Reger e Rousseau. Apoia-se em E. Boncquilion indicando que: "A força e, sobretudo, a saúde física, (...) ao mesmo tempo que é meio de ação, do ato criado) é também a condição indispensável da razão, da atividade refletida; é também a condição da resistência moral, da tensão do caráter. Não é em vão que as mesmas palavras servem para designar a energia física e moral; não é um capricho do acaso; é que no fundo

Em termos gerais a colocação do fim da ginástica tinha como preocupação a questão da primeira Guerra Mundial, mas também levava em conta uma perspectiva de estratégia a ser posta em prática a longo prazo no sentido da construção da nacionalidade.

---

as qualidades são conexas, e as vemos crescerem paralelamente no indivíduo, que as possue, enfraquecem-se e desaparecem naquele que a moléstia arruina"(p.31). A educação física é vista por Fernando de Azevedo como tendo as faces: anatômica, fisiológica e psicológica. Lembrando Montaigne afirma: "não ser bastante enrijar a alma, ser preciso também enrijar os músculos; não ser uma alma, um corpo que se educa, mas sim um homem", dando a entender que o exercício educa o corpo, não só a bem do corpo, mas a bem do espírito, e que, a querermos cultivar nossa inteligência, é forçoso cultivar as forças, que ela deve governar, e em que se apoia. O exercício, sobre ser uma fonte de vitalidade e energia, tanto do ponto de vista físico como psíquico, tem por objeto também formar o homem de ação - o homem moderno, e aí está um de seus fins utilitários; porque, na intensidade da luta pela vida, em que sem a capacidade de agir se esgotariam fatalmente na indolência os maiores recursos físicos e intelectuais, a educação mais própria é a que seja capaz de preparar o jovem para a luta, torná-lo superior às impressões desagradáveis e aos atritos dolorosos e educar-lhe a vontade, "onde reside às mais das vezes o valor moral do indivíduo"(p.32). Citando Roger, destaca que: "Mas há um ponto, que não se abordou: é que, na observação de Roger, como esta disposição da alma às ações viris, este gosto dos nobres prazeres da atividade preserva das seduções da moleza e volûpcia, a educação física torna-se uma salvaguarda da moralidade privada, sobretudo no momento da puberdade, nesta idade crítica, em que as forças por longo tempo armazenadas fazem de repente e simultaneamente explosão de uma seiva exuberante, que tende a concentrar-se sobre os órgãos da geração e que o exercício reparte por todos os membros, destruindo ou prevenindo pela fadiga dos membros e pela excitação muscular, as funestas tendências da época pubertária. (...) assim (a conclusão é de roger) "se se quer evitar que as forças puberes se consumam esterilmente em paixões loucas ou numa agitação interior perigosa, ao mesmo tempo que se lhes abrir à curiosidade o mundo moral e intelectual, é preciso abrir também à ardente energia da mocidade o mundo físico", onde os exercícios contribuirão para a disciplina de sua sensibilidade e o domínio de si mesmo" (p.32-33). lembrando rousseau, afirma: "mas não é só nesta idade que os exercícios desempenham um papel moralizador. "o corpo, na expressão de rousseau, obedece, quando é forte, e comanda, quando fraco". a energia vital é como o suporte da energia moral e as excessões não prevalecem contra esta verdade de experiência e tão geralmente admitida, que a seu respeito não se engana o próprio senso vulgar, para quem uma pessoa, que faz prova da vontade, mostra ter "nervo". os exercícios físicos, que "acalmando os sentidos, ocupando a imaginação e os ócios da mocidade, tem servido utilmente à causa da virtude", poderão, e só eles, desviar para as diversões úteis ao corpo e ao espírito esta juventude outrora criada em preceitos rígidos e agora sempre ávida de sensações requintadas, e que as grandes cidades atraem cada vez mais com todos os seus encantos de refinado sibaritismo, com todas estas seduções, que tanto atraem, como degradam"(p.33). na introdução dessa 2a. edição de 1920, reconhecia que: "toda a dificuldade, pois, está, em que somos forçados "a iniciar a nossa juventude a uma civilização infinitamente mais complexa". se é preciso, pelo músculo, salvar da vida sedentária e da decadência uma mocidade que se vai perdendo, não pelo cérebro, mas por uma sentimentalidade doentia, não é menos necessário regular a atividade do músculo, para que a seu turno, em vez de nos salvar, não esgote prematuramente o resto da máquina por um dispêndio excessivo de influxo nervoso e pela desorganização consecutiva de sua estrutura"(p. 7).

Fernando de Azevedo considerava que todos os "exercícios têm o seu lado benéfico" e apresentava em seu trabalho uma classificação dos exercícios que, a seu ver, poderiam ser considerados ginásticos.

Indicava como sendo "a classificação mais antiga e racional aquele encontrado no Cony-Fou, indevidamente atribuída a Galieno:

1. ATIVOS - a carreira, o salto, a marcha, natação, esgrima, etc.
2. PASSIVOS - o passeio de carro, etc.
3. MISTOS - o balanço, a equitação e o automobilismo.

"Outros os classificam "em:

1. NATURAIS - passeios, carreira, salto, equitação, etc.
2. ARTIFICIAIS - a ginástica regulada e a esgrima.
3. MISTOS OU JOGOS - foot-ball, cricket, etc.

Roger-Hyvert sugere ainda a seguinte classificação segundo Fernando de Azevedo: (?)

1. Exercícios propriamente ditos (artificiais, naturais e mistos).
2. Jogos em suas mútiplas formas, indispensáveis, na idade infantil.
3. Trabalho manual.

Apresenta também a classificação de Lagrange, a única que critica, mostrando que dá margem à "interpretações confusas e cerebrinas"[279]:

1. Exercícios de força;
2. exercícios de rapidez;
3. e, enfim, de resistência.

Na primeira classificação que apresentamos destacada pelo autor como "erradamente atribuida a Galieno", nos exercícios ativos, assim como nos "exercícios propriamente ditos" de Roger Hyvert, Fernando de Azevedo coloca ainda uma sub-classificação:

1. EXERCÍCIOS LIVRES, sem auxílio de aparelhos, já a pé firme, já mudando de lugar;
2. EXERCÍCIOS SEMI-LIVRES, com auxílio de aparelhos móveis;

---

279 Veja-se explicações mais específicas com relação à classificação em "A Poesia do Corpo", p. 36-37.

3. LIGADOS, com auxílio de aparelhos fixos [280].

GINÁSTICA FEMININA

Fernando de Azevedo em *A Poesia do Corpo* atribuiu grande importância à ginástica feminina.

Já em 1915 reconhecia ser a questão da educação feminina pela ginástica escolar uma questão oportuníssima[281] e defendia a educação física, através dos exercícios ginásticos, tanto para os homens como para as mulheres.

Embora reconhecesse ser o papel da mulher menos duro que o do homem, defendia a educação física feminina por julgar ser este papel de elevado alcance social. Escreve a respeito:

"Se de fato a vida afanosa do homem, como acabamos de ver, exige acurada educação física e prática dos exercícios ginásticos, não poderíamos compreender, pelo papel reservado à mulher, que é de certo menos duro, mas de elevado alcance social, se deixasse de atender ao seu desenvolvimento físico-psíquico, colocando-a mais ao abrigo das forças orgânicas e extra-orgânicas e assegurando-lhe a evolução integral de todas as transformações anatômicas e de todas as modalidades funcionais de seu organismo delicado"[282].

Apresenta a educação física feminina desenvolvida na Grécia, destacando principalmente Esparta e lembra ser esta uma temática importante, em 1915, nas escolas públicas em países como: Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos.

---

280 Veja-se a indicação dessas classificações em "A Poesia do Corpo", p. 35 à 37.

281 Afirmava: "É uma questão oportuníssima, sobre a qual todos os pedagogistas e congressos internacionais já projetaram a luz de seus comentários. Uma questão palpitante de atualidade, importância e alcance prático"(p. 38).

282 "A Poesia do Corpo", p. 38-39.

Propõe para o Brasil, a exemplo desses países, para a ginástica feminina, os exercícios denominados de calistênicos. Para o autor a mulher, através desses exercícios, poderia aliar graça, beleza e força. Escreve:

"Na Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, nas escolas públicas do sexo feminino, os exercícios ginásticos destinados às meninas se denominam calistênicos (da palavra grega que quer dizer - força e beleza), porque, excluindo os exercícios violentos e os esforços musculares mais adequados aos rapazes, têm por fito alcançar-lhes a força sem tirar a graça, por meio de exercícios respiratórios, e sobre o mesmo terreno, danças e desfilamentos em cadência, em que se exige precisão quase militar, quando em conjunto o executam"[283].

Inezil Penna Marinho, em seu livro *História da Educação Física no Brasil*, escreve assim sobre a calistenia:

"A primeira referência que encontramos a favor da adoção da Calistenia em nosso país, situa-se nos Pareceres de Rui Barbosa que, inspirando-se nos trabalhos de Clias, publicado em 1829 com esse título, a enaltece e a prescreve para o sexo feminino, enquanto para o masculino recomenda a ginástica sueca".[284]

Ressalta MARINHO, em seu livro (p.60-61), o importante papel que teve a Associação Cristã de Moços (A.C.M.) na divulgação da calistenia no Brasil. As primeiras A.C.M. surgiram no Brasil no Rio de Janeiro (1893) e em São Paulo (1903), estando já ativas, na prática da calistenia, quando Fernando de Azevedo compunha *A Poesia do Corpo*.

Não temos aqui por objetivo estudar a questão da calistenia, porém queremos destacar, que Fernando de Azevedo assumiu a sua defesa tendo

---

283 "A Poesia do Corpo", p. 39.

284 MARINHO (s.d., p.60)

percorrido, para assimilar a sua essência, o mesmo caminho trilhado por Rui Barbosa, isto é, a leitura da obra de P. H. Clias (*Callisthénie*).

Um ponto que nos cabe comentar da citação destacada anteriormente é relacionado com a A.C.M.

A associação, como indicaremos posteriormente, estará presente organizando debates sobre a temática da educação física no início da produção cultural de Fernando de Azevedo. Estamos aqui fazendo referência especial,no caso, à A.C.M. de São Paulo.

A nossa pesquisa indicou-nos a necessidade de que sejam feitas pesquisas mais aprofundadas não só com relação à questão da educação física, mas também envolvendo outros aspectos relacionados com a ideologia da A.C.M.

Não conhecemos a existência de estudos sobre a associação, o que queremos indicar é que nossa pesquisa mostrou-nos que ela exerceu, no início da produção cultural de Fernando de Azevedo, um papel político que nos pareceu altamente conservador. O papel político da A.C.M. merece ser estudado, para que possamos ter clareza sobre o real significado do papel político que a instituição exerceu na formação de consciências, não só no período a que se circunscreve nosso trabalho, mas também em outros momentos vividos pela sociedade brasileira.

A defesa dos exercícios ginásticos calistênicos que Fernando de Azevedo destaca para a mulher em *A Poesia do Corpo*, dentro do objetivo visado por ele de produzir força sem tirar a graça, mostra a visão que possuía sobre a mulher, para ele de corpo mais delicado que o do homem.

Entretanto, apesar disso, concordava ele com Spencer sobre a não existência de diferenciação tão essencial entre a constituição da mulher e a do homem, defendendo para ela a necessidade da realização de exercícios ativos. Afirma ele sobre isso:

"Nem se poderia admitir que se estabelecesse maior diferença na educação física de ambos os sexos. 'Por ventura, pergunta Spencer, profligando

o erro em que geralmente as escolas laboram, a constituição da mulher difere tão essencialmente da de um rapaz, que não tenha aquela necessidade de exercícios físicos? acaso a menina não tem nenhum destes gostos que compelem os rapazes aos jogos ruidosos? ou então dever-se-á crer que, enquanto a natureza dotou os rapazes destes gostos estimulantes de uma atividade, sem a qual não podem atingir um suficiente desenvolvimento, não os dispensou ao sexo frágil?"[285]

Foi justamente nessa análise sobre a importância da ginástica feminina que Fernando de Azevedo, colocou, pela primeira vez, na obra examinada, a expressão "regeneração da raça".

A mulher, encarada como fundamental para a regeneração física de uma raça, torna-se então elemento importantíssimo para a construção de uma raça forte. Através da mulher ele está colocando o tema: Raça - Família - Nação. Escreve sobre isso:

"Não haveria regeneração física de uma raça, dizia um escritor, se o corpo de nossas filhas dela não participar tanto quanto o de nossos filhos. E o desenvolvimento completo das energias físicas requer duas coisas: o cultivo da saúde e a ginástica do corpo. O organismo, seja ele qual for precisa deste treinamento, deste preparo para resistir às fadigas do trabalho produtivo. É injusto, é criminoso apelar para diferenças que nunca existiram. Dissemos que a mulher tem um papel menos duro; mas tem os quefazeres domésticos e, sobretudo, os deveres da maternidade. É preciso ver na menina de hoje a mãe de amanhã. E para este fim, tem ela igualmente necessidade de abroquelar seu organismo e torná-lo mais forte para transmitir a seus filhos mais saúde e vigor. A incúria da educação física feminina estende-se nos seus estragos irreparáveis, e nas suas conseqüências lastimosas, às gerações futuras porque as leis da hereditariedade não perdoam; um organismo descelulado produzirá outro organismo descelulado, mormente se as condições de vida do progenitor

285 "A Poesia do Corpo", p. 40.

permanecerem as mesmas para a progenie condenada. Descurar a educação física da mulher é hoje, mais do que nunca, uma profanação do matrimônio"[286].

Na citação destacada, podemos perceber, que, Fernando de Azevedo pensava a mulher (e a ginástica para ela) colocando em relevo o seu aspecto reprodutor, a sua função bio-social como propagadora da espécie e primeira educadora dos filhos. O papel social da mulher aí estava.

Apoiado no universo da higiene justificava ele, dessa forma, o alcance social da mulher, defendendo a necessidade da educação física feminina para a regeneração da raça.

Na pauta da higiene social e da higiene escolar, a mulher era por ele considerada elemento importante no sentido dessa mesma regeneração; a formação de uma raça forte, passava, a seu ver, necessariamente pela educação física feminina.

Pelas indicações relacionadas com as leis da hereditariedade acreditava Fernando que: "um corpo semelhante formava outro semelhante" e afirmava que um organismo descelulado produziria outro semelhante. Daí a necessidade de mudar as condições de vida das progenitoras e de as mesmas receberem educação física, pois, caso contrário, haveria conseqüências desastrosas para as gerações futuras.

Conforme indicamos, chegava ele mesmo a afirmar que: descurar a educação física da mulher representaria uma profanação do matrimônio. Com relação ao homem, afirmava que, no geral, vivia na imoralidade, na corrupção, numa vida licenciosa, e considerava que, ao se cansarem dessa vida, já esgotados, casavam com donzelas talvez inocentes, mas sem saúde também, porque atrofiadas pelo espartilho.

Escreve Fernando, indicando o que destacamos acima, lembrando Monsabré:

---

286 "A Poesia do Corpo", p. 40.

"A maior parte de nossos jovens pondera a palavra veneranda de Monsabré, nada ignoram hoje dos segredos da imoralidade. Não temendo os desprezos do mundo libertino, que facilmente perdoa os desvarios da mocidade, entregam-se aos deleites dos sentidos, até corromperem, até esgotarem as fontes da vida. Depois, saciados de uma vida licenciosa, no dia em que acham ser já o tempo de se casarem, encontram pais indulgentes que os absolvem do seu passado, e lhes entregam uma donzela talvez inocente, mas vítima inconsciente das tiranias da civilização, anêmica, atrofiada pelo espartilho e pela moda mortífera; ser delicado e franzino, para o qual a maternidade será um suplício se não for uma catástrofe"[287].

Constatava ele que as circunstâncias em que eram realizados os casamentos no país estavam produzindo uma raça enfermiça, raquítica, degenerada e depauperada.

Embora o autor tratasse a questão da educação física feminina como uma proposta colocada a nível amplo, tanto para as mulheres do povo como para as ricas mães de família, acreditamos que, dentro da situação de fraqueza geral, ele admitia a existência de variações e nesse sentido, devia localizar o problema como sendo mais freqüente entre as mulheres do povo.

Propunha ser necessário a remodelação do sistema educacional com respeito à educação da mulher, oferecendo-lhe uma educação do corpo e do espírito. Para ele, através de uma ginástica inteligentemente adaptada, seria possível criar uma nova geração de mulheres.

Afirma Fernando sobre isso:

"A necessidade de remodelar o nosso sistema de educação sob este ponto de vista é indeclinável; há razões urgentes que a reclamam; é preciso, no que respeita à educação da mulher, adotar-se também um plano que, longe de sacrificar o corpo ao espírito, seja capaz de, por uma ginástica

287 "A Poesia do Corpo", p. 40-41.

inteligentemente adaptada, criar pouco a pouco uma nova geração, em que as faces rosadas, um rosto bem delineado e a perfeição das formas substituam 'estas figurinhas pálidas, angulosas e de peito achatado', que povoam nossos salões, como vítimas desta educação deficiente, tirânica, incompleta"[288].

Contudo, embora reconhecesse a necessidade do ensino de uma ginástica apropriada à mulher, Fernando não concordava com as seguintes posições:

"1. de que a ginástica se destina ao desenvolvimento muscular, impróprio para a mulher; 2. que dá além disso hábitos grosseiros e maneiras pouco convenientes à delicadeza de seu sexo; 3. e que enfim lhe robustece o organismo a preço da graça, da elegância e da estética de suas formas"[289].

Defendia o seguinte: "Em primeiro lugar, o fim da ginástica educativa não é principalmente o desenvolvimento muscular, mas desenvolver, como temos dito, o aparelho locomotor, beneficiar as funções respiratórias, ensinar a coordenação harmônica dos movimentos, e em síntese, a redução à unidade do trinômio; beleza, saúde e força, qualidades que não se excluem, mas que antes perfeitamente se integram. Em segundo lugar, se estes exercícios aplicados aos rapazes lhes não asselvajam a natureza, nem lhes obliteram estes sentimentos mais delicados, que suavizam a virilidade do temperamento e a rispidez do caráter, constituindo neles a fidalguia de maneiras, porque se admitir que estes mesmos exercícios possam prejudicar a mulher na vida dos salões e fazê-la adquirir hábitos incompatíveis com a proverbial delicadeza feminina?"[290].

---

288 "A Poesia do Corpo", p. 41-42.
289 "A Poesia do Corpo", p. 42.
290 "A Poesia do Corpo", p. 42-43

Nestas colocações relacionadas com a ginástica para os dois sexos, transparecem os estereótipos que Fernando de Azevedo possuia em 1915 sobre o homem e a mulher.

A mulher aparece, em Fernando, como sendo um organismo mais delicado que o do homem (e a questão da delicadeza feminina precisaria ser levada em conta na ginástica educativa). O homem aparece, por seu lado, como sendo possuidor de natureza mais selvagem, virilidade de temperamento e rispidez de caráter, que nele, a ginástica educativa deveria combater, desenvolvendo-lhe a fidalguia de maneiras.

Acreditava ele que um "corpo bem equilibrado é forte e belo"[291], e que a "beleza está unida à força como o perfume à flor"; considerava falsa a estética dominante em 1915 com relação ao corpo da mulher e ao fazer tal afirmação devia estar pensando fundamentalmente na sociedade brasileira.

Nesse aspecto, concordava com a posição de Müller, e considerava que essa estética qualificada por ele de falsa e, que predominava em nossos salões, nas rodas elegantes, estava muito afastada das posições defendidas por este autor: "o segredo da beleza do corpo feminino, representado pela estatuária antiga, está em que os seus modelos possuíam o colete muscular natural, em vez do inquisitorial espartilho moderno. Se as mulheres procurassem adquirir a cintura de músculos, de que fala este escritor escandinavo, e abandonassem de vez o uso do espartilho, não há dúvida de que veríamos surgir uma nova geração mais robusta e mais bela, cujos tipos nos lembrassem os genuínos exemplares da plástica helênica"[292].

E prosseguindo, continua a citar Müller:

"Infelizmente, porém, continua o mesmo escritor, poucas são as mulheres que sabem que as formas harmônicas e uma arquitetura estética são

291 "A Poesia do Corpo", p. 43.
292 "A Poesia do Corpo", p. 43-44.

devidas apenas à contração inconsciente e tônica dos músculos ou a músculos em repouso, e que a elegância depende unicamente da relação existênte entre as diversas partes do corpo, e não de uma cintura demasiadamente delgada..."[293].

Podemos perceber que a questão da produção de uma raça forte, passava, para Fernando de Azevedo, pela questão da saúde. E, na busca da constituição de uma raça forte e bela condicionada à existência de mulheres fortes, ele pensava a formação de tipos.

O exemplo desses tipos, Fernando encontra entre os helenos. Supomos que o educador visse a população brasileira, no geral, na época, como fraca e porque não? - como feia.

A questão da "fealdade" o preocupava também. No seu entender, não havendo, entre nós, equilíbrio na educação entre corpo e espírito, éramos um povo fraco e feio; tal fealdade era atribuída, de uma forma geral, tanto aos homens como às mulheres, embora para essas últimas devesse ter uma importância fundamental, devido à função social que lhes emprestava.

Defendia Fernando o vigor físico também para as mulheres e criticava a idéia de que uma vitalidade exuberante e este mesmo vigor fossem qualidades plebéias. Nesse sentido parece se apoiar nas obras estéticas de Reid, Hegel, Gaborit e Menendez Pelayo[294]; apresenta a definição de beleza, que afirma ser de Platão, que via a beleza como o esplendor de ordem e indica que Aristóteles exigia, além disso, a nota de grandeza.

Parece-nos que Azevedo, unindo as colocações que afirma serem de Platão e Aristoteles, chegou ao seu próprio conceito de beleza: "Considerada genericamente, a beleza é qualidade pela qual um objeto agrada; ora o agrado das faculdades estéticas é produzido por um certo esplendor resultante da

---

293 "A Poesia do Corpo", p. 44. Utilizou nesse seu primeiro livro os seguintes trabalhos de Y.P. Müller - "Mon système. Un quart d'heure d'exercices par jour. 3e. édi. 1914, et Ma méthode respiratoire, 1915. La vie au grand air.

294 Veja-se "A Poesia do Corpo", p. 44.

harmonia entre a unidade e a variedade. Mas este tal ou qual esplendor e ordem, se não é acompanhado de uma certa grandeza, não é rigorosamente o que se chama belo. Por onde podemos definir o belo, não já como gênero, mas como espécie, 'aquilo que conhecido agrada por um certo esplendor de ordem e de grandeza'[295]".

O tipo ideal de beleza para ele seria, então:

"o que melhor sintetiza os nossos gostos estéticos não reside apenas nos traços regulares do rosto, mas na beleza plástica das estátuas antigas, que reçuma das proporções e do equilíbrio das formas do corpo humano"[296].

Fernando de Azevedo via, assim, a ginástica como um meio de se alcançar essa beleza e colocava, além do que afirmava ser o seu fim dinamogênico, também o seu poder altamente plástico. Explicava:

"O jogo alternativo das forças que se balançam nas condições de um perfeito equilíbrio em torno dos pontos de apoio, tornados sucessivamente móveis ou fixos, tem uma tendência certa a manter e a consolidar a forma e a coordenação normal de todas as partes do órgão mecânico tão complexo que apresenta o corpo humano; e daí estes espécimens admiráveis que só a arte antiga nos podia dar"[297].

Julgava ser ultrapassada a discussão sobre a importância da ginástica feminina. Se o debate ainda não chegara nisso, não se adiantara. Para ele, o que deveria ser questionado, em 1915, era quais exercícios convinham

---

295 "A Poesia do Corpo", p. 44.
296 "A Poesia do Corpo", p. 44-45.
297 "A Poesia do Corpo", p. 45.

para a mulher; nesse ponto, considerava que seu trabalho também fizera avançar a questão.

Aconselhava, ademais, a seguinte orientação:

"observando em toda a ginástica que a este fim especial se destine e mais do que respeito ao homem, a destreza harmônica do movimento. Certo a força, a preço da rigidez física, não poderia seduzir o gosto do homem, nem o ideal da mulher, cuja beleza e robustez deve a ginástica desenvolver harmonicamente, pela calistenia, de maneira que ao aperfeiçoamento fisiológico corresponda sempre uma cuidada elaboração estética"[298].

Maria Beatriz Nizza da Silva, que prefaciou o livro *Utopia e realidade - O Brasil no começo do século XX*, indica uma questão fundamental presente em Fernando de Azevedo, em *A Poesia do Corpo*: a problemática do fisiologismo, que aparece também nos dois textos utópicos aos quais fizemos referência:

"Talvez a característica mais saliente nesses dois textos utópicos, (...) seja o 'fisiologismo', isto é, a acentuação do fato de que, para uma sociedade ser feliz, é necessário que os seus membros gozem de uma saúde perfeita e sejam capazes de gerar filhos fortes e saudáveis. Euforia com os progressos da medicina da época? Ou maneira de combater aquilo que era então denominado 'a neurose da civilização'? Exalta-se o trabalho, o progresso, o desenvolvimento, mas tudo tem de ser acompanhado por uma regeneração física das populações,

---

298 "A Poesia do Corpo", p. 45-46. Com relação à temática feminina indicada por Fernando de Azevedo em "A Poesia do Corpo", podemos encontrar colocações relevantes no livro de Terezinha Aparecida Del Fiorentina, "utopia e realidade - o brasil no começo do século xx", editora cultriz, ini, 1979, onde a autora analisa a sociedade brasileira do período através do livro de Godofredo Emerson Barnsley, São Paulo, no ano 2000; ou Regeneração Nacional: crônica da sociedade brasileira futura, São Paulo, Rothschild, 1909; e da obra de Rodolfo reófilo, O reino de Kiato: no país da verdade, editado em São Paulo, em 1922, pela editora Monteiro Lobato.

abatidas pelas péssimas condições e modismos. É preciso não esquecer que o reino de Kiato abre com a seguinte epígrafe *Mens sana in corpore sano.*

(...) Para que o homem cumpra os seus deveres e respeite os direitos dos outros homens é preciso que o seu corpo seja são.

Para que o homem recupere a saúde perdida no transcorrer dos séculos é preciso acabar com os três fatores da degeneração do gênero - o álcool, a sífilis e o tabaco"[299].

Indica ela, ainda, a presença do feminismo no início do século e na viragem do séc. XIX; destaca terem aparecido obras que analisavam os aspectos jurídicos e políticos da situação da mulher (Viveiros de Castro, Costa Filho, Machado Costa), assim como, relacionadas com o problema da educação feminina, registra em São Paulo e outras cidades a presença de várias revistas dedicadas à mulher (O Leque, A Violeta, A Mensageira).

Mostra Maria Nizza que a temática da mulher não escapou aos utopistas (nos dois trabalhos aqui referidos), e que os autores captaram o momento de valorização da ciência, então existente, questão que julgamos está presente também em *A Poesia do Corpo*. A autora reconhece que:

"O utopista das primeiras décadas do século XX assemelha-se mais a um professor na sua aula de anatomia do que ao arquiteto fantasista do Renascimento. A utopia não é mais uma forma de criação, de invenção; é um ato científico, preso a uma realidade que cumpre dissecar."[300]

Terezinha Aparecida del Fiorentino, na introdução do seu livro constata que nos textos utópicos que estudou, voltados para as duas primeiras décadas do século XX, ambos os autores condicionam as soluções dos

---

299 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX. Citação do prefácio de Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo, Cultrix, INI, 1979, p. 13-14.

300 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX. Citação do prefácio de Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo, Cultrix, INI, p. 15.

problemas à atuação do governo, que deveria educar o povo e promover a regeneração física(...). Os problemas que afligiam os homens do início do século não eram decorrentes do progresso, preço que todos teriam de pagar a fim de obter os benefícos da 'civilização'. Ao contrário, acham que dependia dos próprios homens, principalmente dos seus representantes legais e de todas as instituições sociais (a família, a escola, a igreja, o sistema de comunicação), o rumo a ser tomado pelas conquistas humanas. De seu bom aproveitamento poderia surgir a sociedade ideal, perfeita, rejeitando-se assim a tese de que o progresso conduziria fatalmente à decadência, à desgraça"[301].

Mostra a autora que a questão da manutenção da responsabilidade popular seria decorrente do intenso trabalho de educação.

No capítulo III, que tem como título: "A função bio-social da mulher", é interessante notar como os textos utópicos captaram as funções básicas atribuídas à mulher no contexto em que foram produzidos.

Tais funções básicas, de uma forma geral, marcam também o pensamento de Fernando de Azevedo em "A Poesia do Corpo".

Afirma a autora, nesse sentido:

"As tarefas educacionais não poderiam ser levadas a bom termo sem a participação da mulher, pois a ela competiam duas funções básicas; propagar a espécie e ser a primeira educadora dos filhos"[302].

A questão da saúde física do elemento feminino, temática defendida por Fernando e colocada também nesses dois textos utópicos, pareceu-nos, no seu eixo, ser muito semelhante à posição assumida pelo autor na obra aqui examinada.

Indica Terezinha Aparecida Del Fiorentino que:

---

301 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX. São Paulo, Cultrix, INI, p. 15.

302 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX. São Paulo, Cultrix, INI, p. 53.

"A saúde física do elemento feminino era considerada um bem inestimável, pois caso contrário os descendentes iriam sofrer males irremediáveis. Assim, era preciso cuidar para que o corpo da mulher estivesse preparado para a maternidade, o que não ocorria no início do século, segundo o habitante centenário de São Paulo no Ano 2000:

Os nossos antepassados assim não pensavam e habituaram-se a encará-la como um objeto de luxo e de ostentação. Desde a infância era ela educada nas falsas bases impostas pelo convencionalismo e pelos preconceitos, e, no momento decisivo em que a mulher desponta para a vida social, já trazia em si as características de uma aberração vital. Tudo que a vaidade inventara para aperfeiçoar a beleza e a estética feminina, ou melhor, para exagerar os seus dons naturais, importávamos, sem mais exame, do estrangeiro. O rótulo - última moda - era o passaporte.

Acostumada desde a puerícia a apreciar erroneamente as exigências da vida orgânica, apesar de vastos conhecimentos de anatomia, de fisologia, de embriologia, de bacteriologia e de todas as logias, ao entrar na dura realidade da existência, no momento em que se especificam e se acentuam as responsabilidades e as cruezas do estado conjugal, sobrevinham as desilusões seguidas de sofrimentos, de contrariedades, de desenganos e às vezes de fatalidades, e de todos os degraus da longa escada que liga o mundo florido da lua a este outro mundo de arestas e de espinhos. O mais grave, porém, é que os efeitos destes descarrilamentos não se refletiam apenas nos infortúnios dos próprios autores: prolongavam-se nas pessoas dos descendentes, filhos e netos e gerações além. É a justa e terrível repulsa suscitada pela violação das leis naturais, irredutíveis como dogmas. Excessos e exageros nos vestuários e desprezo pela higiene física - eis os fatores da degeneração orgânica no elemento feminino.

Hoje em dia, continuou, os moços, antes de escolherem as suas futuras companheiras de lar, indagam se têm boa saúde, constituição mais ou

menos robusta, os melhores dotes que uma esposa pode levar ao seu marido"[303].

Ainda essa autora, no Cap. III, ao analisar "A função bio-social da mulher", indica como não passou desapercebida, para os utópicos, a questão também apontada por Fernando de Azevedo, que foi a "crítica ao uso do espartilho"[304]. Junto a essa crítica apontavam a temática da ginástica.

As deficiências e atrofias do organismo femininino eram decorrentes do uso indiscriminado do espartilho e da falta de ginástica, que criavam problems graves por ocasião do nascimento dos filhos, além de provocar uma série de doenças nos descendentes.

"Se não fôra a abstenção dos exercícios físicos, se não fôra o uso do espartilho, a mulher brasileira seria muito sadia,os lares mais felizes. O uso desse diabólico aparelho constitui o maior fator de insucessos das mães com os primeiros filhos, em que se exigiam penosas operações cirúrgicas; ocasionava, além disso, o raquitismo infantil e muito contribuía para a grande mortandade das

---

303 Del Fiorino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX, São Paulo, Cultrix, INI, p. 53-54.

304 Em "Réflexions sur l'éducation", de Emmanuel Kant, Tradução, introdução e Notas feitas por A. Philomenko, Librairie Philosophique J. VRIN, 6, Place de la Sorbonne, Ve., 1966,Coleção dirigida por Jean Chateaux, destaca A. Philomenko nessa introdução ter feito Kant a crítica ao uso dos espartilhos. Afirma A. Philomenko lembrando Kant: "As pesquisas de numrosos autores bastante capazes nos ensinam que os espartilhos não são apenas de modo algum seguros, mas que não fazem senão agravar o mal, pondo um obstaculo à circulação do sangue e dos humores, assim como à expansão extremamente importante das partes, tanto internas quanto externas do corpo. Para compreender bem essa resposta, é necessário saber que Kant distingue, na "Crítica da faculdade de julgar", duas formas de monstruosidade. Há, em primeiro lugar, a monstruosidade morfológico: ela é exemplificada pelos indivíduos nos quais a forma é diferente daquela que é própria a espécie e o indivíduo "mal-formado" é, propriamente falando anômalo; existe, em seguida, uma monstruosidade fisiológica; ela é muito mais gave; ela afeta o próprio funcionamento do organismo. O indivíduo fisiologicamente monstruoso pode ser fisiologicamente normal; a anomalia não é ainda anormalidade; um monstro pela forma pode ser ainda fisiologicamente adaptado. O perigo dos instrumentos aparece então: sob o pretexto de corrigir a morfologia do indivíduo, eles alterarão seu funcionamento fisiológico"(p.49).

crianças, causadas pela incapacidade de mães alimentarem os seus filhos pelos meios naturais"[305].

A autora apresenta ainda um diagrama baseado em Barnsley, que mostra a maioria das doenças consideradas como provocadas pelo uso do espartilho, sinônimo de mutilação física do corpo e indica que Barnsley defendia a necessidade da educação física feminina. Segundo ela:

"Barnsley prega a necessidade de se introduzir no Brasil a prática da educação física feminina nas escolas, pois assim todas as mulheres usufruiriam das vantagens advindas da ginástica. E argumenta que seria preferível sacrificar a extensão e o número das matérias dos programas de ensino primário e secundário a fim de proporcionar às educandas uma cuidadosa e metódica educação física, porque, antes de tudo, o sucesso da vida depende da energia e da boa constituição orgânica do indivíduo. E vai além, alertando que nos países desenvolvidos os exercícios físicos eram vulgarizados, sendo objeto de grande propaganda, notadamente entre os anglo-saxônicos e os normandos. Jornais e revistas estimulavam os exercícos ao ar livre e as moças, geralmente apreciadoras da natureza, faziam grandes passeios a pé pelos campos e bosques, dançavam ao ar livre, patinavam no gelo, promoviam piqueniques em lugares pitorescos, trajando roupas simples, leves e folgadas"[306].

Percebemos, no que se relaciona à temática da mulher, que Fernando de Azevedo valorizava, nesse período, em seu discurso, a sexualidade matrimonial sob a perspectiva das tecnologias do corpo, no sentido de Michel Foucault.

---

305 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX, São Paulo, Cultrix, INI, p. 54. A citação que faz o autor nessa parte do seu texto é de Godofredo Emerson Barnsley, no livro que indicamos anteriormente. p. 80-81. Veja-se no livro acima indicado, p. 55.

306 Del Fiorentino, Terezinha Aparecida. Utopia e Realidade: o Brasil no começo do século XX. São Paulo, Cultrix, INI, p. 56-57.

O livro de Foucault, especialmente *História da sexualidade I: a vontade de saber*, é relevante no sentido da compreensão das tecnologias do corpo e o papel que dentro delas era reservado à mulher.

Parece-nos que Fernando de Azevedo está nesse sentido, muito próximo das tecnologias do sexo que vão aparecer no final do séc. XVIII, conforme explica Foucault:

"Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor,uma questão em que, todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos, eram convocados a porem-se em vigilância. Nova, também, porque se desenvolvia ao longo de três eixos: o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade específica da criança; o da medicina com a fisiologia sexual própria das mulheres como objetivo; e, enfim, o da demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada dos nascimentos"[307].

Essa mutação, que segundo Foucault situa-se na passagem do séc. XVIII para o séc. XIX, implicou

"a relativa autonomização do sexo com relação ao corpo, o aparecimento correlativo de uma medicina, de uma 'ortopedia' específicas do sexo, em suma, a abertura desse grande domínio médico-psicológico das 'perversões', que viria tomar o lugar das velhas categorias morais da devassidão e da extravagância. Na mesma época, a análise da hereditariedade coloca o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de 'responsabilidade biológica' com relação à espécie; não somente o sexo podia ser afetado por suas próprias doenças mas, se não

307 Foucault, Michel. História da Sexualidade": a vontade de saber; tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, 4a. edição, p. 110.

fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras; ele aparecia, assim, na origem de todo um capital patológico da espécie"[308].

A TEMÁTICA DA FADIGA

Voltando à temática da fadiga e o exercício físico, Fernando de Azevedo critica duas generalizações consideradas defeituosas:

1. a que indica ter sido defendida pela antiga pedagogia e que se apoiava no "princípio hipocrático de que o exercício em geral é repouso do espírito e distração, siga ou preceda ele o trabalho intelectual".

2. a que afirma ser de Lallemand, de que a mais útil diversão que pode intervir nas demasias do trabalho mental é o exercício enérgico"[309]

Suas explicações são mais voltadas para os níveis fisiológico e psicológico. Delas consideramos importante destacar que reconhecia a necessidade dos exercícios ginásticos obedecerem a um plano racional e fisiológico, devendo também ser metodizados, caso contrário levariam a um desequilíbrio do sistema nervoso.

Essa análise apoia-se em autores como: Lagrange, Ribot, Richet, Griesbach, Vannod.

Para ele constituía "princípio fundamental que a fadiga intelectual e muscular se correspondem e se influenciam. Se em todo o trabalho mental há uma parte de trabalho físico, e se a todo o trabalho físico corresponde uma parte

---

308 Foucault, Michel, História da Sexualidade I: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, 4a. edição, p. 111-112.

309 "A Poesia do Corpo", p. 46.

de trabalho intelectual, concebe-se facilmente que, além de outras razões e fatos, a fadiga física produza a fadiga intelectual e a fadiga intelectual tenha por efeito a fadiga muscular"[310].

Lembrando experiências de Claviele com o dinamômetro e ergográficas de Mosso, feitas em alunos e alunas depois do trabalho intelectual, Fernando indica que:

"vieram por em evidência e firmar que a um trabalho intelectual intenso e prolongado corresponde uma notável diminuição de força muscular, e o trabalho físico influe às vezes sobre os diversos processos psíquicos mais de que o trabalho intelectual fácil"[311].

Assim, infere ele ter a ginástica influência deprimente, e citando Kemsies com o qual concorda, afirma que "a ginástica só é recreativa, só é benéfica (...) quando praticada de uma maneira racional, sem grandes esforços corporais"[312]. Reconhecia, ainda, a necessidade da educação do esforço, e considerava que não se devia evitá-lo.

Portanto, era preciso "educar o esforço mas não pelo esforço", e escreve explicando:

"Este é o princípio da ginástica racional educativa, a que perfeitamente se adapta o fundamento pedagógico de Malapert, que lhe dá por fim ensinar a criança a fatigar-se, a treinar-se, a resistir à fadiga, a ensinar-lhe não a moleza, mas o esforço, e a dar-lhe o hábito não do repouso, mas do trabalho. O que é preciso é educar a fadiga. 'Dize-me como te fatigas, e dir-te-ei

---

310 "A Poesia do Corpo" p.49-50.
311 "Poesia do Corpo", p.50
312 "A Poesia do Corpo", p.50

quanto vales' (Philippe Tissié). O valor dos nossos organismos afere-se exatamente pelo modo e dificuldade com que se fatigam"[313].

A fadiga, quando moderada, era entendida como uma conseqüência normal de todo o trabalho, como um fenômeno útil para o corpo e para o espírito. Preocupava-o a fadiga excessiva, causa, muitas vezes, do deperecimento e da degenerescência infantil.

Através da educação do esforço, resultante do exercício ginástico racional, feito com moderação, a fadiga era inclusive útil para a integridade do organismo, isto é, para o equilíbrio entre corpo e espírito.

As colocações de Fernando de Azevedo, embora enfatizassem mais os níveis fisiológico e psicológico, situavam-se também numa perspectiva social, por exemplo na questão da análise da temática da fadiga, visavam tornar os corpos mais produtivos.

Os corpos, nesta perspectiva social, deveriam levar à regeneração da raça, possuindo um valor econômico, como instrumento ou máquina de trabalho; saúde/doença, também a nosso ver, eram pensadas como que ligadas ao processo produtivo.

O conceito de saúde e de doença tem um valor econômico uma vez que o homem é um dos fatores da produção. O doente constitue "ônus considerável e constante" para a sociedade e é "instrumento ou máquina de trabalho e riqueza parada, estragado ou perdido"[314].

O *locus* de produção da educação física é utilizado através da educação do esforço para prevenir as doenças e formar corpos produtivos como força de trabalho.

A temática da fadiga e a proposição da necessidade da educação do esforço estão ligadas, nas primeiras décadas deste século, às exigências da ordem do capital e do trabalho.

---

313 "A Poesia do Corpo" p. 50-51

314 Veja-se Arouca, António Sergio da Silva, *O Dilema Preventista - Contribuição Para A Crítica Da Medicina Preventiva.* Tese de Doutoramento, apresentda à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, 1975, p. 90.

Os corpos trabalhados pela ginástica racional deveriam tornar-se produtivos para o exercício do próprio trabalho, e também para serem úteis fora do trabalho.

A vigilância sobre o tempo fora do trabalho está muito presente em *A Poesia do Corpo*: todo o tempo dos homens deve ser visto como tempo de trabalho, como tempo útil.[315]

Essa visão antecipa-se à de Marcuse nos seus escritos sobre a sociedade industrial e o controle do capital sobre o tempo de trabalhp e o dedicado ao lazer; a energia do corpo deveria ser descarregada, fabricada e recuperada no espaço da educação física e entendida enquanto energia produtiva. Na análise sobre a "ação psicológica dos exercícios", Fernando de Azevedo volta a mencionar como maior obstáculo ao desenvolvimento da educação física o que ele denominava "o velho e sediço preconceito", isto é, o do "antagonismo entre o músculo e o cérebro". Para ele não poderia haver uma "educação antagonista do corpo e do espírito". Isto seria, a seu ver, um "erro fisiológico" contrariando a "unidade biológica do ser humano".

Escreve indicando a questão:

"Um dos maiores obstáculos que se tem oposto à marcha da educação física é, por certo, o velho e sediço preconceito do antagonismo entre o músculo e o cérebro, pelo qual o desenvolvimento de um só se pode realizar com a atrofia do outro. Evidentemente a especialização absoluta desenvolve sempre uma parte do organismo, ou uma faculdade em detrimento das outras, mas a verdadeira educação não deve deixar inculta uma parte qualquer do ser humano.

Não pode existir educação antagonista do corpo e do espírito. Que erro fisiológico, exclama um escritor, considerar o cérebro como um conviva egoísta, cujo apetite não pode ser satisfeito, senão em detrimento de seu irmão rústico - o músculo! Seria contrariar a lei da unidade biológica do ser humano. E

---

315 Para uma compreensão sobre as teorias das ciências sociais que fundamentam a Teoria Geral da Administração e sobre a forma como, enquanto poder, elas disciplinam corpos e mentes, no trabalho e fora do trabalho, ver TRAGTENBERG (1974).

é tal esta unidade, que não se pode separar o aperfeiçoamento físico do desenvolvimento da personalidade mental, nem se pode aumentar a força física sem interessar a totalidade e o aperfeiçoamento de todas as funções"[316].

Aceitava Fernando a idéia, baseando-se na fisiologia, de que o homem é uma máquina.

Escreve ele:

"No ponto de vista fisiológico, o homem é uma máquina, cujos órgãos são estritamente solidários. Todo o enfraquecimento, mesmo acidental, de um dentre eles tem sua repercussão, mais ou menos sensível, mais ou menos imediata, mas certa, sobre o estado moral geral, o pensamento, a vontade, os hábitos e o grau de sociabilidade. O desenvolvimento do indivíduo e a formação do seu caráter dependem tanto do funcionamento dos seus órgãos, como da qualidade de sua educação"[317].

Também desenvolve ele a idéia de que: "o homem são cultivado fisicamente e preparado pelas qualidades do seu caráter, tem por via de regra, uma predisposição inata à moral"[318].

No seu entender, a "tendência para o mal" era "apanágio das organizações doentias". Neste ponto, acreditamos, que, o autor se referia às organizações enquanto corpos individualmente doentios, mas, que enquanto valor social, os mesmos eram pensados enquanto patrimônio corporal nacional. Era nesse sentido que preocupava ao autor a constatação de que o patrimônio corporal nacional estava doente.

Percebemos, nesta posição, a recolocação pelo autor, ao explicitar o conceito "organização", de que o mesmo foi também utilizado para referir-se à

316 "A Poesia do Corpo", p. 52.
317 "A Poesia do Corpo", p. 53.
318 "A Poesia do Corpo", p. 53.

organização social, enquanto corpo social, que, no caso brasileiro, também estava doente.

Através da ginástica racional seriam desenvolvidas: a saúde, as qualidades morais e a coragem. Atributos que percebia nos gregos ao formarem o atleta do "corpo e espírito". Se antagonizavam a eles a fraqueza, o vício e a disformidade, que precisariam ser combatidos.

Considerava Fernando que a doutrina, por ele defendida, baseava-se em "princípios científicos e numa experiência multi-secular" e, nesse sentido, argumentava que esta já vinha da seita dos Yoghi na Índia, que sentenciavam que "em um corpo doentio o espírito não pode funcionar, não tendo senão um mau instrumento a seu serviço"[319]

Apoiava-se ele, também, em Sócrates, lembrando que:

"Não diversamente pensava Sócrates quando atribuía à abstenção dos exercícios físicos e ao descuido na cultura corporal a fraqueza do pensamento, a falta de energia, as más propensões, a melancolia e as aberrações esdrúxulas dos que suficientemente não os cultivam"[320].

E com relação à Cícero, apontava: "E Cícero igualmente, moldando a sua expressão na ética socrática, avançava que só o exercício entretém as faculdades e conserva o vigor intelectual"[321].

Após construir sua argumentação a partir do que foi indicado acima, constatava ele que, em 1915, as faculdades morais e intelectuais eram pouco desenvolvidas, nos atletas profissionais e nos amadores, isto sendo devido "não somente ao fato de se entregarem eles de maneira exclusiva aos exercícios forçados, como às influências profundas e viscerais do meio superficial, quando não degradante, que em geral freqüentam"[322].

---

319 "A Poesia do Corpo", p. 53.
320 "A Poesia do Corpo", p. 54.
321 "A Poesia do Corpo", p. 54.
322 "A Poesia do Corpo", p. 54.

A ginástica racional, da forma como a entendia Fernando de Azevedo, poderia atuar para mudar tal quadro. Entendendo que a educação física moderna baseava-se nas íntimas relações entre o físico e o moral, defendia seu poder para gerar uma nova formação, desenvolvendo faculdades morais e intelectuais, através de exercícios racionais, educando o esforço de forma moderada.

O mais importante, é que ele acreditava no desenvolvimento de uma nova perspectiva moral para combater os meios degradantes, onde reinava o vício, a fraqueza, a disformidade, e, enfim, uma "moral do prazer"[323].

Fundamentando-se no que denominava psicologia contemporânea, reconhecia ele que todo o fenômeno psíquico tinha um lado motor e afirmava: "O conteúdo psíquico consiste, em larga medida, nas sensações, produzidas pelos movimentos do corpo, além de que, por outro lado, qualquer representação ou emoção tende a objetivar-se e a reproduzir-se em movimentos corporais"[324].

Explicando como o movimento, a seu ver, tinha uma importância capital sob o ponto de vista psíquico, e apoiando-se em Dubois Raymond, concordava com a afirmação deste, ao reconhecer que: "O exercício do corpo não é só um exercício dos músculos, mas ainda mais um exercício da substância cinzenta do sistema nervoso"[325]. Lembrando Feré, destacava que:

"Feré, cujo nome está individualmente ligado a estes estudos, demonstrou a importância das sensações e dos movimentos na constituição do pensamento"[326]. E, ainda, citando o médico e estudioso de educação física Tissié, concordava com ele ao reconhecer que : "O movimento é o pensamento em ato e o pensamento é o movimento em potência"[327].

---

323 A colocação é indicativa da importância que a educação física possuía no pensamento de Fernando de Azevedo, enquanto instrumento e estratégia de vigilância sobre o tempo fora do trabalho.

324 "A Poesia do Corpo", p. 55.

325 "A Poesia do Corpo", p. 55.

326 "A Poesia do Corpo", p. 55.

327 "A Poesia do Corpo", p. 55.

Defendia Fernando de Azevedo, a partir desses teóricos, a idéia de que: "quando o cérebro pensa, é todo o ser que entra em ação"[328].

Indicava Fernando, deverem-se a Feré as grandes experiências que demonstraram:

"1. que existe uma relação entre desenvolvimento psíquico e a energia dos movimentos voluntários, aumentando a rapidez do trabalho cerebral as condições musculares que o acompanham;

2. que o desenvolvimento da motilidade concorre para o desenvolvimento da inteligência"[329].

Apoiando-se em Demoor, indicava ele ainda, que: "o trabalho muscular é o único excitante eficaz dos centros corticais; e as observações clínicas confirmam o princípio, pois revelam as perturbações motoras que acompanham as anomalias mentais"[330].

Lembrando Schuyten, concordava com as conclusões do autor de que "as crianças inteligentes têm, em geral, força muscular medida dinamometricamente superior às das crianças menos inteligentes"[331].

Fernando de Azevedo destacava Stanley Hall, Feré, Ribot, Binet. "que lança os fundamentos à psicologia funcional, e outros atribuem à motricidade papel preponderante nas manifestações da vida psíquica"[332].

Concordava ele também, com a argumentação de Arnold, Robertson, Wandsley, Bluntschi, afirmando que:

"Dizer, portanto, com Arnold que a conduta e a ação constituem os três quartos da vida; pretender com Robertson que o homem é a soma dos seus

---

328 "A Poesia do Corpo", p. 55.
329 "A Poesia do Corpo", p. 55.
330 "A Poesia do Corpo", p. 55.
331 "A Poesia do Corpo", p. 55.
332 "A Poesia do Corpo", p. 55-56.

movimentos; com Wandsley que o caráter é simplesmente um conjunto de hábitos musculares; com Bluntschi que a história não é senão a narração dos movimentos conscientemente queridos, e sustentar, enfim que o pensamento implica uma mutação na tensão muscular, tudo isso bem mostra quais as relações que existem entre a inteligência e a força; e a importância nova que é preciso ligar ao regime e desenvolvimento do músculo e do aparelho locomotor"[333].

Apoiando-se também em argumentação de William James escrevia ele:

"De outro lado a teoria sustentada por William James e esposada por muitos outros, de que a emoção segue o acidente orgânico, e que apesar de parecer paradoxal a priori, tem muita verdade, nos pode levar à mesma conclusão a que por outros meios Demoor, Schuyten e outros chegaram. 'Nós somos aflitos, diz James, porque choramos; irritados, porque batemos; espantados porque trememos. As modificações corporais, seguem imediatamente a percepção do fato excitante. O sentimento que temos destas modificações, à medida que se produzem, é a emoção. Se quisermos, pois, tornar-nos por nós mesmos senhores de tendências emocionais pouco desejáveis (como o pesar e o medo) devemos entregar-nos assiduamente, logo e de sangue frio, aos movimentos exteriores correspondentes às disposições contrárias, que preferimos cultivar'. Ora, raciocina Paulo Adam, comentando esta frase sugestiva do psicólogo americano, 'a emoção cresce e decresce, pois na razão direta do movimento... As palavras embriagam como os gestos. O papel do gesto é considerável na moral, e os exercícios físicos regulam o gesto, multiplicando-lhe os efeitos. A tese do pensador americano é toda a teoria dos exercícios físicos em todas as suas modalidades"[334].

---

333 "A Poesia do Corpo", p. 56-57.

334 "A Poesia do Corpo", p. 57.

As qualidades que Fernando de Azevedo pretendia desenvolver através da chamada ciência do movimento, ou seja, da ginástica racional, podem ser muito bem percebidos na citação seguinte:

"Demo-nos aos movimentos que nos valem a energia, a força, a coragem no perigo, a alegria do triunfo, a segurança do caráter, que nos preparam o excitamento e as emoções correspondentes fortes e poderosas, e evitaremos os reflexos opostos que nos condenam às emoções debilitantes e penosas. O gesto determina a emoção, as emoções habituais, o estado costumeiro da alma, e por conseguinte, o pessimismo ou o otimismo. Aos exercícios e esportes reguladores dos movimentos habituais, podemos pedir, em nome da ciência filosófica, o bem estar, a felicidade e o aperfeiçoamento intelectual e moral. A cultura da força e do movimento tem como resultado imediato disciplinar os nervos e tornar-nos menos sensíveis às emoções desagradáveis, à melancolia, e, notadamente ao medo"[335].

ESPORTE E MORALIZAÇÃO

Conforme podemos perceber, a educação física, através da ginástica racional, deveria desenvolver através da educação da vontade as qualidades indicadas: energia, força, coragem para enfrentar perigos, a alegria do triunfo, a segurança do caráter.

Tal segurança do caráter desenvolvida através da educação da vontade, coordenaria as emoções debilitantes e penosas e, nesse sentido, acreditamos que estava Fernando se referindo à "moral do prazer" indicada no prefácio de "A Poesia do Corpo".

Consideramos que, já em 1915, ao se referir à idéia de degradação das qualidades físicas e morais, o autor se baseava na idéia de "abstenção de

335 "A Poesia do Corpo", p. 57.

todo excesso de qualquer natureza", entendendo isso como "uma lei de moral pura", que não estava sendo aplicada na sociedade brasileira[336].

A cultura física (os fenômenos da vida orgânica) assim como a cultura moral (os fenômenos morais) eram vistos como interligados, interdependentes, possuindo características comuns, influenciando-se mutuamente.

Através da educação da vontade, que levaria também à educação do esforço, pareceu-nos entender o autor ser impossível separar a energia corporal da energia mental. A sua conclusão é indicativa do que afirmamos acima: "A inteligência e a moral não são pois, menos influenciadas do que o físico pelo exercício e pelo funcionamento dos órgãos que os executam e que com ele se aperfeiçoam. A atividade não é menos uma necessidade moral do que um dever físico."[337]

Coloca-se Fernando em posição contrária à doutrina da moralização direta pelo desenvolvimento físico e, nesse sentido indica não estar enfileirado ao lado dos fisiocratas, discípulos de Rousseau, que, por acreditarem no homem normal, "baralham a educação física e moral e embalam-se na ilusão de que a segunda não engendra a primeira, a primeira implica a segunda, e aos quais o homem educado fisicamente aparece como infalivelmente conquistado para a virtude"[338]

Afirma ele, ainda, que tampouco concorda com as teorias de Buchner e Wundt : "Nem também queremos com estas palavras endossar as teorias materialistas de Buchner e Wundt, para os quais a vontade não é senão uma resultante, e a um corpo robusto e inacessível à fadiga corresponde fatalmente um cérebro ávido de experimentar sua vitalidade pela ação e pela luta, que é a forma por excelência da ação."[339]

---

336 Essa idéia aparece muito bem explicitada na 2a. edição de "A Poesia do Corpo", em 1920, p. 41, onde o autor apoia-se em Coubertin.

337 *A Poesia do Corpo*, p. 57-58.

338 *A Poesia do Corpo*, p. 58.

339 *A Poesia do Corpo*, p. 58.

Explica ele com relação às formulações que critica: "Estas teorias assentam sobre uma base falsa, e uma confusão lastimosa entre o caráter e a virtude. E entre elas e o que afirmamos, medeia um espaço difícil de se vencer. Nem o desprezo pela educação corporal, nem estes exageros da doutrina materialista. 'in medio stat veritas'"[340].

Assim considera Fernando a questão da vontade e do caráter: "A vontade, não há dúvidá-lo, depende em grande parte do sistema nervoso. As energias morais são as emanadas da orientação e determinação da vontade. Aguilhoados pela necessidade, todos os centros nervosos superiores e inferiores, se admitirmos o polígono de Grasset, centros psíquicos conscientes e sub-conscientes vibram, reagem, descarregam, determinando pela co-reação mútua a vontade que será orientada ou não, conforme se determinar sem a previsão de um fim ou com ela. As qualidades do caráter, pois, que alguns consideram 'uma vontade desenvolvida', como a coragem, a energia, a vontade e a perseverança, etc., não brotam da moral, não são do domínio da consciência. Baste por prova o fato de que grandes criminosos as possuíram"[341].

O autor, na citação acima, parece querer distinguir também a inteligência do caráter, colocando, a nosso ver, dúvidas sobre o paralelismo entre o desenvolvimento do caráter e da inteligência[342]. Evidencia ele esta posição na referência que faz ao criminoso. Percebia Fernando de Azevedo, e isto é explicado claramente no seu texto, a existência de distinção entre a moral e o caráter, entre o objeto da cultura física e a educação moral. Isto se evidencia na seguinte colocações: "Há nítida distinção entre a moral e o caráter, entre o objeto da cultura física e a educação moral; esta consistia em fazer discernir o bem e o mal e a devolver as noções do dever; não pode ser científica, é evangélica; aquela tem por fim, sob o ponto de vista psicológico, desenvolver as qualidades

---

340 *A Poesia do Corpo*, p. 58. Na edição de 1920, a frase "in médio stat veritas", é retirada do texto.

341 *A Poesia do Corpo*, p. 58-59.

342 Nesse ponto pareceu-nos que o autor era tributário dos estudos do Dr. G. Le Bone. Ver Le Bone, G.: "Psicologia das Multidões", Livraria Garnier, Rio de Janeiro e "As opiniões e as Crenças", Livraria Garnier, Rio de Janeiro.

da ação, a perseverança, a vontade, a energia, a corrigir a abulia característica do psiquismo mórbido de nossos dias, e contribuir para a formação do caráter e o desenvolvimento dos processos do espírito"[343].

Defendia Fernando serem necessárias tanto a cultura do corpo, chamada também de educação viril, como a educação moral. Entendia ele que elas não se substituíam, mas se completavam.

Fernando de Azevedo defendia como regra geral a existência, para cada organismo, de uma "certa dose de vitalidade e um máximum de força física, que não lhe convém ultrapassar"[344].

Comentando essa questão, afirma ele: "Diremos, pois, que um indivíduo é forte, quando tiver alcançado o desenvolvimento permitido pela sua constituição. Este desenvolvimento deve ser, como veremos, completo e utilitário: utilitário, pela aprendizagem não de exercícios unicamente e esportes de fantasia, mas também dos exercícios utilitários e indispensáveis, como a marcha, corrida, saltos, exercícios de defesa natural (como o boxe e a luta) e a natação; e completa, evitando-se a especialização que, como vimos, ameaça e rompe o equilíbrio do corpo humano"[345].

Podemos perceber na colocação acima a idéia muito presente no pensamento do autor, da necessidade de se seguir a lei já mencionada anteriormente, de abstenção de todo o excesso de qualquer natureza.

Ao oferecer a explicação de como entendia o indivíduo forte, não apresentava Fernando, explicitamente, formulações de ordem social para a questão. Porém, é possível perceber que o autor não apresentava o corpo ao nível da ordem biológica, anatômica, fisiológica, sem estabelecer as relações desses níveis com a ordem social.

A própria crença do autor num tipo de educação em sentido amplo e a defesa de uma concepção de educação física que atuaria sobre o

---

343 *A Poesia do Corpo*, p. 59.
344 Idem, p. 60.
345 *A Poesia do Corpo*, p. 60.

desenvolvimento e fortalecimento do corpo, destacadas na citação como constituição, já é indicativo da presença de formulações sociais para a questão.

Também, quando na citação acima o autor não deixa dúvidas de que entendia a ginástica na sua função técnica, como tendo que atuar no desenvolvimento e dentro de seu papel de utilidade para os corpos, para as constituições, a presença do social pode ser percebida.

Como técnica visando o cultivo do corpo, a ginástica teria que atingir a eficácia formando corpos úteis. Para a formação de corpos úteis através da ginástica considerada legítima por Fernando de Azevedo, conforme dá indícios na citação que apresentamos, não havia praticamente espaço para a fantasia. O organismo desenvolvido através da ginástica, sempre efetuada com moderação, deveria atingir o máximo do seu rendimento. Era preciso também que a ginástica, na busca da eficácia, atuasse para que os organismos "tomassem consciência de sua realidade, assim como de suas reais possibilidades". A ginástica escolar ou educativa era entendida como tendo uma tarefa na racionalização do cultivo do corpo, na produção e reprodução de um padrão de excelência corporal defendido pelo autor ao longo de "A Poesia do Corpo".

Nesta obra apresentava, ainda, o autor sua objeção ao atletismo, o qual, segundo ele, era a "cultura da força pela força".

Considerava, quando a escrevia em 1915, estar o atletismo completamente estigmatizado, reconhecendo ser um crime na ginástica educativa, "a cultura do aparelho muscular por meio de exercícios violentos".

A CRIANÇA

Fernando preocupava-se muito com a questão do atletismo, especialmente no que se referia à criança. Apoiando-se em Georges Demeny[346], indicava ser a criança um ser em formação, destacando que a

346 Utilizava em 1915 de Georges Demeny o trabalho "l'Education de l" Effort", Paris, 1914.

única ginástica que lhe convinha, longe de ser a atlética, era a de jogos e exercícios corretivos. A grande exigência de exercícios para a criança, segundo Fernando de Azevedo, seria prejudicial ao seu crescimento e ao seu desenvolvimento físico. Defendia ele, ainda, através de Demeny as idéias de que o "homem forte não tem senão que conservar a saúde; tem apenas que conservar e aplicar a força adquirida"[347] e de que o organismo devia "gastar sua energia utilmente, com o mínimo de fadiga, isto é, com o máximo de transformação em efeito útil"[348].

Destacava Fernando a importância de os exercícios serem feitos sob medida, pois o "exercício sem medida e sem regra acarreta a fadiga sob todas as suas formas e em todos os seus graus e expõe a máquina humana às avarias do esgotamento nervoso e da surmenage psíquica"[349]. A educação física deveria obedecer a uma gradação, orientando-se por um método racional e progressivo, e à ginástica educativa competia desenvolver uma maior resistência à fadiga.

Fernando de Azevedo condena também o atletismo para a mocidade escolar e, apoiando-se em Tissié[350],reconhecia que a educação física compreendia a ginástica educativa e os desportos.

Para o autor, o desporto era feito de emotividade e a ginástica educativa de análise e raciocínio. Esta deveria anteceder aquele, pois somente aí os organismos já teriam adquirido um suficiente desenvolvimento muscular[351]. Ainda citando Tissié, escreve: "'A ginástica, diz ele, está para o desporto, como

---

347 *A Poesia do Corpo*, p.60.

348 *A Poesia do Corpo*, p.61.

349 Apoiava-se ao fazer essa colocação em LAGRANGE (1901). Apesar de não indicar esse autor em sua bibliografia cita-o nessa parte. Devia esta utilizando o seu trabalho: "L'hygiène de l'exercice chez les enfants et les jeunes gens, 7ª ed. Paris, 1901.

350 Ph. Tissié foi um estudioso de educação física importante para Fernando de Azevedo já a partir desse seu primeiro trabalho. Apesar disso não indica seus trabalhos na bibliografia. Julgamos que o autor utilizou os trabalhos" Précis de la gymnastique rationelle de développement de plain-pied et à mains libres. Pau. 2ª ed. - L'éducation physique au point de vue historique, scientifique, technique, critique, pratique et esthétique. Paris, 2ª ed. - La fatique et l'Entrainement physique, Paris, 3ª ed.

351 Veja-se: *A Poesia do Corpo*, p.63.

as gamas para a música, a gramática para a literatura'. O desporto é a música da ginástica; esta a sua escola, o seu indispensável solfejo, o exercício preparatório"[352].

E afirma:

"Mas que se deve entender por desporto? É, como define o mesmo autor, 'toda a ginástica, que não localiza o movimento, e que não o aplica dosimetricamente as articulações em quantidade e qualidade'. Não falamos, claro está, admitindo como perfeita esta definição, dos desportos, impropriamente ditos, em que não intervém quase o trabalho muscular, mas dos verdadeiros desportos ou daqueles que, sobre serem recreativos, têm realmente por efeito o desenvolvimento e a boa conservacão do organismo pelo exercício físico. Assim, o pedestrianismo em suas múltiplas formas, o salto, o ciclismo, a regata, o boxe, o "foot-ball", os pesos, os halteres e o desporto aéreo da ginástica de aparelhos, etc. são realmente desportos, que põem os músculos em jogo, beneficiando o organismo por meio de notáveis efeitos fisiológicos e de trabalho muscular. Antes, porém, de a mocidade se entregar a estes exercícios, que são um meio agradabilíssimo de se utilizar a musculatura, é preciso, indispensável mesmo, por meio da ginástica educativa desenvolver os músculos, conquistar um peito largo e ventilado, a destreza do corpo, um perfeito equilíbrio orgânico, e maior resistência à fadiga, a querer-se locupletar o organismo com os benéficos efeitos que destes exercícios promanam."[353]. Fernando de Azevedo acreditava que os desportos desenvolviam a confianca e um conjunto de qualidades morais no indivíduo. Valorizava o espírito desportivo, reconhecendo que o mesmo trazia vantagens para o cérebro e para o corpo[354]. Via ele os desportos como um

---

352 *A Poesia do Corpo*, p.63.

353 *A Poesia do Corpo*, p.63-64.

354 Veja-se: *A Poesia do corpo*, p.64. Na 2ª edição de *A Poesia do Corpo,* de 1920, ao tratar desta mesma parte, exaltou o esporte como tendo "grande utilidade física e moral, exaltando o gosto de luta com as dificuldades, a atividade perseverante adestrando nos lances de coragem e sangue frio, e conquistando aos que os praticam todo este conjunto rítmico de qualidade do carater anglo-americano, que se apoia no hábito de contar cada um consigo (o "self-support") e na posse completa de si mesmo, no "self-control", como se diria na técnica inglesa. É preciso notar, porém, que os esportes, segundo já observou Coubertin, não tendem assim a tornar a juventude mais

elemento moralizador, que desviaria a juventude para a diversões úteis ao corpo e ao espírito. Para o educador, todavia, a juventude brasileira de 1915 carecia de preceitos rígidos.

Para ele "os moços pelos desportos se regeneram" daí seus benefícios. A boemia, a seu ver, atuava na degeneracão do corpo. Temia, então, o que considerava serem desdobramentos dela - os encantos do refinado sibaritismo - e criticava, nesse sentido, a vida dos prazeres e do luxo, proveniente da "moral do prazer" indicada por ele, no prefácio. Não aceitava Fernando as sensações decorrentes dessa vida de fausto e de prazeres, à medida em que, para ele tornavam as pessoas inúteis, sem energias, improdutivas.

Essas posições adotadas, com relação ao aspecto moralizador do esporte, caminham no sentido do desenvolvimento de hábitos disciplinares, inclusive para a vida sexual. Localizamos tais posições dentro da "pedagogia da boa higiene.

Os esportes deveriam ocupar (e eram, por isso, considerados úteis) o espaço da boemia, da vida dos prazeres e do luxo. A posição defendida por Fernando de Azevedo com relação à questão pode estar situada dentro da oposição cidade/indústria/campo indolente. Fernando trabalhou com esse desdobramento na questão que estamos indicando; considerava os hábitos não úteis ao corpo, no geral, como produtos da vida urbana.

Indica Nicolau Sevcenko terem sido a serenata e a boemia, no contexto da Regeneração Carioca, consideradas sinônimos de vadiagem. As relações sociais, então, eram modeladas por um critério de utilidade social.

Escreve Nicolau Sevcenko, no capitulo I, sob o título: "A Inserção Compulsória do Brasil na Belle Époque": "Modelando-se essa sociedade, como seria de se esperar, por um critério utilitário de relacionamento social, não é de

---

belicosa, mas somente mais militar, isto é, dão-lhe o sentimento de sua força sem a incitar mais a fazer uso dela, e, se, uma vez declarada a guerra, lhe imprimem caracteres de maior ofensiva, decisão e rapidez, tendem de outro lado a fazer predominar, na guerra, costumes mais doces e mais humanos, e, restabelecida a paz, a atenuar e arrefecer os rancores e odios que das hostilidades resultam".

se admirar a condenação veemente a que ela submete também certos comportamentos tradicionais, que aparecem como desviados diante de novo parâmetro, como a serenata e a boemia. A reação contra a serenata é centrada no instrumento que a simboliza: o violão. Sendo por excelência o instrumento popular, o acompanhante indispensável das 'modinhas' e estudantes boêmios, o violão passou a significar, por si só, um sinônimo de vadiagem. Daí a imprensa incitar a perseguição policial contra o seresteiro em particular e o violão em geral. Quanto à boemia, a própria transformação urbana, acabando com as pensões, restaurantes e confeitarias baratas do centro, acabou a infra-estrutura que a sustinha. Só restaram as alternativas de um emprego no centro ou a mudança para o subúrbio', e essa coisa nojenta que os imbecis divinizaram, chamada boemia' ... acabou-se[355]."

Podemos perceber a crítica de Fernando de Azevedo à boemia como representando uma exaltação ao trabalho. Representa, também, conforme indicamos anteriormente, a crítica a uma vida que considerava fácil, de prazeres e futilidades" e que estava a exigir uma "moral austera"[356]

Terezinha Aparecida Del Fiorentino, em seu livro, "Utopia e Realidade - O Brasil no começo do século XX", fazendo referência ao livro "O reino de Kiato: no país da verdade"[357] indica como no imaginário reino de Kiato, estavam reservadas funções educativas. Ali os filmes tinham por finalidade elevar o moral, instigar o homem a praticar o bem, procurando estimular o desenvolvimento de hábitos disciplinares no sentido de uma vida da casa para o trabalho, do trabalho para a casa, combatendo, a exemplo do que é indicado na página 79/80 do mesmo livro, o hábito do operário ir à taberna.

---

355 SEVCENKO (1983), p.32. Nesse trabalho o autor situa a temática da "boemia", indicada por Fernando de Azevedo, como presente no contexto da Regeneração Carioca, a partir do Prefeito Passos.

356 Em parte posterior dessa análise de *A Poesia do Corpo*, procuramos ligar a questão da crítica a boemia com outras formulações disciplinares, buscando pensar de que forma se contruiu o discurso de Fernando de Azevedo levando em consideração as classes sociais do período em estudo.

357 DEL FIORENTINO (1979), cap V. A Autora faz referência ao trabalho de Rodolfo Teófilo, "O reino do Kiato: no país da verdade", editado em São Paulo, 1922, Editora Monteiro Lobato.

Podemos perceber, nesse texto indicado pela autora em que medida o filme era considerado educativo, sendo dirigido à pessoa para levá-la à regeneração. A crítica à boemia aparece aí ligada à crítica ao que era considerado um dos seus desdobramentos: o alcoolismo.

Nilson do Rosário Costa, em seu trabalho: Estado, Educação e Saúde: a Higiene da Vida Cotidiana"[358], embora não toque explicitamente na questão da boemia, nos faz pensar que isso se ligava, conforme situou Foucault, à necessidade da formação de um aparato produtivo e de moralidade que se procurava obter através do Estado nesse período. A questão da crítica à boemia, estava ligada, também, ao que acreditamos julgava-se ser, além do alcoolismo, outro de seus desdobramentos: a questão da sexualidade.

Costa, no trabalho a que estamos fazendo referência, percebe, no estudo do papel do Estado, no período, os poderes disciplinares que este procurou exercer com relação à vida sexual. Lembrando Foucault escreve ele: "É o terreno onde se desenvolvem determinados mecanismos gerais, concretos, técnicos, de dominação: poderes que intervêm materialmente, atingindo como no caso dos dispositivos da regulamentação da vida sexual, por exemplo, a realidade mais concreta dos indivíduos - o corpo - e que se situam ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando a vida cotidiana."[359].

A crítica à boemia, dentro das questões mais amplas colocadas por Nilson do Rosário Costa, embora dirigida a todas as classes, com relação às classes pobres, situa-se no "movimento de idéias e práticas" que visa elaborar, para elas, "pautas doutrinárias que viabilizaram o surgimento de complexos dispositivos de tutelarização moral e intelectual, dentro de um esforço generalizado de moralização e domesticação das classes populares"[360].

---

358 Costa, Nilson do Rosário. Estado, Educação e Saúde: a Higiene da Vida Cotidiana, publicado no Caderno do CEDES, nº 4, organizado por Ana Maria Canesqui, Elizabeth Silvares Pompêo de Camargo, Marilisa Berti de A.Barros, publicação do CEDES, edição e comercialização, Cortez Editora e Autores Associados, pgs.5 a 27.

359 Costa, Nilson do Rosário, op. cit. , p.6.

360 Costa, Nilson do Rosário, op. cit. , p.7.

Nilson do Rosário Costa indica, lembrando Boltanski, que esse autor indicava como sendo "opinião corrente, em meados do século XIX, que "as condições de desgraça das classe trabalhadoras eram resultado do seu espírito vicioso, de uma vida imoral, desordenada, liberada de toda regra e de todo contrato coletivo. Cabia, então, não somente garantir-lhes a saúde, como também a educação higiênica e a moralidade"[361] Julgamos ser válida tal percepção também para o pensamento do autor de "A Poesia do Corpo".

A crítica à boemia passava também pela valorização da coesão familiar. A privacidade como indica Nilson do Rosário Costa, deveria ser vivida em família e não no cabaré ou em qualquer outro lugar boêmio. Tal posição se encaixa na "pedagogia da boa higiene" e está ligada ao que consideravam, ainda, como seus desdobramentos: a promiscuidade, a libertinagem.

A leitura do texto de Joaquim Alberto Cardoso de Melo, intitulado: "Educação Sanitária: uma visão crítica"[362], nos fez pensar como os estudo desse autor, relativos ao terceiro quartel do século XIX e ao início deste século, tem bastante relação com o tema colocado por Fernando de Azevedo, em 1915, uma vez que analisa, fundamentando-se em Foucault: a higienização de todo o ambiente social, moral, político, familiar, sexual, de trabalho e físico.

A temática da higienização estava presente na sociedade brasileira em 1915. O movimento higienista defendia a "regereneração" e indicava que "dentre todas as partes da educação", a que talvez mais se tinha ressentido, das "influências prejudiciais do preconceito e do abusão e de todos os obstáculos, enfim, que se acumulavam na rotina do empirismo", era a educação física pela ginástica educativa.

Fernando de Azevedo discordava de uma "educação física precoce" que reduzia "o menino à um homem em miniatura", prejudicando no seu entender, a sua evolução integral. Nesse ponto não concorda com Cocke, mas

---

361 Costa, Nilson do Rosário, op. cit., p.7-8. O autor refere-se ao livro de Luc Boltanski, Prime Éducations et Morale de Classe, Paris, Mouton, 1969.

362 MELLO, Joaquim Alberto Cardoso de. Educação Sanitária: uma visão crítica, Caderno do CEDES, nº 4, CEDES - Cortez Editora - Autores Associados, págs.28 à 43.

fundamenta-se em Rousseau, ao escrever: "Ora, estando assente na fisiologia moderna que a criança constitue tanto física como psiquicamente, um tipo especial, que difere do adulto não só sob o ponto de vista quantitativo, mas qualitativo, como não se inferir daí a necessidade de se tratar a criança como criança? como não atender ao conselho de Rousseau que nos manda deixar amadurecer a infância nos meninos, conformando a ginástica ao seu estado de desenvolvimento físico e psíquico?

Esquece-se as mais das vezes, observa ainda Rousseau, 'que a natureza quer que os meninos sejam tais, antes de serem homens e que inverter essa ordem num sistema educativo é correr perigo de produzir frutos prematuros', que cedo ou tarde irão proclamar lastimosamente contra estas teorias eivadas ainda de tão grosseiro empirismo ainda adotadas na maior parte de nossas escolas"[363].

Pregava, ainda, Fernando a necessidade de se redimir a infância da materialidade e das torturas da velha educação corporal exclusivamente pela ginástica de aparelhos, de aliviá-la dos vexames e do martírio do ensino rotineiro e brutal, imposto pela violência, e de abandonar a antiga tendência de se desenvolver unicamente os músculos, com desperdício das energias que do corpo humano derivam por função dos aparelhos mantenedores do equilíbrio fisiológico"[364].

Considerava ele, afirmando fundamentar-se cientificamente, que os músculos grossos não indicam resistência à fadiga. O que importava, a seu ver, cientificamente, era o funcionamento perfeito dos órgãos de nutrição, em particular do coração e dos pulmões, assim como a eliminação das toxinas acumuladas no organismo após um dia de trabalho fatigante. A ginástica empírica deveria ser substituída pela ginástica racional, baseada em "observações mais precisas".

---

363 *A Poesia do Corpo*, p.66.

364 *A Poesia do Corpo*, p.67.

Destacava, também, que o fim da ginástica educativa deveria ser de ordem social. Como ele entendia isso? Dentro do seu fim social, a ginástica educativa deveria levar ao "aperfeiçoamento de nossa natureza em nosso meio" e ao "aumento de nossa energia física e moral, e à utilização dessa energia".[365] Concordava com Tissié, no sentido que "não se deve baralhar movimento e ginástica".[366]

Explicava Fernando que: " O movimento, como a palavra, não se basta a si mesmo; uma sintaxe os rege. Os movimentos e o desporto aéreo de aparelhos não são ginástica educativa. O corpo humano é o melhor dos aparelhos de ginástica"[367].

Reconhecia ele existirem duas escolas que acampavam nesses "arraiais pedagógicos": uma que via na ginástica de aparelhos a melhor forma, o melhor processo de educação física, e outra, liderada por Tissié, que não via nessa escola nenhuma das vantagens que apregoava[368]. Afirmava concordar com Tissié e considerava a ginástica de aparelhos como sendo mais um simples desporto, podendo, ao lado dos demais ser um complemento à ginástica educativa. Concluía, fundamentando-se no mesmo autor, serem as seguintes causas as que mais prejudicavam a educação física em nosso país: "1. a lei do menor esforço (...); 2. a ignorância dos princípios de anatomia e de mecano e psico-fisiologia; 3. o ego - altruismo, ou o preconceito de que o que nos faz bem deve fazer necessariamente bem a outro"[369].

Devido à ausência do gymnos (nú), recomendava ele, concordando com Tissié, ser necessária a utilização de vestuário higiênico e adequado, o que exigiria do professor um conhecimento maior de anatomia. Na análise que faz sobre o papel do professor na ginástica moderna, indicava, devido ao fato da

---

365 *A Poesia do Corpo*, p.67.
366 *A Poesia do Corpo*, p.67.
367 *A Poesia do Corpo*, p.68.
368 Veja-se: *A Poesia do Corpo*, p.68.
369 *A Poesia do Corpo*, p.69.

ginástica estar tomando um caráter científico, que isto exigia uma orientação nova na formação dos professores dessa disciplina.

Afirmava Fernando o seguinte, com relação a questão:

" O professor de ginástica assume de ora em diante um papel delicado. Já não basta aplique como no exército inexoravelmente os mesmos métodos. Dirigindo-se à coletividade de seus alunos, é preciso que ensine a ginástica individual, variando com a idade, sexo, e as condições peculiares a cada um. Já não basta, enfim, se torne senhor da prática de um método reputadamente benéfico, mas lhe compete dirigir os exercícios de modo que influam enérgica e eficazmente sobre cada organismo, ordená-los em série racional, harmonizá-los com o período de evolução orgânica, incutindo o prazer ou ao menos evitando o tédio"[370].

Para que o professor pudesse realizar essas suas atribuições, destacadas acima, Fernando de Azevedo alertava para a necessidade do conhecimento do organismo dos educandos. Indagava:"Mas como realizar estas atribuições amplíssimas que lhe são impostas, sem conhecer os órgãos do

---

370 *A Poesia do Corpo*, p.70-71. A lembrança do exército vinha no sentido de crítica ao empirismo com que a ginástica era praticada nessa instituição, assim como de crítica à utilização desse tipo de prática "militarizada" nas escolas. É preciso lembar, conforme indicamos no capítulo anterior, que Fernando de Azevedo pode perceber essa prática sendo desenvolvida na "Sala D'Armas e Ginástica", do Ginásio Mineiro. Tal prática foi denunciada por ele no ante-projeto que elaborou e apresentou ao então Presidente do Estado, Delfin Moreira que o encaminhou à Câmara Estadual dos Deputados. Fernando de Azevedo criticava esta visão "militarizada", muito forte nesse período nas escolas brasileiras, a disciplina, inclusive, era geralmente ministrada não por professores com formação para dá-la, mas por instrutores militares. O domínio da ginástica escolar deveria caber ao mundo civil, e nesse especificamente a professores com formação científica em educação no sentido amplo e em ginástica escolar ou educativa. Esses professores com a devida formação deveriam conduzir eficazmente seus alunos e para isso era preciso que compreendessem o fim social da educação física, que em grande parte para ser atingido dependia de formação dos mesmos cujo trabalho poderia ou não (mas o seu papel era este) atingir o grande objetivo indicado pelo autor": a generação orgânica e estética do "povo brasileiro", enfim a "regeneração da raça". Na 2ª edição de "A Poesia do Corpo" (revista e ampliada), publicada em 1920, ao analisar esse papel novo atribuído aos professores coloca a questão da seguinte forma: "Da seleção deste, no entanto, e da preparação daqueles é que depende o maior êxito desta grande obra de regeneração orgânica e estética, e que ficará baldada, estéril, quando não contraproducente, se, de todo cientes da complexa missão que lhes compete, não tiverem os professores indiscutível instrução teórica e prática, e não forem superiormente orientados por um educador, que deve ser, além de psicólogo avisado, um "engenheiro biologista" teoricamente documentado e de uma competência técnicas acima de toda a crética". p.108.

movimento, a fisiologia do trabalho muscular, os seus efeitos sobre a circulação, respiração e sistema nervoso, e a necessidade de um método progressivo, que possa evitar o mais possível a fadiga e lhe fornecer a base para a apreciação dos diferentes sistemas de educação individual e coletiva?"[371].

Pelo que pudemos entender, as atribuições destacadas por Fernando de Azevedo foram apresentadas no Congresso Internacional de Educação Física em Paris (1913). Para concretizá-las,o autor indicava a necessidade do combate aos preconceitos e ao empirismo dominantesno ensino da disciplina no país.

Defendia, além disso, dentro da orientação concernente à necessidade dos professores: conhecerem os organismos dos seus alunos e procurarem moldar seu ensino pelas necessidades imperiosas da fase plasmática do desenvolvimento, e estabelecendo mensurações semestrais do coeficiente de robustez de seus escolares, cujos caracteres somático-antropológicos não lhe é dado ignorar"[372].

Podemos perceber, também, que Fernando de Azevedo verificava ser necessária uma nova formação teórica e prática para o professor de ginástica escolar[373]. Considerava ser, para tanto, necessário que os professores, dentro desse seu novo papel passassem a ter maiores responsabilidades, e defendia que "antes de saber como, é preciso saber a quem se educar".

Nesse sentido, afirmava:

"é preciso conhecer as crianças, estabelecer as particularidades que as diferenciam, e determinar, dirigir sua aptidões e organizar sãmente o programa, que por sua vez deve ajustar-se a um sistema uniforme e gradual"[374].

---

371 *A Poesia do Corpo*, p.71.

372 *A Poesia do Corpo*, p.71.

373 A questão da importância de uma formação teórica e prática para o professor de ginástica educativa e, de uma forma mais ampla, para o professor de educação física, foi uma proposta inovadora no trabalho do autor. O contato que o intelectual possuía ocm os trabalhos principalmente doso "paladinos da ginástica", o ajudaram nestas proposições.

374 *A Poesia do Corpo*, p. 71.

Destacava Fernando que, na Suécia e na Alemanha eram os mesmos professores que ensinavam a ginástica e era ao fato de serem "professores instruídos e à altura da tarefa" é que atribuía, em grande parte, o sucesso do método de Ling em Estocolmo e em diversos institutos da Alemanha.

Com relação à Grécia, cujo estudo para Mallet, era o da própria civilização, e aí faz referência ao caráter fisiológico da ginástica (embora destaque que este era menos acentuado do que nos países orientais), reconhecendo existir a preocupação com a influência hereditária e a transmissão de certas doenças de pais à filhos.

A preocupação do valor físico, na Grécia, era, para ele, não somente a moral dos educadores, mas também a do ginasta, que conhecia até mesmo o estado sanitário dos pais de seus alunos[375].

Essa mesma orientação ele recomendava, defendia em seu trabalho, para os professores brasileiros de ginástica.

A preocupação com o aspecto fisiológico, da forma como Fernando de Azevedo o encarava, e a importância que atribuiu à hereditariedade, o encaminharam, como poderemos observar de forma explícita em trabalhos posteriores, para a defesa da temática do eugenismo.

A ginástica moderna, no entender de Fernando de Azevedo, conforme já indicamos, deveria motivar o professor a conhecer o organismo dos seus educandos, e, nesse sentido, afirmava:

---

375 Na 2ª edição de *A Poesia do Corpo* de 1920, além desses países citados Fernando de Azevedo lembrava-se também dos Estados Unidos indicando ser a educação física escolar nesse país orientada pelos princípios defendidos por PhD. Tissié, destacando que: "A preocupação que, entre outros países, tem os Estados Unidos, na formação e escolha de professores de educação física, explica à sociedade, diz A. Mosso, "porque os americanos são hoje superiores a todos os outros países para as pesquisas antropométricas e para o Conhecimento das leis que Regem o Crescimento da Juventude: em Nenhum País, com efeito, se Estuda, na População Escolar, com tal Exatidão e Tanto Luxo de Estatísticas, a Forma do Corpo Humano". No Hemenway Gymnasius (para citar, apenas esta magnífica e modelar palestra perto de Boston) o curso se constitui de inteligente iniciação dos seus alunos em todas as matérias fundamentais ou subsidiárias de educação física, destacando-se, a entre estas, pela importância que se lhes dá, a autonomia aplicada, a fisiologia, o treinamento teórico e prático, a higiene e a antropometria, além de outras, cujo se destina a desvendar a complexidade do problema da educação física, a necessidade de um critério artístico em seu ensino e a extensão de suas relações com as ciências, que estudam o homem" (p. 109).

"Na concepção de ginástica moderna, o professor deve atender não já somente à escolha de um sistema adequado, mas também ao conhecimento, o mais perfeito possível, do organismo de seus educandos, e à execução dos exercícios, que por sua vez depende de três fatores: da quantidade e duração dos exercícios, do prazer com que os alunos os executam, e da precisão, que é a adaptação perfeita dos movimentos a um exercício dado"[376].

Considerava Fernando que, "a ginástica escolar dos meninos, sobretudo até os 14 anos, deve ter por objetivo:

1) Modificar-lhes o temperamento, as diáteses mais ou menos mórbidas, que a maior parte deles deve à sua hereditariedade, 2) ampliar o peito e assegurar-lhes assim uma caixa largamente ventilada e 3) obter-lhes uma boa atitude física, corrigindo-lhes os desvios escolares da coluna vertebral, que precedem a escoliose, facilmente se compreende a necessidade da individualização do ensino e da competência do professorado, sem as quais nunca se poderiam alcançar pela ginástica os efeitos salutares que dela espera a educação física moderna[377].

É possível perceber como o pensamento de Fernando de Azevedo, em 1915, era marcado pelo reconhecimento da questão das diferenças individuais (atribuía enorme importância à pedologia e, nesse sentido, valorizava o papel de Meumann, que foi um dos principais fundadores da psicologia experimental da Alemnha), destacava a questão do maior ou menor coeficiente individual de resistência ao esforço, assim como indicava a importância da lei fisiológica de Saint-Hilaire quanto à incompatibilidade existente entre o crescimento e o desenvolvimento.

Nesse ponto fica bem visível como Fernando de Azevedo, na época, foi tributário dos estudos de pedagogia e de psicologia experimental, sendo marcado pelos seus respectivos objetivos e explicações quanto à forma de entender o ensino e o processo de aprendizagem.

---

376 *A Poesia do Corpo*, p. 72-73.

377 *A Poesia do Corpo*, p.73.

Seus principais fundadores foram Alfred Binet e o Dr. Simon, em França; Raymond Buyse, na Bélgica, depois dos pioneiros que foram Schuyten e Van Biervliet; W.A.Lay e Meumann, na Alemanha; Ed. Claparède, P. Bovet e R. Dottrens, na Suiça[378].

Segundo Lourenço Filho: "Duas dessas hipóteses logo surgiram com enorme influência nos estudos da infância. A primeira foi a da recapitulação abreviada, segundo a qual cada indivíduo devia passar, em seu desenvolvimento, por uma série de estados que representassem as formas sucessivas da espécie a que pertencesse. Foi sustentada por Geoffroy de Saint-Hilaire (1772-1844), Fritz Muller (1821-1897), e Ernst Haeckel (1834-1919), além de outros naturalistas"[379].

A outra hipótese a que Lourenço Filho faz referência como tendo sido importante, foi:

"formulada por Charles Darwin (1809-1882), conhecida como a da evolução natural, teve repercussão ainda maior, não só nas ciências naturais como no pensamento científico e filosófico, em geral. Admite ela que a organização biológica e o comportamento dos seres vivos representem, em grande parte o resultado de processos de adaptação ao meio"[380].

---

378 No contato com essa genética evolutiva, chamada de científica, apreendeu a importância de serem feitas pesquisas sobre o crescimento físico e mental dos alunos, as noções de ritmo e duração do trabalho educativo, a defesa da "unidade do ser humano", a estudá-lo nas suas diferentes fases ou períodos de evolução. Enfim, teve contato também com uma Psicologia centrada nas diferenças individuais. Aprendeu com essa genética científica, a estudar o crescimento da criança e suas leis. Através desses estudos (por exemplo, de Binet e de Simon) aprendeu a valorizar interpretações genéticas sobre Q.I., assim como a sua ideologia, a cultivar a eficácia para o corpo e o espírito, a valorizar resultados cognitivos medidos objetivamente. Aprendeu, ainda, a formar atitudes cognitivas e a medir o corpo através de resultados estatísticos. Isso foi muito evidenciado no contexto da I Guerra Mundial, quando ocorreu forte difusão dos textos objetivos. Esses estudos voltados para a genética evolutiva, levaram-no também para a eugenia, pois os mesmos foram influenciados pelo Movimento Eugênico, que se fazia na Europa e na América. Aprendeu a valorizar a associação do Q.I. e do "status" ocupacional, que gerava explicações que eram voltadas também para o nível moral , a legitimação da ordem social e formação da força de trabalho. Esses estudos levaram-no a valorizar critérios tecnocráticos e meritocráticos e acredito, que, em 1915, suas proposições já dão indícios de caminharem no sentido de uma taylorização de corpos ementes. Ver: BOWLES, S. e GINTIS, H. *La meritocracia y el 'coeficiente de inteligencia': una nueva falácia del capitalismo*, Anagrama, 1972 e TRAGTENBERG (1974).

379 LOURENÇO FILHO (1978), p. 38.

380 Idem, p. 38.

Lourenço Filho, com relação à primeira hipótese colocada anteriormente e defendida por Étienne Geofroy de Saint-Hilaire, Fritz Muller e Ernst Haeckel, chamada "lei da recapitulação abreviada", destaca o seguinte em seu livro:

"O enunciado da lei da recapitulação abreviada é o seguinte: "A ontogênese (desenvolvimento do indivíduo) repete a filogênese (desenvolvimento da espécie)"[381].

Podemos perceber na parte de *A Poesia do Corpo* que foi por último analisada, como o pensamento de Fernando de Azevedo fundamentava-se na pedologia e como considerava serem relevantes os estudos a ela relativos, dentro da formação nova que deveria ter o professor de educação física.

A Pedologia era reconhecida pelo autor como ocupando um papel importante no "sistema das ciências pedagógicas".

É possível também observar como as teorias da Evolução foram importantes para a época em que escreveu "A Poesia do Corpo" e também, a importância que dava à "pedagogia experimental", à fisiologia, à anatomia e a "fisio-psicologia".

Observamos ainda que, apesar de citar Meumann e Saint-Hilaire, não faz a indicação dos mesmos autores na bibliografia que apresenta em *A Poesia do corpo*.

Uma análise sobre o que informam os saberes defendidos por Fernando de Azevedo para a nova formação do professor de educação física, que propunha, apresentaremos dentro de um quadro mais geral, em outra parte desse estudo sobre *A Poesia do Corpo*[382].

Fernando ainda destacava que, para a realização do difícil fim moralizador da ginástica, o professor deveria utilizar os "conhecimentos da fisio/psicologia, e de todas, as ciências que formam o substratum científico da

---

381 Idem, p. 38, nota 4.

382 É preciso relembrar que teve conhecimento desses saberes quando foi professor substituto de Psicologia no Ginásio do Estado de Belo Horizonte.

pedagogia"[383]... O fim social da ginástica educativa, que indicamos anteriormente, era entendido pelo autor como sendo também moralizador e nesse sentido é que criticava a posição que pregava que o fim da ginástica era o prazer.

Justamente aí é que se situa a sua crítica à "moral epicuréia", "à moral do prazer", que ele considerava dominante na época.

Fernando de Azevedo afirmava que os saberes da fisio-psicologia e de todas as ciências que formavam o "substratum" científico da pedagogia, os quais no seu entender, permitiam ao professor realizar o fim moralizador da ginástica, muito mais do que incutir o prazer, já tinham sido compreendidos pelas grandes nações.

Com relação à importância da anatomia, lembrava a figura de Ling, reconhecendo ter sido ele possuidor de um talento genial e destacando que no instituto que ele havia fundado, em Estocolmo em 1814, "destinava uma sala à instrução teórica de ginástica, uma outra ao estudo da anatomia muscular, e instalava uma biblioteca e um museu para facilitar estes estudos, reintegrando a ginástica no lugar que lhe competia sob o ponto de vista higiênico e educativo[384].

CRÍTICA AO FUNAMBULISMO

Fernando criticava, em 1915, a rotina no ensino de ginástica e o funambulismo. Parece-nos que Fernando de Azevedo assumiu essa crítica ao funambulismo a partir do contato com a literatura produzida pelos chamados paladinos da ginástica.

---

383 *A Poesia do Corpo*, p. 74.

384 Idem, p. 74.

Jacques Defrance indica, ao estudar a questão na França, que a ginástica legítima condenava os"ginasiarcas obscuros", por seu gosto pelo exercício de efeito[385]. Mostra que eram recenseados como empresários comerciais; essas maneiras de exercitar o corpo, localizava-se nos bairros pobres de Paris. Os praticantes desse tipo de exercício foram considerados pelos representantes da ginástica legítima como vulgadores, enfim, ilegítimos e objeto de controle e de preocupação por parte dos eminentes representantes da profissão.

A crítica ao funambulismo caminha no sentido de mostrar como as práticas corporais, assim denominadas pela ginástica legítima, não cumpriam o sentido de utilidade que se considerava ser objetivo da ginástica.

Jacques Defrance coloca a questão citando Amoros:

"O 'método legítimo' se detém onde o funambulismo começa e este começa onde a utilidade de um exercício acaba: onde o nobre objetivo da ginástica, que é fazer o bem, é sacrificado ao frívolo prazer de brincar e de fazer disputas"[386].

Fernando de Azevedo afirmava que somente superando a realidade, através das novas atribuições que ele propunha para a ginástica educativa e das novas diretrizes para a formação do professor da disciplina, seria possível alcançar a saúde do estudante, entendida como parte da população ("que representava o futuro do país"). O cumprimento do fim social da ginástica também era moralizador, enquanto "higiênico e educativo" e tornaria possível ao país atender à máxima de que "abrir escolas seria fechar hospitais". Defendia ele, através da indicação dessas novas atribuições, outros critérios para a escolha do professorado da disciplina.

Lembrava, nesse sentido, o exemplo de dois países, Alemanha e Suécia, que a seu ver, haviam, no tocante ao ensino da ginástica, realizado uma

---

385 DEFRANCE (1976), p. 22-46.

386 Idem, nota de rodapé nº 30 e pag. 34. O autor indica que essa definição foi apresentada ao público de uma enciclopédia por Amoros em 1828 e retomada em 1939 por F. Amoros em *Nouveau Manuel d'éducation physique, gymnastique et morale.* Paris. Roret, 2 tomes et l'atlas.

regeneração completa. Em 1915, tais países apareciam como exemplos para o Brasil em seu trabalho de regeneração nacional, com destaque para o papel que, nesse sentido, foi exercido pela educação física; eram países que Fernando de Azevedo considerava como exemplos de organizações sadias.

Embora saibamos que o país-modelo para Fernando, na época, tenha sido a Suécia, julgamos muito significativa a referência que faz à Alemanha, especialmente levando-se em conta a posição então ocupada por este país.

O autor admirava a Alemanha da conjuntura de 1915, indicando a sua "expansão vital". Parece-nos que via a Alemanha que participava da 1a. Guerra Mundial como tendo atingido um nível de prosperidade econômica e desenvolvimento que ele admirava.

Ao destacar a sua "expansão vital", que pode ser compreendida também pelo nível de poder que entendia ter atingido o país com sua prosperidade econômica, queria ressaltar a importância dada à "atividade física e intelectual".

A Alemanha, para Fernando, ao lado da Suécia, tornou-se uma organização sadia, porque, juntamente com outros fatores, soube valorizar a atividade física e intelectual, importantíssima para alcançar a sua regeneração completa.

O contexto da 1a. Guerra recolocava a questão do nacionalismo, assim como a idéia de que somente os mais fortes sobreviveriam num mundo em que a luta entre as nações se acirrava".

Fernando de Azevedo pretendia que o Brasil se tornasse uma organização sadia, ocupando, a exemplo da Alemanha e de outros países, uma posição forte enquanto nação.

A ginástica educativa, dentro do seu fim social, era o caminho que o autor propunha, reconhecendo ser o trabalho do professor da disciplina, dentro das novas atribuições destacadas, salutar e patriótico.

A nossa preocupação, ao abordar a admiração de Fernando de Azevedo pela Alemanha, é interrogar:

- Em que medida os conceitos de "arianismo" e de "supremacia nórdica" foram fortalecidos na 1a. Guerra Mundial e até que ponto prepararam, ou não, as posições futuras que o educador assumiu, principalmente com relação à defesa do eugenismo ?

- Em que grau essas teorias (organicistas, bio-sociais), no futuro, com a 2a. Guerra mundial, contribuíram para o Nacional Socialismo?

- Em que medida o país próspero, desenvolvido que era a Alemanha de 1915, preparava com os eventos históricos que se sucederam o nazismo, da 2a. Guerra Mundial?

- Em que medida o conceito de organização sadia, levava os intelectuais a assumirem teorias que em muitos casos os encaminharam para posições nazistas?

- Em que grau, já em 1915, a Alemanha era vista pelo autor, como um país superior?

E, finalmente, - em que medida uma organização não sadia, como era, para o autor, o Brasil de 1915, ocupava uma posição de inferioridade frente às outras nações?

Foi nesse momento, em que tais indagações forma suscitadas que Fernando advogou a necessidade do país sair dessa posição de inferioridade tendo como uma das estratégias a ginástica educativa.

Com relação à segunda parte do trabalho *A Poesia do Corpo*, em que, o autor discute a questão das escolas e métodos, queremos destacar inicialmente que não pretendemos analisar de uma forma mais aprofundada essa questão em Fernando de Azevedo, nem realizar uma crítica das escolas e métodos que ele apresenta.

Um trabalho nessa direção, procurando, na perspectiva da história social do corpo, aprofundar a questão, através de um estudo interdisciplinar poderia situar de forma mais aprofundada como as escolas e métodos criticadas

e apoiadas pelo autor traduziram simultaneamente "maneiras de ser e de se mover - hexis corporais".

Como destaca Jacques Defrance, no discurso cifrado sobre o método, é preciso que tenhamos clareza que "em um mundo do exercício físico diferencialmente distribuído na estrutura social, todo indivíduo, dada sua posição social, possui uma posição determinada com relação à estrutura de distribuição das diferentes formas de exercício e as maneiras de fazê-lo"[387].

Na cultura do corpo, a opção por escolas e métodos específicos, dentro de uma determinada configuração social e do fim social defendido para a ginástica educativa, num determinado contexto histórico, tem uma relação com a concepção social e política do corpo que se quer produzir.

Se o desejo é formar corpos úteis, a análise das escolas e métodos feita nas perspectivas histórica, sociológica, filosófica, pode até nos fazer entender, tendo em vista a realidade das classes sociais, de que forma se objetiva atingir as profissões populares assim como desenvolver certos órgãos, importantes para a indústria.

Dentro de uma relação social definida nos é permitido, enfim, pensar se os gestos propostos estão de acordo com a cultura legítima, assim como se, dentro de um contexto e de uma configuração social específica, existiram movimentos em direção à cultura considerada ilegítima ou reprovada.

O que pretendemos fazer nesta parte do texto é situar como Fernando de Azevedo encontrava-se, em 1915, com relação à questão das escolas e métodos, destacando elementos que consideramos interessantes tendo em vista o objeto do nosso trabalho.

O autor declara ter estudado, nessa segunda parte do seu trabalho, as teorias que ele considerava serem as mais relevantes e que foram colocadas em prática nos países onde o problema educativo era encarado mais seriamente.

Estudou inicialmente a escola amorosiana. A maioria dos argumentos que colocava em sua análise sobre a referida escola nós já

---

387 Idem, p. 35.

destacamos, quando a estudamos anteriormente, na questão da ginástica através do tempo[388].

Fernando de Azevedo destacava que uma das partes do sistema de educação física de Amoros recebeu crítica de alguns professores, pois, segundo esses, "despertava a idéia de exercícios de fantasia e em aparelhos".

Fernando de Azevedo via essas críticas como sendo sem fundamento, apontando que o método de Amoros valorizava justamente os exercícios úteis, e é nesse sentido a crítica que faz à acrobacia. Para ele, Amoros "não aconselhava exercícios inúteis e sem um fim determinado"[389].

Afirmava Amoros "nosso método(...), acaba onde o funambulismo começa, e este começa onde a utilidade de um exercício acaba, onde o nobre fim da ginástica, que é de fazer bem, é sacrificado ao frívolo prazer de divertir-se e de fazer grandes esforços e violências do exercício muscular"[390].

Um outro aspecto que não indicamos, quando escrevemos anteriormente sobre a escola amorosiana, é a importância que Fernando de Azevedo atribuía ao canto, no método de Amoros, entendendo isso como um poderosos meio de cultura moral. Nas palavras dele:

"Uma das mais belas instituições e um dos poderosos meios de cultura moral empregados por Amoros, é o canto. Os movimentos elementares devem ser acompanhados sempre de cantos, que lhes marcam o ritmo, e cujas palavras exprimam os mais nobres sentimentos que podem encher um coração humano, mantêm a ordem e a regularidade, e desenvolvem a voz e os músculos peitorais. É uma parte essencial em seu método. E com razão(...) O canto mais que a palavra, é uma ginástica enérgica do pulmão, e sob o ponto de vista moral, deve ser considerado como a expressão mais natural e enérgica das paixões da alma"[391].

---

388 Com relação à descrição do método, isto é, das partes em que se dividia, veja-se *A Poesia do Corpo*, p. 82.

389 Idem, p. 82.

390 Citação de Amoros que aparece em *A Poesia do Corpo*, p. 83.

391 Idem, p. 83-84.

Nesta citação fica claro o que indicamos ao escrever sobre como Fernando de Azevedo analisou à questão da ginástica através do tempo: que uma das virtudes mais valorizadas pelo sistema de ginástica de Amoros era a ordem. Apesar de criticar o sistema de educação física de Amoros, considerando-o militar e não podendo ser considerado como válido para a ginástica educativa, isso significava uma crítica técnica e não necessariamente política. A ordem como virtude, é um indicador de que tal posicionamento não foi questionado em Amoros.

Fernando de Azevedo, ao contrário, aprendeu com esse teórico a valorizar a virtude da ordem que deveria ser cultivada em 1915, através da ginástica educativa, na sociedade brasileira.

MÉTODO SANDOW

Fernando, estudou o sistema Sandow, destacando que seu objetivo é levar ao "desenvolvimento do aparelho muscular", escolhendo os exercícios que localizam o esforço num grupo muscular bem determinado[392].

Faz ele a seguinte consideração conclusiva sobre o método de Sandow:

"Reconhecemos que a preocupação dos efeitos locais do exercício e a aquisição duma musculatura harmoniosa chegam a assegurar ao nosso corpo uma arquitetura conveniente. Nem poderíamos pensar de modo diverso, quando é sabido que nossa forma é obtida pela contração tônica dos músculos e que não pode ser perfeita senão graças ao desenvolvimento integral de todos os nossos músculos, que se alcança facilmente pela prática racional destes exercícios"[393].

Atribuia ele a esse método um certo valor como ginástica de quarto, embora o julgue ser inferior ao de Muller, não o considerando como método de ginástica escolar, pois:

---

392 Idem, p. 85-86.

393 Idem, p. 88.

"- em primeiro lugar, pelo emprego de aparelhos de caoutchouc, que, sobre caros, facilmente se relaxam;

- pela dificuldade de se fazerem logo com correção certos exercícios da urdidura do sistema, sem que já se tenha um aparelho muscular mais desenvolvido;

- e, enfim, pela concentração do pensamento ou tensão cerebral, exigida neste sistema, em que é essencial (são palavras de Sandow no seu livro "A força e como obtê-la") que toda a atenção esteja concentrada nos exercícios durante todo o tempo em que se executam"[394].

Considerava, ainda, Fernando, o fato de serem os exercícios muito fatigantes e reconhecia, lembrando Lagrange, que os exercícios para os meninos e adolescentes deveriam preencher entre outras condições principalmente, "a de serem fáceis de executar, de não exigirem nenhuma tensão do espírito e de serem verdadeiramente recreativos"[395].

MÉTODO MULLER

Fernando analisou, dentro da ginástica dinamarquesa, a ginástica de quarto de Muller, um modesto engenheiro da Jutlândia.

Elogia esse método pela sua simplicidade, clareza dos exercícios, pelo fato de ser executado sem aparelhos, por ser executado num curto intervalo de tempo (15 minutos) e por obedecer a uma forma racional e científica.

Chamou-nos a atenção o fato do autor citar a crítica médica dinamarquesa, favorável ao método o que nos leva a concluir que esse tipo de crítica era valorizada por Fernando de Azevedo, no sentido de contribuir para dar

---

394 Idem, p. 89. Esse livro de Sandow não é indicado por Fernando de Azevedo na bibliografia deste trabalho.

395 Idem, p. 89. O autor não indica Lagrange na bibliografia deste trabalho. Quando escreveu a 2a. edição desse livro em 1920, indicava na bibliografia o trabalho de Lagrange, título: *L'hygiène de l'exercice chez les enfants et les jeunes gens.* 7a. ed., Paris, 1901.

credibilidade e legitimidade a esse e outros métodos em ginástica educativa e mais amplamente em educação física.

Elogia também o método por serem os seus exercícios progressivos (graduados)[396].

Indica ele que alguns dos exercícios da ginástica de quarto de Muller foram copiados do método de Ling, outros imaginados e combinados pelo autor, destacando, nesse sentido, o seu ecletismo, e o fato de que as escolas de Sandow e Muller que degladiavam, dando preferência à esta última. Esta preferência, em grande parte, está ligada ao fato do método ser próximo ao de Ling, grande modelo de Fernando de Azevedo em 1915.

Explica ele, o porquê de sua preferência pela proposta de Muller, em relação à de Sandow:

"E de fato no sistema de Sandow é exigida, como vimos, a tensão cerebral durante a execução dos exercícios destinados ao corpo e às pernas. Muller já é o grande adversário da tensão cerebral, e não pode convir em que se exija concentração intelectual num sistema de ginástica de quarto. No sistema sandowiano, a pele e os pulmões, de que aliás este método se ocupa só indiretamente, têm o último lugar. Na ginástica de muller, as funções da pele, dos pulmões e da digestão ocupam o primeiro lugar, sendo o desenvolvimento daqueles três órgãos o principal alvo a que os exercícios ali se propõem.

E finalmente, Sandow tinha a preocupação do volume do músculo e encadeou os exercícios em seu sistema no intuito de beneficiar principalmente o aparelho muscular. No sistema de Muller, porém, não há idolatria do músculo. Muller entende, diz Heyerdahl, e coisa rara especialmente num atleta, que a verdadeira força não está nos músculos, mas sim no desenvolvimento harmônico e integral de todos os órgãos e maximé do peito e do abdomen. Daí lhe nasceu a este método a supremacia sobre o de Sandow e quase todos os congêneres, como ginástica de quarto"[397].

---

396 *A Poesia do Corpo*, p. 91.

397 Idem, p. 94-95.

O JIU-JITSU

Analisou Fernando também o sistema jiu-jitsu. Situa-o como sendo "tão antigo que a sua origem precede a história autenticada do Japão, e que, privativo até há pouco tempo da casta dos samurais e coevo dos Kojiki e dos Nihongi, estendeu-se, generalizou-se, constituindo (os exercícios, que formam o treinamento para esta luta), o método nipônico de educação física, depois que a vida militar foi aberta a todos os súditos do Mikado"[398].

Sob o ponto de vista mais geral, reconhecia ele que o jiu-jitsu, é um sistema completo de educação física e, lembrando Irving Hancock, "que ao jiu-jitsi devem os japoneses ser um dos povos mais fortes, mais sadios e mais calmos do mundo"[399].

Porém, sob o ponto de vista ginástico ou mais particular, afirmava não ser o jiu-jitsu um sistema de ginástica, nem um conjunto de processos atléticos, mas sim "um método racional e científico de fortalecer o corpo para a defesa, abrangendo conhecimentos anatômicos, para determinar os pontos fracos do próprio corpo, e, portanto do adversário, e ardis de combate para o ataque ou defesa sem auxílio de armas"[400].

Reconhecia seu valor como um desporto de defesa, sendo, a seu ver, nesse sentido, comparável ao boxing inglês-americano; destacava a sua utilidade nos corpos policiais, indicando ter sido adotado nas polícias de Viena, New York e Paris, assim como em casas de diversões. Não era ginástica e nem cabia num plano de ginástica escolar.

---

398 Idem, p. 95.

399 Idem, p. 96. O autor utilizava em 1915 o trabalho de Irving Hancock - Japonese physical training, 1913.

400 Idem, p. 97.

A ESCOLA ANGLO-AMERICANA

Estudou, ainda, a escola anglo-americana, destacando ter "a educação inglesa, como terapêutica infalível o espírito desportivo" e mostrando ser o desporto "de fato o fundamento da educação anglo-americana"[401]. Fernando de Azevedo empregava uma terminologia médica ao referir-se ao desporto na educação inglesa, vendo-o como a cura contra o regime sedentário e outros problemas que percebia atravessar a mocidade.

Com relação aos colégios ingleses, colocava ele a importância dos esportes no horário escolar e lembrava que enquanto os prospectos das escolas secundárias brasileiras, traziam na primeira linha, "Aqui se preparam bacharéis", nas escolas inglesas traziam: "Aqui há jogos de 'cricket' ou 'football'", a fórmula por meio da qual as escolas chamavam a atenção das famílias britânicas[402].

Sua posição quanto ao peso atribuído aos esportes nas escolas, é que os mesmos possuíam uma utilidade indiscutível, porém não obedeciam aos princípios racionais que deveriam orientar um sistema educativo.

Não aceitava que os jogos desportivos representassem o mesmo papel dos movimentos ginásticos. Defendia a ginástica educativa, propondo para ela o maior peso em nossos colégios. Principalmente, com relação ao colegial, reconhecia quanto ao desenvolvimento físico dos meninos e dos adolescentes, que "seria impossível suportar ao mesmo tempo exercícios físicos intensos e esforços intelectuais enérgicos, sem provocar o esgotamento nervoso e o raquitismo, que, ao invés de serem evitados, seriam criminosamente fomentados, agravados. Ora a maioria destes esportes são violentos"[403].

A questão da utilização da ginástica educativa combatendo o esgotamento nervoso e o raquitismo sempre esteve presente em Fernando de

---

401 Idem, p. 101.
402 Idem, p. 101-102.
403 Idem, p. 102.

Azevedo, tanto neste trabalho como em outros publicados no início de sua produção cultural.

Portanto, o grande peso que poderia vir a ser dado aos esportes nos colégios brasileiros, a exemplo dos ingleses, poderia, segundo ele, acentuar ainda mais o problema que a educação física, através da ginástica educativa, deveria combater e evitar.

Sua posição é que a educação física, através dos desportos, não deveria substituir a ginástica educativa.

Escrevia ele:

"Assim como os jogos da infância devem preceder a ginástica racional, que, segundo geralmente se admite não deve ser aplicada antes dos nove ou onze anos, os desportos devem seguir a ginástica educativa. Não condenamos os jogos infantis, nem os desportos; uns são o antecedente necessário da ginástica; os segundos, seu conseqüente natural, e quase diríamos, indispensável num sistema de educação completa"[404].

Faz Fernando referência à existência de colocações que indicavam estarem os exercícios físicos, cultivados através dos desportos no programa escolar dos colégios ingleses, contribuindo para a brutalidade, grosseria, rotinização, da sociedade inglesa.

O MÉTODO DE LING

Fernando de Azevedo defendia para o Brasil o modelo da Suécia, que, através de Ling "renunciou completamente nas suas escolas e para a sua

404 Idem, p. 103.

mocidade aos ruidosos exercícios físicos", pois esse teórico entendia que o "abuso dos exercícios corporais conduzia mais rápida e seguramente do que o estudo ao esgotamento emocional"[405].

Embora contrário aos desportos como "método exclusivo de educação física escolar", reconhecia ele, no entanto, que alguns desses esportes, poderiam ser "contemplados num programa científico como uma parte complementar à ginástica racional propriamente dita"[406].

Esses esportes escolhidos deveriam desenvolver "certas faculdades de iniciativa, a acuidade dos sentidos, seu raciocínio e seu caráter, como também para adaptar os adolescentes à aplicação de um meio fácil e cheio de atrativos, com que possam na vida extra-escolar ocorrer a necessidade de produzir sempre, semanalmente, uma quantidade de trabalho suficiente para a conservação do seu equilíbrio fisiológico"[407].

Analisou o modelo de Ling, destacando o seu valor e a sua supremacia sobre os demais como método educativo.

Grande parte da argumentação do autor sobre o método de Ling, já expusemos quando analisamos em *A Poesia do Corpo,* a questão da ginástica através do tempo.

Fernando elogiava o fato dessa ginástica ser quase toda sem aparelhos. A sua opção por esse método explica-se pelo fato do autor reconhecer ser este um conjunto de exercícios que, em seu plano, e na concepção que traduzia, era o melhor, em termos científicos, para atingir o desenvolvimento completo, normal e harmonioso do corpo. Seus exercícios eram definidos com fim educativo preciso. Citando Lefébure, completava sobre Ling que:

"O trabalho fornecido pela máquina humana deve considerar-se, diz Lefébure, sob dois aspectos: 1) sua utilidade prática, e 2) sua repercussão sobre

---

405 Idem, p. 104.
406 Idem, p. 105.
407 Idem, p. 105.

o nosso organismo, princípio e fim de toda a educação completa, e que a este resultado correspondem duas séries de exercícios: 1) os exercícios educativos ou preparatórios, servindo para enrobustecer o organismo, para dar saúde, destreza e o sentimento de confiança, sem a qual toda a aplicação seria perigosa; e 2) os exercícios de utilidade prática, como a corrida, marcha, natação, meios de defesa, etc., e aplicação em aparelhos"[408].

Citando M. Sluys, também sobre o educador sueco afirmava ele:

"Os exercícios deste método têm efeitos determinados sobre o organismo; são dosáveis segundo a idade e o grau de desenvolvimento do aluno, endireitam a coluna vertebral, fixam as espáduas atrás, reforçam a cintura muscular abdominal, aumentam gradualmente, normalmente a energia fisiológica, dão o máximo de aplitude à caixa toráxica, e regularizam a função pulmonar, em torno da qual, lembra o dr. Delly todas as outras funções gravitam"[409].

Para Fernando de Azevedo, em muitos países onde a ginástica educativa de Ling foi devidamente aplicada, o método alcançou resultados importantes, como o aumento da estatura média dos meninos e adolescentes e a diminuição da "cifra dos inaptos ao serviços militar por incapacidade física".

O método de Ling, aplaudido pelas mentalidades médicas, recebeu também ataques e objeções por ser uma ginástica nacional; por ser mais médico que educador; e por ser monótono e insípido.

À primeira dessas objeções, Fernando de Azevedo respondeu:

"É opinião de alguns pedagogistas que cada povo deve possuir uma ginástica nacional (...) O argumento, pois, destes que objetam contra a adaptação da ginástica em outro país, parte do princípio que a ginástica deve variar segundo as latitudes - princípio insustentável e falso"[410].

---

408 Idem, p. 108. Conforme explicamos anteriormente, acreditamos que o contato de Fernando de Azevedo com o trabalho de Ling ocorreu através do trabalho do Coronel Lieutenant Lefébure com o título: "Méthode de gymnastique éducative suédoise, Nouv. édit, 1914. Para uma análise dos exercícios propostos pelo método Ling e de como dividia-se esse sistema, veja-se em *A Poesia do Corpo*, pag. 107 à 110.

409 Idem, p. 110.

410 Idem, p. 111-112.

À segunda respondia:

"Quanto a ser mais medicinal que educativa, basta citar Tachard que é dos que mais a recomendam. Ele quisera que se ensinasse em todas as escolas sem distinção, nos campos e nas cidades para assegurar num próximo futuro a regeneração da sua raça. Para ele, porém, basta tornar o método mais medical e sobretudo mais atraente. Ora, assim se pulveriza a censura talvez mais séria que se poderia fazer aos processos de Ling"[411].

E finalmente quanto à terceira. argumentava Fernando que quem conheça os segredos desse método, sem contrariar seus princípios científicos, pode variá-lo infinitamente, reduzindo, assim, sua insipidez ou monotonia.

Observando a sua argumentação percebemos que, para ele, o método de Ling, era o melhor para o corpo, pensado enquanto máquina humana, pois objetivava levá-lo a adquirir a saúde, encarada como capital. O corpo representava, no sentido social o patrimônio corporal nacional, ou seja, o seu capital humano.

O autor não encontrava problemas no método de Ling, e, se eles ocorressem, caberiam à má compreensão do método pelo professor que o aplicava, ou à sua inabilidade. Este é, a seu ver, o método que alcançaria os melhores resultados práticos nas escolas brasileiras.

Aconselhava, a respeito, o seguinte:

"Para que este método produza sempre resultados práticos, frutuosos e completos, importa que quem tenha o encargo de ensinar conheça os princípios das ciências, sobre as quais está fundada, assim como as condições de execução dos exercícios. Então somente o sistema poderá ser aplicado com inteligência e discernimento, segundo a idade, o sexo, as aptidões, o temperamento, a conformação e a saúde do escolar. É indispensável, essencial, pois, que os professores de ginástica adquiram noções elementares de todas as ciências, que constituem a base da educação física: a anatomia e fisiologia

411 Idem, p. 112.

elementares, a fisiologia e higiene dos exercícios corporais, a pedagogia experimental assim como a análise dos movimentos"[412]

Para tanto destacava a necessidade de um pessoal instruído, para vulgarizar o método. No caso da França lembrava-se de que isso fora feito por educadores como, Lagrange, Tissié e Coste.

Entre os teóricos, acreditamos que Fernando de Azevedo se via como um possível expoente nesse trabalho, exemplo de gente instruída, que poderia executar a tarefa.

Em Ling, apontava ele também a idéia de progressão. O método agrupava movimentos naturais, indo dos mais fáceis para os mais difíceis, sendo esta a "posição fundamental, o ponto de apoio sobre o qual se move a alavanca da máquina humana, que constitui a base do sistema"[413]. Mencionava ainda como qualidades no método cadência de rítmo e o fato de ser plenamente adaptado à natureza dos dois sexos.

Aponta Fernando a opinão de Tissié sobre Ling:

"A ginástica educativa, diz Tissié, é uma equação biológica, que foi posta e resolvida por Ling. A Suécia, tendo-a discutido largamente, fixou-a por fim em fórmulas exatas, definitivas"[414].

Fernando de Azevedo estudou também o papel dos jogos e quando deveriam ser ensinado e, ao fazer referência à didática, destaca como seu primeiro problema mover a vontade do aluno para que queira aprender[415]

A EDUCAÇÃO DA VONTADE

412 Idem, p. 112-113.
413 Idem, p. 114.
414 Idem, p. 116.
415 Idem, p. 116.

Em 1915, Fernando procurava compreender a questão da vontade, através da doutrina pedagógica. Afirmava: "Ensina-nos a pedagogia que a vontade pode mover-se por motivos intrínsecos e extrínsecos; intrínsecos, a saber, os bens que se lhe mostram no objeto mesmo com que a convidam; extrínsecos, os bens a que conduz, os males que evita, na prosecução, em uma palavra do objeto proposto. O interesse pedagógico, portanto, funda-se em motivos intrínsecos e chama-se imediato, ou em motivos extrínsecos, e denomina-se mediato; conforme se dirija o interesse ao objeto por si mesmo, sem que outro objeto se interponha para mover a vontade, ou não se mova a vontade a procurar o objeto, senão como meio para obter outros que com ele se relacionam ou que dele derivam"[416].

E acrescenta: "para se obter que queira o menino o que dele queremos é necessário que comecemos por entender e oferecer-lhe o que ele quer"[417].

Para Fernando de Azevedo, até aos 9 a 11 anos não se devia ensinar ginástica aos meninos. Para esta fase preferida os jogos, admitindo que até essa idade era preciso que os meninos "isentos de pressão da disciplina em suas formalidades, exerçam na maior latitude o império de sua vontade, sem conhecerem outros limites mais que as balizas de seu capricho multiforme no seu exotismo tão aparentemente desregrado, quanto benéfico para seu estado fisio-psíquico"[418].

E explicava ele os motivos: "A adoção antes desta época seria ao mesmo tempo perigosa e inútil: perigosa, porque exigiria dos órgãos cerebrais um funcionamento precoce, desproporcionando ao estado de crescimento dos outros órgãos corpóreos, e por conseguinte capaz de acarretar um desequilíbrio que mais tarde se traduziria por enfermidades físicas e morais; inútil, porque, além do falseamento dos exercícios resultante da imposição forçada dos mesmos

---

416 Idem, p. 117.
417 Idem, p. 117.
418 Idem, p. 118.

a naturezas irrequietas e incapazes de compreendê-los, o resultado desta aplicação intempestiva da ginástica seria estragar a planta, cuja natureza se procurou acelerar"[419].

A partir dessa fase (9 a 11 anos) é que se deveria ensinar a ginástica educativa, tendo em vista a necessidade de se educar a vontade dos estudantes, para a importância dos exercícios regulares e de sua prática sistemática.

Procurando mostrar que a vontade é educada, cultivada e destacando o valor da disciplina, afirmava:

"Daí por diante, pois, é que tem lugar o ensino de ginástica, que, para alcançar seu fim de restabelecer o perdido equilíbrio da educação humana, deve ser, na frase de Gutsmuths 'o trabalho em traje de alegria juvenil', porque o prazer com que fazermos os exercícios, a energia e as qualidades viris que suscita, cultivam nos alunos a vontade e os determinam a agir e a preservar. Não se pode compreender o ensino racional da ginástica, sem que, tendo-se em conta o princípio de que 'o aproveitamento depende da vontade, que não pode sofrer constrangimento; **studium discendi voluntate, quae cogi non potest, constat'**, se amenizem as aulas práticas e se lhes imprima um caráter agradável, impressionante, capaz de despertar o interesse pedagógico. O menino, como já dissemos, 'não é um homem, mas sim uma flor, da qual o homem deve ser o fruto; a ingenuidade, a desatenção singela, o humor folgazão e a vivacidade irrequieta, são uma corola encantadora, que se desfolha com rapidez, quando a flor se transforma completamente em fruto'"[420].

Para o educador a ginástica educativa não poderia ser substituída pelos processos naturais dos jogos, corridas, etc.

Estes eram entendidos como sendo "movimentos regulares, necessariamente mais forçados", e não atingiam todas as partes do corpo.

---

419 Idem, p. 119-120.

420 Idem, p. 120.

Segundo, Fernando de Azevedo, a defesa da ginástica educativa centrava-se principalmente na questão de sua abrangência e da utilização de todas as partes do corpo.

A ginástica educativa, ministrada através do método de Ling, exercitava todas as partes do aparelho muscular, atingindo o desenvolvimento proporcional, harmônico, e distribuía vitalidade para todas as partes do corpo humano.

Lembrando Apert (1913), em seu trabalho intitulado *Higiène de l'Enfance. L'enfant bien portant et l'enfanbt malade,* mostrava Fernando que esse autor, ao escrever sobre os jogos afirmou que estes "não poderiam desempenhar o mesmo papel da ginástica no desenvolvimento do menino e do adolescente, e que não exercendo senão certos músculos, e especialmente os membros, não podem favorecer, como os movimentos regulados, o desenvolvimento de tronco e a capacidade respiratória"[421].

Continua ele, considerando a restrição feita por Apert:

"Esta objeção, pois, tendente a sotopor a ginástica aos processos naturais dos jogos não tem visos de observação experimental e parece, mesmo contraproducente, pois, enquanto, como acabam de ler, os jogos infantis, desenvolvem apenas certos músculos, a ginástica racional coordena de uma maneira consciente, numa como síntese geral, todos esses exercícios variados, e os aplica metodicamente a um fim determinado"[422].

Para ele a ginástica educativa poderia ser ensinada e feita com prazer. A ausência do prazer na ginástica não resultaria de uma qualidade inerente e intrínseca, mas sim, da falta de competência e de dedicação do professorado.

Nesse ponto, os estímulos deveriam, em grande parte, vir da didática do professorado.

---

421 Idem, p. 122.

422 Idem, p. 122.

Concordava ele com Paulsen, quanto à questão do interesse, que ele dividia em "material e formal, chamando material o que nasce do atrativo e qualidade da matéria do estudo, e formal o que nasce da atuação das faculdades"[423].

E completava: "ele nos dirá que 'o interesse está em razão inversa do quadrado da distância'. As cousas, quer dizer, tanto mais nos interessam, quanto mais próximos do eu: em primeiro lugar o eu, depois o que nos rodeia, e assim, em gradação descendente, o que se vai afastando do eu. De sorte que o interesse material vai desaparecendo em círculos, cujo centro é o eu. Ora, na ginástica, de um lado podemos atuar as faculdades do escolar, despertando o interesse formal, e de outro, acentuando sua utilidade e seus atrativos e tornando os exercícios acessíveis a todos que os executam, obter-se-á perfeitamente o material. a ginástica é a cultura do eu físico"[424].

Ao refutar as críticas de que a ginástica não provocava o interesse e /ou o prazer, que os jogos provocavam, a posição do autor é a seguinte:

"Compreende-se facilmente que uma excitação cerebral, acompanhada de prazer, tem sobre o corpo uma influência altamente fortificadora. Daí a própria cura pela emoção estética. Mas, em primeiro lugar, esta excitação cerebral acompanhada de prazer pode-se obter igualmente na ginástica, estimulando-se o interesse imaginativo e intelectual dos educandos. Está no modo de ensinar e ademais não devemos esquecer-nos da verdade que encerra o princípio de que a "ginástica educativa deve fazer ganhar em capital saúde, o que se crê, posto que erradamente (como acabamos de ver) sacrificar-lhe em interesse prazer"[425].

O grande objetivo da ginástica educativa para Fernando de Azevedo era contribuir no sentido do desenvolvimento da saúde, pensada enquanto capital.

---

423 Idem, p. 123. Paulsen:
424 Idem, p. 123-124.
425 Idem, p. 124.

Capital humano, que em termos sociais, conforme já indicamos anteriormente o autor via como o patrimônio corporal nacional.

Se a didática poderia atuar no ensino da ginástica educativa para que, sendo feita com prazer, aumentasse o capital-saúde, o que podemos entender das colocações do autor, é que ela não deveria, em função disso, impedir as idéias de sacrifício e de dor, à medida em que representavam também estados reais da consciência.

Prossegue o autor afirmando que:

"A ginástica deve, pois, incontestavelmente ter por critério o prazer e o tédio, visto que como dissemos, na economia geral do organismo, eles enviam ao plano da consciência a indicação do que lhe convém e do que lhe é nefasto"[426].

Reconhece ele, também, ao considerar o que Spencer chamava de pecados práticos, que: "se a moral é a higiene da alma, a higiene é a moral do corpo"[427].

Portanto, a posição de Fernando de Azevedo é que numa educação completa, os jogos, assim como a ginástica e os desportos deveriam ter o seu lugar. E, conforme já indicamos, defendia os jogos como indispensáveis até os 11 anos.

Mas a quem caberia sistematizar a arte da chamada educação corporal?

Assim respondia ele esta questão:

"Sobre os exercícios naturais erguer-se-á, porém, a sistematização da arte; esta brotará espontaneamente daqueles, completando-os. E este é o verdadeiro lugar da ginástica na evolução educativa do indivíduo. A ginástica é a arte aliando-se à natureza; é o corpo do edifício, a que servem de base os processos naturais e os jogos infantis, e de cúpula radiante os exercícios

---

426 Idem, p. 125.

427 Idem, p. 125.

militares e os esportes. São elementos que não se excluem, mas que perfeitamente se integram"[428]

Ao escrever "A Poesia do Corpo", na parte do seu texto onde discutiu a polêmica jogos **versus** ginástica educativa.Fernando de Azevedo reconhece a sensível influência que sobre ele exerceram as análises feitas por Herbert Spencer em suas obras.

Na análise que realizou sobre a ginástica racional e seus princípios, Fernando de Azevedo explicava que a utilidade incontestável da ginástica educativa, residia justamente no feitio racional, imprimido ao seu ensino.

Acreditava que "não há bom método, desde que não seja racional". O que era para ele, "um dogma na arte educativa"[429].

Explicava, o que entendia por ginástica racional, raciocinada ou não empírica:

"Não raros pedagogistas lhe precisam o sentido, frisando com clareza a orientação a que deve obedecer na prática um professor de ginástica educativa. É um problema, porém, capital, e que é mister [seja] estudado com o maior carinho. A esta questão poder-se-á dar uma solução exata, se se responder que, para ser racional, depende a ginástica de três principais requisitos que os pedagogistas apontam:

1) da sua especialização a esse fim e muitas vezes individualização relativamente a este ou aquele aluno de acordo com as diferenças individuais;

2) de ser tal que os órgãos por ela exercitados, sejam-no igualmente de molde a proporcionar, a par do perfeito equilíbrio funcional, o desenvolvimento integral e harmônico do corpo humano;

3) e de obedecer por fim, a um plano gradual e prático, em que, postos de lado os exercícios anódinos ou violentos, as diversas partes do corpo

---

428 Idem, p. 125.

429 Idem, p. 126.

sejam exercitados, sucessiva, alternada e gradativamente - isto é com um método progressivo"[430].

Podemos perceber na explicação acima, com relação ao item primeiro, a ênfase que o autor atribuía à necessidade da ginástica desenvolvida nas escolas ser especializada, no sentido de adequar-se ao seu fim, isto é, de ser realmente ginástica educativa ou escolar.

Essa ênfase, que aparece ao longo de todo o seu primeiro trabalho, tinha por fim evidenciar o que se fazia no Ginásio Mineiro e em grande parte das escolas do país, nada tinha a ver com a área de estudos dentro da educação física e da ginástica denominada ginástica educativa.

Ainda, no item primeiro, podemos notar a defesa no ensino da ginástica, do respeito às diferença individuais, e nesse sentido, alerta Fernando para a necessidade de se ter presente também a questão da individualização do ensino.

No item segundo, aparece novamente a idéia de que a ginástica deveria atingir todo o organismo, proporcionando o perfeito equilíbrio funcional e levando ao desenvolvimento integral e harmônico do corpo humano.

No terceiro, fica clara a postulação de que a ginástica educativa deveria obedecer a um plano, através de um método gradual, progressivo, para atingir os objetivos a que se propunha.

Entendemos que ao referir-se, em 1915, aos pedagogistas, dentro de uma forma mais precisa, já estava se referindo aos pedologistas, a cuja literatura estava tendo acesso.

A valorização da questão das diferenças individuais, é bem explicitada por ele ao defender o princípio de que:

"A ginástica só é racional na sua aplicação, quando consulta as exigências individuais e se especializa para cada indivíduo a um fim determinado"[431]. Isto tinha como fundamento o fato de que não tinham

---

430 Idem, p. 126-127.

431 Idem, p. 127.

correspodência o "estudo fisiológico do indivíduo ou seu grau de evolução à sua idade"[432].

Mostrava, nesse sentido, a importância relativa dos exercícios de desenvolvimento e a sua aplicação levando-se em conta o estado dos alunos a que se destinavam.

BELO NO ÚTIL OU BELO COMO REFLEXO DO ÚTIL?

Fernando de Azevedo considerava que os princípios colocados, com relação à ginástica racional, não eram observados no país em 1915, e criticava a idéia, que nos parece julgava dominante, de que a ginástica como arte, deveria realizar o belo no útil, tendo como estratégia a busca da "perfeição atual nos exercícios coletivos". A esse respeito, considerava ele que "a estética e a uniformidade nos exercícios, executados coletivamente, posto devam preocupar o professor de educação física, não são o único e principal fim da ginástica". Ele defendia a seguinte posição:

"A realização do belo pela ginástica, como arte, é no corpo humano, cujas partes propõe-se favorecer harmônica e integralmente, criando o belo de maneira a constituir o reflexo do útil que deve ser o perfeito funcionamento dos órgãos internos"[433].

A estética parece estar reduzida, no pensamento do autor à idéia de saúde. A ginástica educativa deveria atingir todos os órgãos, garantindo o desenvolvimento harmônico e integral do organismo, permitindo-lhe o seu perfeito funcionamento interno. A estética refletiria a saúde, entendida como capital físico e mental. Enquanto "reflexo do útil", a estética era entendida como tendo que formar corpos úteis, corpos produtivos. Corpos com saúde é que representavam o capital humano do país, isto é, corpos economicamente produtivos.

---

432 Idem, p. 127.

433 Idem, p. 127.

No entanto, para a ginástica realizar-se como arte, formando o "belo como reflexo do útil", o autor alertava para a necessidade do reconhecimento das diferenças individuais, combatendo a predominância quase que exclusiva dos exercícios coletivos, expressão da ginástica no país.

O autor indicava a necessidade do professor de ginástica educativa ter presente a questão das diferenças individuais, inclusive ao analisar a questão da fadiga nos seus alunos.

A temática da individualização do ensino, conforme indicamos anteriormente, foi incorporada pelo autor a partir de suas leituras de Pedologia e da aceitação da mesma como sendo uma ciência basilar.

O autor procurava estudar através da Pedologia as classificações que foram consideradas científicas, no sentido de "determinar as diferenças típicas das individualidades infantis".

O ORGANICISMO

Foi por este caminho que, em 1915, apesar de considerar que nesses estudos se estava longe de uma classificação rigorosa, pôde reconhecer a importância das posições do psiquiatra Kraepelin.

Afirmava:

" A pedologia é uma ciência basilar, em cujos princípios assenta a teoria da necessidade da individualização do ensino. Apesar de estarmos ainda bem longe de uma rigorosa classificação sistemática nesta matéria, e de terem sido em parte estéreis os esforços científicos para determinar as diferenças típicas das individualidades infantis, já não podemos desdenhar das tentativas do psiquiatra Kraepelin, que assinala uma série de diferenças, baseado no princípio de que, comparando as diferentes maneiras de procederem os indivíduos nas experiências psicológicas, se pode determinar a medida de certas qualidades fundamentais pessoais, e que, pela medida delas, podemos obter o grau de diferenciação de cada indivíduo.

esta tentativa estabeleceu o processo psicométrico dito de kraepelin, e o princípio para uma psicologia individual métrica sobre uma base física experimental"[434] (Grifos nossos).

O ex-professor substituto de Psicologia do Ginásio Mineiro não escapou à influência também de Kraepelin, como podemos observar nesse seu primeiro trabalho intelectual.

Jurandir Freire Costa, no seu livro *História da Psiquiatria no Brasil*, oferece material importante sobre psiquiatria organicista, principalmente a alemã, onde situa-se Kraepelin. Indica esse autor, no capítulo 3, que tem como título: "O programa da Liga Brasileira de Higiene Mental (esse seu livro é um estudo dessa liga), que a psiquiatria organicista da época, sobretudo a alemã, "apoiava-se na noção de herança genética de doença mental[435].

Mostra Costa que a concepção organicista de Kraepelin (muito utilizada pela L.B.H.M) "avaliava, de certa maneira a seriedade das medidas eugênicas"[436], e que "nas primeiras décadas do séc. XX era extremamente difícil ao médico psiquiatra escapar à influência do organicismo, que vivia, então o seu apogeu teórico"[437].

Observa ainda Costa, que no Brasil, nas primeiras décadas do séc. XX, "os psiquiatras, (...) preocupavam-se em justificar as medidas eugênicas ligando-as ao pensamento psiquiátrico organicista"[438].

O autor afirma que o papel da hereditariedade na doença mental foi fartamente demonstrado e posteriormente, para a solução do problema, é que foram propostas as medidas eugênicas. E, com relação à psiquiatria no Brasil nas primeiras décadas do século XX destaca ele: "a importância da hereditariedade era então demonstrada na epilepsia (Bleuler; Minkovska); na esquizofrenia (Elminger); na psicose maníaco-depressiva (Hahn, Hoffmann,

---

434 Idem, p. 128-129.
435 Veja-se: COSTA (1976), p.43.
436 Idem, p.43.
437 Idem, p. 44.
438 Idem, p. 44.

Rudin); na parafrenia (Kraepelin), na paralisia geral e na imbecilidade mental"[439].

O autor reconhece ter a propaganda eugênica se solidificado no Brasil a partir de 1930, quando a "psiquiatria organicista propagou sua nova concepção de eugenia" e estuda, em seu livro, a penetração das idéias eugênicas desde a fundação da L.B.H.M. no Rio de Janeiro, em 1923.

Destaca Costa o papel que teve nesse sentido, em 1931, o Primeiro Congresso Internacional de Higiene Mental, afirmando, então, que "psiquiatras alemães expuseram suas novas idéias sobre o tema"[440].

Lembra ele, com relação a esse Congresso, a figura de E. Rudin, que ele indica ter sido "sucessor de Kraepelin e representante do prestigiado grupo da clínica psiquiátrica de Munique"[441].

Destaca ter E.Rudin afirmado na oportunidade que a "higiene mental, em sua aplicação prática não deve exercer-se somente no terreno da psiquiatria, senão em todos os domínios da vida social e, para o autor, a higiene mental no domínio da vida social era a prevenção eugênica"[442].

O que podemos antecipar é que, embora o assunto não seja colocado de uma forma explícita em *A Poesia do Corpo*, o tema já está presente nesse primeiro trabalho de Fernando e marcará a sua produção cultural inicial.

O que é importante considerar dentro da repercussão da eugenia na vida social, é que, em 1915 a temática estava presente na reflexão sobre a escola do período, e mesmo dos anos anteriores.

A referência a Kraepelin, assim como o contato com outros autores de seu nível para fundamentar a questão das diferenças individuais e outras mais amplas sobre o corpo, indicam os subsídios teóricos que levaram Fernando de

---

439 Idem, p. 44.
440 Idem, p. 49.
441 Idem, p. 49.
442 Idem, p. 49.

Azevedo em direção à defesa da eugenia, entendida por ele como um conceito científico.

Fernando de Azevedo, ao citar Kraepelin e outros autores semelhantes, parece-nos que acreditava que se comportava não apenas como um "homem de ciência", que buscava o rigor, mas também como um "homem do seu tempo".

Se ao lembrar Kraepelin, Fernando o fazia dentro do "mito da ciência psiquiátrica universal", passando a assumir a noção de "prevenção eugênica", também com relação à busca de uma higiene mental, isso indica era também "homem do seu tempo" - e que dentro das condições culturais do país, era inserido nessa posição ideológica de defesa do eugenismo que caminhava[443].

A busca do chamado rigor na ciência, se de um lado trouxe avanços, de outro fez com que em seu nome fossem cometidas barbaridades, sendo um exemplo disso, o fato da prevenção eugênica ter fundamentado a psiquiatria nazista.

Fernando de Azevedo, ao citar Kraepelin para fundamentar a questão das diferença individuais, recebia influência dos estudos de Biotipologia e tipos constitucionais dos quais deveria conhecer muitas classificações, reconhecendo ainda que estavam elas longe de poderem ser consideradas rigorosas. Entretanto apontava o psiquiatra alemão como tendo apresentado uma das classificações que considerava das mais aceitáveis.

Kraepelin destacava-se, no período, dentro da Biotipologia, através de seus estudos de "tipologia somato-psíquica". Tais estudos procuravam, de

---

443 Veja-se: Costa, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil. Na introdução de seu livro o autor reconhece a especificidade e a singularidade do "pensamento psiquiátrico brasileiro", e explica como teorias psiquiátricas européias e norte-americanas, quando transplantadas para o Brasil sofreram modificações. Destaca através do estudo da Liga Brasileira de Higiene Mental o risco que correram os psiquiatras, comportando-se como "homem de ciência" sem dar-se conta de que eram homens do seu tempo. Apesar, do grande valor que reconhecemos nesse trabalho, temos dúvidas sobre a validade desta última colocação. Foi ao questionar a posição acima que pudemos indicar ter sido Fernando de Azevedo simultaneamente "homem de ciência e do seu tempo".

maneira geral, a existência de relação entre as particularidades anatômicas funcionais do corpo e as características mentais dos indivíduos[444].

Apoiava-se, Fernando de Azevedo, em suas análises sobre Biotipologia, no que denominava de "psicologia individual métrica" de Kraepelin[445].

---

444 Veja-se sobre a tipologia somato-psiquica e dentro dela a posição de Emil Kraepelin quanto ao estudo dos tipos psicológicos acompanhando as estruturas corporais, em Juan Comas, no seu livro "Antropologia Física", Fondo de Cultura Economica, cap. IV que tem como título: "Biotipologia y tipos constitucionales", subtítulo: "La Tipologia Somatopsíquica", pag, 329 a 331. Veja-se referência a Kraepelin, no livro de Michel Foucault, título: Doença Mental e Psicologia, tradução de Lilian Rose Shaldere, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2a. edição, 1984. O autor faz referência a Kraepelin, no cap. I, título: "Medicina mental e medicina orgânica", onde o destaca entre os autores do começo deste século. apesar de indicar o "arcaismo" das descrições, lembra terem elas sido resultado e ponto de partida. Afirma com relação ao período que "como a medicina orgânica, a medicina mental tentou, inicialmente, decifrar a essência da doença no agrupamento coerente dos sinais que a indicam. constitui uma sintomatologia na qual são realçadas as correlações constantes, ou somente frequentes, entre tal tipo de doença e tal manifestação mórbida" (pag. 9). Faz referência ao trabalho de Kraepelin, publicado em 1889, título: Lehrbuch der Psychiatrie, que foi marcante na História da Psiquiatria.

445 Ao publicar a 2a. edição de "A Poesia do Corpo" (revista e ampliada), em 1920 com o novo título: Da Educação Física - o que ela é -o que tem sido - o que deveria ser, Weiszflog Irmãos, São Paulo e Rio, com relação a essa parte do texto faz algumas indicações que além das feitas em 1915, como as "diferenças fundamentais", segundo a "psicologia individual métrica de Kraepelin". Destacou nessa série de diferenças, "a que consiste na capacidade para habituar-se". Considerava a partir de Kraepelin que "toda nossa atividade anímica e física pode aperfeiçoar-se por meio do exercício e automatizar-se, notando-se em diferentes indivíduos uma capacidade diversa sob este ponto de vista, isto é, um número igual de repetições de um ato, produz em uns mais uso ou hábito do que em outros. Esta capacidade de adquirir hábitos práticos exerce influência em toda a nossa atividade psico-física e pode medir-se pelo aumento da habilidade, que resulta de uma repetição progressiva" (p. 172-173). E ainda baseando-se também em Kraepelin, a excitabilidade ou a receptividade, entendida dentro de uma "relação íntima com a acomodação e a adaptabilidade". Explicava que essa diferença se assentava "sobre a observação de que há indivíduos que se acomodam logo a uma ocupação nova ou a um exercício, e outros que necessitam, ao contrário uma larga série de exercícios para chegarem a desdobrar sua aptidão. Esta capacidade de adaptação pode medir-se pela diminuição da habilidade, quando se intercala uma pausa (de 15 a 30 minutos pelo menos), ao contrário do que se obtém pelo exercício continuado, sendo, pois, tanto menor a adaptabilidade do indivíduo, quanto mais perde sua habilidade por aquela pausa ou cessação de trabalho. Uma outra diferença indicada por Kraepelin que destacava era da observação quanto a facilidade de fatigar-se. Explicava que isso podia ser medido "pela diminuição da eficiência em uma atividade continuada". Considerava ser "sabido que alguns alunos se fatigam logo e perdem sua eficiência, ao passo que outros se mantêm por largo tempo em plena atividade mental ou física, revelando, somente depois de aturado trabalho ou exercício, um vestígio de diminuição de quantidade e qualidade, produzido pela fadiga" (p. 173). E mais a relação entre fadiga e o descanso, "cuja eficácia se pode aferir, renovando o trabalho depois de certo tempo de descanso, que siga à fadiga" (p. 173). Tais diferenças retiradas do sistema de Kraepelin eram aquelas que Fernando de Azevedo considerava as mais importantes para o professor de educação física. Em 1920, o autor formulava algumas críticas ao seu sistema, apesar de aceitar as diferenças individuais formuladas por Kraepelin: Reconhecia que o sistema possuía: "dois defeitos de uma mesma origem; 1) não esgota as

Fundamentava-se também em Meumann, autor que destacamos anteriormente, ao fazer referência à Pedologia na questão das "diferença mensuráveis". Nessa parte de seu trabalho lembra que Meumann assinalou "com êxito outras diferença mensuráveis, como a constância com que um indivíduo conserva um mesmo grau de faculdades discriminativas das impressões"[446].

Apoiava-se também em Lasurki, afirmando que ele "chegou também à feliz observação, para nós primordial, de que em indivíduos débeis, se a atividade cerebral continua com um tempo independente da saúde, manifesta-se mais lentidão nos movimentos corporais, estabelecendo muitos outros autores as diferenças individuais sobre diminuição e restauração da energia psico-física, que se desviam da lei geral que domina nesta matéria"[447].

O autor reconhecia, em 1915, a existência de uma "curva diária geral de energia psico-física", que devia ser observada à luz das diferença individuais, devendo ser a questão objeto de preocupação de uma ginástica racional, num sistema escolar.

De uma maneira geral, os princípios destacados quanto à ginástica racional na questão da valorização das diferença individuais, parecem caminhar para a defesa do culto da eficácia, tanto para o corpo como para o espírito.

A ginástica racional deve contribuir no sentido de resultados mensuráveis de forma objetiva e passíveis de verificação estatística.

Técnicas foram, portanto, elaboradas buscando, cada vez maior precisão e rigor quanto à avaliação dos resultados encontrados.

---

diferenças individuais, e 2) não terem as diferenças notadas relações lógicas entre si, estando a causa de ambos os defeitos em não derivarem elas de um princípio intrínseco, mas se fixarem apenas na mensurabilidade, que é um acidente exterior" (p. 174).

446 E em 1920, considerava ter Meumann sanado as deficiências, acima indicadas, do sistema de Kraepelin, assinalando outras diferenças mensuráveis. Em 1920, colocava assim a questão com relação a Meumann: "1) a constância com que um mesmo grau de faculdade discriminativa das impressões, isto é, a capacidade de aplicar a atenção de um modo semelhante, na realização correta, por exemplo, de um mesmo exercício repetido, e 2) o tempo das operações internas e externas de um mesmo indivíduo, podendo-se facilmente notar alunos prontos e tardios, não somente na sua conduta geral como nos jogos livres, a que se entregam"(p. 174).

447 *A Poesia do Corpo*, p. 129.

Todo o saber construído no período é perpassado pela genética científica, presentes nas posições organicistas e no darwinismo social[448].

Fernando de Azevedo, nesse ponto do seu trabalho, assumia a idéia considerada progressista no movimento democrático da escola pública do período, que era a do reconhecimento da importância das diferenças individuais, valorizando o rigor de algumas classificações e tipologias que ele percebia como tendo princípios científicos.

Defendia, na ginástica educativa, além da individualização do ensino, a necessidade de que ela atingisse todas as partes do corpo e afirmava que o professor da disciplina deveria assumir um método progressivo e a educação harmônica, como condições fundamentais no exercício de seu trabalho.

Nesse sentido, considerava necessária a realização de exercícios simétricos, importantíssimos na chamada educação física moderna.

Reconhecia também que os exercícios deveriam ser ambidestros, o que entendia ser de grande utilidade do ponto de vista prático, como também no sentido de impedir a atrofia da mão esquerda para que braços e as mãos estivessem aparelhados para prestar os mesmos serviços.

A posição de Fernando de Azevedo, de um lado era renovadora em termos pedagógicos; por outro, era conservador, a defesa dos exercícios ambidestros era feita em função de preparação para o trabalho. Não podemos esquecer a importância desses órgãos: braço e da mão para a indústria.

Revelava conhecer as "tabuas de Lei" e, através delas, procurava justificar os exercícios ambidestros, a simetria na ginástica educativa.

"Das tabuas da Lei parece de fato resultar que a assimetria muscular cresce com a idade, e a necessidade, portanto, de a combater por meio de uma série de exercícios de ambidestria, metódica e regularmente executados.

---

448 Sobre a questão da "genética científica" na educação, veja-se: BOWLES, Samuel e Gentis, Herbert, LA MERITOCRACIA Y EL "COEFICIENTE DE INTELIGENCIA": una nueva falacia del capitalismo, tradução de Basi Mira, Editorial Anagrama, Barcelona, 1972; ROUDINESCO (1989, vol. 1) e SCHWARCZ (1993).

É aliás um princípio conhecido na fisiologia, que o antagonismo dos músculos congêneres, que afetam as partes simétricas do esqueleto, depende imediatamente, da igualdade de sua energia e da semelhança mais ou menos perfeita das alavancas sobre as quais atuam"[449].

O eixo do seu pensamento, nessa parte do livro, pode ser encontrado na citação abaixo, que julgamos ser reveladora de uma posição organicista. Tal posição indica também a sua forma de entender como deveria funcionar o "corpo social". Ei-la:

"Para a ginástica alcançar seu fim racional, é preciso, respeitando-se o princípio da simetria na execução dos exercícios, exercer todas as partes do corpo; pois, que nosso corpo nunca poderá ser mais forte do que uma de suas partes principais, como uma cadeia nunca é mais forte do que seu elo mais fraco.

Que importa realmente uma musculatura rígida, se a caixa toráxica é anquilosada? e que importa que a cadeia seja pesada e de aço, se alguns de seus anéis são fracos e comprometem a solidez geral?"[450].

Indicava Fernando que a questão do desenvolvimento harmônico do corpo, que defendia não só nessa parte do texto mas ao longo do livro *A Poesia do Corpo*, preocupava os pedagogistas modernos.

Como já indicamos anteriormente, na defesa da ginástica educativa que devia ser racional, Fernando de Azevedo propunha um programa gradual e progressivo, caminhando dos exercícios mais fáceis para os mais difíceis, do simples para o complicado, levando-se em conta, na aplicação desses princípios, as diferenças individuais.

Seu objetivo, nesse sentido, seria "educar o esforço". Sobre isto escreve:

"Não teríamos ainda uma ginástica racional, se o seu ensino não obedecesse a um programa gradual e progressivo. Se em tese, todo o sistema deve subordinar-se ao princípio do fácil para o difícil, do simples para o

---

449 *A Poesia do Corpo*, p. 130. Ley.

450 Idem, p. 130.

complicado, nem todos os alunos também, em hipótese, em cada caso específico, podem ser submetidos aos mesmos exercícios, considerados sob o ponto de vista qualitativo e quantitativo. Sem método os esforços tornar-se-iam baldados em razão da fadiga"[451].

Valorizava ele, para a realização do esforço, a necessidade do treinamento. Dever-se-ia em 1915, através da ginásticas educativa, formar os corpos sob a orientação de Tissié, procurando desenvolver neles o máximo de trabalho com o mínimo de esforço. O método deveria através do ritmo dificultar a fadiga.

Ao promover a educação do esforço, supunha a resistência à fadiga. E na questão do treinamento, posicionava-se recorrendo à Fisiologia:

"Ensina-nos a fisiologia que o cérebro, como diretor e produtor das contrações musculares, tem a seu serviço a medula espinal, a que confia o trabalho fácil de maneira a não esbanjar suas faculdades preciosas na execução de trabalho de somenos valor. Ora, é da medula espinal que partem as excitações nervosas suficientes para entreter às condições musculares, médias e ritmadas; ritmadas, segundo uma certa cadência e sempre com a mesma força seguindo-se a intervalos regulares; médias, sem preocuparem o jogo completo do músculo nem produzirem a flexão e extensão completa dos segmentos ósseos que mobilizam.

Estas contrações musculares que se executam fora do domínio psíquico da consciência e sem um ato volitivo, automaticamente e sob o comando das células da medula espinal, tomam o nome de contrações reflexas, por oposição às contrações voluntárias; seu caráter principal é poderem ser continuadas durante muito tempo sem acarretar fadiga mesmo muscular, enquanto o trabalho efetuado pode ser considerável.

O fim, pois, e o efeito do treinamento físico é tornar reflexas e automáticas, e, portanto, capazes de durar muito tempo, as contrações musculares, que são a princípio voluntárias e fatigantes. Não devemos esquecer,

---

451 Idem, p. 131.

contudo que na maior parte dos exercícios, os trabalhos reflexo e voluntário, ou cerebral e medular, se misturam, combinam-se em dosagens variáveis, e a fadiga nervosa se produzirá mais ou menos rapidamente, segundo o predomínio, nos exercícios, de um ou de outro"[452].

Fernando recorria a Démeny, para justificar como deveriam ser compostos os movimentos da ginástica escolar utilizando-se do trabalho *L'Education de l'Effort*, e escrevia:

"A lição da ginástica escolar deve, segundo Démeny, compor-se de movimentos destinados a ativar, sem violências e por um método gradual, a circulação do sangue e a respiração, desenvolver harmonicamente o sistema muscular, corrigir as atitudes defeituosas das espáduas, ampliar o peito, endireitar as curvaturas exageradas da coluna vertebral, desenvolver os músculos abdominais, demorando-se mais ou menos em cada um destes exercícios, conforme as diferenças fundamentais de cada aluno. Ela deve, compreender ainda exercícios que distraiam o aluno, isto é, executados sob a forma de danças e jogos, sobretudo nos princípios, e que o tornem ágil e destro, lhe atenuem a vertigem e a apreensão que dão os lugares elevados, e enfim, marchas, corridas, saltos a par com a ginástica que deve ensiná-lo a ser hábil em todos os exercícios úteis. Assim deve ser ela completa, útil, graduada e interessante, e dirigida com ordem e disciplina"[453].

Na citação acima, podemos observar como Fernando de Azevedo valorizava, na ginástica educativa as habilidades como agilidade e destreza, através do desenvolvimento do sentido do útil, e da importância da ordem e da disciplina.

A ginástica educativa, porque racional, deveria ser útil.

Criticava ele os exercícios que não tinham uma utilidade prática e nesse sentido era contrário aos exercícios de fantasia.

---

452 Idem, p.132-133.

453 Idem, p. 133.

Quanto à utilidade dos exercícios, recorria a Lefébure, já citado anteriormente, e escrevia, concordando com o autor: "todo o exercício, cuja utilidade não é cientificamente justificada, em seu princípio e em suas conseqüências por considerações anatômicas e fisiológicas bem determinadas, todo o exercício que não for o mais simples e o mais completo, para atingir o desenvolvimento harmônico do corpo, ou para prepará-lo à execução de uma aplicação útil, não deverá ter entrada num método racional de ginástica educativa, introduzi-lo inconsideradamente, à conta de seguir esta tendência que se manifesta tantas vezes nos métodos que abusivamente se prevalecem do método sueco é codificar a fantasia, e, por conseguinte, induzir o ensino pedagógico em erro, sob o ponto de vista das bases, dos próprios princípios da ginástica educativa"[454].

454 Idem, p. 133-134.

Capítulo 6
A MÉTRICA PERFEITA DO POETA DO CORPO

Na terceira parte do seu trabalho *A Poesia do Corpo,* Fernando de Azevedo procurou estudar mais diretamente a importância da temática da educação física no Brasil, indicando a realidade em que se encontrava e apresentando soluções para o problema.

Na análise sobre a educação física em nossas escolas, reconhecia ser a questão da cultura física nas escolas brasileiras, um dos mais salutares temas de meditação. Lembrava que a Educação Física deveria ser um tema salutar para os poderes públicos e para os educadores.

Em 1915, percebia ele faltar consciência no país sobre o papel que cabia à ginástica racional, e a situação lhe aparecia como desoladora.

Reconhecia na mesma época, que:

"Realmente difícil é encontrar-se um país, em que esteja menos vulgarizada a consciência do verdadeiro papel, que compete à ginástica racional"[455].

Como pudemos indicar, em alguns momentos, na primeira e segunda partes de *A Poesia do Corpo*, é fácil perceber a importância que exerceram no contexto em que ela foi escrita, a medicina e os médicos, para que Fernando de Azevedo pudesse justificar a importância da educação física e, mais particularmente, da ginástica educativa.

Devido ao valor que atribuía à pedagogia da boa higiene, é também fácil compreender o papel da medicina, no sentido de propiciar a Fernando de

---

455 Idem, p. 137.

Azevedo a compreensão da importância da ginástica racional para a regeneração da raça humana.

Destacava isso, mostrando reconhecerem as mentalidades médicas o auxílio poderoso, da ginástica racional, no sentido de tal regeneração.

A situação no Brasil com relação à área, segundo o autor, era de rotina, tudo embrionário, não científico e nem higiênico[456]

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

Fernando via, de uma forma geral, a situação da educação física nas escolas brasileiras, nos seguintes termos:

"Em nossas escolas, porém, tudo é embrionário; quando não são os exercícios praticados a modo e traço de cada professor, sem uns laivos de ciência, quando não são sacrificadas no altar da conveniência as prescrições higiênicas atinentes ao local, tempo e fato, que é das mais vezes supérfluo e inadequado, enreda e deturpa os melhores sistemas uma deplorável confusão, mercê da qual estas pupilas negras, pequeninas e vivazes, ficam reduzidas a estar aguçando a sua viveza no fundo de duas órbitas muito sumidas e doentias ..."[457].

E indicava para a ginástica educativa, conforme propostas do Congresso de Higiene Escolar (1913), a necessidade da existência da colaboração médico-pedagógica o caminho para que a disciplina saísse do

---

456 Mesmo reconhecendo a realidade do brasileiro como "desoladora" frente aos países que chamava de cultos, também lembrando a estes, atribuía a existência, em nível menor, de preconceito com relação à educação física. Afirmava: "Não desconhecemos que alguns destes preconceitos que aqui dominam, dando à ginástica um aspecto rotineiro, campeiam ainda em não pequena parte dos países cultos. Nem Muller errava quando, referindo-se à educação física em plena civilização européia afirmava, há alguns anos que a humanidade em geral ainda não conseguiu acabar de vez com os preconceitos da idade medieval. Sob este ponto de vista, acrescenta ele no seu estilo pitoresco, "a renascença pode ser comparada a um acordar fora de horas; o dormente despertou cedo demais, e depois de se espreguiçar tornou a deitar-se e a adormecer para o outro lado. O sono durou até aos primeiros anos do séc. XIX, época em que começo o acordar deste profundo letargo, graças à energia e ao trabalho de nomes como Basedpw, Jahn, Nactigall, Ling e tantos outros que lhe seguiram o exemplo"(p. 137-138).

457 *A Poesia do Corpo*, p.138.

estado em que se encontrava dominada pelo caráter empírico imprimido ao ensino da ginástica. Escrevia, nesse sentido:

"Onde de fato entre nós a colaboração médico-pedagógica que, velando para que os alunos não sejam aperreados com um código draconiano, exerça as nobilíssimas funções que lhe são atribuídas pelos diversos Congressos de Higiene Escolar e faça abandonar estes errôneos preconceitos e estas infundadas esperanças, que imprimem ao nosso ensino de ginástica este caráter empírico, desarrazoado e brutal que o torna tão antipático e mal acolhido?"[458].

Na visão de Fernando de Azevedo, não existia em 1915, a preocupação com a utilização de um "método racional num programa inteligentemente adequado à cultura infantil e adolescente"[459].

Sua crítica em relação aos professores era dura, considerando-os, de uma forma geral, como incompetentes na área. Percebemos também, no seu texto, uma crítica aos poderes públicos, embora feita de uma forma elegante, ao contrário daquela feita aos professores.

Em sua tese de concurso chamava a atenção dos poderes públicos no sentido de se preocuparem com o estado físico da mocidade escolar, assim também como para a necessidade do Estado fiscalizar o ensino da ginástica educativa, através de informações objetivas sobre os seus resultados. Propunha a colaboração médico-pedagógica, para que o Estado se utilizasse de boletins anuais que apresentassem as medições corporais, indicadores do estado físico dos alunos. Escrevia, nesse sentido:

"Entre nós o de que menos se cuida é do estado físico da mocidade escolar. ensina-se a ginástica; mas qual é o resultado que se tem tirado deste ensino? quais os alunos que dele aproveitam? ou tem sido ele porventura prejudicial? a isto nada seguramente, com dados matemáticos, poderíamos responder, porque nunca os professores de ginástica se lembraram de apresentar à família e ao diretor do estabelecimento, em que ensinam, boletins do estado

458 Idem, p. 139.
459 Idem , p. 139.

físico de seus alunos, no princípio e no fim do ano escolar, correndo quase sempre seu ensino à revelia da fiscalização e ao capricho de sua vontade ávida de exibicionismo, sem dar ao Estado informações dos benefícios que causou seu ensino e dos males que dele derivaram"[460].

Podemos perceber, na citação acima, que, em *A Poesia do Corpo*, Fernando de Azevedo propunha que os professores de ginástica educativa servissem ao Estado e a ele prestassem contas, entendendo o Estado como instrumento de coação, ou seja, o organismo máximo, com poderes de fiscalização e direitos de cobrança da eficácia. Inferimos, pelo texto, que o autor reconhecia e legitimava o caráter repressivo do Estado, cuja finalidade era garantir a ordem e cobrar resultados positivos.

Cabia ao Estado, entendido como instituição máxima com poderes de fiscalização, cobrar dos professores de ginástica educativa os resultados obtidos do o seu ensino. E ainda, os benefícios ou malefícios feitos aos alunos deveriam ser fiscalizados pelo Estado, à medida em que a ginástica educativa, na sua função social, deveria educar e cultivar o patrimônio corporal nacional, ou seja, o capital humano da nação.

Os boletins sobre o estado físico dos alunos deveriam ser apresentados no princípio e no final de cada ano escolar, isto é, antes e depois do ensino da ginástica educativa, e os resultados seriam aferidos através de mediações corporais precisas.

Para Fernando de Azevedo, o sistema de ginástica mais próximo do ideal, seria aquele que desse os "melhores resultados tanto sob o ponto de vista qualitativo, como quantitativo"[461].

Por resultado qualitativo, entendia ele, a apresentação de "indivíduos mais são, belos e robustos"[462], e, por resultado quantitativo, o benefício do "maior número de alunos"[463].

---

460 Idem , p. 139.
461 Idem , p. 140.
462 Idem , p. 140.

E Fernando continua sua análise, conceituando de forma bastante precisa:

"Como sabemos, a ginástica deve ser racional e científica; racional, isto é, apropriada a seu fim; científica, servindo-se das ciências, para obter os melhores resultados no maior número possível de hipóteses. Ora, como nota Muller, 'para saber se um sistema de exercícios físicos é racional, é preciso em cada caso particular saber onde e como atua. Não há nenhum sistema de ginástica, a que rigorosamente se possa dar o nome de racional; há porém, muitos exercícios, que em cada caso específico, se podem tornar racionais ou quase racionais ... Assim quanto mais vasto é o campo de ação de um sistema de exercícios físicos, tanto mais este se aproxima do ideal designado com o nome de ginástica racional e científica'"[464].

Para Fernando de Azevedo, a avaliação através dos boletins, entendidos como uma forma de fiscalização, permitiria ao Estado, à instituição educacional e à família, a constatação da necessidade de coordenação dos métodos, então em vigor, do empirismo dominante e do não atendimento do fim a que se tinha o direito de esperar: o desenvolvimento e adestramento do corpo humano[465].

No seu entender, o ensino da ginástica não possuia embasamento científico, e esta era a "causa" que impedia ao país obter resultados na disciplina.

Na visão de Fernando de Azevedo, o professor de ginástica, em ação, "Não deve atender apenas às exigências da anatomia e da estética, mas também às da fisiologia elementar, da higiene dos exercícios corporais, da análise dos movimentos, da pedagogia e da moral. O professor deve ser ensinado para este fim; entregar as crianças a um professor que ainda forma da ginástica o conceito antigo e errôneo, seria expô-las ao perigo e às conseqüências funestas que estes exercícios violentos ou mal dirigidos ocasionam"[466].

---

463 Idem , p. 140.
464 Idem , p. 140.
465 Idem , p. 141.
466 Idem , p. 141-142.

Para Fernando de Azevedo, o país precisaria imitar com relação à ginástica educativa três países: a Suécia, Dinamarca e a Bélgica. Neste último, através do apoio do Estado e de particulares, valorizava-se tal ensino, inclusive no nível universitário.

Embora não se manifeste claramente, consideramos que ele faz aos poderes públicos, principalmente do Estado de Minas Gerais, uma sugestão no sentido da valorização da ginástica educativa também no Brasil, no nível universitário. Seria este, no nosso entender, o caminho para a formação de um professorado competente para atuar eficazmente nos demais níveis de ensino[467].

A falta de dados sobre a educação física no Brasil era vista por ele como um sério problema e, em nome do rigor científico, entendia que o corpo deveria ser submetido a medições objetivas. Tal carência de dados era, segundo ele, "o argumento mais forte e eloqüente do nosso atraso em questão de educação física e higiene escolar"[468].

Com relação à ginástica educativa, se fosse encarada cientificamente, isto é, guiado pelo que o autor entendia serem os princípios rigorosos da ciência, poderia vir a ocupar, no panorama da educação geral da nação, o papel importantíssimo que lhe estava reservado.

Sobre as as conclusões a que chegara em 1915, sobre a educação física no Brasil e no Ginásio Mineiro, escrevia:

"Não afirmamos sem provas. Nem a pessoa alguma mediocremente aparelhada com uns princípios de educação seria difícil topar com estas mesmas conclusões, a que chegamos por meio de estudo e de uma experiência quotidiana e individual, que nos obrigou, pela escassez de dados, a limitar-nos apenas a

---

467 Afirmava: "É a Suécia, a Dinamarca e Bélgica, que devemos imitar. Neste último país, participando a iniciativa particular igualmente do movimento em prol da educação física, fundou um Instituto Superior de Educação Física em Bruxelas, enquanto o Estado criava uma Faculdade de Educação Física na Universidade de Gand, destinados igualmente a formar professores de ginástica, e que prognosticam felizmente a realização do voto, que Lefébure já havia formulado em 1913, de se tornar este ensino universitário"(p. 142).

468 *A Poesia do Corpo*, p.143.

observações gerais acentuadas, que dessem no mais ligeiro esquisso o relevo das imperfeições arguidas nos métodos de nossas escolas, em geral, quase todos iguais apesar dos erros e preconceitos acessórios que os diversificam. Se já tivessemos, contudo, experiências comparativas, baseadas em medições corporais precisas, feitas em anos anteriores sobre os alunos dos diversos estabelecimentos, teríamos a socorrerem-nos a afirmação de fatos e documentos comprobatórios de que estas ginásticas em vigor, 'caracterizadas pela imprecisão das atitudes e pelo predomínio das contrações violentas na flexão dos braços combinados com o esforço toráxico - abdominal e ensinados por um pessoal pouco instruído, só antes desfavoráveis ao adestramento e desenvolvimento racionais do corpo humano em geral, e entravam notadamente o desenvolvimento toráxico'"[469].

Parte da crítica ao professorado, visto como incompetente e pouco instruído, era dirigido aos instrutores militares, responsáveis pelo ensino de educação física, a exemplo do que ocorria no Ginásio Mineiro.

Defendia ele, conforme indicamos anteriormente em vários momentos, que a ginástica educativa deveria cumprir o seu fim social e suas atribuições explicitados em *A Poesia do Corpo,* o que não ocorria, a seu ver, no país, em 1915.

Insiste Fernando no fato de que ela não poderia ser confundida com a ginástica acrobática e nem com a militar e, neste sentido colocava-se contra todo e qualquer estabelecimento do país que assumisse uma ginástica de efeito, como era o caso do Ginásio Mineiro.

Escrevia a respeito:

"E nisto estamos, graças a este velho princípio da rotina, que pretende por a todo o transe no mesmo nível - o palco e a sala escolar, a sala escolar e o páteo de um quartel, quando devem ser completamente diversos os

469 Idem, p. 142-143.

processos, como são de todo diferentes os fins a que a ginástica acrobática militar e educativa se destinam"[470].

Defendia, na ginástica educativa, a importância dos exercícios respiratórios e afirmava:

"Desenvolver, porém, a caixa toráxica nos alunos, e prevenir ou tratar as diversas diáteses mórbidas por meio de práticas metódicas de respiração, por meio de exercícios o mais possível adaptados a cada caso particular, é uma conquista nova na ciência da ginástica educativa, e, sem precedente ao que cuidamos, na história da higiene escolar[471].

Para Fernando de Azevedo tratava-se de, através dos exercícios respiratórios, ensinar a respirar e a desenvolver a capacidade pulmonar e não só este aspecto, mas, também, "combinar os exercícios musculares com os movimentos inspiratórios e expiratórios, e que devem constituir em todo o sistema de ginástica educativa o eixo principal em torno do qual gravitem, como satélites, todos os outros exercícios de força e desenvolvimento"[472].

---

470 Idem, p. 143. Ao escrever a 2a. edição de *A Poesia do Corpo* (revista e ampliada), com relação à essa parte do seu texto ele utilizou o que escreveu em 1915, acrescentando alguns elementos na sua introdução. Na introdução dessa parte, o autor reconhecia que no Brasil se encontrava "menos vulgarizada a consciência do papel que compete à educação física", na "regeneração da raça", e que a questão já fora compreendida pelas "mais brilhantes civilizações, desde a civilização grega até a norte-americana". Considerava ainda que a educação física, dentro dessa perspectiva, somente era desprezada, "pelos povos em franca decadência'(p. 194) dos quais o Brasil devia para ele, fazer parte. Escrevia: "Onde de fato, senão na educação física encontraríamos a chave do problema da regeneração de nosso país, em cujas tendências, como uma enxertia perigosa, se vem encartando o hábito de inatividade física, devido à excessiva sedentaridade de uns, e a ignorância de outros sobre a importância do sentido da saúde e da maior compreensão da beleza para a formação de uma raça forte e enérgica, original e criadora, construtora e artística como a raça helênica? A deduzir do que se nota ao lume de fatos aparentes, inclinar-se-ia um visitante qualquer, a uma observação superficial, a pensar que estas manifestações brilhantes de nossa vida esportiva seriam antes o produto de uma educação física diuturna e generalizada do que o resultado pertinaz do treinamento de um escól, de um grupo relativamente pequeno em proporção com o restante da população torcedora, que apenas aplaude e se diverte, sem se lembrar que para ali vai em plena decadência orgânica"(p. 194-195). Para o autor não se tratava de pensar uma "cultura física para jogadores de raça, para um grupo minguado", isto é, para uma escól, virando "exibição cênica, ou passa-tempo de moda"(veja-se p. 195). Trata-se, sim, de defender para a ginástica educativa, desenvolvida nas escolas, uma educação física, desenvolvidas nas escolas, uma educação física para todo o país, que levasse à "regeneração da raça", que despertasse "o sentido da saúde"(veja-se: p. 195).

471 Idem, p. 144.

472 Idem , p. 144-145.

Conforme indicamos anteriormente, em outra parte dessa análise de *A Poesia do Corpo* para Fernando de Azevedo, até os 9 anos de idade, não deveria haver preocupações com o desenvolvimento muscular, reconhecendo-se existir um consenso entre os educadores que, até essa idade, "a melhor ginástica é a do jogo"[473]

GINÁSTICA RESPIRATÓRIA

Fernando de Azevedo considerava importante, ginástica educativa, a execução de exercícios respiratórios. Constatava, então, não somente que os meninos não sabiam respirar, mas também que não sabiam: "deglutir, mastigar, andar, etc."[474].

Tais colocações do autor foram destacadas, por serem elas indicadoras de que tudo deveria ser retomado, no Brasil em termos de ginástica educativa, caminhando na direção da defesa da necessidade de "substituir um corpo por outro"[475].

Defendia ele, apoiando-se em A.Tierce, a utilização de índices para determinar a medida toráxica.

Fundamentando-se na fisiologia, apresentava dois tipos de respiração:

---

473 Idem , p. 145.

474 Idem , p. 145.

475 A idéia que percebemos em Fernando de Azevedo, em seu trabalho "A Poesia do Corpo", de 1915, encontramos no texto de Jacques Defrance, a que fizemos referência anteriormente, sendo que o autor atribuiu a frase "substituir um corpo por outro", a Verdier. A crítica que constatava a necessidade de "retomar tudo", observando que os estudantes não sabiam respirar, andar, resistir, etc. conforme observamos no texto de Jacques Defrance, foi utilizada pelos "paladinos da ginástica", na França, já a partir do séc. XVIII. A ginástica moderna visando cultivar todos os indivíduos, e atribuindo à escola um papel importante nesse processo, vai exigir dentro das novas pedagogias, que se substitua um "corpo por outro". Conforme indica Jacques Defrance, na pag. 31 do seu trabalho ensinava-se no sec. XVIII, "a respirar a todas as espécies de público num ginásio pulmonar", assim como havia a proposta de se "ensinar todo mundo a caminhar".

"bem nítidos e com mecanismo especial correspondente: o abdominal e o toráxico; toráxico, - porque só entra em jogo, no ato respiratório, o tórax, cujo movimento alternativo é destinado pela ação conjunta dos músculos intercostais, dos peitorais adiante e dos dorsais atrás; e abdominal - a respiração se carateriza por largos movimentos do abdomen e que se faz principalmente pelos movimentos do diafragma, chamado-se por isso também respiração diafragmática"[476].

Explicava Fernando: "Estes dois tipos respiratórios podem coexistir no mesmo indivíduo. O que mais frequentemente, porém, sucede é pertencer o tipo respiratório toráxico à mulher e à criança, e o abdominal ao homem. Esta predileção fisiológica de respirações, que na mulher, segundo alguns, se poderia atribuir a influências do espartilho, que as impediria de utilizar convenientemente o diafragma, não se poderia explicar de tal modo, generalizando-se o caso às crianças, ou às mulheres, que não o empregam.

A verdade é, diz um autor, que a única razão das diferenças dos tipos respiratórios nos dois sexos e nas crianças deve ser talvez puramente anatômico: nas crianças e na mulher a excursão das costelas deve fazer-se com muito maior facilidade do que no homem, porque são muito mais delicadas e flexíveis; daí a predominância nelas do tipo toráxico"[477].

Fernando de Azevedo não aceitava ser partidário somente de um ou de outro tipo de respiração, defendia a de tipo misto, ou seja, a respiração toráxico-abdominal, afirmando estar fundamentado na fisiologia. Escrevia pois: "A verdade, porém, reside na fisiologia; e dali não se pode fugir. Se de fato ambos os tipos têm erros fisiológicos, a única conclusão é que nem um nem outro serve, porque nenhum dos dois põe simultameamente em atividade os vértices e as bases dos pulmões, sendo, portanto, indispensável, já que perfeitamente se completam, a respiração toráxico-abdominal ou tipo misto.

---

476 *A Poesia do Corpo*, p. 146.

477 Idem, p. 146-147.

Pois bem, a ginástica respiratória não é mais do que um conjunto de exercícios, em atitudes precisas, e a que chamamos respirações plenas e profundas, pelos quais se combinam naturalmente os dois tipos, começando-se a respirar pelo abdominal, e continuando-se, depois de obtido o maximum da saliência do abdomen, a inspiração forçada artificial, dilatando lenta e progressivamente o peito, de maneira a arejar o mais possível os pulmões e oferecer ao fenômeno da hematose a maior superfície pulmonar"[478].

Propunha a realização dos "exercícios respiratórios" através do método sueco, no sentido do aumento da capacidade respiratória e a utilização, como medida da capacidade respiratória, da espirometria.

Os exercícios respiratórios deveriam, uma vez adaptados às condições de cada um, por em jogo "certos grupos de músculos dos membros e do tronco, afim de obter com o mínimo de esforço e de dificuldade o máximo de benefício"[479].

Procurava demonstrar como a ginástica respiratória era importante num sistema de ginástica educativa, lembrando como Méry, Armand, Delile e Dufertil, indicavam seu papel no combate à tuberculose, muitas vezes favorecida pela insuficiência pulmonar[480].

Tal doença, em nosso entender, preocupava-o a nível mais geral, com relação ao país, e, a nível particular, devido à situação vivida pelo seu irmão Mário.

Ainda com relação à tuberculose e sua prevenção, mostrava a importância dos exercícios respiratórios na ginástica educativa, afirmando:

"Démeny assinalou que a ginástica respiratória dá 4 a 5 cent. a mais da capacidade vital, e observou para os cantores uma cifra superior a 5 cent. Alguns autores registram fatos de tuberculose que com este tratamento sabiamente aplicado, apresentaram dentro de poucos meses um aspecto

---

478 Idem, p. 148.
479 Idem, p.148-149.
480 Idem, p.149.

menineiro e uma coloração denunciadora de um inesperado remoçamento, que 'alguns mesmo (são palavras do autor) obtiveram perfeitamente com a cura radical'. não há fugir o bacilo; o que é preciso é adquirir-se uma constituição e um organismo refratário às suas devastações, e cuja eclosão é mais fácil e provem as mais das vezes do funcionamento insuficiente dos pulmões que inutilizados se atrofiam"[481].

Defendia Fernando a necessidade de se colocar a ginástica respiratória, no primeiro plano da ginástica educativa. Considerava que:

"Todo método de desenvolvimento físico é prejudicial, desde que não vise assegurar, antes de tudo, uma ampla caixa torácica, pois aumentar o volume dos músculos é aumentar as necessidades do organismo em oxigênio, é dar lugar a eliminações mais intensas de ácido carbônico, que os pulmões, não sendo desenvolvidos proporcionalmente, não podem efetuar"[482].

A preocupação do autor com relação à defesa dos "exercícios respiratórios envolvia também a preocupação com o raquitismo", que ele entendia como presente em pessoas que não cultivam o físico, possuindo um peito anquilosado.

Embora não explicite, acreditamos, que no seu entender, a maioria da população brasileira, em 1915, era composta de pessoas raquíticas.

Para Fernando de Azevedo: "Entre as pessoas raquíticas, que não cultivam o seu físico, as costas pouco se levantam; é quase somente o diafragma que assegura a função respiratória; pode-se dizer que neste caso o peito está anquilosado na expiração, e, para o desenvolver, serão necessários movimentos de ginástica respiratória, que cuidem da inspiração e desenvolvam os músculos das costas, do pescoço e do peito. Achamo-nos em presença de um peito anquilosado em inspiração, no caso em que, pelo desenvolvimento considerável

---

481 Idem, p.149. Com relação à esses autores que ele não cita no texto de 1915, os mesmos são explicitados na publicação de 1920. Tratava-se de Fr. Heckel; através do seu trabalho com o título: Culture physique et cures d'exercise (Myotherapie) Masson et C.ie éditeurs, Paris, 1913 e de Rosenthal, autor que citava nessa parte do seu trabalho na edição de 1920, mas que não foi indicado na sua bibliografia.

482 Idem, p.149-150.

dos músculos das costas, nuca e pescoço, suspensores da caixa torácica, as costelas são mantidas levantadas e horizontais, enquanto, não se tendo desenvolvido proporcionalmente os músculos expiratórios e abdominais, não podem eles reintegrar as costelas na posição de obliquidade extrema"[483].

E continua ele:

"Um bom peito é, pois o peito flexível, elástico e largo; a largura se mede pelas diferenças entre as medidas de inspiração e expiração; e a flexibilidade da caixa torácica, depende em grande parte dos músculos que a cercam"[484].

Para formar essas novas constituições, para o que eram fundamentais, através da ginástica educativa, os exercícios respiratórios, o autor reconhecia que algumas condições deveriam ser observadas pelo professor: o local deveria ser sadio e oxigenado, os exercícios deveriam ser praticados de preferência ao ar livre. Aceitava, no entanto, que caso isso não fosse possível, poderiam ser feitos numa sala amplamente arejada e com todas as condições higiênicas. A constância era outra condição indicada pelo autor, como indispensável ao êxito em toda ginástica e, principalmente, na ginástica respiratória[485].

Os exercícios respiratórios tinham como objetivos, conforme indicava, não só atuar sob o ponto de vista sanitário, desenvolvendo a saúde mas proporcionar resultados também de ordem estética, melhorando a aparência física.

A busca da saúde e da estética tinham como eixo a questão da aceitação de que o Brasil, em 1915, era povoado por uma "sub-categoria étnica", conforme reconhece o próprio autor.

Tratava-se, segundo Fernando de Azevedo, de acordo com as propostas que indicamos anteriormente e que apresentaremos de forma mais

---

483 Idem, p.150.

484 Idem, p.150.

485 Sobre como deveria ser feita a "execução dos exercícios", veja-se: "A Poesia do Corpo", p.152.

concreta mais à frente, de superar essa realidade, através da educação física, mais especificamente da ginástica educativa.

Nessa parte do trabalho toda a argumentação, a partir da anatomia e da fisiologia, tem como núcleo central a constatação anteriormente indicada.

A sua percepção, em 1915, era de que a população brasileira, no geral emperrada e raquítica, não possuía um belo perímetro torácico, e, sobre isso, afirmava:

"Na sub-categoria étnica, a que pertencemos, poucos são os que apresentam um belo perímetro torácico. E se atendermos, ao mesmo tempo que ao perímetro torácico, à amplitude dos movimentos respiratórios, ainda é mais deplorável o fato a constatar. Por mais exótica que pareça esta afirmação, é fácil reconhecer que não sabemos respirar; e os pulmões, que bem cultivados poderiam conter mais de 5 litros de ar, não armazenam as mais das vezes entre nós mais de 3 1/2, quando não menos"[486].

Aceitava, através de Tissié, a idéia de que:

"'se o menino é um tubo digestivo e o adulto um cérebro', o adolescente é uma vesícula pulmonar. Este esforço ridículo, que muitos na escola concentram em adquirir uma musculatura rígida e grande saliência peitoral, deve ser aproveitada antes no desenvolvimento racional da caixa torácica, e em dotar os alunos com a capacidade respiratória de Vênus de Milo, e, mesmo se o quisessem, com a dos diversos gladiadores ou discípulos da estatutária antiga"[487].

Fernando de Azevedo reconhecia a existência de uma "fisiomecânica do esforço", que precisaria ser considerada na ginástica educativa, para se alcançar a educação do esforço.

---

486 Idem, p.153.

487 Idem, p.153.

Tal educação era para ele e, conforme destacava para muitos fisiologistas, "o fim primordial e um dos elementos indispensáveis de êxito da ginástica racionalmente aplicada"[488].

Segundo os moldes científicos, todo sistema de ginástica educativa, deveria levar em consideração, na questão, "o fim, gênero, utilização, dosagem, limite, necessidade e higiene do esforço"[489].

Citando o fisiologista S. Démeny (1850-1917), através do seu trabalho *L'Education de l'Effort*, 1914, reafirmava o autor que: "em educação os elementos interessantes do esforço se resumem na quantidade, duração, qualidade, fim e moralidade do trabalho"[490], e explicava, em termos fisiológicos, como devia ser feito esse esforço[491].

Para o nosso trabalho, julgamos dispensável a riqueza de detalhes, ao nível fisiológico, apresentados pelo autor, em função do objetivo que nos propusemos.

Fernando de Azevedo considerava o esforço como sendo estático e dinâmico. Sobre isso afirmava: "No esforço estático e dinâmico registra-se, além disso, sempre uma tensão muscular; sendo que o segundo se acompanha de movimentos, de deslocamento do corpo, de trabalho mecânico exterior mensurável, e de efeitos notáveis sobre o aparelho circulatório, enquanto o esforço estático, ao contrário, se acompanha sempre de afrouxamento de circulação do sangue e daí lavagem incompleta e transporte insuficiente dos materiais de trabalho"[492].

O esforço, para Fernando, não deveria ser esquematizado, mas educado e bem dosado, e indicava que:

"Só podemos induzir a necessidade para o músculo e para os pulmões do esforço físico-dinâmico, que, violento, será tão prejudicial, como

---

488 Idem, p.154.
489 Idem, p.154.
490 Idem, p.154.
491 Idem, p.155 a 157.
492 Idem, p.157.

benéfico, se bem dosado. Daí a conclusão apenas de que, em todo jogo harmônico de exercícios, sejam quais forem os caracteres acidentais que os distinguam, deve-se habituar o aluno a respirar segundo o rítmo do movimento executado, ou, pelo menos, a realizar os exercícios musculares, retendo em cada um deles o ar no peito, depois de uma inspiração profunda ou de um exercício meramente respiratório, afim de que sirvam antes de tudo para exercitar a reter o fôlego o mais tempo possível, assegurar a fixidez e solidez do ponto de apoio, facilitando o esforço, e obter dos músculos em exercício que dêm origem à constituição de um sangue mais oxigenado"[493].

Defendia a idéia de que nossos movimentos são natureza, periódicos e ritmados e criticava a utilização de mecanismos artificiais na educação do esforço[494].

Por outro lado, valorizava a hidroterapia, considerando-a ginástica da pele. Sobre ela escreveu:

"A hidroterapia, sob a forma de banho frio, é um poderoso agente do endurecimento físico e um tônico de aplicação regular nos diversos sistemas de ginástica de quarto. Sobre favorecer o endurecimento pelo frio, que é apenas uma ginástica particular, e uma educação inteligente desta função da vida, que tem por fim a produção expontânea do calor, a hidroterapia tende proximamente a constituir com as fricções a ginástica da pele - um dos órgãos por certo mais importantes do corpo humano"[495].

Considerava ele ser essa ginástica da pele importante para se atingir o ideal da saúde e da beleza, sendo praticada através do banho e da fricção que atuariam sobre os vasos capilares e sobre os nervos, tornando-os

---

493 Idem", p.159.

494 Esta parte do texto de "A Poesia do Corpo", na edição de 1920, foi publicada na Primeira Parte sob o título: "A fadiga e o exercício: seu mecanismo e sua ação psico-fisiológica", pág. 46 à 51. Em 1915, o estudo sobre a fadiga, que já analisamos, teve o seguinte título: "A fadiga e o exercício físico".

495 Idem, p.160-161. Explica que a "hidroterapia" foi utilizada pelos bonzos e consagrada do King-fou, assim como nos ginásios gregos, entre os celtas, entre os romanos.

sãos e resistentes. Para ele era o trabalho da pele indispensável para a saúde e para a vida[496].

Ao apresentar em *A Poesia do Corpo*, a proposta de programa de ginástica educativa, reconhecia ser muito difícil realizar um programa racional, colocava-o como resultante de largo estudo, e que seu desenvolvimento estava submetido a um plano regular e sistemático, tendo para justificá-lo "os princípios ortodoxos da ciência pedagógica, e os moldes racionais da ginástica sueca em que está vasado"[497].

Preocupava-se ele tanto com os postulados teóricos, como com os postulados práticos do programa. E, baseado em Lefébure, a quem procurava seguir ao elaborar o programa, propunha:

"que afim de cativar a atenção e de estimular a boa vontade, é utilíssimo explicar sucintamente a progressão e o fim dos movimentos em cada lição; pois, os alunos executam com mais gosto e interesse os exercícios, cuja razão de ser compreendem, e cujos benefícios reconheçam ser os primeiros a receber"[498].

Indicava o plano e pressupunha o trabalho de um corpo de instrutores, tirados entre os próprios alunos e designados pelo professor, o que se justificava pelo caráter individual do ensino e a necessidade de dar um

---

496 Na 2ª edição de "A Poesia do Corpo" ele acrescenta ainda que a "hidroterapia" era uma necessidade absoluta depois do exercício e não somente um elemento auxiliar, mas uma parte integrante e essencial da educação física (p.238). Defendia a necessidade da "hidroterapia" desde a infância. Mostrava o papel da natação, reconhecendo que "além de ser um exercício físico utilitário, que, no ponto de vista educativo e fisiológico, resume o conjunto dos movimentos respiratórios necessários ao desenvolvimento da caixa toráxica, é a condição higiênica de todo exercício" (p.239). Para Fernando de Azevedo a natação além de sua "ação morfogênica, combatia a emotividade, na luta contra o medo e o nervosismo infantil e através da "emulação" era possível desenvolvê-la desde a mais tenra idade. Entendia, ser a natação um exercício conveniente a todas as idades e a ambos os sexos. Concordava com Mauchon que a natação entretinha "a vitalidade geral do organismo, ou antes, desenvolve as forças de resistência aos agentes destruidores, que constantemente nos assaltam de dentro para fora" (p. 241). Propunha a obrigatoriedade, em todos os colégios, do banho frio diário e a aprendizagem da natação desde a escola primária.

497 *A Poesia do Corpo*, p.165.

498 Idem, p.166.

atendimento de acordo com as particularidades específicas de cada um. Assim, perguntava ele:

"É óbvio e intuitivo que, devendo o ensino a cada exercício novo, tomar o caráter rigorosamente individual, como poderia o professor atender completamente às necessidades múltiplas de cada um, se não dividir seus alunos em pequenos grupos, correspondentes, quanto possível, ao número de instrutores, a quem deve indicar os movimentos e fazer executar pelos alunos, lembrando-lhes sempre as condições de execução em cada caso específico?"[499].

O programa elaborado por Fernando de Azevedo e apresentado em *A Poesia do Corpo* (págs. 168 a 170) tinha como título: "programa de ginástica sueca educativa e higiênica".

Eis o programa:

"1ª série - Posição fundamental de pé. Exercícios de ordem e disciplina. Formatura por fileiras e secções. Exercícios de marcha, simples, de alinhamento e formação de pelotão. Exercícios preparatórios. Posição das pernas, do braço, da cabeça e dos troncos. Exercícios respiratórios - elevações e aberturas dos braços. Exercícios fundamentais. Exercícios das pernas de extensão dorsal e flexões do tronco para trás com apoio nos rins.

2ª série - Exercícios respiratórios. Exercícios de marchas, mudanças de direção. Conversões individuais. Passo ginástico ordinário e acelerado.

Exercícios fundamentais (repetindo-se os da série anterior a juízo do professor). Exercícios de suspensão. Suspensão simples pelos braços. Suspensões dorsais com apoio das mãos e dos braços. Escaladas serpentinas e retas. Diversos exercícios em suspensão. Equilíbrios sobre o solo e equilíbrios elevados. Exercícios dorsais e anteriores em flexão e em extensão do tronco. Exercícios em aparelhos, como planchas, bome, spalier, barra, cordas verticais, horizontais e oblíquas e cordas de nós, escaladas e outros aparelhos de ginástica sueca. Exercícios preparatórios de saltos livres e com apoio.

---

499 Idem, p.166.

3ª série - Exercícios de marchas simples e encadeadas. Mecanismo dos movimentos de ordem dispersa. Marchas militares e topográficas.

Exercícios respiratórios. Passeio ginástico.

Exercícios fundamentais (repetindo-se etc.). Exercícios laterais do tronco. Rotação, flexões laterais, rotações e flexões combinadas do tronco. Exercícios preparatórios aos saltos livres, vertical, horizontal e parabólico e dos saltos com apoio. Alguns trabalhos individuais e coletivos com instrumentos móveis, halteres, massas e barras de 1 Kilo a 2.

Exercícios pírricos e estéticos.

Exercícios de locomoção. Exercícios de marcha e corrida. Jogos ginásticos.

4ª série - Exercícios respiratórios. Exercícios de locomoção. Treinamento para marcha e corrida de resistência. Natação. Exercícios preparatórios de natação a seco.

Ginástica de aplicação e preparatória militar. Exercícios de conjunto preparatórios para o boxe. Exercícios de treinamento para o tiro. Exercícios de adestramento preparatório para a voltige. Marchas em terreno acidentados. Saltos com varas em extensão, profundidade e altura. Franquia de obstáculos da liça e obstáculos naturais. Exercícios preparatórios de esgrima. Jogos desportivos.

O sistema Müller: "ginástica de quarto"[500].

Optamos, por não analisar o programa. Além de não nos sentirmos em condições para isso com relação ao conteúdo específico da educação física, queremos apenas indicar que o programa parecia obedecer aos princípios defendidos ao longo de *A Poesia do Corpo.*

Queremos destacar no programa:

- valorização tanto do exercício individual, como em conjunto, em pequenos grupos, ou em grupo amplo;

- a idéia de "progressão", dos exercícios simples para os complexos.

Isso pode ser observado através da evolução nas séries.

---

500 Idem, p.168 a 170

- a importância dos exercícios respiratórios.

Chamou-nos também a atenção a presença, na terceira série, de "marchas militares" e, na quarta série, da "ginástica de aplicação e preparação militar", assim como de "exercícios de treinamento para o tiro".

Em sua própria análise justamente o primeiro aspecto que procurou explicar, foi o relativo à introdução dos exercícios militares.

Podemos perceber aí, a sua posição quanto a essa questão. Colocamos não só no primeiro capítulo, mas em partes anteriores deste, a sua crítica à "Sala D'Armas e Gymnástica" do Ginásio Mineiro, fundado em 1913, que reduzia a questão da educação física, a uma questão de quartel, e concluímos que sua postura, em síntese, era não ser possível de fato "eliminar a ginástica militar, nem adotá-la in totum num programa educativo"[501].

A preocupação de Fernando de Azevedo, em justificar a defesa da "introdução apenas elementar dos exercícios militares", é reveladora de como tal postura poderia ser questionada.

Julgamos que, de forma polida, Fernando de Azevedo fazia, nas entrelinhas, com a frase final de citação, uma crítica à própria educação física no Ginásio Mineiro, que era reduzida, praticamente, à ginástica militar.

Sua posição, sensata, revelava também uma atitude estratégica frente à realidade do Ginásio Mineiro, cuja educação física estava nas mãos do tenente Abreu, um instrutor militar.

Afirmava: "A parte da ginástica militar que comporta redução num método escolar, é a ginástica de marchas e treinamentos, preparatória para o curso de evoluções, esgrima e tiro, que deve ser dirigido por um instrutor militar. Assim num estabelecimento o professor de ginástica racional e o instrutor colaborariam em perfeita união de vistas para fins não opostos mas diversos"[502].

---

501 Idem, p.171.

502 Idem, p.171.

Procurando não entrar em conflito com o instrutor militar, de certa forma, definia o espaço dos dois, dentro da instituição que era o Ginásio Mineiro.

Observava com clareza, em 1915, que os exercícios militares, não faziam parte da ginástica racional, mas, mesmo assim, defendia sua utilização, cabendo ao professor de ginástica educativa, uma fase de preparação, para que, depois, o trabalho fosse encaminhado ao instrutor militar.

Ao professor de ginástica educativa, competia "inculcar os sentimentos patrióticos" (tarefa, também do instrutor militar), tornando os alunos mais maleáveis aos exercícios de ordem e disciplina (que seriam, de forma mais acentuada, desenvolvidos também pelo instrutor militar).

Se essa posição era estratégica para o Ginásio Mineiro, passou a ser encarada também como sendo aquela, que ao nível mais geral, defendia para o país em 1915, afirmando:

"Entre os gregos a dança pírrica ou menfítica - de que nos ficaram os chamados exercícios pírricos, e que os espartanos cultivaram com maior entusiasmo, executando com cadência e ao som da flauta o simulacro de um combate era imposta por lei desde 5 anos às crianças, que assim se familiarizavam com as armas, e exercitando-se, brincando, aprendiam a terrível arte da guerra. em nosso país, pois, é de lastimar que este gênero de instrução se ache em estado incipiente e embrionário, quando em França, desde 1882 estes exercícios militares, pelos fins diversos a que se destinam, foram introduzidos nas escolas primárias e normais, como ramo de ensino completamente distinto e emancipado da ginástica educativa.

Claro está, pois, que tirante os exercícios de formatura e disciplina, marchas e exercícios de treinamento para o tiro e esgrima, que integram o ensino de ginástica racional, não teriam outros exercícios militares cabida em outro programa, que não o de evoluções e tiro a cargo de um instrutor militar"[503].

---

503 Idem, p.171-172.

Fernando de Azevedo, com relação à questão, ao longo de *A Poesia do Corpo*, procura clarear, distinguir em termos teóricos o que era ginástica educativa e o que era instrução militar.

A sua crítica, a nosso ver, em 1915, relacionada ao assunto, não é uma crítica política. Demarca uma posição ética e técnica, delimitando, distinguindo os espaços, as diferenças, os conteúdos, no sentido da formação de corpos que poderiam ser educados dentro de maneiras civis e maneiras militares.

A ginástica educativa que propunha respondia a concepções sociais e políticas novas, fundamentando-se também numa nova orientação pedagógica.

Defendia a pedagogia higiênica, ou a educação higiênica, como uma nova orientação pedagógica, no sentido da cultura do corpo.

O autor desqualificava o aspecto militar, à medida em que procurava justificar o papel destinado à escola, através de ginástica educativa na cultura geral do corpo.

Ao desqualificar, procurava delimitar: à escola cabia ser o espaço da ginástica educativa, podendo entrar no seu programa, apenas exercícios elementares de ginástica militar, oferecidos pelos instrutores militares.

Uma vez delimitados os campos, ao constatar o atraso do país em termos de ginástica militar, o autor indicava, uma questão crucial em 1915 dado o contexto da 1ª Guerra, e revelava, ainda, não ter preconceitos com relação ao contato dos estudantes com a arte da Guerra.

O que parece claro, é que nesse sentido o autor atribui alguma tarefa à escola, que teoricamente, não é a de formar soldados, pela educação do corpo, através da educação física, mas enquanto processo de moralização, o é.

Para Fernando de Azevedo uma educação militar, ao nível da ginástica militar eficaz deveria envolver um trabalho consequente de longo prazo, e seus problemas não poderiam ser resolvidos de forma imediatista.

O contexto da 1ª Guerra, estava indicando, para o autor, que as instituições onde se efetivava a ginástica militar, não realizavam um trabalho efetivo e competente.

O locus de produção de corpos, escolhido pelo autor, era o da educação física, de forma mais precisa, o da ginástica educativa, desenvolvida nas escolas.

Mas, se a proposta do autor privilegiava a escola, também pregava a difusão da educação física, de uma forma ampla, fora da escola, e a forma precária como isto era feito no país, dentro da concepção que defendia, poderia estar contribuindo para a falta de eficácia, da ginástica militar.

Com relação ainda ao seu programa, no aspecto da divisão em séries, procurava explicar os critérios utilizados, parecendo-nos defender a sua formação a partir do critério da homogeneidade física, que ele qualificava de igualdade física. Afirmava, explicando isso:

"Distribuímos os cursos em séries. Que são estas séries? Qual o critério a ser adotado na sua formação? As séries de alunos devem ser organizadas não por um método empírico, qual seria se atendessemos na sua constituição, apenas ao curso ginasial que os alunos frequentam; mas de acordo com o critério de igualdade física, resultante da idade, do coeficiente de robustez, do índice do perímetro torácico e da conformação constitucional de cada um. E o ensino deve ser de tal maneira administrado que, os alunos da primeira série, que tiverem de ficar quatro ou cinco anos no estabelecimento, sejam acompanhados até a última série pelo mesmo professor, e possam retirar-se, terminados os estudos propedêuticos, depois de um curso completo de "ginástica educativa"[504].

Com relação ao tempo de duração, ao horário e número de aulas semanais, escrevia:

"A hora preferível para o ensino de ginástica é de manhã, antes das refeições, ou não podendo ser pela manhã, durante o dia, tendo-se o cuidado em que nunca sejam antes de uma hora depois das refeições"[505].

Considerava Fernando, apoiando-se em Wagner, ser, o ensino ministrado durante a segunda metade do dia, desastroso para as crianças.

---

504 Idem, p.172-173.

505 Idem, p.173.

Quanto ao tempo que devia durar a aula de ginástica, lembrava que: "o decreto de 6 de abril de 1890, em França consagra por dia aos exercícios físicos uma meia hora para os que tiverem menos de 11 anos e ¾ de hora para os que excederem esta idade. Achamos que admitindo a teoria das aulas diárias, em cujo favor militam razões de pról e valia sob o ponto de vista fisiológico, as aulas não devem exceder de meia hora, e sendo tri-hebdomadárias, podem atingir ¾ para todas as séries, sobretudo se o ensino for pela manhã"[506].

Reconhecia que seu programa não poderia ser aplicado in totum ao sexo feminino, e, com relação às restrições às mulheres, destacava: "a saber, os exercícios respiratórios, preliminares e de desenvolvimento, as marchas e desfilamentos em cadências, e os exercícios fundamentais e mesmo alguns de aplicação como exercícios preparatórios de natação a seco (com exclusão apenas dos aparelhos - que constituem os exercícios estéticos ou calistênicos, usados nos Estados Unidos, e que, não comportando grandes esforços musculares, favorecem o desenvolvimento da força, o avigoramento físico a par da agilidade e da graça, a que deve a plástica de suas formas miss kallermann - a encarnação para os americanos, da Vênus de Milo"[507].

Na citação acima, podemos perceber os estereótipos que possuía com relação à mulher, a questão da graça por exemplo; a mulher deveria desenvolver a força, avigorar o físico, a agilidade, mas sem perdê-la.

Com relação ao seu programa de 4ª série em que propunha a ginástica de quarto de Müller, como uma inovação, ele explicava e defendia a modalidade como sendo um sistema de ginástica aplicável após os alunos deixarem o colégio.

Lembrando Müller destaca ele:

"Müller notou muito bem que a 'prática de nosso ensino ginástico, cujo fim é por um lado garantir a saúde física atual de nossos estudantes, e por outro desenvolver aptidões corporais e morais, deixa muito a desejar, tanto em

---

506 Idem, p.173.

507 Idem, p.174.

qualidade como em quantidade. as nossas escolas, continua ele, enfraquecem a saúde das crianças, em vez de a fortalecerem como era seu dever; além disso, poucos são os estudantes que tomam gosto pelos exercícios ginásticos'.

Mas há pior; o nosso ensino, em geral, despreza a parte da educação física, cujo fim deve ser garantir os princípios da higiene que lhe hão de ser necessários durante toda vida, com um sistema de ginástica de quarto. Sob este ponto de vista a ação exercida pela escola é nula"[508].

As colocações feitas acima, através de Müller, revelam a percepção que Fernando de Azevedo possuía com relação à sociedade brasileira em 1915, no tocante ao fim da ginástica e ao papel que as escolas brasileiras estavam exercendo, não contribuindo para a realização do mesmo fim.

Para Müller, assim como para Fernando de Azevedo, era dever da escola fortalecer a saúde. Através, da defesa da ginástica de quarto de Müller, Fernando de Azevedo julgava estar lutando pela saúde futura dos alunos.

Fernando de Azevedo considerava necessário que os alunos, ao deixarem o colégio, continuassem, praticando a ginástica, ou os esportes.

Defendia essa idéia, pois temia as consequências da falta de exercícios físicos, que segundo ele, poderiam levar à degenerescência, devido a inação.

Escrevia ele que:

"indispensável é ensinar-se às crianças um meio de retirados do estabelecimento e não lhes sendo possível muitas vezes dedicar-se aos jogos esportivos, por escassez de tempo, poderem, contudo, executar uma quantidade de trabalho suficiente em relação à sua força física, velar pela conservação de seu coeficiente sanitário, e impedir a degenerescência, que costuma seguir à inação, que muitos de nossos escolares, depois de um período de grandes exercícios, bruscamente se entregam"[509].

Entendia ele ainda que:

---

508 Idem, p.174-175.

509 Idem, p.175.

"Este fato tem uma explicação. 'Tanto no indivíduo fraco como no forte o estado valetudinário é devido ao equilíbrio das funções vitais. Um e outro devem para se manterem e se conservarem, produzir uma dose de atividade física proporcional ao valor funcional de seus órgãos'. Mas um escolar que tenha levado seu poder físico ao máximo permitido pela sua constituição e atinge com a prática metodizada da ginástica seu aperfeiçoamento fisiológico, já não está absolutamente nas mesmas condições de quem nunca tenha cultivado o seu corpo. Este último não tem necessidade senão de uma dose de atividade restrita para manter o equilíbrio de suas funções vitais, enquanto que o sujeito forte tem necessidade, ao contrário, de uma dose relativamente elevada"[510].

Defendia o princípio, presente ao longo de *A Poesia do Corpo*, de que a função cria o órgão; mas o órgão reclama, em seguida para viver o exercício da função[511].

Um programa de educação física, no seu entender, teria que prover às necessidades do organismo e prolongar a ação educativa depois que o aluno deixasse o colégio. Somente levando isso em conta, seria possível realizar o grande papel da ginástica, que ele indicava ser a regeneração nacional.

Fernando de Azevedo indicava em *A Poesia do Corpo*, com relação ao contexto de 1915, o perigo dos educadores confundirem os tempos.

Conforme, destacamos no início dessa dissertação, para ele, as preocupações que norteavam os educadores deveriam ser pautadas pelas idéias produzidas no século XX.

Como ele entendia isso frente à questão da educação física? Eis a resposta que ele nos dá:

"'Confundimos as idéias, porque confundimos os tempos'. As preocupações, que agora absorvem o espírito do educador, não podem ser mesmas que num século atrás o empolgavam. Se já houve época, em que não se tratava nos países mais cultos senão de inventar métodos, estabelecer sistemas e

---

510 Idem, p.176.

511 Idem, p.176.

alinhar séries de movimentos, a preocupação máxima do professorado escandinavo, alemão e belga tem sido agora o conhecimento mais perfeito possível de seus alunos, fazendo-os examinar quanto a seus pulmões, seu coração e todos os órgãos, afim de poder atender à idade, temperamento e musculatura da mocidade escolar"[512].

Explicava ele:

"Não compreendemos aliás, ensino racional, sem que o professor, tendo precisado por diversos processos os pontos fracos de cada um, tendo reconhecido quais os músculos, destituídos de força ou de volume, se preocupe seriamente em prescrever-lhes em dose necessária e na cadência precisa um certo número de exercícios adequados a cada organismo. Esta é a necessidade mais palpitante em ginástica; métodos há-os a granel, alguns bons, muito empíricos; o que não há, porém, é, na prática, a individualização do ensino. Dissemos, e não receamos repeti-lo, que o valor do professor de ginástica educativa deve aferir-se pelo conhecimento que tem dos efeitos morfológicos e fiosiológicos dos diversos movimentos e exercícios, em geral, e em cada caso específico"[513].

Pelo conteúdo das citações destacadas, podemos perceber como Fernando de Azevedo se pautava pelas idéias, então vigentes nos países cultos, lembrando, nesse sentido, o professorado escandinavo, alemão e belga.

O problema, em 1915, para Fernando de Azevedo não era de método, mas de que se assumisse, na prática, a individualização do ensino, de tal forma que os professores de ginástica educativa, conhecessem seus alunos, nos seus aspectos morfológicos e fisiológicos. Conhecendo a realidade de cada organismo, poderiam prescrever-lhes exercícios adequados ao atendimento das necessidades individuais de cada qual.

Reconhecia ele, com relação ao contexto de 1915, que, para se chegar a esse conhecimento dos alunos, haveria a necessidade de serem

---

512 Idem, p..177.

513 Idem, p.177-178.

adotados a antropometria escolar, a colaboração médico-pedagógica e as medições de fadiga e coeficiente de robustez.

Considerava Fernando que tais propostas não exigiriam grandes gastos dos poderes públicos para serem implantadas.

Afirmava, nesse sentido:

"Não desconhecemos nosso estado atual sob o ponto de vista econômico; mas sendo, como se verá tão insignificante as despesas para a aquisição do pequeno número de aparelhos, indispensáveis às medições de altura, peso, perímetro torácico, amplitude respiratória, etc. e de outro lado, grandes os resultados que nos poderiam trazer, não achamos que os poderes públicos - na emergência de beneficiar extraordinariamente o ensino mediante dispêndio, que as nossas condições, por mais precárias que fossem comportariam ou retardar estas novidades e a criação de um pequeno laboratório de pedagogia experimental - optariam pela primeira hipótese a pretexto algum"[514].

Para Fernando de Azevedo, as idéias que defendia não significavam reformas, no sentido de serem feitas coisas grandes, mas envolviam a tomada de medidas que poderiam levar pouco a pouco, a efeitos realmente grandes.

Escrevia:

"Longe de nós a insulsa pretensão de querer exercer, a título de conveniências do ensino, uma ação compulsiva exigente e descabida sobre o governo, e impor-lhe o próprio alvitre ou inculcar-lhe reformas. Não assentaria esta atitude sobre contraproducente, nos moldes de um critério medíocre, nem nas órbitas de uma simples conveniência.

Sem aguardarmos, contudo, reformas longas, duvidosas e procrastinadas, sob a forma de decretos, e, ao invés de nos ocuparmos em reproduzir por caricaturas medidas heterogêneas e difíceis, que poderiam contrastar com a situação econômica, que os estados atravessam, propugnados

514 Idem, p.178-179.

ardentemente estes adiantamentos, que desejamos fazer surgir entre nós, pouco a pouco, ad instar do que vemos em outros países cultos.

Que importa lutarmos com elementos primordiais menos felizes! 'Pouco a pouco, dizia Vieira, se fazem cousas grandes, e não há melhor arbítrio para as concluir com brevidade do que não as querer acabar de repente'. É, pois favorecer, por todos os meios o evoluir natural das coisas, fomentar o progresso como o admirável Estado de São Paulo, adotando pouco a pouco todas estas inovações de grande valor didático, fisiológico e social, à guiza da Inglaterra, onde, segundo Freeman, dando a entender o segredo da superioridade britânica, 'udo é evolutivo e nasceu de si; onde nada brotou de um jato, e não há um só princípio ou instituição que ali se tenha implantado por decreto'.[515](grifos nossos).

O fato de mencionar nesse texto o Estado de São Paulo, é indicador, do reconhecimento, por parte de Fernando de Azevedo, do 'progresso' atingido por aquele estado, em diferentes aspectos.

As informações que temos sobre o Estado de São Paulo, são de que a chamada 'medicina pedagógica' estava alcançando, naquele contexto, uma ação forte, não somente no lar, mas na escola, através dos gabinetes de antropometria escolar, prática muito difundida nos países então considerados civilizados, onde os médicos desempenhavam um papel importante na escola.

Para o autor, nas escola brasileiras, os médicos exerceriam papel mais amplo devido à condição em que se percebia estar o Brasil, classificando seu povo como "sub-categoria étnica", sem nenhuma cultura física.

Tratava-se de melhorar, por meio da escola, as condições sanitárias no Brasil, para que através da medicina pedagógica e da pedagogia da boa higiene se criasse, com um trabalho de muitos anos, uma população com bom grau de fortaleza física, um povo higienizado.

A antropometria escolar, era considerada uma técnica importante para a indicação da evolução somática do povo brasileiro, sendo um instrumento

---

515 Idem, p.179-180.

de relevo para a determinação das características do tipo nacional, isto é, do tipo brasileiro normal.

A necessidade da criação dos gabinetes de antropometria escolar, que em São Paulo parecem ter surgido com a denominação de "gabinetes de psicologia experimental" nas escolas normais secundárias, colocava-se como urgente no discurso pedagógico do período[516].

O fato de Fernando de Azevedo lembrar-se do Estado de São Paulo, foi uma forma de indicar ao poder público do Estado de Minas Gerais, através de um discurso maneiroso, a importância de, com uma proposta própria, seguir aquele exemplo, implantando a antropometria escolar e a colaboração médico-pedagógica nas escolas, especialmente no Ginásio Mineiro.

Ainda, com relação à questão da necessidade do professor de ginástica educativa, ter um conhecimento fisiológico dos seus alunos, Fernando de Azevedo escrevia:

"O conhecimento de cada aluno, sob o ponto de vista fisiológico, é para o professor de ginástica educativa a pedra de toque, onde poderá basear seguramente o ensino que longe de vogar indeciso e sem rumo, entre incertezas e apalpadelas, será então o mensageiro feliz e certo destes grandes benefícios da ginástica, que os educadores insistentemente preconizam sem este conhecimento andará o professor às cegas, e semeando na incerteza, na ousadia e no empirismo, não deixará de colher na vergonha, no descalabro e no remorso.

---

516 Carlos da Silveira, em texto escrito na Revista do Brasil, n° 20, agosto de 1917, pág. 520 a 524, com o título: "Questões do Ensino Público. A medicina pedagógica e sua ação no lar e na escola - Gabinetes de antropometria escolar", defende a antropometria escolar e indica a existência no Estado de São Paulo desses gabinetes, então, denominados gabinetes de psicologia experimental, criados por lei governamental, nas escolas normais secundárias (São Paulo, Itapetininga, São Carlos). O autor julga essa denominação imprópria, e critica o trabalho feito no Estado de São Paulo, por levar em conta apenas "dados puramente somáticos", deixando de lado os fatores raciais e condena também a prevalência das tendências italianas. Indica ter sido contratado para dar um curso de "Pedagogia Científica", o Prof. Ugo Pizzoli (de Milão), que, no seu entender, reduzia a psicologia ao estudo da parte física e a questões referentes apenas à educação dos órgãos dos sentidos.

As transformações físicas e psíquicas que o autor percebia nessa fase no organismo, geradoras de um organismo novo, não poderiam ser analisadas isoladamente divorciadas da dimensão que ele qualificava como sendo moral.

A ginástica educativa e os desportos, deveriam exercer um papel preventivo nessa fase, através do exercício, em sua dimensão moralizadora do corpo e do espírito.

Destacava Fernando, recorrendo à fisiologia:

"A fisiologia ensina que há circunstâncias que atrasam ou aceleram o crescimento. E a puberdade acelera o crescimento, como se pode deduzir das tábuas de Quetelet, em que a maior porcentagem de aumento de estatura é no período pubertário. 'O menino torturado, arrastado por forças desconhecidas e poderosas, tem mais do que nunca necessidade de proteção. É o período das ilusões perigosas, dos desejos inconfessados e inconfessáveis'"[520].

O aspecto moral é que realmente o preocupava nessa crise. Acreditava ser necessário estimular formas de descargas de energia, que pudessem evitar o caminho dos desejos inconfessados e inconfessáveis e das ilusões perigosas, frente à questão sexual. Vemos como terrível tal forma de encarar a questão sexual na puberdade, pensada, em geral, como levando à perversão.

Embora, esta tenha sido a postura de um educador em 1915: atribuir um papel moralizador para a ginástica educativa e os desportos, no sentido de atuarem como descarga de energia e como disciplina do corpo e do espírito, desviando os adolescentes da perversão sexual, consideramos a idéia ainda marcante em 1995, principalmente na forma de encarar o esporte.

Não temos condições de generalizar a dimensão que a questão tem no país, mas queremos indicar que ela existe e de forma significativa[521].

---

520 "A Poesia do Corpo", p.181-182.

521 Num país, como o Brasil, onde a análise de uma doença como a "AIDS", é em grande parte feita através de interpretações "higienistas", existem pessoas que, apesar de reconhecerem o problema que representa a doença, encaram-na como tendo um lado positivo, pois passou a exercer um

Fernando de Azevedo, indicando o papel da ginástica educativa e dos esportes em sua função moralizadora e estratégica no período da puberdade, escrevia:

"Se, pois, de um lado, não se fazendo neste momento, uma derivação energética pelos desportos e pela ginástica nas horas que o estudo deixa livres, a excitação genital criaria todas as perversões sexuais, da ginástica não bem dosada em relação ao período pré-pubertário, resultariam as mais sérias consequências, sob o ponto de vista intelectual e físico, pela lei fisiológica de Saint-Hilaire, que descobriu a incompatibilidade entre o acréscimo de estatura ou crescimento e o acréscimo de estrutura ou desenvolvimento"[522].

A posição moralizadora atribuída por Fernando de Azevedo à ginástica educativa e ao esporte, no sentido do controle do corpo ao nível sexual, colocava, como mostramos anteriormente, através de Foucault com relação a passagem do século XVIII ao século XIX, nessa questão da perversão sexual, uma atribuição ao sexo que era de responsabilidade biológica, com relação à espécie, devendo ser ele controlado para não transmitir doenças às gerações futuras, estando na origem de "todo um capital patológico da espécie"[523].

Conforme também já indicamos anteriormente, a citação que apresentamos nos faz lembrar, como o autor entendia que a ginástica educativa e os esportes, no exercício de sua função preventiva em relação à atividade sexual na puberdade, visando formar corpos produtivos, deveriam atuar também sobre o tempo do estudante, dentro e fora da escola.

---

controle sexual sobre as pessoas e principalmente sobre a juventude. Não podemos generalizar, mas sabemos da existência de muitos pais (os mesmos que no geral defendem o esporte como "válvula de escape" que ocupa o tempo e evita a canalização de energia para o interesse sexual), que consideram ter o aparecimento da "AIDS" um lado positivo, no sentido de exercer um controle sexual, que leva às "relações sexuais mais duradouras" tratando a doença como resultado da "promiscuidade", da "perversão sexual", da necessidade da "higienização" das relações sexuais e afetivas. Muitos deles que teriam que exercer um controle maior nessa fase sobre seus filhos, viram seu trabalho se tornar menor, pois o próprio aparecimento da doença facilitou-o, impondo por si a ordem e o controle.

522 "A Poesia do Corpo", p.182.

523 Veja-se: Foucault, Michel, História da Sexualidade I: a vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982, 4ª edição. A posição colocada acima poderá ser encontrada nas págs. 111-112.

Tal vigilância a ser exercida também sobre o tempo fora da escola, aparece de forma muito clara na citação indicada.

Acreditamos que, em grande parte, as idéias do autor eram resultantes das leituras que fizera como professor substituto de Psicologia no Ginásio Mineiro e dos conhecimentos de medicina, anatomia, fisiologia, higiene, eugenia, adquiridos quando da preparação para escrever sua tese de concurso, assistindo cursos na Faculdade de Medicina.

Também não é possível esquecer sua orientação jesuítica, em que muitas dessas colocações eram parte de sua própria formação.

Parece-nos que, para Fernando de Azevedo existia um período certo para a vida sexual - a idade adulta, assim como uma forma que a legitimava - as relações matrimoniais.

Propunha ele que o corpo dos estudantes, através da antropometria, fosse medido nas escolas, semestralmente, "a fim de que, pelo confronto entre elas se possa determinar as diferenças de crescimento no lapso de tempo decorrido e ter uma base segura para avaliar se os exercícios têm produzido efeitos benéficos, ou se, ao contrário, têm entravado ou acelerado o crescimento"[524].

Sugeria Fernando, para a medição da estatura "a grande toesa, que serve nos hospitais, e a pequena toesa móvel de Féraud, que consiste numa peça de madeira móvel por uma fita metálica que se desenrola"[525].

Fernando de Azevedo, em 1915, aceitava também a doutrina de epigênese, fundamentando-se nela para pensar a questão do crescimento.

Afirmava, então: "Ademais a doutrina da epigênese, que estabelece o crescimento por adição sucessiva de partes novas, cuja aglomeração acaba por produzir o adulto, modificando o mecanismo orgânico, substitui hoje a teoria dos antigos fisiologistas, que consideravam o futuro adulto como preformado no

524 "A Poesia do Corpo", p.182.
525 "A Poesia do Corpo", p.182.

embrião, firmando que o desenvolvimento físico não é somente, como antes pensavam, um crescimento quantitativo, mas uma metamorfose qualitativa"[526].

Via, remetendo-se à indicação de tal doutrina, a necessidade, na análise do crescimento da utilização dos exames antropométricos e afirmava:

"Ora em face desta nova teoria, como poderia ser racional o ensino da ginástica, que não se adaptasse ao crescimento de cada um, quando é certo que pela ação morfológica da excitação funcional poderia entravar ou desequilibrar o ritmo normal do crescimento variável com os diversos órgãos do corpo humano? E como poderemos saber se este cresicmento é normal ou não, senão por meio do exame antropométrico, cujo valor do ponto de vista educativo e fisiológico, Longe, Binet e tantos outros proclamam?"[527](grifos nossos).

Para ele, através das mensurações, dos exames antropométricos, se poderia vigiar o crescimento físico. Ao justificar essa "vigilância", apoiava-se em Binet, lembrando que segundo ele, tal medida se impunha:

"1) porque é estudando as diferentes medidas deste desenvolvimento físico, que se pode saber se se faz normalmente, ou se é muito rápido ou está atrasado;

2) porque só assim é que se pode determinar os gêneros e a quantidade dos exercícios, que é preciso aconselhar. Dissemos que o crescimento não se faz normalmente em todas as partes do corpo e que "a criança não difere do adulto unicamente por um peso menor, uma menor estatura ou menores necessidades; sua anatomia e fisiologia apresentam caracteres que lhe são peculiares; e tem faculdades e necessidades especiais, que a tornam um tipo especial e diferente sob pontos de vista diversos. A diferença, pois, essencial sobre o organismo do menino e do adulto, é que o primeiro está em curso de crescimento, e por conseguinte, em perfeita transformação sob o ponto de vista morfológico e fisiológico"[528].

---

526 "A Poesia do Corpo", p.182-183.

527 "A Poesia do Corpo", p.183.

528 "A Poesia do Corpo", p.183-184.

Considerava Fernando, uma necessidade a antropometria escolar velar pela criança[529].

Ao longo do que escrevemos com relação ao primeiro trabalho de Fernando de Azevedo, é fácil perceber,como já pudemos demonstrar, o quanto a medicina e o médico reforçam e dão legitimidade à questão da educação física, no pensamento do educador.

Após defender a questão da necessidade da aplicação, nas escolas, dos estudos de antropometria, procurou ele desenvolver e defender também a idéia da colaboração médico-pedagógica, partindo do pressuposto de que "na ginástica escolar, supõe-se sempre o educando num equilíbrio fisiológico razoável"[530].

A ginástica educativa, devia, segundo Fernando de Azevedo, predispor o organismo "para a resistência às energias destrutivas do ambiente", procurando atingir um "grau de plenitude vital que constitui o fim da educação física"[531].

Considerava Fernando uma necessidade o trabalho do médico na escola, cabia a ele definir qual era o estado fisiológico de cada criança. A presença do médico na escola, era, no seu entender, "absolutamente indispensável não só sob o ponto de vista higiênico ou profilático, como também sob o ponto de vista educativo"[532].

Fernando de Azevedo acompanhara os debates realizados nos Congressos de Higiene Escolar no começo do século. Isto podemos perceber nas

---

529 Para uma compreensão dos estudos desenvolvidos por Fernando de Azevedo sobre antropometria escolar ver: Galton (1943), Comas (1957), Lourenço Filho (1978). Em termos mais amplos, isto é, não diretamente voltado para a antropometria, mas para uma compreensão da própria história dos fundamentos que nortearam a Antropologia no período em estudo, veja-se o texto de Gerard Leclerc, Crítica da Antropologia - Ensaio Acerca da História do Africanismo, tradução de Fernando Bello Pinheiro, Editorial Estampa, Lisboa, 1973. Ver nesse sentido, também, o texto de Claude Lévi-Strauss, RAÇA E HISTÓRIA, tradução de Inácia Canelas, Coleção Os Pensadores, 1ª edição - março de 1976, pág. 53 a 93, Editora Abril. Sobre a antropometria escolar e sua utilização pelos cientistas brasileiros de 1870-1930, ver Schwarcz (1993).

530 "A Poesia do Corpo", p.184.

531 "A Poesia do Corpo", p.184.

532 "A Poesia do Corpo", p.184-185.

indicações que faz nesta parte do texto, que estamos analisando, onde defende a presença de médicos nas escolas, atuando como médicos-inspetores e a utilização de "boletins sanitários escolares"[533].

A idéia da "colaboração médico-pedagógica" foi muito forte no início do século XX e no contexto em que Fernando de Azevedo escreveu "A Poesia do Corpo".

A colaboração do Serviço Médico Escolar no sentido da salubridade e da higiene foi assunto em pauta no período, especialmente nos países considerados desenvolvidos, cultos, civilizados.

O trabalho do médico, no sentido da "vigilância higiênica" tendo como um dos meios os "boletins sanitários", defendidos por Fernando de Azevedo, foi utilizado por países como a Bélgica, Estados Unidos, etc. e assumido sob a forma de lei, que especificava não só o papel do médico, mas também o corpo docente em sua efetivação.

O poder do médico parece-nos ter sido muito grande no estabelecimento dessa colaboração com o corpo docente das escolas.

Somente o médico tinha o poder de diagnosticar, pois era reconhecido que esse profissional dominava o conhecimento relativo à higiene escolar.

O pessoal docente era visto como auxiliar imprescindível do médico na realização de sua tarefa.

Fernando de Azevedo entendia, a exemplo do que ocorria em outros países em 1915, que cabia ao médico definir o diagnóstico de cada aluno, analisando o estado fisiológico de cada um. Para ele quem conhecia realmente a questão da higiene escolar era o médico.

---

533 Com relação aos Congressos de Higiene Escolar, faz referência ao realizado em Paris em 1903, ao de Nuremberg em 1903 e 1904 e de Londres em 1907. Com relação aos congressos de Higiene Escolar referia-se assim ao de Nuremberg, feito em 1904: "Cerca de mil médicos e pedagogistas abordaram no seu conjunto todos os problemas de higiene escolar, tanto profilática como educativa, preconizando o emprego de boletins sanitários escolares" (p. 185). Com relação ao Japão de 1905 escrevia: "No Japão já havia, em 1905, 7000 médicos escolares. Ali as idéias destes diversos congressos internacionais encontraram um terreno fértil e já amainhado; cedo por isso frutificaram" (p. 185).

A colaboração médico-pedagógica deu também destaque para a importância do médico nas aplicações da antropometria[534].

Sobre o papel do médico na escola, Fernando de Azevedo afirmava:

"Ao médico está reservado um papel importantíssimo na escola. Ele deve examinar alunos na entrada do colégio, separando as duas grandes categorias dos normais e anormais; deverá velar tanto sobre os jogos, como sobre a aplicação de ginástica, e, sobretudo, da ginástica respiratória. É preciso, por isso, que os médicos inspetores sejam competentes, sobretudo, em higiene escolar, e afeitos ao estudo e à solução dos mil problemas que com ela se relacionam[535].

Nesse sentido, sugeria, a exemplo da Hungria, a criação de cursos de Higiene Escolar nas Faculdades de Medicina, onde seria dado no programa um "lugar importante (...) aos estudos pertinentes à psicologia infantil"[536].

Tais estudos atuariam sobre a formação dos médicos, os quais chama de "médicos-escolares".

Ainda sobre a "colaboração médico-pedagógica":

"A médico-pedagogia, guiando o desenvolvimento harmônico e integral dos alunos, adstringe o Congresso de Nuremberg funções completamente

---

534 A antropometria, enquanto técnica de medida do corpo humano dentro da Antropologia Física, foi muito utilizada no período em que Fernando de Azevedo escreveu "A Poesia do Corpo", sendo que, segundo Juan Comas, conforme indica no seu livro "Manual de Antropologia Física", serviu para fins "industriais, artísticos, militares, médicos, educativos, criminológicos e de identificação eugênica" (p. 252-253). Segundo esse autor a antropometria foi muito utilizada nos campos da Biologia, Fisiologia, Química, Biotipologia, Genética, Pedologia, Criminologia, Medicina. Na "medicina do esporte" Medicina Legal, Ortopedia, Odontologia, Assistência Pública, Serviço Social, Serviços Armados. Exerceu um papel na preparação e seleção dos "combatentes de Guerra", por ocasião da 1ª Guerra Mundial. Comas, indica a existência de uma "antropologia militar", tendo existido por ocasião da 1ª Guerra Mundial, a produção de uma literatura significativa, com relação a esses estudos. Indica ter sido a antropometria utilizada também nos trabalhos de Sociologia e na Educação. Destaca a colaboração que existiu entre a antropologia física e a educação e indica como um marco nesse trabalho, a partir de 1900, a antropologia pedagógica de Maria Montessori.

535 "A Poesia do Corpo", p.185.

536 "A Poesia do Corpo", p.185.

distintas do professor de ginástica; são duas entidades, que se completam, num plano de educação física racional e inteligentemente organizado"[537].

Fundamentando-se nas conclusões dos Congressos de Higiene Escolar que indicamos, reconhecia Fernando não poder "prescindir da intervenção do médico o ensino da ginástica educativa"[538].

Caberia ao médico, "encarregado de inspecionar o ensino desta importantíssima disciplina", fazer:

"1) o exame individual de cada aluno à entrada e à saída do colégio;

2) visitas regulamentares bimensais ou ao menos mensais, a fim de constatar os efeitos morfológicos e fisiológicos, que os exercícios estimulam;

3) conferências periódicas com o professor de ginástica e o reitor do estabelecimento. O exame individual, no princípio do ano escolar, deve ter o tríplice fim de:

- "separar os normais dos anormais e, sobretudo, predispostos à tuberculose pulmonar";

- "fornecer a base segura para a divisão das séries ou escolha dos alunos que a cada uma devem pertencer";

- "e, finalmente por o professor de ginástica ao par do estado físio-anatômico de cada um[539]".

Podemos observar na citação acima as funções de controle que eram atribuídas à inspeção médica no trabalho feita em colaboração com o professor de ginástica educativa.

É possível perceber, também, como a questão da tuberculose preocupava Fernando de Azevedo.

Tal preocupação decorria, como afirmado anteriormente, de uma problemática mais geral que a doença gerava no período não só no Brasil, mas

---

537 "A Poesia do Corpo", p.185-186.

538 "A Poesia do Corpo", p.186.

539 "A Poesia do Corpo", p.186.

também, em outros países, o que, talvez, fosse acentuado no autor, também pelo fato dele ter experiência com essa doença através de seu irmão Mário. Para ele a doença devia ser controlada pelo médico na inspeção escolar.

A preocupação, através da antropometria, com o desenvolvimento torácico (ex: em 1900, Maria Montessori) passava em grande parte pela questão do combate à tuberculose.

A literatura produzida no período atribuía um grande papel de controle da doença à escola.

Defendia a "medição do coeficiente de robustez e da força muscular" e entendia que "o valor físico de uma pessoa pode ser avaliado em cifra e calculado simples e aproximadamente[540].

Reconhecia, entretanto, não existir "certeza e acordo quanto aos processos de obtê-lo"[541].

Mostrava a existência com relação ao assunto de divergências entre os fisiologistas[542].

Apresentava, como indicamos, o processo do "médico - major Piguet":

---

540 "A Poesia do Corpo", p.187.

541 "A Poesia do Corpo", p.187.

542 Faz referências ao processo de Piguet, afirmando concordar com o mesmo, embora levemente modificado. Afirmava que no processo de Piguet, "o índice numérico ou o valor físico de um indivíduo expresso em número, é obtido pela diferença entre a cifra da altura e a soma do perímetro torácico e do peso". (pág. 187)Destacava que "estes índices são classificados por Piguet na ordem decrescente do valor constitucional expresso:

Índice Numérico	Constituição
Abaixo de 10	Fortíssima
De 11 a 15	Forte
De 16 a 20	Boa
De 20 a 31	Fraca
De 31 a 35	Fraquíssima
Acima de 35	Inferior" (p. 187)

Aceitava a posição de Coudeyras, indicada por ele no texto, com relação ao método de Piguet.
Escrevia, nesse sentido: "Não podemos, contudo, deixar de notar com Coudyras, que esta apreciação da robustez pelo método de Piguet, é exata para os adultos. "Para os meninos (de 7 até a idade pubertária) e para os adolescentes (do período pubertário até se ter terminado o crescimento) e - o menos, porque, sendo incompleto o desenvolvimento do tórax, o perímetro torácico na grande maioria dos casos é pequeno demais em relação à estatura" (pág. 187-188).

CR = Estatura - (Perímetro torácico + peso), considerando que essa fórmula devia ser modificada e aperfeiçoada, como propunha Tierce, para:

$$CR = E - \frac{(\text{Per. axilar médio e Per. xyph. médio} + \text{Peso})}{2}$$

que por sua vez derivava da fórmula:

$$CR = E - \frac{(\text{Circ. Torc.} + \text{insp.} + \text{C. th. exp.} + \text{Peso})}{2}$$ [543]

Considerava, que os "boletins de medições corporais", deveriam ser aplicados nas escolas no princípio e no final de cada ano escolar.

Apresentava, em "A Poesia do Corpo" o modelo I, um boletim que deveria ser utilizado no Ginásio Mineiro, e posteriormente ser encaminhado à família do aluno.

Tratava-se de um boletim das "medições corporais do aluno"[544], a ser assinado pelo professor de "Ginástica e Educação Física", pelo Reitor do Ginásio Mineiro e pelo médico-inspetor.

---

543 Fernando de Azevedo explica os elementos desse índice: estatura, peso, perímetro torácico, perímetro craniano, superfície do corpo, pág. 190-191-192. Defendia, também a utilização no "gabinete do professor" dos seguintes aparelhos destinados a "recolher os dados do senso muscular, da sua coordenação e do movimento" (pág. 191). Via como vantajoso ter: o miosthesioscópio de Ferrari Guicciardi (para exame de coordenação de um só ato muscular), o miosthesioscópio Pizzoli (para estudo da atenção grafomotora); o simbrachionesioscópio Pizzoli (para a coordenação de dois atos superiores - utilizado nas pesquisas de ambidestrismo, e dois ergographos (um pequeno para observar a fadiga muscular das crianças e o ergographo de Mosso com o mesmo fim, mas para ser utilizado nos adultos. Julgava importante também o espirômetro de Huitchinsor ou de Verdin e o compasso torácico.

544 "A Poesia do Corpo", p.193.

Modelo I

Boletim das Medições Corporais do Aluno _____ da Série _____.

	Peso	Estatura	Perímetro Torácico		Volume Pulmonar em Litros	Diâmetro Antero-posterior		Observações
			Inspiração	Expiração		Inspiração	Expiração	
1ª Medição dia, mês...								a) Dedicação e freqüência das aulas. b) Resultado das visitas médicas. c) Progressos fisiológicos adquiridos
2ª Medição dia, mês...								
Diferença								
Vistos								

Professor	**Reitor**	**Médico Inspetor**

Boletim Geral das Medições Corporais dos Alunos da Série _____.

Nome	Idade	Peso			Estatura			Perímetro Toráxico						Volume Pulmo-nar em Litros			Diâmetro Antero-posterior						Observações
								1ª Med.			2ª Med.						1ª Med.			2ª Med.			
		1	2	D	1	2	D	I	E	D	I	E	D	1	2	D	I	E	D	I	E	D	
																							a) Dedicação e freqüência das aulas. b) Resultado das visitas médicas. c) Progressos fisiológicos adquiridos

Legenda	
1	1ª Medição e Data
2	2ª Medição e Data
D	Diferença e Data
I	Inspiração
E	Expiração

Vistos

Professor:

Reitor:

Médico Inspetor:

O modelo II[545], tratava-se de um "boletim geral das medições corporais dos alunos de cada série", assinado pelo professor, o Reitor e o médico-inspetor, que deveria, segundo Fernando de Azevedo, ficar "afixado na sala de ginástica e posteriormente ser enviado ao Secretário do Interior"[546].

Como pudemos indicar ao longo do trabalho, Fernando de Azevedo acreditava, que a "ginástica traria grandes benefícios para os alunos", "conquanto o seu ensino presida o critério pedagógico e seja ela rigorosamente calcada num molde racional e científico"[547].

O autor procurou mostrar, no entanto, que não basta ser a "ginástica racional e administrada por um pessoal competente", para que possa levar a efeitos benéficos. Precisariam também ser levadas em consideração as condições higiênicas do ensino.

O autor, acreditava numa "higiene da ginástica escolar".

Ela deveria se dar em locais próprios e dentro de boas condições materiais.

Escrevia, indicando isso:

"Mas bastará, por ventura, que a ginástica seja racional e administrada por um pessoal competente, para se cumular a geração de seus benéficos efeitos? Não, por certo. Seria um contra-senso esquecer que, menosprezadas as condições higiênicas do ensino, longe de por ele se

---

545 "A Poesia do Corpo", p.197.

546 "A Poesia do Corpo", p.194.
Na 2ª edição de "A Poesia do Corpo" que teve como título : "Da Educação Física - o que ela é - o que tem sido - o que deveria ser", Weilflog Irmãos, São Paulo e Rio , 1920, o autor defendia a organização para cada trimestre, de Cartas Sanitárias Escolares, ou Folhas Biológicas, onde o médico deveria mencionar "se o aluno deve ser submetido à medicação preventiva ou se pode seguir o curso de educação física" (pág. 266). Essas cartas sanitárias teriam por fim fornecer os dados necessários para a classificação dos alunos em regulares físicos (estado habitual de saúde é bom) e irregulares físicos (estado de saúde sofrível ou mau). Indicava que na "carta sanitária" seria lançado o exame médico do aluno e na carta biológica ou boletim de mensurações corporais, seria lançado o exame somatológico, que deveria ser feito pelo professor de educação física. Dos "irregulares físicos" (organismos enfermicos, doentios, com desenvolvimento do organismo entravado e equilíbrio funcional perturbado) não se aplicaria a educação física, mas deveriam ser tratados pela "ginástica médica ou ortopédica na escola". Indica as aplicações de Kinesitherapia e da terpêutica do movimento. Veja-se sobre essa questão da patologia escolar, as págs. 268 a 275.

547 "A Poesia do Corpo", p.198.

rejuvenescerem as novas gerações, na ginástica iriam beber as doenças e a morte eicariam neutralizados todos os efeitos morfológicos e fisiológicos, que o exercício poderia realizar no corpo humano.

Não nos iludamos a respeito. A energia vital e a conseqüente alegria de viver, adquirem-se principalmente respirando-se ar puro e sadio, aplicando a cultura da pele e obedecendo aos princípios da higiene moderna. Não compreendemos como possa aproveitar o ensino da ginástica assim administrada em salas sombrias, empoeiradas e ao abrigo de raios solares, quando sabemos que o bacilo de Koch é extremamente resistente aos anti-sépticos e desinfetantes químicos, que é ilusória a desinfecção dos locais quer seja praticado por formol ou sublimado, quer pelo enxofre ou ácido fênico, que se dá seu contágio a seco, e que enfim a luz e sobretudo a luz rica em radiações químicas, violetas e ultra-violetas e calor são os agentes que mais rapidamente dizimam os bacilos das poeiras atmosféricas. A influência salutar do ar, da luz, do sol na educação física, tem sido reconhecida e apregoada por todos os educadores e médicos que abordaram estes assuntos de magna importância no problema pedagógico. Sem higiene no local e no fato, não há ginástica profícua.

No ensino desta disciplina indispensável é, pois, atender as condições materiais que deve ter relativamente ao local e às diversas precauções higiênicas, para se auferirem aqueles benefícios, de que com a educação física se pode naturalmente locupletar o organismo. Se achamos que o local deve evidentemente variar mais ou menos com as estações, como o estado atmosférico, ou seguindo os diversos gêneros de exercícios, como os de aparelhos fixos, que devem ser dispostos, sob um telheiro ou numa sala, ao abrigo contudo, que o ar livre e puro tão necessário ao nosso organismo, será sempre preferível não somente durante o tempo seco ou quente, mas mesmo em tempo frio, desde que seja a temperatura mais ou menos constante ou estável"[548].

---

548 "A Poesia do Corpo", p.198-199-200.

Podemos perceber na citação acima, o valor que Fernando de Azevedo atribuía à ginástica educativa, considerada em termos pedagógicos, e entendidas como racional e científica, à luz da higiene.

É indicada também a importância dela ser desenvolvida o quanto possível, ao ar livre, dentro dos princípios da higiene moderna.

O temor que Fernando de Azevedo tinha pela tuberculose, em 1915, fica muito explícito na citação acima e, se a ginástica educativa deveria atuar no combate às doenças, ela seria objeto de grande preocupação da escola e devidamente observada na "colaboração médico-pedagógica".

Para o combate, inclusive à doença, aconselhava ele, o mais possível, o ar livre e puro, exaltando a influência do sol, da luz e das boas condições atmosféricas.

Os locais de realização da ginástica, (ao ar livre ou não), segundo médicos e educadores, deveriam obedecer a todas as precauções higiênicas[549].

Reconhecia Fernando de Azevedo estar o ensino de ginástica no país, principalmente nas escolas públicas, fora dos padrões materiais e das preocupações higiênicas recomendadas.

Afirmava: "Um dos fatos mais graves a que se deve atribuir a pouca utilidade da ginástica entre nós, é de se ensinar esta matéria muitas vezes em salas de ar confinado e anti-higiênicas, sendo quase completamente

---

549 Sobre a importância do ar puro, enquanto hábito favorável à saúde (importância da vida ao ar livre) mesmo no inverno, na preparação do corpo para suportar o frio, o calor, o sol, a chuva, veja-se o livro de John Locke, "Quelques pensées sur l'education", tradução para o francês de G. Compayré, Introdução e notas de J. Chateau, Paris, Librairie Philosophique J. VRIN, 1966, pág. 35-36.
A questão do ar livre, fazia parte do discurso higiênico. Veja-se, também nesse sentido, a tese de Doutoramento de Antonio Sérgio da Silva Arouca, apresentada ao Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, 1975. Destacamos o capítulo III, que tem como título: "A emergência da Medicina Preventiva", onde analisa o discurso higiênico. Consideramos interessante a posição do autor com relação aos fundamentos de tal discurso, que norteia o pensamento de Fernando de Azevedo, muito explícito nesta parte do trabalho "A Poesia do Corpo", quando Arouca conclui sobre o "discurso higiênico", que:
"Ilusão, enquanto centra nas medidas higiênicas e em uma cultura higiênica a solução dos problemas que estão nas próprias condições de existência e, portanto, representando uma visão de mundo ideológico que no conjunto de suas representações abstrai as condições para afirmar uma solução normativa, vindo da unidade das ciências, enquanto discurso sobre as alternativas de mudança das condições de existência, dentro da própria estrutura que determina estas mesmas condições de existência" (pág. 93).

desconhecida ao ar livre, em terrenos ou pátios apropriados como na Suécia e na Alemanha. 'Nestes países, observa MÜLLER a respeito da Dinamarca, as salas de ginástica, quando seu ensino não é administrado em terrenos próprios para estes exercícios, e no meio dos quais incluo as das escolas públicas, são muito mais vastas do que as nossas, estão isoladas de outros edifícios, e têm altas e largas janelas em duas ou três das suas paredes. Estes por via de regra colocados no meio de um grande terreno, cheio de árvores e provido de lâmpadas elétricas; desta maneira podem fazer exercícios ao ar livre, tanto de dia como de noite'. 'Entre nós, porém, continua ele, referindo-se à Dinamarca e, podemos dizê-lo a fortiori em relação ao Brasil, as salas de ginástica, em lugar de serem independentes estão as mais das vezes colocadas no meio de outros que servem de aulas. Possuem em regra, poucas janelas e quase sempre fechadas; além disso, são pequenas, acachapadas, dando assim um exemplo frisante do sistema de Educação Física, que mais cuida da economia do que das vantagens higiênicas, que o ar puro e a luz nos poderia proporcionar"[550].(grifos nossos)

Conforme indicamos anteriormente, pela citação acima, podemos perceber as críticas do autor à realidade em que se encontrava o ensino de ginástica nas escolas públicas brasileiras, sendo também uma crítica direta à forma como o autor via, também, a "Sala de Ginástica" do Ginásio Mineiro, no seu entender, uma verdadeira "Sala D'Armas", onde a ginástica era reduzida a uma questão de quartel.

Com relação à vestimenta analisava a problemática do nudismo. Embora admirasse a forma como os gregos desenvolviam a ginástica, entendida como "a arte de desenvolver o corpo nu, e daí o nome de jogos gyminicos, que exigiam o estado completo de nudez[551]; considerava, não ser possível sob pretexto higiênico, adotá-lo nas escolas públicas. Posiciona-se contrário ao nudismo, defendendo a necessidade de um vestuário adequado, próprio para a ginástica educativa.

---

550 "A Poesia do Corpo", p.200.

551 "A Poesia do Corpo", p.201.

Nesse sentido, reconhecia que a vestimenta deveria ser: "reduzida estritamente ao necessário, para a salvaguarda do pudor infantil e das conveniências sociais"[552].

Considerava, fundamentando-se em Müller que:

"O exercício corpóreo executado como o fato habitual, ou sem um vestuário adequado, num espaço estreito e impróprio, está em flagrante contradição com os princípios da ciência, e não poderá ser mais do que um medíocre substituto da ginástica racional"[553].

A posição de Fernando de Azevedo, com relação à questão, fica muito explícita quando afirma que:

"O nu na escola é um anacronismo. A ginástica nua (permita-nos o pleonasmo), é uma utopia, por enquanto. Adotá-la nos estabelecimentos públicos, a pretexto higiênico, seria ofender os melindres pudicos de uma sociedade, que não permitiria hoje que a mocidade escolar se desnudasse, como os paides e os ephebos impunemente... praticavam.

Ademais, desde que seja o fato restrito ao necessário, e que, obedecendo às conveniências da moral, do meio, consulte igualmente as necessidades higiênicas de maneira que não comprima o pescoço, o peito e o abdômen, e substituídos os sapatos pela alpercatas ou sapatos ginásticos, não se poderão, por ventura colher os mesmos resultados sem que se tente implantar um hábito a que nosso meio se mostra cada vez mais refratário?

Está claro que sim. Inter utrumque é a nossa divisa: um meio termo. Os dois extremos são igualmente defeituosos, reprováveis igualmente: o nudismo e o vestuário habitual; o primeiro repelem-no as leis da conveniência e do decôro; o segundo na ginástica, condenam-no os princípios de higiêne elementar"[554].

---

552 "A Poesia do Corpo", p.201.

553 "A Poesia do Corpo", p.201.

554 "A Poesia do Corpo", p.202.

CONCLUSÃO

Procurei apresentar, ainda dentro dos lineamentos gerais e iniciais, um pouco sobre o tipo de saber que Fernando de Azevedo começou a propor, para a educação brasileira, ao escrever o seu trabalho *A Poesia do Corpo*.

Destaquei na introdução, lembrando colocação feita por Maria Helena Capelato, a qual reafirmo nestas considerações finais, que ele acreditava estar iniciando, em 1915, a defesa de proposições, para o país, que iam na direção de um saber constituído em novas bases.

As formulações que apresentei, feitas por ele em *A Poesia do Corpo*, não vão na direção de um saber diletante.

Apesar de, em 1915, não se expressar ainda, em termos políticos, em nome de um grupo, ele começa, então, a construir as primeiras proposições em termos do seu projeto político pedagógico, que visava transformar a nação.

Ao dar início, no final dos seus verdes anos, ainda um intelectual em formação, através de sua proposta de educação do corpo, a sua crítica à educação tradicional do país, isto é, à cultura do bacharel, é marcado por um saber "positivo", "científico", que conforme Maria Helena Capelato, deu às humanidades "idèias exatas".

Não pretendo, nestas considerações finais, fazer uma retrospecção sobre as bases da ginástica educativa proposta por Fernando de Azevedo em *A Poesia do Corpo*.

À minha maneira, procurei, nesta dissertação delas tratar, e, em trabalhos posteriores, procurarei aprofundar minha análise sobre os princípios relacionados com sua proposta de ginástica educativa.

O que posso dizer, sinteticamente, é que o corpo apresentado por Fernando de Azevedo como proposta para a constituição da nacionalidade brasileira, é objetivo, concreto, formulado numa métrica que expressa um humanismo marcado por idéias exatas, tendo como pressupostos básicos, em

termos do saber, os mesmos fundamentos que Maria Helena percebeu, ao estudar, na década de 20, os reformadores liberais: valorizava ele o método, a ciência, a técnica, a ordem, a eficiência, o adestramento e a disciplina.

Os vários domínios científicos em que ele penetrou para fundamentar, em 1915, a educação física, estavam estruturados dentro de uma lógica "positiva", e as concepções de ginástica educativa que marcaram sua formação e toda sua produção intelectual foram forjadas por esse tipo de lógica.

O próprio Ling, lembrado por ele, foi um arauto de uma ginástica científica e positiva.

Feitas estas colocações, torna-se necessário explicar que, ao escrever a parte final de *A Poesia do Corpo*, ele começa a analisar a embriogenia do povo brasileiro e a defender a necessidade de, pela educação física, se atingir "a regeneração social via regeneração racial".

Ele vai, aí, mostrar a necessidade da criação de um tipo etnológico. Vai começar, nessa parte final do seu trabalho, a se perguntar: Que somos nós? Qual a ossatura primitiva da formação étnica brasileira? E começa a escrever as suas primeiras idéias sobre a gênese da formação étnica brasileira, isto é, sobre a sua embriogenia.

A história genética começa, então, a marcar o seu pensamento. Reconhecerá o problema etnográfico como estando em primeiro plano, e faz isto através de alguns "retratos do Brasil" por ele assimilados através de leitura.

Começa, naquele momento, a construir, em torno da idéia Corpo-Raça-Nação, um tripé que será fundamental na sua proposta de regeneração social para o país, tema que foi muito significativo na sua obra posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AROUCA, Antonio Sérgio da Silva. **O dilema preventista** : contribuição para a crítica da medicina preventiva. Campinas, SP : Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, 1975. (Tese, Doutorado).

2. AUBENQUE, Pierre. As filosofias helenísticas : estoicismo, epicurismo, cepticismo. In: **HISTÓRIA da filosofia.** Lisboa : Dom Quixote, 1980. p.131-158, v.1.

3. AURELIANO, Liana Maria. **No limiar da industrialização**. São Paulo : Brasiliense, 1981.

4. AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro : IBGE, 1958.

5. _____. **A educação e seus problemas**. 4.ed. São Paulo : Nacional, [s.d.]

6. _____. **A poesia do corpo ou a gymnastica escolar** : sua história e seu valor. Belo Horizonte : Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1915.

7. _____. **Da educação física** : o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 2.ed. São Paulo : Weiszflog, 1920.

8. _____. **Figuras de meu convívio** : ensaios sobre escritores e educadores brasileiros. 2.ed. ampl. São Paulo : Duas Cidades, 1973.

9. _____. **História de minha vida**. Rio de Janeiro : J.Olympio ; São Paulo : Conselho Estadual de Cultura, 1971.

10. _____. **Jardins de Salústio** : à margem da vida e dos livros. São Paulo : Irmãos Marrano, 1924.

11. _____. **No tempo de Petrônio** : ensaios sobre antiguidade latina. 2.ed. São Paulo : Nacional, 1930.

12. BILAC, Olavo. **Últimas conferências e discursos**. Rio de Janeiro : F.Alves, 1924.

13. BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro : Graal, 1984.

14. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** São Paulo : Cultrix, 1974.

15. BOURDIEU, Pierre. Remarques Provisoires sur la perception sociale du corps. **Revue Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.14, p.51-54, avr. 1977.

16. BRASIL, Pe. Sales. **A literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças**. 2.ed. [São Paulo] : Edições Paulinas, 1957.

17. BRUNO, Anibal. **Direito penal**. 2.ed. Rio de Janeiro : Forense, 1959. t.1.

18. BRESCIANI, Maria Stella. As voltas de um parafuso. **Cadernos de Pesquisa - Auphib**, São Paulo, n.2, 1978.

19. _____. **Liberalismo** : ideologia e controle social : um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1976. (Tese, Doutorado em História).

20. CÂNDIDO, Antonio. **Fernando de Azevedo**. São Paulo : Secretaria de Educação de São Paulo, 1984. (Mimeogr.)

21. _____. O despertar da ciência no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 abr. 1994, p.6-15.

22. CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os interpretes das luzes** : liberalismo e imprensa paulista : 1920-1945. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1986. (Tese, Doutorado).

23. _____. **Os araultos do liberalismo** : imprensa paulista, 1920-1945. São Paulo : Brasiliense, 1988.

24. _____., PRADO, Maria Ligia. **O bravo matutino, imprensa e ideologia** : O jornal : O Estado de São Paulo. São Paulo : Alfa-Omega, 1980.

25. CARONE, Edgar. **A Primeira República** : 1889-1930. 2.ed. São Paulo : DIFEL, 1973.

26. **CENTENÁRIO de Júlio de Mesquista** : edição comemorativa. São Paulo : Anhambi, 1964.

27. CHÂTELET, François . Platão. In: **HISTÓRIA da filosofia.** Lisboa : Dom Quixote, 1980. p.25-80, v.1.

28. _____. Introdução. In: **HISTÓRIA da filosofia**. Lisboa : Dom Quixote, 1980. p.15-17, v.1.

29. COMAS, Juan. **Manual de antropologia física**. México, D.F. : Fondo de Cult. Economica, 1957.

30. COMTE, Auguste. **Comte**. São Paulo : Ática, 1978. (Coleção grandes cientistas sociais ; n.7)

31. COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro : Documentário, 1976.

32. COSTA, Nilson do Rosário. Estado, educação e saúde : a higiene da vida cotidiana. **Cadernos do Cedes**, Campinas, SP, n.4, p.5-27, 1981.

33. CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 31.ed. Rio de Janeiro : F. Alves, 1982.

34. CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã** : o ensino superior da Colônia à era de Vargas. Rio de Janeiro : F. Alves, 1980.

35. CUNHA, Maria Clementina. **O espelho do mundo** : Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.

36. DANTAS, Nataniel. Um patrono injustamente esquecido. **Rev. Bras. Educação Física e Desportos**, v.12, n.53, jan./dez. 1984.

37. DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo : Hemus, [s.d.].

38. DEFRANCE, Jacques. Esquisse d'une histoire sociale de la gymnastique : (1760-1870). **Revue Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n.6, p.22-46, dec. 1976.

39. DEL FIORENTINO, Terezinha Aparecida. **Utopia e realidade** : o Brasil no começo do século XX. São Paulo : Cultrix : INL, 1979.

40. DOMMANGET, Maurice. **Los grandes socialistas y la educación** : de Platón a Lenin. Madrid : Fraga, 1972.

41. EPICURO. **Antologias de textos**. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo : Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

42. FAUSTO, Boris. **Pequenos ensaios de história da República** : 1889-1945. São Paulo : CEBRAP, 1972.

43. FARRIGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro : Zahar, 1968.

44. FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo : Dominus, 1966. p.552-559.

45. _____. **Fundamentos da explicação sociológica**. 2.ed. São Paulo : Nacional, 1967.

46. FERNANDES, Heloísa Rodrigues. Dispositivo de moralização laica e sintoma social dominante : um estudo da educação moral em Émile Durkheim. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v.2, n.2, p.165-186, 1990.

47. _____. **Sistema social dominante e moralização infantil** : (um estudo sobre a educação moral em Émile Durkheim). São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da USP, 1992. (Tese, Livre-Docência).

48. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** : uma arqueologia das ciências humanas. 2.ed. São Paulo : Martins Fontes, 1981.

49. _____. **História da sexualidade 1** : a vontade de saber. 4.ed. Rio de Janeiro : Graal, 1982.

50. _____. **História da sexualidade 2** :o uso dos prazeres. Rio de Janeiro : Graal, 1984.

51. _____. **História da sexualidade 3** : o cuidado de si. Rio de Janeiro : Graal, 1985.

52. _____. **Vigiar e punir.** Petropólis : Vozes, 1983.

53. FRANÇA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. São Paulo : Agir, 1958.

54. FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **John Locke** : a propriedade como conceito antropológico fundamental. São Paulo : [s.n.], 1978. (Mimeogr.).

55. _____. **Retórica e método** : considerações sobre o progresso da ciência. São Paulo : [s.n.], 1980 (Mimeogr.).

56. GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. London : New York : E.P.Dutton, 1943.

57. GALVÃO, Walnice Nogueira. Uma ausência : Euclides da Cunha. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo : Brasiliense, 1983. p.31-53.

58. GARCIA, Basileu. **Instituições do direito penal**. 4.ed. São Paulo : Max Limonad, [s.d.]. v.1, t.1.

59. HAECKEL, Ernst. **A origem do homem**. Porto : Rés, [s.d.].

60. HAZARD, Paul. **O pensamento europeu no século XVIII**. 3.ed. Lisboa : Presença, 1989.

61. HOBSBAWN, Eric J. **Historia do marxismo**. Tradução de Carlos Nelson e Nemésio Salles. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

62. JAEGER, Werner W.. **Paidéia** : a formação do homem grego. São Paulo : Martins Fontes ; Brasilia : Ed.UnB, 1986.

63. KANT, Emanuel. **Refléxión sur l'éducation**. Paris : J.Vrin, 1966.

64. KONDER, Leandro. O curriculum mortes e a reabilitação da autocrítica. **Revista Presença**, São Paulo, n.1, p.125-130, nov. 1983.

65. KOSSOVITCH, Elisa Angoti. As transformações da alteridade : a educação como passagem para a escravidão. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, n.30, p.9-14, 1993.

66. LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo : Brasiliense, 1983. p.101-105.

67. LE BON, G. **As opiniões e as crenças**. Rio de Janeiro : Garnier, 1922.

68. _____. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro : Garnier, 1922.

69. LEFORT, Claude. **As formas de história**. São Paulo : Brasiliense, 1978.

70. LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro** : história de uma ideologia. 3.ed. São Paulo : Pioneira, 1976.

71. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. [S.l.] : Imprensa Nacional, 1945. v.7.

72. LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2.ed. Campinas, SP : Papirus, 1986.

73. LOCKE, John. **Quelques pensées sur l'éducation**. Paris : J.Vrin, 1966.

74. LOURENÇO FILHO, M.B. **Introdução ao estudo da escola nova.** 13.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1978.

75. LUKÁCS, George. **El asalto a la razon**. 2.ed. Barcelona : Grijalbo, 1978.

76. MARINHO, Inezil Pena. **História da educação física no Brasil**. São Paulo : Nacional, [s.d.].

77. MARX, Karl. **Diferenças entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro**. Trad. Edson Bini e Armandina Venâncio. São Paulo : Global, 1979.

78. MATTOS, Luis Alves. **Primórdios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro : Aurora, [s.d.].

79. MELO, Joaquim Alberto Cardoso de. Educação sanitária : uma visão crítica. **Cadernos do CEDES**, Campinas, SP, n.4, p.28-43, 1981.

80. MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil** : (1920-1945). São Paulo : Rio de Janeiro : DIFEL, 1979.

81. MINAS GERAIS. **Decreto n. 4363.** Aprova o regulamento do Gymnasio Mineiro. Minas Geraes, Bello Horizonte, 1915. p.

82. MINAS GERAIS. Gymnasio Mineiro. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, nov. 16 nov. 1915. p.196.

83. _____. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, 1º abr. 1916. p.199.

84. _____. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, 11 jul. 1916. p.209.

85. _____. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, 11 jul. [1916?]. p.212.

86. _____. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, 18 jul. 1916. p.209-210.

87. _____. **Acta da Congregação**. Bello Horizonte, 19 jul. 1916. p.211.

88. _____. **Discurso pronunciado pelo Dr. Francisco de Paula por ocasião da inauguração da sala D'Armas e Gymnstica**. Bello Horizonte : Imprensa Official do Estado Minas Geraes, 1914. (Discurso).

89. MOREIRA, Silvia Levi. **A liga nacionalista de São Paulo** : ideologia e atuação. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1982. (Dissertação, Mestrado em História).

90. MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira** : 1933-1974. 4.ed. São Paulo : Ática, 1980.

91. OLIVEIRA, Victor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo : Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos ; 79)

92. OUVINDO um apóstolo da educação physica no Brasil : Ferando de Azevedo fala à nossa Revista. **Educação Physica : A Revista Techinica de Esportes e Atlethismo**, Rio de Janeiro, n.5, p.45-47, 1932. (Entrevista feita a Origines Lessa)

93. PENNA, Maria Luiza Moreira. **Fernando de Azevedo** : educação e transformação. São Paulo : Perspectiva, 1987.

94. PESSANHA, José Américo Motta. A água e o mel. In: **O DESEJO**. São Paulo : Cia. das Letras, 1990.

95. _____. As delícias do jardim. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética.** 2.ed. São Paulo : Cia. das Letras, 1993. p.57-85.

96. RABELO, Silvio. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro : Casa do Estudante do Brasil, 1947.

97. REIS FILHO, Casemiro. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo : Cortez, 1981.

98. _____. **O transplante da educação européia para o Brasil**. (Mimeogr.)

99. ROMANO, Roberto. **Brasil** : igreja contra estado. São Paulo : Kairós, 1979.

100. _____. **Conservadorismo romântico** : origem do totalitarismo. São Paulo : Brasiliense, 1982.

101. _____. **Corpo e cristal** : Marx romântico. Rio de Janeiro : Guanabara, 1985. p.113-124.

102. ROUANET, Sérgio Paulo. **A razão cativa** - as ilusões da consciência : de Platão a Freud. São Paulo : Brasiliense, 1985.

103. _____. **As raízes do iluminismo**. São Paulo : Cia. das Letras, 1987.

104. ROUDINERCO, Elizabeth. **História da psicanálise na França** : (1885-1939). Rio de Janeiro : Zahar, 1989. v.1.

105. ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3.ed. São Paulo : Rio de Janeiro : DIFEL, 1979.

106. SCHÜTZNBERGER, F. **Les lois de L'Ordre social**. Paris : Hingray, 1850. t.2.

107. SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo : FINEP : NACIONAL, 1979. v.2.

108. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** : cientistas, instituições e questão racial no Brasil : 1870-1930. São Paulo : Cia. das Letras, 1993.

109. SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo : Brasiliense, 1983.

110. SÉRGIO, Manuel. **A prática e a educação física**. 2.ed. Lisboa : Compendium, 1982.

111. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão** : tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo : Brasiliense, 1983.

112. SONTAG, Susan. **La maladie comme métaphore**. Paris : Seuil, 1979.

113. SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! meninas, à sombra!** : a história do ensino de educação física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas, SP : Faculdade de Educação da UNICAMP, 1994. (Tese, Doutorado em Filosofia e História da Educação).

114. SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **O processo político** - partidário na Primeira República, in Brasil in perspectiva. São Paulo : DIFEL, 1968.

115. SPENCER, Herbert. **Educação intellectual, moral e physica**. Rio de Janeiro : São Paulo : Recife : [s.n.],1901.

116. SPENCER, Herbert. **Introdution a la science sociale**. 8.ed. Paris : F. Alcan, 1886.

117. SPENCER, Herbert. **Principes de sociologie**. Paris : Felix Alcan, 1887.

118. TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. São Paulo : Ática, 1974.

119. ULMANN, Jacques. **De la Gymnastique aux Sports Modernes** : histoire des doctrines de l'Éducation Physique. [Paris] : J.Vrin, 1982.

120. VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 1931.

121. VERDENAL, René. A filosofia positiva de Auguste Comte. In: **HISTÓRIA da filosofia.** Lisboa : Dom Quixote, 1981. p.95-108, v.3.

122. VIANNA, Luís Wernek. **Liberalismo e sindicato do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

123. VILAR, PIERRE. **História do marxismo**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. cap.3, p.91-124.

124. WORMS, René. **Organismes et societé**. Paris : V. Giard & E. Briere, 1896.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1978.

AZEVEDO, Fernando de. **A evolução do esporte no Brasil e outros estudos de educação física e higiene social**. São Paulo : Melhoramentos, 1930.

_____. **A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos**. São Paulo : Melhoramentos, 1962.

_____. **A educação entre dois mundos**. São Paulo : Melhoramentos, 1958.

_____. **A educação na encruzilhada** : problemas e discussões. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1960.

_____. **A educação pública em São Paulo** : problemas e discussões, in Brasiliana. São Paulo : Nacional, 1937.

_____. **A reforma do ensino no Distrito Federal** : discursos e entrevistas. São Paulo : Melhoramentos, 1929.

_____. **As ciências no Brasil**. São Paulo : Melhoramentos, 1956.

_____. **As universidades no mundo de amanhã** : sua missão, seus problemas e suas perspectivas atuais. São Paulo : Nacional, 1947.

_____. **Antinous - estudo de cultura atlética**. São Paulo : Weiszfog, 1920.

_____. **Canaviais e engenhos na vida política do Brasil**. Rio de Janeiro : ICC, 1948.

_____. **Ensaios** : crítica literária. São Paulo : Melhoramentos, 1929.

_____. **Máscaras e retratos** : estudos literários. 2.ed. rev. ampl. São Paulo : Melhoramentos, 1962.

_____. **Na batalha do humanismo e outras conferências**. São Paulo : Melhoramentos, 1952.

_____. **Novos caminhos e novos fins** : uma nova política de educação no Brasil. São Paulo : Nacional, 1932. 2.ed. 1934.

_____. **O segredo da renascença e outras conferências**. São Paulo : Nova Era, 1925.

_____. **Páginas latinas** : pequena história da literatura romana pelos textos. Colaboração Francisco Azzi. São Paulo : Melhoramentos, 1927.

_____. **Princípios de sociologia** : pequena introdução ao estudo da sociologia geral. São Paulo : Melhoramentos, 1935.

_____. **Seguindo meu caminho** : conferências sobre educação e cultura. São Paulo : Nacional, 1945.

_____. **Sociologia de la educación**. Trad. Ernestina de Champourcin. 5.ed. México, D.F. : Fondo Cult. Economica, 1961.

_____. **Sociologia educacional** : introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais. São Paulo : Nacional, 1940.

_____. **Um trem corre para o Oeste** : ensaio sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. São Paulo : Martins, 1950.

_____. **Velha e nova política** : aspectos e figuras da educação nacional. São Paulo : Nacional, 1942. v.1.

BERCITO, Sonia de Deus. **Ser forte para fazer a nação forte** : a educação física no Brasil (1932-1945). São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, [19-?]. (Dissertação, Mestrado em História).

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportiva. In: **QUESTÕES de sociologia**. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.

BURT, Edwin Arthur. **As bases metafísicas da ciência moderna**. Brasília : Ed.UnB, [s.d.].

CÂNDIDO, Antonio. Depoimento : Fernando de Azevedo. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.173-181, jan./dez. 1994. (número especial).

_____. **Formação da literatura brasileira** : (momentos decisivos). São Paulo : Martins, 1964.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo : Nacional, 1965.

_____. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo : EDUSP, 1988.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Brasília : Ed.UnB, 1983.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia** : o discurso competente e outras falas. São Paulo : Moderna, 1980.

_____. , FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro : Paz e Terra : CEDEC, 1978.

COSTA, João Cruz. **Contribuições à história da idéias no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1967.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação e classes sociais no manifesto de 32 : perguntas sem resposta. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.132-150, dez. 1994. (número especial).

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 12.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1955.

ELIAS, Noberto. **O processo civilizador** : uma história dos costumes. Rio de Janeiro : Zahar, 1990.

ESTEVES, Segismundo Fernando. Venâncio Filho, Fernando de Azevedo e Euclides da Cunha. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.52-72, jan./dez. 1994. (número especial).

FERNANDES, Florestan. Depoimento : Fernando de Azevedo. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.184-198, jan./dez. 1994. (número especial).

FONSECA, Ana Maria Medeiros da. **Das raças à família** : um debate sobre a construção da nação. Campinas, SP : Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1992. (Dissertação, Mestrado em História).

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular** : pulsações políticas do desejo. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.

GUERRA NETO, Abílio da Silva. **O homem primitivo** : origem e conformação do universo cultural brasileiro (séculos XIX e XX). Campinas, SP : Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1990. (Dissertação, Mestrado em História).

HOBSBAWN, Eric J. **Las revoluciones burguesa**. 2.ed. Madrid : Guadarrama, 1971.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo : Martins Fontes, 1990.

_____. **História e memória**. 2.ed. Campinas, SP : UNICAMP, 1992.

LEBRAUN, Gerard. **Passeios ao léu** : ensaios. São Paulo : Brasiliense, 1983.

LEME, Paschoal. Depoimento : Fernando de Azevedo. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.199, jan./dez. 1994. (número especial).

LIMA, Magali Alonso de. **O corpo no espaço e no tempo** : a educação física no Estado novo (1937-1945). Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas-RJ, 1980. (Dissertação, Mestrado em Educação).

LOCKE, John. **Two treatrises of government**. London : Evryman's, 1971.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação**. São Paulo : Cortez, 1989.

MARCUSE, Herbert. Razão e revolução. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

MARX, Lolia de Azevedo. Depoimento : Fernando de Azevedo. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.200-201, dez. 1994. (número especial).

MESQUITA FILHO, Júlio. **A crise nacional** : reflexões em torno de uma data. São Paulo : Seção de Obras de O Estado de S. Paulo, 1925.

MORAES, Vidigal Carmem Silvia. A sistematização da política educacional dos liberais reformadores : o inquérito de 1926. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.81-105, dez. 1994. (número especial).

MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S. Paulo** : 1921-1981. São Paulo : Impress, 1981.

NADAI, Elza. Fernando de Azevedo e a formação do professor secundário : o Instituto de Educação. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.151-172, dez. 1994. (número especial).

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na República**. São Paulo : EPU : EDUSP, 1974.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As desventuras do liberalismo**. Rio de Janeiro :Paz e Terra, 1985.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo : Brasiliense, 1991.

_____. Durkheim : arquiteto e herói fundador. **Rev. Bras. de Ciências Sociais - ANPOCS**, São Paulo, v.4, n.11, p.5-22, out. 1989.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 2.ed. São Paulo : Loyola, 1983.

PENNA, Maria Luiza Moreira, Fernando de Azevedo. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.73-80, jan./dez. 1994. (número especial).

PESTALOZZI, Henry. **Como enseña Gertrudes a sus hijos**. Madrid : Espasa-Calpe, 1936.

PILETTI, Nelson. A reforma de educação pública no Distrito Federal, 1927-1930 : algumas considerações críticas. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.20, n.1/2, p.107-131, dez. 1994. (número especial).

_____. **A reforma Fernando de Azevedo** : Distrito Federal, 1927-1930. São Paulo : Faculdade de Educação da USP, 1978. (Dissertação, Mestrado em Educação).

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Classes médias urbanas : formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo : DIFEL, 1978. t.3, v.2.

_____. **Política e trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1975.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro : J.Olympio, 1953. t.1.

SAES, Décio Azevedo Marques de. **Classe média e política na Primeira República brasileira.** Petropólis : Vozes, 1975.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo : FINEP : Nacional, 1979. v.2.

SOARES, Manuel de Jesus Araújo. **A educação preventiva** : Fernando de Azevedo e o inquérito sobre a instrução pública em São Paulo, 1926. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas-RJ, 1978. (Dissertação, Mestrado em Administração de Sistemas Educacionais).

STAROBINSKI, Jean. **1789** : os emblemas da razão. São Paulo : Cia. das Letras, 1988.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. Fernando de Azevedo : um humanista na educação. **Rev. da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v.29, n.1/2, p.30-51, jan./dez. 1994. (número especial).

I. Discurso do Dr. Francisco de Paula (Inauguração da "Sala D'Armas e de Gymnastica")

ARQUIVO PUBLICO MINEIRO
Nº 2565
Data 10-11-78
BIBLIOTECA

373
B
E.I.48.1

Gymnasio Mineiro

DISCURSO

Pronunciado pelo

Dr. Francisco de Paula

Lente de Litteratura do Gymnasio Mineiro

POR OCCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DA SALA D'ARMAS E GYMNASTICA

1913

BELLO HORIZONTE

Imprensa Official do Estado de Minas Geraes

1914

G. 306

Exmos. Srs. Presidente do Estado e Secretario do Interior,
minhas senhoras, meus senhores.

O professor de gymnastica, tiro e evoluções militares do Gymnasio Mineiro, em um impulso de magnanima generosidade para com minha insignificancia, encarregou-me de dirigir-vos algumas palavras que traduzissem o affecto de sua gratidão, o tributo de suas homenagens aos poderes publicos estadoaes, pela instituição desta escola, que, ao mesmo tempo, synthese do sentir e pensar do povo mineiro, é a viril e magna expressão do nosso resoluto caminhar para o futuro; e revela, em os nossos dirigentes, a vigorosa e clarividente intuição de que Minas póde e deve continuar a ser: na ordem politica e social, um exemplo que dicta o caminho; nos dominios do trabalho de preparação das gerações novas, que são os geradores do futuro, uma usina perfeitissima; na ordem economica, um factor preponderante, que governa as oscillações da riqueza, e, portanto, da influencia politica e social, do poder, em fim.

Universalmente, srs., é hoje em dia acceito o postulado: a escola é a cellula matriz, o ponto de partida de todo emprehendimento que vise, de qualquer modo, a grandeza dos povos.

Abrumado na estonteante vastidão e belleza de um tal assumpto, minha nihilidade vãmente fatiga-se e supplicia-me. Obediente, não obstante, ao imperativo do mandado, estremeço da incumbencia. E, num grande esforço, demonstração de minha pequenez, faço o que posso para cumpril-a, com alegria, com o que de mais precioso e apresentavel possúo na pobreza de minha intelligencia e na sinceridade de meu coração.

Fortalece-me a certeza de que estou servindo a causa do destino historico, da grandeza e supremacia civilizadora de Minas Geraes.

Exmos. srs. Presidente do Estado e Secretario do Interior, representantes dos poderes publicos e da civilização de Minas: estamos no ultimo quartel do seculo 18.º O Brazil é colonia. Sob o emperramento vesanico de um governo feminil, estorce-se este vasto-paiz ás garras e ventosas de omnimoda e omnisissima escravidão. Hermeticamente fechado lhe está o commercio das idéas.

De corrente aos pulsos e grilhões aos pés, ao alvorecer do seculo 19.º, nem um livro póde ler, sem o visto e previa licença do governo metropolitano.

Si o captiveiro politico e social é asphixiante, o mental, por se transformar num systema de arrocho irresistivel, soccorre-se de todos os processos e instrumentos da tyrannia.

A desconfiança e espionagem do governo de d. Maria I, contra a colonia, são modelares; trancam-se numa ferrea engrenagem de prepotencia e compressão.

Entretanto, srs., em meio dessa desolação, desse ancioso silencio que impõe o despotismo, de dedo ao gatilho e olhar á forca, uma terra houve, uma região abençoada, onde, ao calor benéfico, á estugação captosa do patriotismo, á luz creadora das idéas, ás regas fertilizantes das lagrimas dos heroes, do sangue dos martyres, germinaram, cresceram e floriram as sementeiras da liberdade.

Villa-Rica, refulgente d'ouro, colcia por aquellas quebradas. Alli, ao pé daquelles alcantis, hirtos e solemnes, no regaço atropelado daquella natureza revolta e brava, a *Inconfidencia Mineira* sonhou e aqueceu ao coração as miragens febris da visão patriotica; e esboçou genialmente todo o nosso destino, toda a syntliese historica da civilização brazileira.

Não s u eu que o digo; é um dos historiadores e criticos mais argutos e profundos que tenho conhecido.

"A Inconfidencia foi para nós, foi em nosso horizonte de nação, que deve arrojar-se aos nobres commettimentos, o phanal propicio da grande jornada atraz de todas as luctas que nobilitam, de todas as tentativas que alentam. Aquella pleiade de poetas, aquelle punhado de sonhadores presentiu, no vago de suas crenças, todas as vastas ideias que este povo deve esforçar-se por levar a effeito. E o ideal ainda nos paira bem alto, como um ponto quasi inattingivel, depois de um seculo de avanços para a civilização.

Independencia da patria, emancipação dos escravos, unidade federal, vida autonomica e democratica, prosperidade material, alento scientifico, todos os grandes problemas, que já realizamos ou que hoje em dia nos assoberbam, desde a fórma republicana no governo até á liberdade nas relações da familia, tudo foi antevisto naquelle devanciar de heróes. A Inconfidencia não chegou a ver uma realidade pratica; mas é uma realidade doutrinaria. Não se manchou no terreno dos factos; mas ahi está a tremular, ha cem annos, como a suprema realidade no mundo de nossas aspirações.

Era necessario que a santa utopia fosse desdenhada pelos myopes do tempo, era mister que o sangue uberrimo dos heróes marrasse os focos brilhantes em que a alma deste povo deve revigorar-se para avançar.

A Conjuração mineira não teve o que se póde chamar a grosseria de um facto consummado, é, antes, a mais esplendida miragem que no ceu da historia brazileira alenta e enthusiasma,

Abençoados os poetas, os corações ardentes, que a idearam; abençoado o martyr que a immortalizou de sobre os degraus do cadafalso...

No meio de uma agitação politica mesquinha, grosseira e sem nobres impulsos, e, não se si o diga, no meio de uma litteratura sem profundos incentivos, aqui deixe os gemidos dos captivos, que pedem liberdade, dos proletarios, que pedem trabalho, dos moços que pedem luz, do povo que pede gloria, deixai-nos fitar o sol da Inconfidencia; deixai-nos chorar com Claudio, amar com Direeu, soffrer com Alvarenga; deixai-nos ouvir, em sua queda para o futuro, o rolar da cabeça do Tira-Dentes, acordando em todos os peitos, capazes de audacias, os echos da emancipação, os tons immensos do patriotismo...

E que algum dia, como o supremo corollario das grandes luctas, possamos galgar a altura que á nossa marcha assignalaram esses distinctos combatentes, que já não podemos encarar sem a vertigem da mais acrysolada admiração!"

Na verdade, srs., por um rasgo de divinação privilegiada, de magica telepathia dos grandes idéaes que têm trabalhado a humanidade, tiveram aqui repercussão os dois factos capitaes que abalaram o mundo, ao findar estrondoroso do seculo 18.º:— "a agitação politica que se affirma na revolução franceza e na libertação das colonias; a agitação litteraria e scientifica, que se resolve no encyclopedismo e no romantismo allemão, precursor do romantismo inglez e francez, e na critica de Lessing, Wolf, Herder, Kant, Winkelmann, etc., grandes guias do pensamento germanico». Essas correntes tranformadoras repercutiram aqui echoadora e triumphalmente: a 1.ª, na Inconfidencia; a 2.ª, na actividade litteraria da Escola Mineira.

Para o Brazil, as duas tendencias irrompem e affirmam-se vigorosamente, em Minas, nessa época, a mais fecunda, nacional e gloriosa de toda a nossa vida mental.

A Inconfidencia e a Escola Mineira crearam, no Brazil, a noção da nacionalidade; assentaram as bases e lineamentas capitaes do edificio e da religião da Patria.

Mas, srs., mudaram-se os tempos. Novas correntes de idéas, faces novas da vida, ambições differentes remodelam as sociedades e dirigem os destinos dos homens.

Mal se escutam e distinguem, nos rumores sussurrantes do passado, como melopéa d'um soluçar de deuses que se vão para o exilio, as agitações da Independencia, e, nas luctas épicas da liberdade, os vagidos da Patria que nasce.

As janellas do mundo moderno dão para outras perspectivas. A rubra e resplendente flor da civilização não mais pede seiva ao suor do escravo, á miseria da gleba, ao sangue dos martyres; nutre-se de pulha, de electricidade, de força viva; das combinações e engenhosidades mechanicas.

O expirar do seculo 18.º é excepcionalmente importante pelas duas correntes de idéas, com que veiu refundir a concep-

pção da hierarchia social e politica; o direito e a materia do pensamento.

O alvorecer do seculo 20.º é olympica e radiantemente glorioso pela belleza do ideal que annuncia e proclamma: o humanitarismo fraternal, como supremo destino dos povos; a democracia, como fórma exterior crystallina desse destino; a liberdade, como sol fecundante das creações do homem na historia. E', como se vê, um dia novo nos cyclos differenciaes da evolução.

Em 1793, a Inconfidencia e a Escola Mineira foram os expoentes magnos e brilhantissimos de nossa collaboração na synthese evolutiva, que trabalhava e refundia o mundo. Aqui, nas anfractuosidades destas penedias bravas, ás rutilações e harmonias do ouro de Villa Rica, das pedrarias do Tijuco Preto, dos cantos de Gonzaga, de Claudio, dos Alvarenga e de Santa Rita Durão, o Brazil teve um representante maximo nas magnas aspirações e anceios, que convulsionaram a França, a Allemanha, a Inglaterra, todo o mundo antigo, para refundil-o á luz e ao pensamento do mundo moderno.

Temos vindo caminhando a essa luz, até este momento. E aqui, neste dia novo, donde nos virá a palavra de ordem? Quem nos quer guiar? Quem quer tomar as responsabilidades do caminho? Quem é capaz de jurar, ao estrondear cyclopico das fabricas, aos hymnaes do operariado, que nos levará á victoria?

Srs., ha na vida dos povos factos verdadeiramente maravilhosos, ainda não scientificamente explicaveis. O destino age sob a acção de leis conscientes e voluntarias, ou inconscientes e divinatorias. As grandes descobertas, os achados scientificos, que mais revolucionaram o mundo, provam-no sobejamente.

Ainda aqui, para o Brazil, em relação a Minas, a lei se verifica.

Em 1793, por tendencias, que tanto tinham de voluntarias, como de inconscientes, representamos memoravelmente os dois grandes movimentos que operaram a transformação do *facies* da civilização mundial.

Em 1900, por designio voluntario, estimulado não se sabe porque destino providencial, Minas proclama, como inspirador do seu sentir e jornadear na historia, a excellencia do postulado: a escola é a cellula matriz, o ponto de partida de todo emprehendimento que vise, de qualquer modo, a grandeza dos povos. E, desde João Pinheiro, genio que tem o brilho offuscante do meteoro na belleza serena e eternal das estrellas, o governo de Minas identificou-se com este pensamento dirigente: fazer da escola a usina de toda nossa grandeza. Ora, srs., é precisamente este o lemma que governa o mundo, desde que a sciencia entrou a dominar na vontade e na consciencia do homem.

Portanto, de nenhum modo celebrariamos com mais brilho e pompa esta encantadora festa, que se resume numa justa homenagem aos srs. Bueno Brandão e Delfim Moreira, presidente do Estado e secretario do Interior, benemeritos patronos da instrucção publica no Estado; de nenhum modo celebrariamos com mais brilho e pompa a inauguração deste salão, que olhando alguns aspectos e modalidades transformistas desta proposição, que resume toda a historia e grandeza do homem e da civilisação.

Perdoai-me, si demasiado me alongo. O assumpto é excepcionalmente sério e profundo, para ser tratado num discurso meramente academico.

Procurarei ser breve, quanto possivel; expressivo, quanto mais possa.

Faz vinte annos, aqui, neste mesmo Gymnasio, em solemnidade analoga, dizia eu: «na vida e historia da humanidade, só conheço um factor efficiente de progresso, um reducto inexpugnavel, donde soberanamente pontificam o direito e a liberdade, donde a excelsa magestade da justiça desfere essa eterna e sublime claridade, inconsutil e inconturbavel, que é a propria essencia de Deus; só conheço uma usina em que se forjam os mythos vivos, os semi-deuses humanados: a escola.

A escola! maravilhosa officina em que se fabricam os raios que pulverizam as cadeias a Prometheu, a todas as escravidões.

A escola! vastissimo templo, em cujos altares se sacrifica á liberdade e á justiça; em cujas naves resoam alegres os cantos dos operarios, trescalam perigrinos perfumes as orações das crianças, commungam os povos o viatico da paz, do amor e da civilisação; de cujas portas fogem aterrados o despotismo, a desegualdade, a escravidão, todas as encarnações da tyrannia.

Escola! sublime anjo bom do lar, compassiva protectora da familia, carinhosa amiga do pobre e do desvalido, vestal do fogo sagrado do amor da patria, teu halito é o perfume da gloria, tua palavra é a voz do dever, teu sorriso, a immortalidade: eu te saúdo!

Nesse labutar suarento da humanidade através das idades, nesse caminhar incessante para a perfectibilidade— que nunca chega — o teu apparecimento é a crença que resurge, é a fé que revive, o pharol da esperança que se accende em meio das caligens do temporal: eu te saúdo, excelsa senhora do mundo! eu me curvo deante de tua sublime magestade, feita de luz, de caridade e de fé; deante de teu inconstrastavel poderio, feito de innocencia, de amor, e de esperança.

Os teus dogmas são a egualdade, a liberdade, a justiça; os teus apostolos, os immortaes, embora humildes e obscuros, trabalhadores do bem.

Salve!

Senhores. Que é a verdade? Tal a questão apaixonada que saia da bocca de um procurador romano, em um dos momentos mais solemnes da historia. E o personagem divino que

estava de pé deante delle não respondeu, a menos, com tudo, que seu silencio não fosse elle proprio uma resposta.

Não era a primeira vez que debalde se fizera essa questão, e não foi a ultima.

Ninguem respondeu ainda.

Que é a verdade? Poderiamos, nós tambem, ainda hoje, formular a tremenda interrogação, neste solemnissimo momento, em que as consciencias mais intrepidas e valorosas, os espiritos mais scintillantes e ousados tiritam e vacillam ante a inedita e assombrosa crise scientifica, religiosa, moral, politica, social e philosophica que assoberba e perplexia o mundo moderno nos humbraes deste mysterioso e ironico seculo XX.

Em Roma, era a crise religiosa, moral e politica que dictava a formidavel pergunta. Na fascinação do poder, na embriaguez e deslumbramento do culto da força e dessa majestade que todo o mundo conhecido adorava, o povo-rei revoltava-se de que só a região da verdade se conservasse inaccessivel ás armas victoriosas de suas legiões invenciveis. E anciava e rugia, no desespero de sua impotencia, no convencimento esmagador da inutilidade de seus emprehendimentos.

Como signal visivel de suas conquistas e dominação, tanto quanto cotno ostentação de orgulhosos trophéos, Roma trouxera a Capital os deuses dos povos vencidos. E, com desdenhosa tolerancia, consentira que fossem todos adorados. A multidão de deusas e deuses, vindos de toda a parte, desacreditou a todos elles.

As dynastias particulares dos reinos conquistados tinham cedido o logar a um imperador universal.

E os deuses e os reis lá se iam apressadamente caminho do exilio irrevogavel, qual convinha á intangivel dignidade de potestades immortaes.

Abalo e dissolução eguaes já haviam turvado a formosa e limpida serenidade do pensamento hellenico. Aqui, era a crise philosophica, moral e religiosa que affligia a alma luminosa dos divinos endeusadores da belleza da forma.

Os audazes navegadores hellenicos em parte alguma haviam encontrado os genios e divindades, com que lendas e tradições immemoriaes tinham povoado as ilhas do Mediterraneo e paizes longinquos. A abobada azulada era puro effeito de optica; não havia Olympo. Derrocada a moradia celeste, desvaneceram-se, sombras fugazes de longo sonho secular, os deuses de Homero de Hesiodo.

A critica philosophica, unida á critica scientifica, demonstrára a vaniidade e grosseria da velha religião nacional. A comparação das doutrinas das differentes escolas evidenciára, por suas contradicções, que o homem não possue um criterio de verdade, que, uma vez que as noções d'o bem e do mal variam com os tempos e logares, é que não se fundam em a natureza das coisas, mas na educação; que o bem e o mal são duas ficções que a sociedade faz servir a seus designios.

Em Athenas, as classes elevadas tinham chegado, não só a negar o sobrenatural e tudo o que se não manifestava por intermedio dos sentidos, mas, a pensar que o mundo poderia bem ser um sonho, um phantasma, e a duvidar da realidade de todas as coisas.

A esse esvaecer das antigas crenças nacionaes, como nevoeiro ao resplender do sol, a alma grega sentia-se desolada na solidão do desespero. Os grandes homens da Hellade confrangem-se e temem-se desmoronem e apaguem, com o prestigio e magnitude de seus mythos, o esplendor de sua arte, de sua litteratura, da cantante multidão de estatuas, monumentos e creações geniaes, que enchem suas cidades, praças e domicilios.

E Anaxagoras exclama, dolorosamente: «Nada sabemos, nada podemos saber, nada ha certo; nossos sentidos nos enganam, nossa intelligencia é debil; nossa vida é curta!» Xenophanes, Parmenides, Empedocles, Democrito, Pyrrho, Epicuro, Arcesilau, echoando a consciencia grega, repetem, num crescendo de descrença e desanimo, os accentos plangentes desse scepticismo despedaçante.

Essa floração enfesada e venenosa do pessimismo não podia destillar os delicados e embriagantes perfumes de uma civilisação superior.

E a opulenta e formosa flor da civilisação hellenica ter-se-hia fanado e morrido alli, si não fôra o genio e a bravura providenciaes de Alexandre. Foi elle que produziu esse abalo e movimento estupendos que renovaram o pensamento de todo o mundo antigo e assentaram os fundamentos das civilisações do futuro. Foram as riquezas e magnificentes achados scientificos de suas conquistas que acenderam esse potentissimo pharol que ha dois mil annos illumina e dirige a consciencia humana.

A' «Escola de Alexandria», srs. apparelhada com os sumptuosos materiaes das conquistas alexandrinas, é a sementeira uberrima onde se tem ido supprir os tempos e os jardineiros da verdade; o revirente viveiro donde se transportaram as mudas que se expandiram e desabrocharam nessas florescencias exuberantes que se chamam as civilisações greco-romana, islamica ou mauresca e dos seculos que vêm até o nosso.

A morte de Alexandre provocara esse quadro de desordem e sangue, que dêra em resultado a divisão do seu imperio.

Coube a Ptolomeu o reino do Egypto.

Todos vós tendes, sem duvida, uma lembrança, enternecida, da silhueta historica, tão sympathica, tão benevolente e gloriosa do irmão natural do genial conquistador macedonio.

Abandonara elle as velhas capitaes do Egypto, escolhendo Alexandria para séde de seu governo.

Que pena! não vos poder contar como nasceu Alexandria, a esplendorosa Paris da antiguidade; como os engenheiros e architectos gregos a tornaram a mais bella e encantadora cidade que houvesse no mundo. Povoaram-na de templos, palacios, e theatros magnificos.

Em seu centro, no ponto de intersecção das duas ruas principaes, que se cortavam em angulo recto, no meio de jardins, fontes e obeliscos, levantava-se o mausoleu de Alexandre, tão tragica e desgraçadamente morto aos 33 annos de edade.

A cidade, capital intellectual do mundo, era um sonho de fadas. Porém, mais que toda essa magnificencia, mais que a maravilha de seus pharoes de marmore branco, tão altos que suas luzes se avistavam de distancias prodigiosas, attrahe e monopoliza nossa attenção a Escola de Alexandria. O verdadeiro e glorioso monumento dos reis macedonios no Egypto é o Museu. A influencia desse instituto far-se-ha sentir ainda em todo o mundo, mesmo depois que as pyramides se houverem desfeito em poeira.

E'-me impossivel dar-vos a descripção, succinta siquer desse incomparavel estabelecimento que a antiguidade chamava a « divina Escola de Alexandria. »

Continha a bibliotheca philadelphiana, a que se addicionou mais tarde a do Serapion ou do templo de Serapis, chamada « bibliotheca filha ». Encerravam as duas 700 mil volumes.

Havia, junto ao Museu, um jardim botanico e zoologico e um observatorio, perfeitamente apparelhados.

Uma brigada de escribas occupava-se da copia de obras raras de todo o mundo. Foi Ptolomeu Philadelpho quem mandou fazer a celebre «traducção dos Setenta», da Biblia. A' carinhosa solicitude do Museu deve-se a conservação dos livros sagrados.

Professavam-se alli todas as sciencias e bellas lettras conhecidas.

A superintendencia do instituto devia ser exercida pelos homens mais illustres e competentes. Seu primeiro Director foi Demetrio de Phalera, o homem mais sabio de seu tempo e que fôra durante varios annos governador de Athenas.

Seus bibliothecarios eram sabios de reputação mundial, como Eratosthenes e Appollonio de Rhodes.

Nomear, siquer, as descobertas e invenções da Escola de Alexandria, seria mencionar pormenorizadamente a sciencia e litteratura de que se orgulham os tempos modernos.

Nada do que se refere a esses maravilhosos achados da astronomia, da geologia, da physica, da chimica, das mathematicas puras, da geographia, da mechanica industrial, foi desconhecido aos investigadores e sabios da divina escola.

A machina a vapor, cartas celestes, relogios, thermometros, calendarios, systemas do mundo, etc., tudo alli foi descoberto ou conhecido, aperfeiçoado e desenvolvido.

Os Ptolomeus, Euclides, Archimedes, Eratosthenes, Appollonio, Hyparco, Timocares, Ctesibio, Heron, Serigenes, Conon, Aristyllo, Aristarco e muitos outros, são homens que viverão em quanto houver na terra um ser humano, e neste um lampejo intellectual numa palpitação de vida.

Mas... surgiu o imperio romano. Os scenarios e os actores jam rapidamente mudar.

Nasceu o christianismo, que celere crescera e mais celero ainda se impuzera aos postos de maior responsabilidade.

Sua ascendencia dominou a consciencia universal ; prestes lhe coube o governo do mundo.

Tomára ao paganismo sua pompa e esplendor magnificentes, em troca do prestigio com que galvanizára a velha e desacreditada idolatria mythologica.

Creára-se no mundo o que se chamou a sciencia profana e a sciencia sagrada. Puzeram-se em frente um do outro os dois partidos adversos, um que tomava a razão por guia, o outro a Revelação.

O paganismo appellava para o saber de seus philosophos, o christianismo para a auctoridade da Biblia e para a inspiração de seus padres.

Explodiram as disputas religiosas, os odios sectaristas. E o que os incendios de Julio Cesar pouparam dessa divina escola de Alexandria, dessas maravilhosas bibliothecas do Museu e do Serapion, foi anniquillado pelo bispo Theophilo, tio de S. Cyrillo.

Sob o governo deste, foi apedrejada, despida em plena rua, arrastada, morta, reduzida a migalhas e atirada ao fogo Hypathia, a virtuosa, a sabia Hypathia, ultimo broto dessa fulgida constellação de sabios e humanistas, que foi a gloriosa Escola de Alexandria.

E assim pereceu alli a philosophia grega ; e esse grande saber, que os Ptolomeus se haviam esforçado por adquirir e vulgarizar, foi prematuramente suffocado.

O pensamento humano não mais podia ser livre. Todo o mundo devia pensar conforme a curia romana.

Roma lograra attingir a maxima degradação moral, politica e social.

O luxo dissolvente, as seducções desenfreiadas do prazer, a corrupção dourada apodreceram as energias e a propria alma do povo rei.

O mundo mergulhava desconsolada e banalmente na mais lugubre e funesta escuridade. Todo o organismo social cancerado e purulento desaggregava-se impestadoramente.

Das luctas religiosas, das cruezas do dogma, dos escombros de tantas ruinas, das angustias e incertezas de tanta anarchia, irrompeu, num impeto vingador, a estrella presaga do mahometismo.

Num relampago, o imperio mauresco tornara-se maior que o de Alexandre e o dos romanos.

Toda a Africa, a Asia e quasi toda a Europa tombaram celeremente sob o dominio sarraceno.

E sinão foram as dissensões intestinas dos califas, seguramente, Carlos Martel não incravaria — ás margens do Loire — a marcha triumphal do exercito do Abdeirraman atravez do resto da Europa.

Todas as capitaes catholicas obdeciam agora ao Koran.
O christianismo fôra como que proscripto da terra.
A doutrina do fatalismo substituira a da esperança.
O desespero é um homem livre; a esperança, uma escrava, diz um prove bio arabe. Essa sombria philosophia preparava seus adeptos para a execução de grandes destinos.

E quando a guerra, o ferro, o fogo e os massacres de populações inteiras tinham, por toda a parte, conspurcado os lares, destruido os laços de familia, derribado os altares, profanado os logares santos, o amor, os mais inviolaveis sentimentos humanos; quando a guerra, o ferro, o fogo e o sectarismo tinham — por toda a parte — fechado os templos, esmagado a consciencia, retorcido a intelligencia, reduzido a cinzas o saber do passado, conservado nas bibliothecas, a que portas foi bater a agonia, o desespero do homem, a pedir paz, luz, conforto e estimulos para supportar a vida?

No meio da desolação e silencio universaes, só uma porta se lhe abriu, a da escola; só um asylo seguro e inviolavel o acolheu desveladamente: a escola.

E' quê se dera com os arabes o mesmo que sèccedera aos gregos de Alexandre:

O conhecimento de tantos aspectos novos da natureza, o contacto com povos e civilisações tão differentes, adoçaram o selvatico fanatismo e a grosseira barbaria dos Sarracenos; suas maneiras se poliram, seus pensamentos se elevaram.

Percorreram o reino da philosophia e da sciencia tão rapidamente quanto haviam percorrido as provincias do imperio romano.

E tornaram-se os renovadores do pensamento, os reconstructores da Escola de Alexandria, os ardentes propagandistas da sciencia, das bellas lettras e de tudo quanto fizera outr'ora o brilho e a grandeza do reino dos Ptolomeus.

Os califas portiaram nesse glorioso afan.

Al-Mamum, Moawiah, Almanzor, Harun-al-Raschid mandaram instituir por toda a parte escolas de medicina, de direito, de astronomia, de sciencias naturaes e bellas-lettras. Harunal-Raschid ordenou que em cada Mesquita se installasse uma grande escola. O seculo aureo da cultura mouresta, porém, foi o do califado de Al-Manzor. Fez elle de Bagdad uma cidade magnifica, uma grande capital scientifica; reuniu immensa collecção de livros e cercou-se de sabios. Era a Alexandria Mahometana. Reviveram e augmentaram-se as sciencias do Museu alexandrino.

Os Abassidas, na Asia, os Fatimitas, no Egypto, os Ommiadas, na Hespanha, rivalizavam menos no governo — que no empenho do maior esplendor e vulgarisação cultural de seus estados.

Constituiram-se grandes bibliothecas, como as de Bagdad, Cairo, Damasco e Cordoba. Arrecadaram-sa os livros de todos os povos conquistados. Em Constantinopla encontraram-se as

obras de Ptolomeu. A bibliotheca do califado de Hespanha continha mais de 600 mil volumes. Havia em Andaluzia 70 bibliothecas publicas. Reeditaram-se todas as obras da Escola de Alexandria. Todas as sciencias modernas foram ensinadas. Publicaram-se varias enciclopedias.

O imperio arabe, diz auctorizado historiador, cobriu-se de escolas e collegios. Houve os na Mongolia, na Tartaria, em Marrocos, em Fez, na Hespanha. Em uma das extremidades desse vasto imperio, excedente em muito da extensão do imperio romano, erguia-se o observatorio de Samarcandia e na outra, o de Giralda, na Hespanha.

As sciencias antigas foram consideravelmente desenvolvidas; varias sciencias novas nasceram.

Doutrinas, que se suppunham modernissimas, como a da evolução e do desenvolvimento dos seres organizados, eram magistralmente professadas por elles, com mais ousadia mesmo do que actualmente.

Mas, tremendas luctas religiosas, guerras seculares de sectarismo, de novo, mergulharam o mundo nessa longa agonia estertorosa que marca a edade media. E o despotismo entrou, de novo a estrangular silenciosamente a maltrapilha, cambaleante e miseranda ovelha humana.

Instituira-se a Inquisição. Os Torquemadas e Nicolas Eymerics irromperam devastadoramente por toda a parte. O tremendo tribunal suppliciara 340 mil victimas, num tempo apenas bastante para aterrorizar o mundo.

Apagaram-se os olhos que enxergavam; as fogueiras devoraram sarcasticamente toda essa linda e exuberante floração de escolas, bibliothecas, observatorios, academias e usinas scientificas da esplendente civilisação arabe.

Os altos cimos do pensamento, que embelleciam e guiavam o mundo, alvejados pela ferocidade do fanatismo, ruiram, anoiteceram-se.

Cahimos pesadamente, abandonadamente, ao fundo dessa lobrega soturnidade — que foi a denegação ao homem, ao ser intelligente e livre, do direito de pensar, sentir e querer.

Imperaram a morte e os espectros da dor e da desolação.

Não se podem recordar sem uma profunda piedade as angustias dessas innumeraveis victimas, arrastadas ao cadafalso, ás torturas, á fogueira, por opiniões que constituem o mais bello florão da intelligencia, os louros immarcessiveis da sciencia.

E Giordano Bruno, de pé, sozinho, abandonado de todas as affeições terrenas, cercado de seus algozes, é a expressão e o symbolo dessa epopéa de dor e de heroismo.

Ha na attitude desse homem solitario, de pé, na sombria sala, solemne e convencido, deante de seus juizes inexoraveis, uma grandeza que se não pode medir e descrever ao estalão de nossos mesquinhos processos.

Os soffrimentos de tantos martyres, que são os maiores homens que a humanidade tem produzido, o apagamento de tanta luz, o sacrificio de tanta virtude excelsa, commoveram, afinal, a suprema bondade de Deus.

E nas reivindicações e semeaduras dos seculos 15 e 16, ao alvorecer do seculo 17, brotavam—á luz e á vida, ao esplendor duma soberba expansão, as idéas e os ensinamentos da Escola de Alexandria e dos institutos mauriscos.

O novo dia despontava agora do norte da Italia. As escolas, academias e sociedades scientificas alastraram-se rapidamente dalli por toda a Europa, seguindo pelo sul da França. A «Academia dos Jogos Floraes», de Tolosa, a dos—«Secretorum Naturae», de Napoles, a «Lynceanna», de Roma, a celebre «Academia del Cimento», de Florença, a gloriosa Sociedade Real de Londres», foram os pontos de partida e os propulsores desse vigoroso movimento que velozmente empolgou todos os espiritos. Fundaram-se academias e institutos de ensino em todas as capitaes; escolas por toda a parte, em cada canto da terra onde houvesse o abrigo dum tecto, o canto dum coração para o carinho á cultura dessa formosa e embriagante flor da civilisação, que é a alma da juventude, o espirito do povo.

E a escola, ainda uma vez, vingou a civilisação, redimiu e elevou os destinos do homem. Aurorizou o «dia novo».

E esse formosissimo dia vem a mais e mais se expandindo; sua luz mais e mais se enriquece de tons, de refulgencias, de bellezas novas.

Penetramos os presagos humbraes deste mysterioso e iro nico seculo 20.

Ouvimos ainda, bem destinctos, os applausos ruidosos, as acclamações enthusiasticas ao seculo 19 no seu tombar para a historia, como o vozear de multidões do infinito para o potente gladiador que soubera triumphar das truculencias e inexorabilidade do tempo.

E nesse apogeu glorioso, em que sentimos os desvairamentos da grandeza na enormidade do caminho percorrido, nós poderiamos ainda formular a emmudecedora pergunta: Que é a verdade ?

E', srs , que nossa fronte pende pensativa, nossas crenças se abalam, nossa alma estremece ás fortes lufadas da formidavel crise scientifica, religiosa, philosophica, social e politica, em que se estorce e convulsiona o mundo neste momento.

A descoberta do radium e dos corpos radio-activos, mostra que não é uma chimera o sonho do moto-continuo; os trabalhos de Le Bon e de toda uma escola de sabios pretende ter modificado o axioma da indestructibilidade da materia, sustentaculo basilar de todo o edificio scientifico ;o direito divino e as velhas monarchias tradicionaes esbarrondam-se e pulverizam-se; o povo arroga-se as prerogativas e insignias da soberana auctoridade; o socialismo intenta, com estrondosos successos, assentar o governo da sociedade, a posse da terra, a distribuição das riquezas

em bases mais racionaes, mais justas e humanitarias; o poder da curia romana pede balbuciando o que dantes decidia e ordenava com arrogancia e despotismo irretorquiveis; em moral, as tendenciosidades do tempo arrastam-nos vertiginosamente para o culto da nudez e o sensualismo pagãos; as correntes philosophicas dominantes retrocedem ás fontes primitivas, voltam aos systemas antigos, revivem as doutrinas abandonadas e dellas se inspiram; poem-se, de novo, uma em frente da outra, as duas escolas—a teleologica ou da finalidade e a geometrica, ou da ordem e lei immutaveis.

Hartmann, Stahl, Nietzsche, Stirner, Schopenhauer, Rousseau, Tolstoi, Brunetière chegam ao mesmo pessimismo dissolvente que os philosophos gregos, latinos e mouriscos, a que aludimos, nas primeiras convulsões do espirito humano.

E exclamam, numa litania de desalento e amargo desgosto do mundo: a vida é um sonho martyrisante, o progresso, uma chimera venenosa, a civilisação, uma mentira, a sciencia uma illusão funesta, a sociedade um escarneo lancinante.

E, todos, antigos e modernos, chegam a esse resultado, a essa espantosa conclusão, em que se haviam abysmado Salomão, Marco Aurelio e Alexandre Humboldt: «tudo é vão. *Pan-ypolepsis*, tudo é hypothese accessoria, tudo é phantasia e illusão. A vida terrestre é vã e fugitiva.

As verdades exteriores são destituidas de valor, a propria vida não é mais que uma illusão. Oh, bios, ypolepsis ! ».

E é assim que resoam aos nossos ouvidos, com sua lugubre repercussão, o sino dos mortos e as injuncções dos vivos, precisamente de seus cumes mais elevados.

E, srs., para que o pensamento moderno, nesse movimento que encanta e assombra —pela vastidão e fulgor de seus recursos— coincida com o sentir desses grandes genios, desses pharoes da humanidade, segundo a expressão feliz de Hegel, alguma coisa extranha deve haver que assignale um periodo de transição, a subversão parcial ou total de uma ordem de coisas, que se não conforma com os processos e marcha evolucional da época.

Ouvimos tocar a rebate de todos os cantos da terra; as almas timidas estacam, e, tiritando, espreitam a abertura duma fuga. Brunetière, o papa vermelho do pessimismo, vai, romeiro de infortunisos, proclamando a fallencia do saber, a banca-rota de nosso systema de civilisação.

A sciencia pára, e, entre perplexa e duvidosa, perscruta, numa dolorosa anciedade.

A physica e a chimica, sciencias por excellecia positivas, internam-se e estabelecem-se resolutamente em pleno paiz do maravilhoso.

Após os trabalhos de Branlay, Le Bon, William Ramsay Verneuil, Moissan, Moacart, Delage, Benedict, Becquerel e os Curies, a physica retoma o manto da magia, a chimica mergulha nos mysterios da alchimia.

Achamo-nos em pleno dominio do occultismo, da resurreição dos milagres, das revelações e apparecimentos prodigiosos. Na própria astronomia, rigida sciencia geometrica, apparecem e manifestam-se os signaes, as interferencias inesperadas e innegaveis do maravilhoso.

E vacillantes, perplexos, attonitos, insensivelmente, anciosamente, agoniadamente nos acóde a pertubadora interrogação: que é a verdade?

Srs. presidente do Estado e Secretario do Interior, benemeritos representantes da civilisação mineira que se deve esforçar por continuar a ser o expoente da do Brasil: si esta pergunta terá uma resposta, si o homem e suas construcções na historia têm um destino, só a escola poderá dal-a, e desvendal-o, á luz vasculadora de toda sombra de duvida.

E essa promessa de Deus, e essa esperança do homem se comprirá no dia em que se lizer de cada coração, de cada lar uma escola, em que se ensine a rectidão do espirito no culto, do bem e da justiça; no dia em que a escola reflectir, não as preoccupações individualistas, o orgulho estreito e myope do egoismo enfesado e damninho, não os empuxos das pequeninas paixões subalternas, mas os estimulos superiores da grandeza, da felicidade e divinisação do homem e suas creações historicas. E' um ideal que ainda paira muito alto; mas... que nos é attingivel, prova-o esta homenagem aos poderes publicos mineiros, a inauguração desta encantadora escola, donde resumbram, em suggestões de força, de mocidade, de robustez e saude, de vida e belleza, emfim, as suaves e risonhas claridades de uma consciencia luminosa, forte e sã, luminosa, forte e sadiamente orientada

E' ainda uma aspiração martyrizante á realidade de um sonho, que nos acena sempre de uma etapa mais adeante no jornadear infindo. Mas... que começamos já a sentir as alegrias, pela proximidade do almejado pouso, demostram-no, aqui e em todo o mundo, os hymnos triumphaes com que se celebram as magnificencias do progresso, as victorias da sciencia, a glorificação do esforço humano.

Srs. presidente do Estado, Secretario do Interior, Reitor do Gymnasio e lemente Arthur Abreu, o povo vos felicita: ide tranquillos ao vosso destino. A missão do homem é fazer o bem, que consiste maximamente em illuminar as consciencias, para que estas mais e mais amem e cultuem a verdade e a justiça.

E' á illuminação do espirito, manda a sciencia que preceda a saúde, o vigor, a belleza do corpo, que é o delicado e misterioso molde em que se informa e personaliza a consciencia individual e collectiva.

Srs. presidente do Estado e Secretario do Interior, benemeritos patronos da instrucção publica em Minas, a conservação e engradecimento do gynasio Mineiro é uma homegem prestada á justiça; e a justiça paga com a eterna gratidão dos seculos,

com a bençam da historia, com a immortalidade, áquelles que servem sinceramente os destinos da humanidade.

A dupla homonagem que hoje aqui prestamos á abertura desta linda escola, ao solemne reconhecimento da benemerencia dos srs. presidente do Estado e Secretario do Interior, obedece a um dever patriotico, a ineluctavel dictame da justiça.

Srs. presidente do Estado e Secretario do Interior, patronos do gymnasio Mineiro, minhas senhoras, meus senhores: trabalhemos por elevar muito, sempre e mais ainda o nivel da escola! cultivemos a mocidade, a intelligencia, o caracter, a virtude, pela cultura da saúde, da robustez, da belleza e formosura viris; cultuemos os representantes do poder publico que esposam, pelejam e prossequem este glorioso desiderato; creemos homens superiores; sejamos o mais forte na lueta pela existencia; só são dignos de viver os homens, os povos e as nações que por além da vida amam a immortalidade, que por além da immortalidade amam a patria e a liberdade.

II. Decreto nº 4.363 (Aprova o Regulamento do Gymnasio Mineiro)

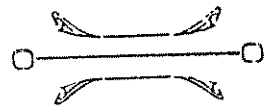
ESTADO DE MINAS GERAES

DECRETO N. 4.363

APPROVA O REGULAMENTO

DO

Gymnasio Mineiro



BELLO HORIZONTE
Imprensa Official do Estado de Minas Geraes
1915

G. 930



DECRETO N. 4.363

Approva o regulamento do Gymnasio Mineiro

O Presidente do Estado de Minas Geraes, usando da attribuição que lhe confere o art. 37, da Constituição do Estado, resolve approvar o regulamento que com este baixa, assignado pelo Secretario de Estado dos Negocios do Interior que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 7 de abril de 1915.

DELFIM MOREIRA DA COSTA RIBEIRO.

Americo Ferreira Lopes.

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exmo. sr. dr. Presidente do Estado

Em meu relatorio do anno passado, assignalei que a cessação das regalias de equiparação e o facto de recusarem alguns institutos de ensino superior validade aos exames processados no Gymnasio Mineiro para admissão nos respectivos cursos, determinaram a diminuição dos candidatos á matricula nesse estabelecimento.

A providencia para obviar o inconveniente, já observado desde 1912, consistiu na expedição do regulamento n. 3.853, de 29 de março de 1913, dividindo o curso—em fundamental e complementar—creando o pedagogico e um apprendizado de trabalhos manuaes.

O curso fundamental, além da educação physica, proporcionaria a cultura intellectual para a admissão nos cursos de ensino especial; o complementar integraria aquelle, habilitando o candidato á matricula nos cursos superiores; o pedagogico habilitaria alumnos do sexo masculino, não só para o magisterio, como para os cargos de inspectores technicos e directores de grupos escolares; o apprendizado de trabalhos manuaes visava a cultura das aptidões techni-

cas dos que houvessem vocação, para as profissões mechanicas.

Os resultados dessa reforma não puderam ser devidamente apreciados de vez que não funccionaram todos os cursos, e parte que teve execução não fornece dados seguros para ajuizar-se do insuccesso do plano.

Um facto, entretanto, perdurou durante o ultimo anno lectivo— o afastamento dos alumnos á matricula no Gymnasio Mineiro,— e, subsistindo os motivos que o determinaram, não estariamos, longe de mais depressa do que suppunhamos promover novas alterações do cit. regulamento, para que tão importante instituto de educação realizasse proficuamente o seu fim.

Em taes condições, publicada a reforma federal, que attribue importantissimo papel ao Gymnasio, torna-se necessario habilital-o a ministrar o ensino na conformidade do dec. n. 11.530, de 18 de março ultimo. Tal é o intuito do regulamento que submetto á approvação de v. exc.

Não vale antecipar argumentos pró ou contra a reforma em inicio: executal-a, apreciar-a nos minimos detalhes, indicando e promovendo as possiveis correcções é obra meritoria e de patriotismo.

A organização do ensino, por melhor que seja, estará sempre sujeito á controversia que a diversidade de opiniões houver por bem levantar; condemnal-a, só porque o accordo doutrinario não se estabeleceu, ou porque feriu interesses particulares, é retardar sem proveito a instrucção aos que se iniciam nas lettras.

Convencido de que o bom exito da reforma depende mais do corpo docente do estabelecimento do que

da acção do governo, devo, ao terminar, dizer a v. exc. que o novo regulamento organiza os dois Externatos do Gymnasio Mineiro, de accordo com as disposições do citado decreto federal, deixando-os subordinados á Secretaria do Interior.

Trata do fim e regimen do estabelecimento em seu titulo e capitulo iniciaes, para cogitar nas demais do pessoal administrativo e docente, da Secretaria e Bibliotheca, da congregação, dos trabalhos lectivos e exames, das penas disciplinares e do processo da respectiva imposição, e, finalmente, das disposições geraes e transitorias.

Sobre esses pontos, cingi-me á legislação estadoal existente a respeito e á lettra do citado decreto federal.

Si desta me apartei, foi sómente na distribuição de materias pelos diversos annos, para attender a dependencia que entre si mantém e para exigir, em proveito do ensino, mais estudo de algumas dellas.

Apresento a v. exc., mais uma vez, os protestos de minha elevada estima e muito apreço.

Bello Horizonte, 7 de abril de 1915. —O Secretario do Interior, *Americo Ferreira Lopes*.

Regulamento a que se refere o dec. n. 4.363, de 7 de abril de 1915

Titulo I

Do Gymnasio Mineiro

CAPITULO UNICO

DO FIM E REGIMEN DO GYMNASIO

Art. 1.º O Gymnasio Mineiro comprehenderá dois externatos, um em Bello Horizonte e outro em Barbacena destinados a ministrar aos alumnos instrucção fundamental, habilitando-os a prestar exame vestibular em qualquer dos estabelecimentos de ensino superior.

Art. 2.º Cada um dos externatos terá corpo docente e pessoal administrativo proprios: serão ambos regidos por este regulamento e ficarão subordinados á Secretaria do Interior e ás disposições do Decreto Federal, n. 11.530, de 18 de março de 1915.

Titulo II

Do pessoal administrativo

CAPITULO I

DA NOMEAÇÃO, POSSE, EXERCICIO, DEVERES, ATTRIBUIÇÕES SUBSTITUIÇÕES E VENCIMENTOS

Art. 3.º O pessoal do Gymnasio Mineiro será o seguinte:

2 reitores ;
2 secretarios ;
2 amanuenses ;
2 bibliothecarios ;
6 inspectores ;
2 inspectoras de alumnas;
2 porteiros ;
2 continuos ;
4 serventes.

Art. 4.· Serão nomeados :

a) o reitor e o secretario, pelo Presidente do Estado ;

b) o amanuense, o bibliothecario, os inspectores, a inspectora, o porteiro e o continuo, pelo Secretario do Interior. Os serventes serão contractados pelo reitor.

Art. 5.· Os funccionarios mencionados na lettra *a* do artigo antecedente tomarão posse perante o Secretario do Interior; os demais, perante o reitor.

Paragrapho unico. Nenhum funccionario poderá assumir o exercicio do cargo, para que for nomeado, sem que antes se compromettta por meio de affirmação ou juramento tomado por termo no livro proprio a desempenhar leal e honradamente os deveres inherentes ao mesmo cargo.

O prazo para a posse será de trinta dias, prorogaveis por mais trinta e contar-se-á da data da publicação do acto de nomeação.

Do Reitor:

Art. 6.· Ao reitor, funccionario de confiança do Governo, compete:

a) a direcção e administração do estabelecimento ;

b) ser o unico intermediario entre o Governo e o instituto a seu cargo, correspondendo-se com o Secretario do Interior :

c) prover a substituição dos cathedraticos e mestres quando a falta não exceder de 30 dias e organisar a relação de que trata o art. 26.

d) dar posse aos professores substitutos, aos auxiliares do ensino e de administração;

e) presidir ás sessões da Congregação, convocal-as e suspendel-as, executar suas decisões quando não forem contrarias á lei e prejudiciaes ao ensino ou dellas recorrer para o Secretario do Interior, si entender conveniente;

f) assistir, sempre que lhe for possivel, ás aulas, verificar o aproveitamento dos alumnos, observar si são efficazes os methodos de ensino adoptados pelos professores e si estes esgotam os programmas das respectivas cadeiras;

g) organizar o Regimento Interno e submettel-o á approvação do Secretario do Interior;

h) tomar as providencias de caracter urgente, ordenando as despesas de prompto pagamento dentro da verba consignada no orçamento;

i) fiscalizar diariamente o ponto do pessoal docente e administrativo, assignar a folha mensal de pagamento e os certificados de cumprimento de deveres;

j) despachar os papeis que lhe forem affectos, visar as certidões passadas pelo Secretario e rubricar os livros de escripturação;

k) manter no Externato rigorosa disciplina;

l) contractar e dispensar os serventes;

m) impor penas disciplinares ao pessoal docente, discente e administrativo de accordo com o disposto no art. 141, encaminhando para o Secretario do Interior o recurso dos que com ellas não se conformarem;

n) apresentar ao Secretario do Interior, encerrados os trabalhos lectivos, relatorio do occorrido no Externato quanto á ordem, disciplina e observancia das leis;

o) organi-ar a tabella horaria das aulas.

Art. 7.· O reitor, em suas faltas e impedimentos será substituido por pessoa designada pelo Secretario do Interior.

Dos auxiliares da administração

Art. 8. Além do que decorre da natureza dos respectivos cargos, e for, discriminadamente, prescripto aos diversos auxiliares administrativos pelo Regimento Interno, cumpre:

1 — Ao Secretario:

a) redigir, expedir e receber toda correspondencia official, sob as ordens do reitor, e encaminhar a este, devidamente informados, os requerimentos que lhe forem dirigidos;

b) assistir ás sessões da Congregação, prestar os esclarecimentos determinados pelo reitor, lavrar e subscrever a respectiva acta;

c) escripturar e ter em ordem os livros e papeis da secretaria, recolhendo-os ao archivo, opportunamente;

d) redigir editaes, actas de promoções e de exames, lavrar termos de abertura e encerramento de exames e concursos, marcar dias e horas e fazer chamadas para as provas de exames e concursos;

e) expedir as guias de pagamento das taxas de matricula e de exames dos alumnos, e passar, mediante despacho do reitor, as certidões requeridas;

f) abrir e encerrar o ponto diario dos professores e auxiliares do ensino e da administração, notando as faltas dadas pelos mesmos;

g) processar a folha mensal dos vencimentos que competem aos professores e auxiliares do ensino e da administração, e envial-a á Secretaria do Interior;

h) fiscalizar as compras de objectos necessarios para o expediente, e examinar e conferir as contas respectivas, declarando nas mesmas si estão ou não exactas;

i) trazer em dia a escripturação das despesas e pagamentos feitos por conta da verba consignada em lei para o expediente, e dar sempre ao reitor aviso do estado da mesma, afim de não ser excedida;

j) propor ao reitor tudo que for a bem do serviço da secretaria.

II. Ao amanuense:

a) executar os trabalhos da secretaria que forem ordenados pelo secretario ou reitor;

b) ter a seu cargo e bem ordenado o archivo da secretaria;

c) levantar e trazer em dia o inventario de todo o mobiliario e material technico do estabelecimento;

d) organizar as cadernetas das aulas, distribuil-as pelos professores no começo dos trabalhos lectivos, e archival-as depois de findas.

III. Ao bibliothecario:

a) ter a seu cargo e sob sua responsabilidade a bibliotheca, e permanecer na mesma nos dias e horas em que deverá estar aberta;

b) organizar os catalogos e registros prescriptos neste Regulamento.;

c) cuidar da conservação das obras e publicações, entregal-as ás pessoas que as pedirem para consulta, e recollocal-as no logar de que tiverem sido retiradas para o dito fim;

d) pedir ao reitor providencias, quando alguma pessoa perturbar a ordem dentro da bibliotheca, ou não guardar na mesma o devido silencio;

e) communicar ao reitor todas as irregularidades que se derem na bibliotheca, afim de que o mesmo providencie a respeito;

f) interessar os alumnos na leitura de obras capazes de lhes incutir idéas proveitosas e sentimentos nobres;

g) inculcar aos alumnos de pouca edade os livros que deverão de preferencia ler, attento o desenvolvimento intellectual de cada um.

Art. 9.º O Regimento Interno definitirá os deveres e attribuições dos inspectores, inspectora, porteiro, continuo e serventes, e os casos de substituição do secretario e demais auxiliares.

Art. 10. Os vencimentos do pessoal administrativo serão os fixados na tabella annexa.

Paragrapho unico. O reitor e mais funccionarios do Gymnasio, que não estiverem em goso de licença, perceberão todos os vencimentos durante as férias.

CAPITULO II

DA SECRETARIA E DA BIBLIOTHECA

Art. 11. A Secretaria é dirigida pelo secretario, a quem são subordinados os demais empregados; funccionará em todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas, podendo o expediente ser prorogado pelo reitor; abrir-se-á quinze dias antes do começo das aulas e encerrar-se-á ultimados os exames.

Art. 12. Sem prejuizo dos livros necessarios á boa ordem e clareza da escripturação, a Secretaria terá os seguintes:

a) para termos de posse do reitor, professores e mais funccionarios;

b) para registro dos titulos do pessoal do estabelecimento;

c) para inscripção de matricula dos alumnos, um para cada anno;

d) para actas de promoções e exames, um para cada anno;

e) para actas de concurso;

f) para registro dos actos expedidos pela reitoria;

g) para registro das licenças concedidas pelo governo;

h) para registro de penas impostas aos professores e mais funccionarios;

i) para registro das folhas de pagamento do pessoal do estabelecimento;

j) para inventario do material de ensino;

k) para inventario dos moveis do estabelecimento.

Art. 13. Haverá no Gymnasio uma bibliotheca, a cargo do bibliothecario, para uso dos professores e alumnos, e constituida de obras e publicações periodicas sobre disciplinas professadas nos cursos, educação e methodos de ensino.

Art. 14. A bibliotheca, entre outros livros indispensaveis á escripturação, terá o destinado ao registro de obras adquiridas, um catalogo e um indice dos nomes dos auctores.

Titulo III

Do corpo docente e da congregação — Dos concursos

CAPITULO I

DA NOMEAÇÃO, POSSE, EXERCICIO, DIREITOS E DEVERES, SUBSTITUIÇÕES E VENCIMENTOS

Art. 15. O corpo docente do Gymnasio será constituido pelos professores cathedraticos, pelos substitutos mencionados no art. 26 e por mestres de trabalhos graphicos, musica e gymnastica.

Art. 16. Serão nomeados:

a) os cathedraticos, mediante concurso, ou sem elle—nos termos do arts. 54 e 57 e pelo Presidente do Estado;

b) os substitutos e os mestres de trabalhos graphicos, musica e gymnastica, pelo Secretario do Interior.

Art. 17. Os cathedraticos tomarão posse perante o Secretario do Interior; os demais, perante o reitor.

Paragrapho unico. A posse do pessoal docente se regulará pelas disposições do art. 5.°, § unico.

Art. 18. Além dos que lhes são conferidos pelas leis do Estado, têm os professores cathedraticos os seguintes direitos: *a*) vitaliciedade depois de cinco annos de exercicio; *b*) remoção para cadeira vaga em outros es-

tabelecimentos de ensino publico do Estado, comtanto que seja de disciplinas identicas ás que professarem; *c*) permuta de cadeira com professor que leccione materia identica em outro estabelecimento de ensino publico do Estado; *d*) impressão, por conta do Estado, de dois mil exemplares de compendios que escreverem sobre as disciplinas professadas no Gymnasio; *e*) premio pecuniario, nunca inferior a um conto de reis, quando os compendios a que se refere a alinea precedente, forem de excepcional merecimento.

Art. 19. A vitaliciedade será concedida ao professor que provar: *a*) assiduidade no magisterio; *b*) ensino proveitoso: *c*) não passividade das penas definidas neste Regulamento.

§ 1.º Serão provados os dois primeiros requisitos por certidão passada pelo secretario do Gymnasio, e o terceiro por attestados do reitor e das auctoridades locaes.

§ 2.º Será considerado assiduo no magisterio o professor que não der habitualmente por mez tres ou mais faltas, e durante os cinco annos não tiver gosado de mais de noventa dias de licença para tratar de negocios.

§ 3.º O ensino do professor será considerado proveitoso, quando no periodo dos cinco annos tiverem sido approvados em sua maioria os alumnos por elle leccionados.

§ 4.º O professor declarado vitalicio só perderá sua cadeira nos casos especificados neste regulamento.

Art. 20. Para a concessão dos direitos referidos nas alineas *d* e *e* do art. 18 é indispensavel que o Conselho Superior de Instrucção Publica, ouvido a respeito, emitta parecer favoravel sobre a utilidade do compendio para o ensino, e sobre seu merecimento excepcional.

Art. 21. Incumbe ao professor cathedratico:

a) a regencia effectiva de sua cadeira e a organização do programma do curso que deverá ser submettido á Congregação,

b) ensinar a materia constante do programma e fazer parte das mesas examinadoras;

c) indicar o seu preparador e demais auxiliares;

Art. 22. Cabe ao substituto:

a) reger o curso que lhe fôr designado;
b) fazer parte das mesas examinadoras;
c) auxiliar os cathedraticos, quando chamado.

Art. 23. São deveres do cathedratico e do substituto:

1. — Tomar o maximo interesse pelo ensino, comparecendo assidua e pontualmente ás aulas, preenchendo o tempo marcado para as licções, evitando durante as mesmas tratar de assumpto que lhes seja extranho, empregando o methodo mais adequado ao nivel intellectual dos alumnos, e furtando-se á ostentação apparatosa de conhecimentos superiores á comprehensão delles.

2. — Arguir os alumnos com frequencia e egualdade sobre a materia explicada, afim de que todos se appliquem com esforço ao estudo das licções, e prestem attenção ás explicações das mesmas.

3. — Tratar os alumnos com brandura e urbanidade, ensinar-lhes os preceitos de civilidade, dar-lhes conselhos para bem procederem e reprehendel-os quando o merecerem, sem usar de palavras asperas e offensivas de sua dignidade.

4. — Esgotar o programma de ensino de sua cadeira, dando a todos seus pontos desenvolvimento mais ou menos egual, e coordenando bem suas licções, sem sobrecarregar de demasiado trabalho os alumnos, nem perder de vista o ensino em outras cadeiras.

5. — Manter a disciplina em suas aulas e auxiliar o reitor na manutenção da ordem dentro do estabelecimento e em suas adjacencias, sempre que fôr preciso.

6. — Observar todas as considerações do reitor, concernentes á disciplina nas aulas, á conveniencia do ensino e á boa ordem do estabelecimento, e desempenhar as commissões de que for incumbido.

vendo empate, terá o reitor o voto de qualidade, excepto no caso do paragrapho unico do artigo seguinte.

Art. 34. Nas questões em que fôr particularmente interessado algum professor, poderá o mesmo tomar parte na discussão, sem, entretanto, votar nem assistir á votação.

Paragrapho unico. A votação neste caso será por escrutinio secreto e, si houver empate, prevalecerá a opinião mais favoravel ao interessado.

Art. 35. O professor que assistir á sessão não deixará de votar, salvo justo motivo, a juizo da congregação.

Art. 36. Entre outras attribuições que lhe são conferidas neste regulamento, compete á Congregação:

a) discutir e adoptar os methodos, modos e fórmas de ensino que lhe parecerem mais convenientes;

b) adoptar no principio de cada anno lectivo os livros e compendios que julgar mais apropriados ao ensino de cada uma das disciplinas;

c) prestar ao reitor todo o auxilio na manutenção da disciplina, suggerindo as providencias que convenha sejam tomadas nos casos de alteração da ordem;

d) emittir parecer sobre os assumptos e casos a cujo respeito fôr consultada pelo reitor ou pelo governo do Estado;

e) approvar trinta dias antes da abertura das aulas os programmas elaborados pelos professores;

f) eleger, por voto uninominal, as commissões examinadoras dos concursos, e approvar as indicações de examinadores dos alumnos feitas pelo reitor;

g) assistir ás provas oraes dos concursos, examinar as provas escriptas e votar na classificação dos candidatos pelo modo indicado no Regulamento;

h) propor ao Secretario do Interior augmento, diminuição ou suppressão de taxas;

i) organizar o curso em secções, observando a connexão das materias e não permittindo secção de mais de tres cadeiras;

Art. 37. O secretario da Congregação será o mesmo do Gymnasio, e em sua falta servirá o seu substituto ou o professor que o reitor designar ao abrir a sessão.

Art. 38. O Regimento Interno determinará o numero de sessões ordinarias da Congregação, a ordem dos trabalhos, modo de discussão e quaesquer outras providencias não previstas neste regulamento.

CAPITULO III

DOS CONCURSOS

Art. 39. Logo que vague um logar de professor cathedratico, o reitor mandará publicar edital com o prazo de cento e vinte dias, declarando abertas as inscripções para o concurso, bem como as condições para se inscreverem os candidatos.

O prazo será contado da data do edital e terminará no primeiro dia util, si o ultimo do termo fôr feriado.

Em férias, conservar-se-á aberta a inscripção até o primeiro dia util que se seguir ao termo.

Paragrapho unico. Findo o prazo marcado para a inscripção, nenhum candidato mais será admittido a inscrever-se, sejam quaes forem os motivos allegados.

Art. 40. A inscripção será requerida ao reitor pelo candidato ou seu procurador, acompanhando o requerimento folha corrida e prova de ser cidadão brasileiro, maior de 21 annos, vaccinado, e de capacidade moral e physica para exercer o logar.

Paragrapho unico. Com os documentos enumerados neste artigo, o candidato apresentará cincoenta exemplares, impressos em folhetos, de trabalho seu sobre a materia em concurso.

Art. 41. Si nenhum candidato se houver inscripto no prazo marcado, mandará o reitor annunciar de novo o concurso.

Art. 42. Haverá para as inscripções livro apropriado, em que o secretario lavrará para cada concurso um termo de abertura e outro de encerramento, os quaes serão assignados pelo reitor e pelo fiscal do Conselho Superior do Ensino, si estiver presente.

Art. 43. Decorrido o prazo para a inscripção dos candidatos, o reitor convocará a Congregação para eleger, dentre os seus membros, quatro examinadores, reconhecidamente habilitados na materia do exame, ou, na falta destes, pessoas que possam ser convidadas.

Art. 44. Escolhida a commissão examinadora, o reitor mandará publicar o edital, com antecedencia de 8 dias, indicando dia e hora para o inicio do concurso, que será publico e realizado em sala do Gymnasio que comporte grande auditorio.

Art. 45. O concurso para professor, além do trabalho mencionado no paragrapho unico do art. 40, comprehenderá :

a) arguição do candidato pela banca examinadora, sob a presidencia do Reitor, para verificar a authenticidade ou paternidade do trabalho apresentado, podendo cada um dos examinadores interrogar o candidato durante meia hora, no maximo;

b) prova pratica das materias enuumeradas no art. 46.

c) prelecção, durante quarenta minutos, sobre um dos pontos da materia tirado a sorte 24 horas antes e collocados na urna em presença dos candidatos, que verificarão si o programma foi incluido na integra.

Art. 46. Haverá prova pratica de physica, chimica, historia natural, desenho, musica e gymnastica, podendo a destas duas ultimas ser dispensada a juizo da commissão examinadora.

Art. 47. Para prova pratica, a commissão examinadora organizará, pelo menos, 20 pontos e os submetterá á approvação do reitor, antes de iniciado o exame.

§ 1.° No acto da prova pratica poderão os candidatos usar de livros, instrumentos e apparelhos seus, ou que lhes forem fornecidos na occasião.

§ 2.° Em caso algum poderão ser os pontos previamente revelados aos candidatos, sob pena de nullidade do concurso.

§ 3.° Os pontos serão tirados á sorte pelos candidatos, excluido o que já tiver sahido para alguma prova anterior.

§ 4.° A prova pratica durará, quando muito, tres horas.

§ 5.° Emquanto estiver fazendo a prova pratica, não poderá o candidato communicar-se com pessoas extranhas á Congregação.

Art. 48. Occorrendo motivo de força maior, poderá o reitor transferir a exhibição de qualquer prova, comtanto que a transferencia não exceda de vinte dias.

Art. 49. Qualquer que seja o motivo allegado, ficará excluido do concurso o candidato que não comparecer a uma prova depois de sorteado o ponto, ou que se retirar antes de concluil-a.

Art. 50. Terminada a ultima prova, a Congregação julgará os candidatos, declarando-os habilitados, ou não, e classificando-os na ordem em que merecerem.

A votação para o julgamento far-se-á pelo modo previsto no Regimento Interno.

Art. 51. Findo o julgamento, lavrará o secretario uma acta minuciosa do concurso, a qual será subscripta por elle e assignada pela commissão examinadora e pelo fiscal do Conselho do Ensino Superior.

Paragrapho unico. A acta mencionará :

a) os nomes dos candidatos inscriptos, dias em que se effectuaram as provas e os pontos sorteados ;

b) o resultado do julgamento de cada prova e a classificação dos candidatos;

c) quaesquer factos, dignos de nota, occorridos durante o concurso.

Art. 52. Assignada a acta, o reitor enviará ao Secretario do Interior os papeis do concurso e os do

recurso que for intentado da deliberação da Congregação.

Paragrapho unico. O Secretario do Interior poderá conceder ao recorrente prazo não excedente de 20 dias, para instruir e documentar o recurso.

Art. 53. Esgotado o prazo, será proferida decisão definitiva a respeito.

Art. 54. Si depois de dois concursos successivos para provimento de uma cadeira não tiver apparecido candidato, ou nenhum tiver sido approvado, poderá o governo nomear, para regel-a effectivamente, pessoa de notoria idoneidade moral, que tenha leccionado com reconhecido proveito a materia respectiva, ou publicado trabalho de real merecimento sobre a mesma.

Art. 55. Ficam dispensados de apresentar trabalhos escriptos os candidatos ao segundo concurso que tenham sido habilitados no primeiro.

Art. 56. Os substitutos, candidatos á vaga, ficam dispensados da arguição a que se refere a lettra *a* do art. 45.

Art. 57. Será dispensado do concurso, pelo voto de dois terços da Congregação confirmado pelo Secretario do Interior, o auctor de obra verdadeiramente notavel sobre o assumpto da cadeira de uma secção.

Titulo IV

Dos trabalhos lectivos. Dos exames

CAPITULO I

DO CURSO E SUA DIVISÃO

Art. 58. As materias que constituem o curso gymnasial são: portuguez, francez, latim, inglez, allemão, arithmetica, algebra elementar, geometria, geographia, chorographia do Brasil e elementos de cosmographia, historia universal e do Brasil, physica e chimica e historia natural.

Art. 59. A distribuição das materias será:

1.º anno — portuguez, francez, latim, geographia e chorographia do Brasil;

2.º anno — portuguez, francez, latim, arithmetica e historia do Brasil;

3.º anno — portuguez, francez, latim, algebra e geometria;

4.º anno — portuguez, inglez ou allemão, elementos de cosmographia e historia universal;

5.º anno — inglez ou allemão, historia universal, physica e chimica e historia natural.

§ 1º Haverá no 5º anno um curso facultativo de psychologia e logica, historia da philosophia, por meio da exposição das doutrinas das principaes escolas philosophicas.

§ 2.º E' obrigatoria a frequencia ás lições de gymnastica e desenho nos quatro primeiros annos.

Art. 60. O alumno poderá escolher entre o estudo do inglez e o do allemão, porém o horario será organizado de modo que, querendo, possa elle aprender uma e outra lingua, embora preste exame da que preferir.

Art. 61. O estudo de linguas vivas extrangeiras será exclusivamente pratico, de modo que o estudante se torne capaz de falar e ler em francez, inglez ou allemão, sem vacillar nem recorrer frequentemente ao diccionario.

Art. 62. Os candidatos ao estudo de pharmacia ou odontologia requererão ao reitor licença, que lhes será concedida, para estudar sómente portuguez, francez, geographia, arithmetica, physica e chimica e historia natural, prestando exame de quatro dessas materias no maximo, como os estudantes não matriculados.

Art. 63. O ensino de latim será ministrado de fórma que o alumno no ultimo anno possa traduzir

qualquer trecho das orações de Cicero ou das obras de Virgilio.

Art. 64. Haverá em cada externato duas cadeiras de portuguez, duas de francez, uma de inglez, uma de allemão, uma de latim, duas de mathematica elementar, comprehendendo uma de arithmetica e algebra e outra de geometria, uma de geographia, chorographia do Brasil e elementos de cosmographia, uma de physica e chimica, uma de historia natural, uma de historia do Brasil e historia universal, uma de artes graphicas, uma de gymnastica, uma de musica, e as facultativas de psychologia e logica e historia da philosophia.

Art. 65. O estudo das disciplinas do curso far-se-á por programmas elaborados pelos respectivos professores e submettidos á Congregação trinta dias antes da abertura das aulas.

Paragrapho unico. Os programmas devem ser impressos, designar as lições por meio de summario, obedecer, em sua organização, ao que houver a respeito no collegio Pedro II; attender ao numero de 80 lições, pelo menos, de cada disciplina; á gradação e unidade do ensino nas diversas classes e á dependencia das materias entre si.

Art. 66. Os cursos não serão interrompidos pelo processo de exames e concursos durante o anno.

CAPITULO II

DA MATRICULA

Art. 67. A matricula se realizará de 16 a 31 de março de cada anno, precedendo edital publicado no jornal official do Estado, e, sob pretexto algum, será permittida depois daquelle prazo.

Art. 68. Para a matricula, que vigorará por um anno, devem os interessados, seus paes ou tutores, apresentar requerimento acompanhado de documentos, sellados com estampilha estadoal, provando:

a) contar o candidato mais de 11 annos de edade;

b) ter pago as taxas de exame de admissão, matricula e frequencia;

c) achar-se habilitado a emprehender o estudo das materias do curso gymnasial.

A prova deste requisito consistirá em exame elementar de lingua vernacula, rudimentos de historia do Brasil, arithmetica, geometria pratica e geographia physica.

Art. 69. Deferido o requerimento, o Secretario inscreverá o nome do matriculando no livro competente, com a declaração de sua edade, naturalidade, filiação, e, em seguida á ultima inscripção, lavrará e subscreverá o termo de encerramento, que será visado pelo fiscal do Conselho Superior do Ensino, si presente ao acto.

Art. 70. A matricula no 2.º anno e nos subsequentes deverá ser requerida, juntando-se certidão de approvação no anno anterior e o talão do pagamento das taxas devidas, si se tratar de alumno do externato.

O alumno extranho, aos documentos referidos, juntará guia de transferencia visada pelo fiscal do Conselho Superior de Ensino.

Art. 71. O numero de alumnos de cada externato não poderá exceder de 400.

CAPITULO III

DO ANNO LECTIVO

Art. 72. O anno lectivo começará a 1.º de abril e terminará a 15 de novembro, abrangendo cada materia do curso, no minimo, 80 licções.

Paragrapho unico. A data fixada para inicio dos exames, bem como a da abertura das aulas, só mediante auctorização do Secretario do Interior, e em virtude de reconhecida necessidade, poderá ser transferida.

Art. 73. Os alumnos não terão por dia mais de 3 aulas de linguas ou sciencias, exceptuando-se deste numero os trabalhos puramente praticos.

§ 1.° As aulas funccionarão das 11 ás 16 1/2 horas, de accordo com o horario organizado pelo reitor, attendendo á conveniencia do ensino e durará cada uma sessenta minutos, destinando-se 15 para entrada e chamada de alumnos e 45 para licção, prova escripta e trabalho pratico.

§ 2.° Os trabalhos praticos de physica e chimica serão executados das 15 1/2 ás 16 1/2 horas, sob a direcção do preparador, quando determinados pelo cathedratico das referidas disciplinas.

CAPITULO IV

DO REGIMEN DAS AULAS

Art. 74. A frequencia será obrigatoria, cumprindo aos alumnos assistir ás aulas, responder as lições ou arguições e executar as provas escriptas ou trabalhos praticos que lhes forem prescriptos.

Art. 75. Haverá para cada aula uma caderneta em que o professor respectivo registrará com toda a clareza e regularidade: o dia do mez, objecto da lição, prova escripta ou trabalho pratico, as faltas dos alumnos.

Paragrapho unico. A falta de registro na caderneta ou registro incompleto indicará haver o professor deixado de dar aula, ainda que tenha assignado o livro de ponto diario.

Art. 76. Além do prescripto no artigo precedente, o professor registrará as notas de lições, arguição, prova escripta, trabalho pratico e procedimento de cada alumno.

Art. 77. A caderneta será escripturada conforme o modelo que fôr adoptado, e conterá em columnas distinctas os nomes de todos os alumnos da aula, precedidos dos respectivos numeros de matricula.

§ 1.° No registro das faltas e notas dos alumnos serão os mesmos indicados na caderneta pelos respectivos numeros de matricula.

§ 2.° Ao começar a aula, o professor fará chamada nominal de todos os alumnos pela lista da caderneta, marcando falta aos que não tiverem comparecido.

Art. 78. No caso do registro de que trata o artigo 75, o merecimento das lições, arguições, trabalhos praticos e procedimento será julgado por graus expressos em algarismos, na fórma do art. 82.

Paragrapho. O procedimento do alumno si não estiver registrado presumir-se-á *bom*.

CAPITULO V

DOS EXAMES

Art. 79. Haverá duas épocas de exame, começando a primeira no dia 1.° de dezembro e a segunda a 1.° de março, annunciando-se a respectiva inscripção por edital publicado no jornal official, com antecedencia de quinze dias.

Paragrapho unico. Em caso de grande affluencia de candidatos, mediante proposta do reitor, a Congregação poderá permittir que os exames da 1.ª época começem a 20 de novembro.

Não podem ser inscriptos como alumnos do Gymnasio os que tiverem quarenta faltas em qualquer das cadeiras do curso.

Art. 80. Para que os trabalhos de exame finalizem no prazo legal, poderão ser examinadas duas turmas de alumnos por dia, cabendo ao reitor fixar o numero de candidatos de cada uma e constituir novas mesas, si a já constituida nisso convier.

Art. 81. Nos exames de passagem haverá uma succinta arguição oral sobre a materia leccionada, e nos finaes, escripta, pratica e oral.

Art. 82. Todos os examinadores votarão para se apurar a nota de cada cadeira, julgando por gráos expressos em algarismo desde *o* até *10*, indicando *o* nota *má*, de *1* a *5 soffrivel*, de *6* a *9 bôa*, *10*, *optima*.

Paragraphio unico. O numero indicativo da nota merecida será lançado por extenso á margem da prova escripta, nos exames finaes, e em lista formada e assignada pelo julgador, nos exames de passagem.

Art. 83. Dando-se, no julgamento de uma prova, divergencias de notas, prevalecerá a que tiver maioria de votos. Não tendo nenhuma maioria de votos, prevalecerá a média resultante da somma de todas dividida por tres.

Art. 84. Nos exames finaes, julgada a prova escripta e a oral e dividida por dois a somma das notas das duas, será approvado simplesmente o examinando que obtiver de média pelo menos *dois*; plenamente, o que obtiver de média pelo menos *quatro*; e distincção o que obtiver de média pelo menos *sete*.

Art. 85. Ficará inhabilitado para a prova oral o examinando que obtiver *zero* na prova escripta ou que fôr surprehendido em flagrante de copia fraudulenta de impresso ou manuscripto.

Art. 86. Os exames de passagem serão julgados pela fórma estabelecida no art. 84, considerando-se unicamente a nota da prova oral.

Art. 87. Quer nos exames de passagem, quer nos finaes, o numero da nota ou da média indicará o gráo de approvação.

Art. 88. Será reprovado o examinando que obtiver *zero* na prova oral de exame final ou que neste ou em exame de passagem obtiver média ou nota inferior a *dois*.

Art. 89. O julgamento dos exames de admissão será feito conforme o disposto no art. 84, deduzindo-se a média da somma das notas dadas ás diversas provas, de conformidade com o art. 82.

Art. 90. Dos exames de passagem, finaes e de admissão lavrará o secretario uma acta subscripta por elle e assignada pelos membros da commissão examinadora e pelo fiscal do Conselho Superior, si presente ao acto.

Art. 91. Na 1ª época as commissões examinadoras tomarão para base do seu julgamento as médias annuaes dos candidatos, verificadas pelos professores, em provas no correr do anno e nas aulas praticas.

Art. 92. As médias annuaes não influem no julgamento do preparo dos candidatos a exame na segunda época.

Art. 93. As commissões examinadoras serão constituidas pelos cathedraticos e substitutos de cada um dos externatos, e no impedimento ou falta desses, o reitor nomeará o professor de notoria competencia, extranho ao corpo docente.

Art. 94. Nenhum dos membros da commissão examinadora poderá recusar o encargo, sob pretexto algum, a não ser incommodo de saúde, provado com attestado medico.

Art. 95. O professor da disciplina sobre que versar o exame será examinador nato e, com um presidente e outro cathedratico, constituirá a commissão.

Art. 96. O presidente da commissão examinadora enunciará tambem juizo sobre o merecimento de cada uma das provas.

Art. 97. Para prestar exame na 1ª época, o candidato provará:

a) cumprimento das disposições regulamentares relativas á frequencia;

b) pagamento da taxa do exame.

Art. 98. Para prestar exame na 2ª epocha o alumno deverá provar.

a) não haver prestado exame na 1ª epocha no Gymnasio, Collegio Pedro II ou equiparados;

b) haver pago a taxa de exame.

Art. 99. A prova escripta de linguas vivas constará de traducção de obra litteraria, classica e difficil, de preferencia em verso, permittido o auxilio do diccionario. A prova oral constará de leitura e

traducção, sem auxilio de diccionario, de um livro de excellente prosador, bem como de palestra, na lingua extrangeira, entre o examinador e o alumno.

Paragrapho unico. Não poderá servir para o exame livro traduzido em aula ou simplesmente mencionado nos programmas approvados pela Congregação, ou que haja sido traduzido no todo ou em parte durante o anno lectivo.

Art. 100. A prova escripta de latim versará sobre obras de bom poeta classico e a oral sobre as principaes orações de Cicero.

Paragrapho unico. Em exames de latim servirão os livros traduzidos em aula e mencionados no programma approvado pela Congregação, e será permittido sempre o auxilio do diccionario.

Art. 101. A prova escripta de geographia versará exclusivamente sobre o Brasil.

Art. 102. No exame oral se concederão vinte minutos ao candidato para pensar sobre o ponto a desenvolver ou trecho a traduzir.

Art. 103. Os exames se realizarão no edificio do Gymnasio.

Art. 104. A nota obtida em exame de desenho visa apenas estimular os estudantes: não influe para a passagem do alumno para o anno immediato; basta-lhe, para a promoção, exhibir attestado de frequencia, subscripto pelo professor, na fórma e sob as condições prescriptas por este regulamento.

Art. 105. A taxa de exame paga por alumnos extranhos ao Externato destina-se metade á gratificação dos examinadores mediante rateio.

Art. 106. Os alumnos do Gymnasio não podem prestar exames, de uma só vez, das materias de mais de um anno escolar.

§ 1.º Os estudantes não matriculados são examinados em dezembro, conjunctamente com os alumnos, não estando obrigados ás séries de materias, porém não se podendo inscrever para exame de mais de oito disciplinas em 1916, nem para mais de quatro nos annos posteriores.

§ 2.º Em exame de linguas estudadas em varios annos os candidatos extranhos ao Gymnasio são chamados com os alumnos do ultimo anno.

Art. 107. A segunda época servirá apenas para os alumnos, quando por força maior se não tiverem apresentado a exame na primeira, ou houverem sido reprovados ou deixados de ser examinados em uma só materia.

Art. 108. O docente que leccionar particularmente ou em estabelecimentos particulares materia identica a que officialmente ensina no Gymnasio não fará parte da commissão examinadora.

Paragrapho unico. A exclusão se extende ao caso em que seja o curso particular dirigido por parente do professor até o segundo grau civil.

Art. 109. O reitor do Gymnasio excluirá das commissões examinadoras o professor que revelar especial condescendencia para com alumnos de institutos ou cursos particulares.

Art. 110. Para as provas escriptas serão chamados tantos examinandos quantos permittir a capacidade da sala e a conveniencia da fiscalização.

Art. 111. A prova escripta será feita a portas fechadas no prazo maximo de tres horas, sem auxilio de apontamentos particulares ou de quaesquer livros não permittidos pela commissão examinadora e em papel rubricado préviamente por esta e pelo fiscal do Conselho Superior do Ensino.

Art. 112. Terminadas e julgadas todas as provas escriptas dos exames de qualquer dos cursos, começarão as provas oraes, para as quaes serão chamados, por dia, dez examinandos, no maximo.

§ 1.º A prova oral será publica e durará vinte minutos para cada examinando;

§ 2.º A chamada para qualquer das especies de provas será feita pela ordem da lista respectiva:

§ 3.º O examinando que por motivo justificado perante a commissão examinadora deixar de accudir á primeira chamada, terá direito a uma segunda, sinão tiverem sido ainda encerrados os exames da disciplina

diante attestado do reitor, depois de cumprida a prescripção referida.

Art, 121. Na folha de pagamento attestará o secretario o exercicio do reitor durante o mez.

Art. 122. O funccionario que dér trinta faltas em um mez ou trinta consecutivas de um mez para outro, não será admittido a justificar as que excederem desse numero, cumprindo-lhe em tal caso pedir licença.

Paragrapho unico. As faltas consecutivas serão contadas sem exclusão dos dias feriados intercalados.

Art. 123. O professor substituto que não dér as aulas do substituido, perderá os vencimentos da substituição, ainda que a falta seja abonada ou justificada.

Paragrapho unico. A disposição deste artigo é extensiva ao professor interino e ao substituto extranho ao corpo docente, e bem assim a qualquer funccionario interino ou substituto que faltar aos deveres respectivos.

Art. 124. O professor que faltar ás sessões da congregação ou a qualquer acto decorrente de suas attribuições, ou que recusar commissão ou encargo a que estiver obrigado perderá, no primeiro caso, os vencimentos do dia, e no segundo, os de tantos dias, quantos durar a commissão ou encargo, que será então incumbido a outro.

Art. 125. Além das ferias, contadas do periodo em que se concluir o trabalho lectivo até a reabertura do anno escolar em 1.º de abril, serão feriados os domingos, dias de festa nacional e do Estado, os dias de Carnaval e os tres ultimos dias da Semana Santa.

CAPITULO II

DAS PENAS RELATIVAS AO CORPO DOCENTE E AO PESSOAL ADMINISTRATIVO E DO PROCESSO DAS RESPECTIVAS IMPOSIÇÕES.

Art. 126. O pessoal docente e administrativo fica sujeito ás penas constituidas pela simples advertencia, suspensão e perda do exercicio do cargo.

Art. 127. Incorrerão em culpa e ficarão sujeitos áquellas penalidades os membros do magisterio:

a) que não apresentarem os seus programmas em tempo opportuno ou delles nem duas terças partes ensinarem durante o anno lectivo;

b) que faltarem ás sessões da Congregação sem motivo justificado;

c) que deixarem de comparecer, para desempenho de seus deveres, por espaço de oito dias, sem justificação;

d) que faltarem com respeito ao reitor, ás demais auctoridades do ensino, aos seus collegas e á propria dignidade do corpo docente;

e) que se ausentarem das funcções de seu cargo por mais de 30 dias fora dos casos permittidos em lei.

Paragrapho unico. Os docentes que incorrerem nas culpas definidas nas lettras *a*, *b* e *c* ficarão sujeitos, além de descontos em folha de pagamento, á advertencia applicada pelo reitor; os que incorrerem na lettra *d* soffrerão a pena de suspensão, de oito a 30 dias, imposta pela Congregação; e os que incorrerem na culpa da lettra *e* perderão o cargo, o que será verificado e declarado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Estado.

Art. 128. A pena de demissão será imposta ao professor:

a) que tiver sido suspenso tres vezes;

b) que fomentar immoralidade entre os alumnos;

c) que se entregar a vicio que o incapacite moral ou intellectualmente para o magisterio;

d) que abandonar o exercicio do cargo por mais de trinta dias;

e) que estiver no caso previsto no art. 118 da Constituição do Estado.

Paragrapho unico. Será imposta pelo reitor a pena de admoestação; pelo secretario do Interior, a de reprehensão, suspensão ou multa; pelo Presidente do Estado, a de demissão.

Art. 129. As penas de multa, suspensão e demissão serão impostas mediante audiencia do Conselho

Superior do Estado, perante o qual será instaurado o competente processo disciplinar.

Paragrapho unico. Em caso de falta ou crime que offenda a moral, suspenderá o reitor immediatamente o professor, e levará o facto ao conhecimento do Secretario do Interior, que o submetterá ao exame do Conselho Superior do Estado, observado o processo estabelecido neste regulamento.

Art. 130. O reitor e os auxiliares do ensino e da administração ficarão sujeitos ás mesmas penas estabelecidas no art. 131 deste regulamento, as quaes lhes serão impostas independente de audiencia do Conselho Superior do Estado.

Paragrapho unico. A multa, quando imposta ao reitor, será duplicada.

Art. 131. Os funccionarios de que trata o artigo antecedente incorrerão na pena:

a) de admoestação, quando não cumprirem os deveres de seus respectivos cargos, ou cumpril-os com negligencia, ou quando derem habitualmente por mez mais de tres faltas não justificadas;

b) de reprehensão, quando reincidirem em faltas pelas quaes já tiverem sido admoestados, ou infringirem qualquer disposição deste regulamento ou do regimento interno;

c) de multa, quando reincidirem em faltas pelas quaes já tiverem sido reprehendidos;

d) de suspensão, quando reincidirem em faltas pelas quaes já tiverem sido multados, ou concorrerem de qualquer modo, directa ou indirectamente, para a perturbação da ordem do estabelecimento;

e) de demissão, quando reincidirem em faltas pelas quaes já tiverem sido suspensos, ou commetterem falta que affecte os creditos e moralidade do estabelecimento.

Art. 132. Aos inspectores de alumnos, inspectora, porteiro e continuo serão impostas pelo reitor as penas de admoestação, reprehensão, multa e suspensão, e pelo Secretario do Interior a de demissão.

Art. 133. Os serventes ficarão sujeitos ás penas de admoestação, reprehensão e demissão, as quaes lhes serão impostas pelo reitor.

Art. 134. Incorrerão na pena de demissão os professores, reitor e auxiliares do ensino e da administração:

a) que tiverem na séde do estabelecimento casa commercial, ou de qualquer modo exercerem o commercio;

b) que acceitarem outro emprego remunerado pelo Estado ou pela União, salvo cargo electivo;

c) que se ausentarem da séde do estabelecimento por mais de trinta dias, no decurso do anno lectivo, sem licença do governo.

Art. 135. A pessoa que dentro do prazo marcado no § unico, art. 5º, não entrar em exercicio do cargo para que tiver sido nomeada, perderá a nomeação.

Art. 136. O Secretario do Interior, logo que tiver conhecimento da falta ou faltas por que seja accusado algum professor, determinará que seja o mesmo intimado para, dentro do prazo de quinze dias, defender-se da accusação.

§ 1.º Esse prazo correrá da data em que fôr recebida a intimação.

§ 2.º Ao accusado será enviada copia da accusação e dos documentos que a instruam.

§ 3.º Poderá o accusado juntar á defesa os documentos que entender convenientes.

Art. 137. Findo o prazo de quinze dias e recebida ou não a defesa do accusado, remetterá o Secretario do Interior ao Conselho Superior do Estado todos os papeis relativos á accusação, afim de que elle se pronuncie sobre a procedencia ou improcedencia da mesma, indicando na primeira hypothese qual a pena que deverá ser applicada.

Paragrapho unico. Ao accusado dever-se-á dar aviso do dia, hora e logar da reunião do Conselho.

Art. 138. Proferida a decisão será esta submettida, dentro de tres dias, ao conhecimento do Secreta-

rio do Interior ou do Presidente do Estado, que a confirmará ou reformará.

§ 1.° O prazo de tres dias correrá da data em que o accusado for intimado da decisão do Conselho.

§ 2.° O julgamento definitivo será proferido dentro do prazo de trinta dias.

Art. 139. Da imposição das penas de multa e suspensão poderá o accusado recorrer para o presidente do Estado.

Paragrapho unico. O recurso será interposto dentro do prazo de oito dias, contados da data em que o accusado for intimado da imposição da pena e será decidido dentro de trinta dias.

CAPITULO III

DAS PENAS DISCIPLINARES RELATIVAS AOS ALUMNOS E DO PROCESSO DA RESPECTIVA IMPOSIÇÃO

Art. 140. Ao reitor, á Congregação e ao Secretario do Interior cabe providenciar sobre a ordem e disciplina, fazendo observar as penas de suspensão ou exclusão impostas pelo Collegio Pedro II ou estabelecimentos que lhe forem equiparados.

Art. 141. As penas disciplinares são as seguintes:

a) advertencia particular, feita pelo reitor;

b) advertencia publica, feita pelo reitor em presença de docentes;

c) suspensão por um ou mais periodos lectivos;

d) expulsão do gymnasio.

§ 1.° As penas disciplinares indicadas nas lettras *a* e *b* serão impostas pelo reitor, e as de *c* e *d* pela Congregação e Secretario do Interior.

§ 2.° Estas penas não isentam os delinquentes das penas do Codigo Penal em que houverem incorrido.

Incorrerão nas penas comminadas pelo artigo anterior, alineas *a* e *b*:

a) os alumnos que faltarem ao respeito devido ao reitor ou a qualquer membro da corporação docente, ou desobedecerem ás suas prescripções;

b) offenderem á honra de seus collegas;

c) perturbarem a ordem, procederem deshonestamente nas aulas ou no recinto do gymnasio;

d) fizerem inscripção de qualquer especie nas paredes do edificio do gymnasio ou destruirem os editaes avisos nellas affixados;

e) damnificarem os instrumentos, apparelhos, modelos, mappas, livros, preparações e moveis, sendo que, nestes casos, o alumno, além da pena disciplinar, terá de indemnizar o damno ou restituir o objecto por elle prejudicado;

f) dirigirem aos funccionarios injurias verbaes ou por escripto.

Art. 142. Incorrerão nas penas do art. 141, alineas *c* e *d*, conforme a gravidade do caso:

a) os alumnos que reincidirem nos delictos especificados no artigo anterior;

b) praticarem actos immoraes dentro do estabelecimento;

c) dirigirem injurias verbaes ou escriptas ao reitor ou algum membro do corpo docente;

d) aggredirem o reitor, ou qualquer membro da corporação docente, ou os auxiliares do ensino e administração;

e) commetterem delictos e sujeitos ás penas do Codigo Penal.

Art. 143. Si o reitor julgar que o delicto merece as penas indicadas nas alineas *c* e *d*, do art. 141, mandará abrir inquerito, tomando por termo as razões allegadas pelo delinquente e os depoimentos das testemunhas do facto. Esse inquerito será communicado á Congregação.

§ 1°. A convocação para o inquerito disciplinar será feita pelo reitor, por escripto.

§ 2.° Durante o andamento do processo, não só o accusado não poderá ausentar-se da séde do

externato, como ao reitor não será permittido transferil-o para outro instituto.

§ 3º. Nos casos em que a pena fôr imposta pela Congregação, será o julgamento communicado por escripto ao delinquente, com as razões em que tiver sido fundada.

Titulo VI

Das disposições geraes e transitorias

CAPITULO I

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 144. Quando pelo elevado numero de alumnos frequentes houver necessidade de dividir em turmas o ensino de uma cadeira, a regencia das turmas supplementares competirá ao cathedratico; recusando este, ao substituto indicado pelo reitor, observado o disposto no art. 3, da lei n. 498, de 11 de setembro de 1909.

Art. 145. O que não estiver disposto neste regulamento acerca da administração do Gymnasio, será prescripto no regimento interno.

Art. 146. E' vedada a transferencia, a pedido, de um docente, de uma cadeira para outra.

Art. 147. A qualquer funccionario publico do Estado, que tiver filhos matriculados no Gymnasio, será permittido pagar a taxa de matricula no decurso do anno lectivo, por meio de descontos mensaes em seus vencimentos. (Lei n. 428, de 30 de agosto de 1906, art. 1º).

§ 1º. Ficam isentos da referida taxa os funccionarios publicos do Estado e os empregados da Prefeitura da Capital, que tiverem mais de quinze annos de serviço publico, sem notas que os desabonem. (Lei cit. art. 2.º).

§ 2.º A isenção estabelecida no paragrapho antecedente não poderá ser concedida a mais de dez funccionarios, e, no caso de ser maior o numero dos que a requererem, terão preferencia os mais antigos.

Art. 148. A inscripção para os exames de admissão fica sujeita ao pagamento da taxa de dez mil réis, que será descontada na taxa de matricula, si o examinando for approvado. (Lei cit., art. 6.º).

Art. 149. Perderá o direito á gratuidade da matricula o alumno que não for promovido de um para outro anno. (Lei cit., art. 5.º).

Art. 150. As sobras da verba destinada ao pagamento do corpo docente e pessoal administrativo do Gymnasio serão applicadas na acquisição de livros para a bibliotheca ou de material para os gabinetes e laboratorio. (Lei cit., art. 14).

Art. 151. Os alumnos dos Collegio Pedro II e dos estabelecimentos equiparados que obtiverem transferencia serão admittidos á matricula no Gymnasio nas épocas fixadas neste regulamento, exhibindo guia que especifique si o alumno prestou exames na primeira época, si foi reprovado, si deixou de apresentar-se a exames, si soffreu pena disciplinar e qual.

Art. 152. A Congregação do Gymnasio, ouvido o fiscal do Conselho Superior, resolverá os casos de transferencia não previstos neste regulamento.

Art. 153. Os auxiliares administrativos serão mantidos em seus respectivos cargos, emquanto bem servirem.

Art. 154. O provimento das cadeiras de artes graphicas, musica e gymnastica será feito em concurso na forma estabelecida no art. 39 e seguintes.

Art. 155. O preparador deverá ter, por algum instituto official, o exame de physica, chimica e historia natural.

Art. 156. Ao Fiscal do Conselho Superior do Ensino fácultar-se-ão todos os meios de exercer efficazmente as funcções de seu cargo.

Art. 157. O pagamento do premio a que se referem as alineas *d* e *e* do art. 18 dependerá de verba especial consignada na lei do orçamento.

Art. 158. Ficam revogadas as disposições em contrario.

CAPITULO II

DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

Art. 159. A inscripção para exame de admissão no Gymnasio fica prorogada este anno até o dia 20 do corrente mez, realizando-se as provas até o dia 30, sem prejuizo das aulas que terão inicio a 14 do mesmo mez.

Art. 160. Serão admittidos em 1915 a exame no Gymnasio Mineiro os candidatos a exames parcellados de todas as materias do curso gymnasial.

Art. 161. Ficam mantidos os actuaes docentes na regencia das respectivas cadeiras que tenham sido conservadas e, em disponibilidade, os não aproveitados.

A estes o governo poderá designar outras cadeiras, si o requererem no prazo de 30 dias.

Paragrapho unico. Para o provimento das cadeiras creadas, não se verificando a hypothese da alinea deste artigo, abrir-se á concurso com o prazo de 60 dias.

Art. 162. O presente regulamento entrará em execução no dia em que for publicado no «Minas Geraes» e se applicará a todos os alumnos actualmente matriculados, ficando estes obrigados a cursar as materias do anno em que se acham e dispensados do exame das cadeiras classificadas em annos anteriores.

Secretaria do Interior do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 7 de abril de 1915.

Americo Ferreira Lopes.

ANNEXOS

N. 1

Modelo do Diploma

Republica dos Estados Unidos do Brasil

ESTADO DE MINAS GERAES

Gymnasio Mineiro

Eu, F..., reitor do Externato do Gymnasio Mineiro em... faço saber que, á vista das approvações obtidas nos exames do curso secundario e fundamental por F..., nascido a... de... de... mil novecentos..., confiro-lhe, na conformidade do artigo... do Reg. n... de... de... de... o presente certificado de approvação em todas as materias que constituem o curso gymnasial estabelecido pelo Decreto Federal n. 11.530, de 18 de março de 1915.

...(Data da entrega do certificado).

O Reitor,...

O Secretario,...

O Fiscal do Conselho Superior do Ensino,...

Assignatura do diplomado.

N. 2

Tabella das taxas a que estão sujeitos os alumnos

Taxa de matricula.....	60$000
» » frequencia.....	60$000
» » inscripção para exame de admissão	10$000
Taxa de exame do curso gymnasial por materia.....	5$000
Certificado de exame final.....	5$000

Diploma..... 16$500
Qualquer certidão..... 10$000

As taxas desta tabella serão arrecadadas, mediante guia do Secretario do Gymnasio, na fórma da legislação fiscal em vigor, sendo que dos alumnos extranhos ao Gymnasio cobrar-se-á por materia 10$000.

N. 3

Tabella de vencimentos

Cargos	Ordenado	Gratificação	Total
Reitor.....	3:600$000	3:600$000	7:200$000
Professor.....	3:000$000	3:000$000	6:000$000
Mestre de artes graphicas...	2:100$000	2:100$000	4:800$000
Mestre de gymnastica.....	2:100$000	2:400$000	4:800$000
Msstre de musica.....	2:400$000	2:400$000	4:800$000
Preparador.....	1:200$000	1:200$000	2:400$000
Secretario.....	1:800$000	1:800$000	3:600$000
Amanuense.....	1:200$000	1:200$000	2:400$000
Bibliothecario.....	1:200$000	1:200$000	2:400$000
Inspector de alumnos.....	1:100$000	1:100$000	2:200$000
Inspectora de alumnas.....	1:100$000	1:100$000	2:200$000
Porteiro.....	900$000	900$000	1:800$000
Continuo.....	720$000	720$000	1:440$000
Servente.....	550$000	550$000	1:100$000
Auxiliar do bibliothecario...	—	400$000	400$000

Secretaria do Interior do Estado de Minas Geraes, em Bello Horizonte, 7 de abril de 1915. *Americo Ferreira Lopes*.

III. Atas da Congregação por ocasião do Concurso (1915-1916)

Acta da 3ª Sessão da Congregação

Aos 16 dias do mez de novembro, á 1 hora da tarde, presentes o Reitor Snr. Dr. Nuno da Silva Brandão e Professores Drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Edmundo Peret, Joaquim Francisco de Paula, Virginio Bhering, Rodolpho Jacob, Gabriel Rabello, Carlos Fernandes Gómes, Domiciano Rodrigues Pereira e Professores Benjamin Flôres e José Ignacio dos Santos, faltando com causa justificada os Snrs. Drs. Nelson Coelho de Senna e Alberto Alvares, foi aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior foi, sem debate approvada. O Snr. Reitor expõe os motivos da convocação da Congregação, que deverá resolver os seguintes assumptos: 1º) Nomeação das commissões examinadoras, para os exames de primeira epocha; 2º) Organização das secções em que devem ser distribuidas as materias do curso do Gymnasio para o fim das substituições; 3º) Consultar a Congregação sobre a interpretação do Regulamento, relativamente ao prazo para encerramento das inscripções para o concurso de Gymnastica e Educação Physica. Sobre o primeiro assumpto, a Congregação resolve, por proposta do Snr. Dr. Joaquim Francisco de Paula, conferir ao Reitor autorização para organizar as commissões examinadoras e para determinar o dia em que devem começar os exames. Sobre a organização das secções em que devem ser distribuidas as materias do curso para o fim das substituições, o Snr. Dr. Rodolpho Jacob propõe que o Reitor faça a nomeação de uma commissão de professores para organizar essa distribuição. Essa proposta foi unanimemente approvada, sendo pelo Reitor designados os Snrs. Drs. Rodolpho Jacob, Domiciano Rodrigues Pereira e Joaquim Francisco de Paula. Sobre a interpretação do Regulamento relativamente ao prazo para o encerramento das inscripções para o concurso de Gymnastica e Educação Physica, a Congregação resolveu que, de accordo com o Regulamento, o prazo para inscripções para este concurso deve se estender até o primeiro dia util do proximo anno lectivo. O Reitor convida os Professores para organizarem os programmas que deverão vigorar no proximo anno lectivo, para que sejam apresentados, discutidos e approvados na proxima Congregação, a tempos de serem impressos. Nada mais havendo a tratar-se, é encerrada a sessão. Para constar, lavrou-se a presente acta.

Nuno Brandão

Rodolpho Jacob

Joaquim Francisco de Paula

obtido a palavra, requereu que fossem definitivamente adoptados os programmas do Collegio Pedro II para as cadeiras cujos professores tinham discordado de apresentar em tempo os respectivos programmas, medida esta que já tinha ficado assentada na sessão anterior. Submettido à discussão e votação este requerimento, foi o mesmo unanimemente approvado. Nada mais havendo de que se tratar, levantou o Snr. Reitor a sessão, á qual faltaram sem causa justificada os Snrs. professores Drs. Domiciano Rodrigues Pinto, Alberto Alvares, Antonio Benedicto Palladares Ribeiro, Benjamin Flores e Ignacio dos Santos. Lavrando-se, para constar, a presente acta.

Virgilio Ribeiro
Gabriel Carneiro Rabello
Francisco Amedée Peret
Bomfim Rodrigues da Costa

Dr. Jacob
Nelson de Senna

Acta da segunda sessão ordinaria de 1916

Ao primeiro dia do mez de abril de 1916, á uma hora da tarde, presentes na sala da Congregação os srs. professores Drs Bomfim Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Virgilio Ribeiro, Domiciano Rodrigues Pinto, Gabriel Rabello, Joaquim Francisco de Paula, Nelson Coelho de Senna, prof. Benjamin Flores, Rodolpho Jacob, Carlos Fernandes Gomes, Alberto Alvares, Antonio Benedicto Palladares Ribeiro e prof. Ignacio dos Santos, o sr. Reitor, verificando haver numero legal para a reunião da Congregação, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, o sr. Reitor disse que tinha convocado a Congregação afim de que fosse por ella organizado o horario das aulas durante o presente anno lectivo, conforme dispõe o art. 9 da Lei numero 657, de 11 de setembro de 1915. Pede a palavra o Snr. Dr. Alberto Alvares e propõe que as aulas sejam somente no turno da manhã; os srs. drs. Joaquim Francisco de Paula e Domiciano Rodrigues Pinto discordam da proposta, allegando que as aulas deviam ser em um só turno, das 11 ás 4 da tarde, o que ficou resolvido pela Congregação. O sr. Reitor diz que o art. 9 da Lei 657 estabelece o maximo de 9 e o minimo de 6 aulas, para cada professor, por semana e por consequencia devia ser esse o criterio para a organização do horario. A Congregação incumbiu ao sr. prof. Benjamin Flores de organisar um projecto de horario que apresentaria á Congregação para que fosse por ella approvado. O sr. Reitor diz em seguida que, para que fossem tomadas

obtido a palavra, requereu que fossem definitivamente adoptados os programmas do Gymnasio Pedro II para as cadeiras cujos professores tinham dispensado de apresentar em tempo os respectivos programmas, medida esta que já tinha ficado assentada na sessão anterior. Submettido à discussão e votação este requerimento, foi o mesmo unanimemente approvado. Nada mais havendo de que se tratar, levantou o Snr. Reitor a sessão, á qual faltaram sem causa justificada os Snrs. professores Dr. Domiciano Rodrigues Pinto, Alberto Alvares, Antonio Benedicto Valladares Ribeiro, Benjamin Flores e José Ignacio dos Santos. Para constar, lavrou-se a presente acta.

Virginio Rodrigues
Gabriel Rabello
Francisco Amedée Peret
Bonaventura Rodrigues da Costa

Dr. Jacob
Nelson de Senna

Acta da segunda sessão ordinaria de 1916

Ao primeiro dia do mez de abril de 1916, á uma hora da tarde, presentes na sala da Congregação os srs. professores Dr. Bonaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Virginio Rhering, Domiciano Rodrigues Pinto, Gabriel Rabello, Joaquim Francisco de Paula, Nelson Coelho de Senna, prof. Benjamin Flores, Rodolpho Jacob, Carlos Fernandes Góes, Alberto Alvares, Antonio Benedicto Valladares Ribeiro e prof. José Ignacio dos Santos, o sr. Reitor, verificando haver numero legal para a reunião da Congregação, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, o sr. Reitor disse que havia convocado a Congregação afim de que fosse por ella organizado o horario das aulas durante o presente anno lectivo, conforme dispõe o art. 9 da Lei numero 657, de 11 de setembro de 1915. Pede a palavra o Snr. Dr. Alberto Alvares e propõe que as aulas sejam somente no turno da manhã; os srs. drs. Joaquim Francisco de Paula e Domiciano Rodrigues Pinto discordam da proposta, allegando que as aulas deviam ser em um só turno, das 11 ás 4 da tarde, o que ficou resolvido pela Congregação. O sr. Reitor diz que o art. 9 da Lei 657 estabelece o maximo de 9 e o minimo de 6 aulas, para cada professor, por semana e por consequencia devia ser este o criterio para a organização do horario. A Congregação incumbiu ao sr. prof. Benjamin Flores de organisar um projecto de horario que apresentaria á Congregação para que fosse por ella approvado. O sr. Reitor diz em seguida que, para que fossem tomadas

ultas deliberação que collocaram o Gymnasio em condição de ser equiparado ao Gymnasio Pedro II, era indispensavel que houvesse um acto do governo que adaptasse estes pontos do nosso regulamento à legislação federal, conforme tem exigido o Conselho Superior de Ensino. Assim, quanto aos programmas de ensino o Conselho exigia a adopção dos do Gymnasio Pedro II. Da mesma fórma a distribuição das materias do curso, devia ser a mesma do Pedro II. Ficou resolvido que, quanto aos programmas, fossem adoptados os do Gymnasio Pedro II e quanto à distribuição das materias o sr. Reitor providenciasse junto á secretaria do Interior para que elle providenciasse junto ao sr. Secretario do Interior para que este providenciasse junto ao sr. dr. Secretario do Interior para que elle providenciasse junto ao sr. d

Acta da primeira Congregação especial para inicio do concurso da cadeira de Gymnastica e Educação Physica.

Aos onze dias do mez de julho do anno de 1916, às duas horas da tarde, presentes na sala designada para o concurso no Externato do Gymnasio Mineiro da Bella Horizonte, os srs. professores drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Pyrginio Ubirajara, Domiciano Rodrigues Lima, Gabriel Rebello, Joaquim Francisco de Paiva, Benjamin Flores, Rodolpho Jacob, Carlos José Alberto Alvares, faltando sem causa justificada o sr. dr. Antonio Renedicto Valladares Ribeiro, o sr. Reitor verificando haver numero legal declarou aberta a sessão. Lida e posta em discussão a acta da sessão anterior e submettida logo á votação, por não haver ninguem feito sobre a mesma reclamação foi unanimemente approvada. Em seguida o sr. Reitor depois de fazer á Congregação sciente de estarem preenchidas todas as exigencias legaes para se poder effectuar o concurso da cadeira de gymnastica e educação physica, inclusive a approvação das listas de provas para a pulecção e prova pratica, organizadas pela commissão examinadora, declarou aberta a sessão especial para o inicio das provas e nomeou uma commissão composta dos srs. drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret e Carlos Fernandes Sáes para convidar e introduzir na sala destinada ao concurso os srs. Guilherme Hercolano Gilbert, professor de Gymnastica do Internato do Collegio Pedro II e tenente Luiz Tavares Guerreiro, professor da mesma disciplina do Collegio Militar de Barbacena, convidados pela Congregação para fazer parte da commissão examinadora. Introduzidos na sala os dous referidos examinadores e tomando assento, o sr. dr Alberto Alvares pediu a palavra e depois de solicitar o empenho em que se acha a Congregação de elevar o Gymnasio Mineiro á altura em que deve ser collocado, afim de poder prestar á educação da mocidade os serviços que se deve esperar delle, requereu que se consignasse na presente acta que a Congregação se congratulava pela presença dos dois illustres professores, que acabavam de tomar assento nella e que acudindo ao seu appello, vinham patrioticamente auxiliar os trabalhos do concurso. Deferido o requerimento pelo sr. Reitor, o sr. tenente Luiz Tavares Guerreiro pediu a palavra e agradeceu por si e por seu collega de magisterio as attenções de que tem sido cercados não só por parte dos srs. professores, mas tambem por parte do pessoal administrativo. Convidou então o sr. Reitor os membros da commissão examinadora a tomar assento ái mesa que lhe era destinada e reconhecendo a presidencia, mandou proceder á chamada dos tres unicos candidatos inscriptos - srs. Antonio Pereira da Silva, Fernando de Azevedo e Noé Estalisnau

ha Santos, os quaes se apresentaram. Tomou então assento á meza competente o sr. Antonio Pereira da Silva, primeiro candidato inscripto, o qual foi arguido sobre seu trabalho durante meia hora pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula, vinte minutos pelo sr. dr. Virginio Uhering e dez minutos pelo sr. Tenente Luiz Tavares Guerreiro, desistindo de arguil-o o sr. professor Guilherme Hercolano de Abreu. A arguição foi assistida por grande numero de pessoas e á ella esteve presente o sr. dr. Gori Oswaldo de Araujo, fiscal do Conselho Superior do Ensino Federal, junto a este Gymnasio. E como não houvesse mais tempo para ser arguido o segundo candidato inscripto, encerrou o sr. Reitor a sessão, designando para hoje, ás duas horas da tarde a continuação dos trabalhos do concurso. Para constar, lavrou-se a presente acta.

Foi feita uma substituição "Lauro" entre as 11ª e 12ª linhas e "da Abreu"

Joaquim Francisco de Paula
Uhering
Carlos Sá
Joaquim Jacob.
Domiciano Rodrigues Pereira
Gabriel Corrêa Rabello
Guilherme Hercolano de Abreu.
Luiz Tavares Guerreiro
José Eduardo da Fonseca.
Raymundo Cunha Rodrigues da Costa
F. Amedée Peret
A. Benjamin Flores
J. Alberto Soares

Acta da segunda Congregação especial para o concurso da cadeira de Gymnastica e Educação Physica.

Aos doze dias do do mez de julho de 1916, ás duas e meia horas da tarde, na sala destinada aos concursos, no edificio do Externato do Gymnasio Mineiro, presentes os srs. drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Virginio Uhering, Domiciano Rodrigues Pereira, Gabriel Rabello, Joaquim Francisco de Paula, Benjamin Flores, Rodolpho Jacob, Carlos Sá e Alberto Soares, faltando sem causa justificada o sr. dr. Antonio Benedicto Paladares Ribeiro o sr. Reitor, verificando haver numero legal, declarou aberta a sessão. Lida e posta em discussão a acta da sessão anterior, não havendo quem sobre ella fizesse reclamação e sendo submettida a votos foi approvada. Em seguida o sr Reitor convidou os membros da commissão examinadora a tomar assento á meza que alli era

destinada e sentando-se a presidencia mandou franquear a sala ao publico e proceder à chamada do segundo candidato inscripto, sr. Fernando de Azevedo, que comparecendo e tomou assento no logar competente. Antes de ser arguido sobre o seu trabalho, o sr. Fernando de Azevedo pediu à commissão uma quadro negro afim de que pudesse fazer as demonstrações graphicas de que talvez tivesse necessidade. O sr. Reitor não attendeu ao pedido do candidato, allegando que a arguição não é uma prova sobre que a commissão examinadora tinha de se manifestar e sim um meio de verificar a authenticidade ou paternidade do trabalho apresentado, o qual equivale á prova escripta do concurso e, por isso, o candidato só tinha que responder e resolver as questões sobre que fosse arguido e não fazer explicações ou demonstrações á sua vontade. Foi então arguido pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula durante meia hora; pelo sr. dr. Virginio Rheing, durante outra meia hora; pelo sr. tenente Luiz Tavares Guerreiro durante vinte cinco minutos e pelo sr. professor Guilherme Hersilio de Abreu durante quinze minutos. Terminada a arguição do candidato Fernando Azevedo, o sr. Reitor diz que, não havendo tempo para se proceder á prova do terceiro candidato fica esta adiada para amanhã ás mesmas horas. Nada mais havendo a tratar-se foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta.

Thomaz Brandão
Carlos Cóes
Rodolpho Jacob.
Domiciano Rodrigues Vieira
Alberto Moreira
Boaventura Rodrigues da Costa
Candido Gafrée
Virginio Rheing
Joaquim Francisco de Paula
Benjamin Flores
Francisco Amadeu Peret
Gabriel Corrêa Robello

Acta da terceira Congregação especial para o concurso da cadeira de Gymnastica e educação physica

Aos trez dias do mez de julho de 1916, ás duas e meia horas da tarde, em sala destinada ao concurso, no edificio do Externato do Gymnasio Nacional, presentes os srs. drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amadeu Peret, Virginio Rheing, Domiciano Rodrigues Vieira, Gabriel Robello, Joaquim Francisco de Paula, Benjamin Flores, Rodolpho Jacob, Car-

srs. Góes, Alberto Alvares, Antonio Benedicto Palladares Ribeiro, o sr. Reitor, verificando haver numero legal, declarou aberta a sessão. Lida e posta em discussão a acta da sessão anterior, não houve quem sobre a mesma fizesse reclamação, sendo por isso posta a votos e approvada. O sr. Reitor resolveu franquear a sala ao publico, convidando a commissão examinadora a tomar assento á mesa que lhe era destinada. Em seguida foi feita pelo secretario a chamada do terceiro candidato inscripto, sr. Yoni Ataliba Santos, que comparece e começou a ser arguido pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula, que o fez durante meia hora, passando então a fazer arguição os srs. drs. Virginio Bhering, durante outra meia hora, Fausto Luiz Pacanha Guerreiro, durante quinze minutos e professor Guilherme Hermelino de Abreu, durante dez minutos. Terminada a arguição do sr Yoni Ataliba Santos o sr. Reitor diz que não havendo mais candidatos sujeitos á prova de arguição, designava o dia 17 de julho, segunda-feira para o sorteio do ponto para julgação, ás duas horas da tarde. Nada mais havendo a tratar-se, foi suspensa a sessão, lavrando-se, para constar, a presente acta, que vae ser por mim subscripta. Bruno de M. Magalhães, secretario

Thomaz Brandão
Mario Alvares
Carlos Góes

Rodolpho Jacob.
Roberto Rodrigues da Costa
Domiciano Rodrigues Vieira
Gabriel Correa Rabello
Virginio Bhering
Joaquim Francisco de Paula
Francisco Amedée Peret

Acta da quarta sessão especial para o concurso da cadeira de gymnastica e educação Hygienica.

Aos desoito dias do mez de julho de 1916, ás duas e meia horas da tarde, na sala destinada ao concurso, no Gymnasio Mineiro, presentes os srs. drs. Boaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Virginio Bhering, Domiciano Rodrigues Vieira, Gabriel Rabello, Joaquim Francisco de Paula, Rodolpho Jacob, Carlos Fernandes Góes, Alberto Alvares, faltando com causa justificada os srs. drs. Antonio Benedicto Palladares Ribeiro e Benjamin Flores, o sr. Reitor, verificando haver numero legal, declarou aberta a sessão. Lida e posta em discussão a acta da sessão, não houve quem sobre

ella fizesse reclamação e, sendo submettida á votos, foi approvada. O sr. Reitor consultou á Congregação sobre a hora em que deveria realizar-se a prova pratica do concurso, ficando resolvido que esta começasse ás 11 horas do dia 19. Em seguida, convidou a commissão examinadora a tomar assento á meza que lhe era destinada e mandou franquear a sala ao publico, fazendo-se então a chamada dos candidatos inscriptos srs. Antonio Pereira da Silva, Fernando Azevedo e José Ataliba Santos, que compareceram. O sr. Reitor convidou o candidato Antonio Pereira da Silva a tomar assento e determinou que fossem recolhidos á sala da bibliotheca os dous outros candidatos, afim de que não assistissem á prova de prelecção que, de accordo com o art. 165 § III. do regimento interno não podia ser assistida pelos candidatos que ainda não a tivessem feito. O sr. Antonio Pereira da Silva discorreu durante trinta e cinco, sendo perguntado durante dez minutos pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula, durante cinco minutos pelo sr. dr. Virginio Rhering e durante cinco outros cinco minutos pelo sr. tenente Luiz Tavares Guerreiro. Foi chamado o segundo candidato, sr. Fernando de Azevedo, que começou a prelecção ás 4 horas e 55 minutos, prehendendo o tempo regimental. Foi perguntado pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula durante quinze minutos; pelo sr. dr. Virginio Rhering, durante dez minutos e pelo sr. Tenente Luiz Tavares Guerreiro, durante dez minutos. Foi chamado o terceiro candidato, sr. José Ataliba Santos que começou a sua prelecção ás 5 horas e dez minutos faltando um minuto para prehencher o tempo regimental. Foi perguntado pelo sr. dr. Virginio Rhering durante quinze minutos, pelo sr. Tenente Luiz Tavares, durante dez minutos e pelo sr. dr. Joaquim Francisco de Paula, durante cinco minutos. Nada mais havendo a tratar-se foi suspensa a sessão, lavrando para constar a presente acta. Em tempo. Falla a entrelinha "do regimento interno". entre 11ª e 12ª linhas

Francisco Ramos
Alberto Alvares
Carlos Góes
Domiciano Rodrigues Vieira
Gabriel Ferreira Rabello
Joaquim Fran. Paula
Virginio Rhering
F. Ubaldo Pinto
Secretario geral
Bonifacio Rodrigues de Castro

Junto a entrelinha "do regimento interno" entre a 11ª e a 12ª linhas. Vale

Acta da quinta sessão especial para o concurso da cadeira de gymnastica e educação physica.

Aos vinte e nove dias do mez de julho de 1916, ás onze horas da manhã, presentes na sala destinada ao concurso, no Externato do Gymnasio Thiradentes os srs. professores drs. Bonaventura Rodrigues da Costa, Francisco Amedée Peret, Virginio Thering, Domiciano Rodrigues Pereira, Gabriel Rabello, Joaquim Francisco de Paula, Rodolpho Jacob, Carlos Fernandes Gomes e Alberto Alvares, faltando com causa justificada os srs. drs. Antonio Honorato Gonçalves Ribeiro e Benjamin Flores, o sr. Reitor verificando haver numero legal, declarou aberta a sessão. Lida e submettida á discussão a acta da ultima sessão, o sr. dr. Alberto Alvares observou que o candidato Atalicio Coutinho havia feito uma prelecção durante trinta minutos e não durante trinta e cinco minutos, como estava declarado na acta e como neste mesmo sentido se manifestassem outros professores, o dr. Reitor determinou que na primeira acta fosse feita essa rectificação. Não havendo mais quem reclamasse sobre a acta, foi a mesma submettida a votação, sendo approvada. Declarou então o sr. Reitor que tendo convidado o Exmo. Sr. Presidente do Estado e doutor Secretario do Interior para assistirem á prova pratica do concurso da cadeira de gymnastica, tinha communicação de que os mesmos só poderiam ir a uma hora, pelo que suspendia a sessão até que chegassem. Para receber SS. Excias. á porta do estabelecimento, convidou os srs. professores srs. Bonaventura Rodrigues da Costa, Carlos Gomes e Alberto Alvares. Á uma hora da tarde, como não tivessem chegado os srs. Presidente do Estado e dr. Secretario do Interior, o sr. Reitor entendendo não dever demorar por mais tempo o começo da prova, convidou os srs. professores e membros da commissão examinadora para tomarem assento no estrado de gymnastica, o que feito mandou proceder á chamada dos candidatos, srs. Antonio Pereira da Silva, Fernando Azevedo e Joaquim Atalicio Coutinho, os quaes compareceram. Apresentou-lhes então o sr. Reitor a lista dos pontos para a prova pratica, afim de que a examinassem, o que fizeram; e logo depois apresentando-lhes tambem vinte cedulas, contendo cada uma o numero de cada ponto, desde um até vinte, dobrou-as igualmente uma a uma, na presença dos candidatos, lançou-as dentro de uma urna, e depois de remexel-a diversas vezes, convidou o primeiro candidato inscripto, sr. Antonio Pereira da Silva, a tirar o ponto, o que feito, se verificou ter sido sorteado o ponto numero um, comprehendendo o seguinte:

" Gymnastica respiratoria — Typos respiratorios, fins da respiratoria. Gymnastica localisada — Primeira e segunda serie dos movimentos; preparação dos alumnos em turmas para esses exercicios. Gymnastica

de apparelho – exercicios em barras e argollas. Gymnastica de hoxe – posição de guarda, sentido e passos.: Gymnica – posição de guarda, sentido e passos. Escola desarmada." .:. Reunidos a uma sala especial os dois candidatos Fernando de Azevedo e José Adolpho Santos, o primeiro candidato inscripto, Antonio Pereira da Silva, fez durante uma hora e quarenta e dez minutos, diversos exercicios gymnasticos, sem apparelhos e com apparelhos, a medida que lhe iam sendo determinados pelos examinadores, submettendo-se ás perguntas e explicações como deviam ser feitas, antes de executal-os. Logo depois do começo das provas, o sr. Reitor, tendo tido aviso de que os Exmos. srs. Presidente do Estado, o ajudante de ordens de S. Excia e Secretario do Interior haviam chegado, sahiu do salão com os srs. professores drs. Nascentura Rodrigues da Costa, Carlos Góis e Alberto Alvares, afim de recebel-os á porta principal do estabelecimento, e conduzil-os até o salão, onde estava sendo prestada a prova pratica, continuou esta até que a commissão examinadora se deu por satisfeita. Chamado em seguida o segundo candidato inscripto, sr. Fernando de Azevedo, fez sobre o mesmo ponto e durante uma hora e quarenta minutos, sem apparelhos e com apparelhos, differentes exercicios indicados pela commissão examinadora, submettendo-se ás perguntas que lhe eram feitas. Antes de terminar a prova do dito candidato, retiraram-se o Exmo. Sr. Presidente do Estado, com seu ajudante de ordens, sr. Tenente Cel Pinheiro Christi, e o sr. dr. Secretario do Interior, sendo acompanhados até á porta do estabelecimento pelos srs. Reitor e drs. Nascentura Rodrigues da Costa, Carlos Góis e Alberto Alvares. Terminada a prova do segundo candidato, foi chamado o terceiro, sr. José Adolpho Santos, o qual, ainda sobre o mesmo ponto e com apparelhos e com apparelhos, executou durante uma hora e vinte e oito minutos, diversos exercicios, que lhe foram determinados pela commissão examinadora, submettendo-se ás perguntas que lhe foram feitas pela dita commissão. Terminadas todas as provas, a commissão examinadora rubricou quatro folhas de papel, e cada um de seus membros immediou por escripto e de accordo com o disposto no art. 115 do regimento interno, seu juizo sobre o merecimento de cada uma das provas prestadas pelos candidatos. Entregues ao sr. Reitor os folhos de papel dobrados, elle, sem os lêr, metteu-os em um envolucro, que fechou e fez lacrar, e acto continuo, elle, os examinadores e os candidatos Antonio Pereira da Silva e José Adolpho Santos o rubricaram. Deixou de rubrical-o o candidato sr. Fernando de Azevedo, por si ter ausentado logo que terminou sua prova. As provas praticas findaram-se ás sete horas da noite, tendo sido assistidas pelo sr. dr. Asdrubal do Nascimento, fiscal do Conselho Superior de Ensi-

no Federal e por numerosa assistencia. Nada mais havendo a tratar-se, foi suspensa a sessão, lavrando-se para constar a presente acta

Em tempo. Valem as rasuras das linhas oitava, decima nona e vigesima oitava in fine e vigesima nona, onde se lê "submettendo-se" ás perguntas e explicando" "submettendo-se" — "submettendo-se"

Lavrou-se para constar a presente acta que vae por mim assignada

Thomaz Brandão
Gabriel Carneiro Nobillo.
Alberto Alvares
Francisco Arruda Pinto
Carlos Fernandes Gil
Joaquim Ferreira de Paula
Eufrasio Antunes
J. Santos
Bonaventura Rodrigues da Costa

Acta da sessão secreta para julgamento e classificação dos candidatos ao concurso da cadeira de gymnastica e educação physica

---

Aos onze dias do mez de julho do anno de 1916, ás duas horas da tarde, na sala da Congregação Mineira destinada ao concurso da cadeira de gymnastica do mesmo estabelecimento, ahi reunidas a Congregação e a commissão examinadora, foram chamados os tres unicos candidatos inscriptos, srs. Antonio Pereira da Silva, Fernando Azevedo e Yoni Ataliba Santos, os quaes se apresentando, foram arguidos cada um por sua vez nos dias onze, doze e treze do corrente sobre suas respectivas theses. A's dez

dyente, em presença da commissão examinadora e dos trez ditos candidatos, foi sorteado pelo primeiro candidato inscripto, sr. Antonio Pereira da Silva, o ponto para preleção, dentre os da lista organizada pela commissão examinadora e approvada pelo sr. Reitor e que tem o, digo, é que é o de numero doze. No dia deseito, decorrido o praso de vinte e quatro horas, marcado no regulamento, e reunidas a Congregação e a commissão examinadora, fizeram os ditos candidatos, cada um por sua vez e na ordem de suas respectivas inscripções, a preleção sobre a materia do ponto sorteado de vespera, sendo em seguida arguidos cada um tambem por sua vez, pela commissão examinadora, na fórma do art. 166 do regimento interno. No dia desenove, reunidos egualmente a Congregação e a commissão examinadora, no salão de gymnastica, effectuou-se a prova pratica do concurso, a qual versou sobre o ponto numero uma (1) da lista organizada pela commissão examinadora e approvada pelo sr. Reitor, tirado à sorte pelo primeiro candidato, sr. Antonio, digo, primeiro candidato inscripto, sr. Antonio Pereira da Silva, em presença dos outros dois candidatos. No dia vinte, presentes na sala da Congregação, às duas e meia horas da tarde os srs. professores drs. Carlos Seidl, Alberto Alvares, Rodolpho Jacob, Domiciano Rodrigues Pereira, Francisco Amedée Peret, Boaventura Rodrigues da Costa, Joaquim Francisco de Paula, Virginio Uhering e Gabriel Rabello, o sr. Reitor, verificando haver numero legal, exclusos os srs. professores dr. Antonio Benedicto Palladares Ribeiro e Benjamin Flores, visto não terem assistido a todas as provas do concurso, declarou aberta a sessão secreta para os fins do art. 174 do regimento interno. Lida e posta em discussão a acta da sessão anterior, foi a mesma approvada sem reclamação alguma. Em seguida o sr. Reitor apresentou à Congregação um envolucro fechado, lacrado e rubricado por elle, pelos quatro examinadores e pelos candidatos Antonio Pereira da Silva e Yoni Atahiba Santos, declarando conter o mesmo envolucro os julgamentos periciaes dos examinadores e bem assim que não fôra elle rubricado pelo candidato sr. Fernando de Azevedo por se haver o mesmo retirado logo depois de terminada a sua prova pratica. Tendo os srs. professores verificado estar intacto o dito envolucro, o sr. Reitor o abriu, quebrando o lacre e tirando delle quatro folhas de papel contendo os julgamentos pareceres dos examinadores, as quaes entregou ao secretario para os ler em voz alta, na fórma do prescripto pelo art. 174 do regimento interno, submettendo-os logo à discussão englobadamente, como determina o regimento interno. Resolveu então a Congregação tomar conhecimento reservadamente de

cada julgamento, conforme permitte o art. 174 do regimento interno. A Congregação acceitou litteralmente o julgamento parcial da commissão examinadora quanto ao candidato Fernando de Azevedo, proclamando-o inhabilitado ex-vi do art. 178 do regimento interno, por haver obtido na prova pratica unanimidade de notas inferiores a tres (3). Em seguida decidiu a Congregação modificar o julgamento parcial da commissão examinadora relativamente ao candidato Antonio Pereira da Silva, proclamando-o approvado plenamente gráu sete seiscentos e vinte decimos millesimos (7,620). Logo após decidiu modificar o julgamento parcial da commissão examinadora relativamente ao candidato Ysaú Alcibiades Santos na parte referente á prova pratica, conferindo-lhe nesta prova a unanimidade da nota dois (2) e, conseguintemente, o proclamou inhabilitado em face do art. 178 do citado regimento.
A Congregação resolveu outrossim que façam parte integrante da presente acta as actas das sessões anteriores referentes ao presente concurso e, bem assim, o termo de sorteio de ponto para preleção. Nada mais havendo a tratar-se, foi suspensa a sessão, lavrando-se para constar a presente acta, que vae por mim subscripta e assignada pelo Reitor, professores presentes, membros da commissão examinadora e fiscal do Conselho Superior do Ensino Federal. O secretario, Virgilio de Magalhães Marcondes

Thomaz da Silva Brandão
Raymundo Rodrigues de Castro
Professor substituto
J. Amadeu Pinto
Damiciano Rodrigues Vieira
Manoel Alvaro F. Vieira
Carlos Fernando Clark
Gabriel Ferreira Rabello
Joaquim Francisco Varella
Alfredo Thomaz
Guilherme Escobar da Silveira
Luiz Tavares Guerreiro